

**Rogério Vicente Ferreira**

LÍNGUA MATIS (PANO);  
UMA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de concentração: Línguas Indígenas  
Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Rogério Vicente Ferreira  
Campinas-SP  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2005

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

**F413L** Ferreira, Rogério Vicente.  
Língua matis (Pano) : uma descrição gramatical / Rogério Vicente Ferreira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Angel Humberto Corbera Mori.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua indígena. 2. Língua pano - Sintaxe. 3. Índios - Língua. 4. Língua pano – Morfologia. 5. Índios da América do Sul – Amazônia. 6. Sintaxe (Gramática). I. Corbera, Angel. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Matis language (Panoan) : a gramatical description.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indigenous language; Panoan language – Syntax; Indigenous – Language; Panoan language – Morphology; Indians of South América – Amazon; Syntax (Grammatic).

Área de concentração: Línguas Indígenas.

Titulação: Doutor.

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucy Seki, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Maria Toddoni Petter, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti e Prof. Dr. David Willian Fleck.

Data da defesa: 12/08/2005.

## Banca Examinadora

---

Orientador: Dr. Angel H. Corbera Mori

Menbros da banca:

---

Dra. Margarida Maria Toddoni Petter (Universidade de São Paulo)

---

Dra. Lucy Seki (Universidade Estadual de Campinas)

---

Dra. Cristina Martins Fargetti (Universidade Metodista de Piracicaba)

---

Dr. David William Fleck (LaTrobe University - Research Centre for Linguistic Typology)

Suplentes:

---

Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo (Universidade Estadual de Campinas-suplente)

---

Dr. Frantomé Bezerra Pacheco

Data da defesa: Campinas, 12 de agosto de 2005



AO POVO MATIS

*“...minha vida inteira, independentemente de qualquer coisa que possa acontecer a mim, cada momento dela não será mais sem sentido, mas possuirá um incontestável significado de bondade, com o qual tenho o poder de investi-lo.”*  
(Leon Tolstói, “Ana Karenina”)

*Dedico este trabalho  
À minha esposa, **Vitória** e ao meu filho, **Gabriel**.  
À meus pais, **Alcebiades** e **Vera**.*

## **Agradecimentos**

Aos professores

Angel Corbera Mori

Gostaria de agradecer ao professor Angel por ter me aceitado como seu orientando, por sua paciência com minha falta de experiência e de conhecimento, bem como por suas indicações de leituras e orientações que foram sempre importantes para que eu pudesse cumprir com o objetivo proposto.

Lucy Seki

Gostaria de agradecer à professora Lucy pelo apoio, informação e conselhos dispensados. Desde o meu mestrado no IEL, ela vem acompanhando minha pesquisa, como membro da banca (mestrado e qualificação fora de área) e como professora das disciplinas de pós-graduação. Agradeço, ainda, por ter me orientado em alguns aspectos de minha tese.

Marília Ferreira

Quero agradecer à professora Marília por seu apoio e incentivo desde o meu mestrado, como também por ter participado de minha banca de qualificação de doutorado fora de área, pela leitura do trabalho e pelas sugestões.

David Fleck

Gostaria de agradecer ao David por todo o apoio, pelo envio de artigos da família Pano, pela leitura dos meus trabalhos e pelas conversas sobre a análise da língua matis. Quero, ainda, agradecer-lhe pelo auxílio em meus dois últimos trabalhos de campo, realizados em junho de 2004 e maio de 2005, quando discutimos aspectos da língua matis e Matsés, ajudando-me na análise.

Margarida Petter

Gostaria de agradecer à professora Margarida pela leitura criteriosa da minha qualificação, por todos os comentários e sugestões.

Anna Christina Bentes da Silva e Tania Maria Alkmim.

Quero agradecer às professoras Ana Christina e Tânia Alkmin pela participação em minha banca de qualificação fora de área em sociolinguística, por suas leituras e sugestões que me ajudaram a aprimorar e concluir o trabalho, além de ampliar meus conhecimentos nesta área.

Gilberto e Márcia de Oliveira

Agradeço pela leitura da tese, conversas e incentivo durante todo este período de doutorado. À sua amizade que durante todos estes anos me ajudou pessoalmente e academicamente ser melhor.

Às Instituições

Gostaria de agradecer à FUNAI<sup>1</sup>, em particular a Secretária da Administração de Índios Isolados, sediada em Tabatinga-AM, que me ajudou a fazer o contato com os Matis pelo rádio. Agradeço, ainda, à secretária Idnilda Obando (funcionária da FUNAI) e aos administradores que trabalharam neste órgão durante o período em que estive desenvolvendo minha pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Linguística da UNICAMP, além dos coordenadores que ali estiveram durante o período de meu doutorado.

---

<sup>1</sup> Fundação Nacional do Índio.

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi, onde comecei minha pesquisa com a língua matis, através do convênio ORSTOM<sup>2</sup>/Museu Goeldi que financiou minhas primeiras viagens de campo à área indígena matis, entre o período de 1995 a 1997.

À Agência de Fomento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de estudos para o meu doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem-Departamento de Lingüística, a qual permitiu que eu pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa, participar de congressos e seminários, bem como realizar minhas viagens ao campo.

Ao Parecerista

Gostaria de agradecer ao parecerista da FAPESP que acompanhou meus relatórios sobre a análise da língua matis, por suas sugestões e leituras muito pertinentes que nortearam minha análise.

Colegas e familiares

Quero agradecer aos colegas de curso (Mônica, Mateus, Manoel, Gláucia, Flávia, Rainice e outros) que compartilharam comigo das aulas, trabalhos e congressos, pelo apoio e conversas que sempre me estimularam a prosseguir com a pesquisa. Aos amigos Ricardo Rogério Brito (Alemão), Gedeon Freire, Ricardo Bitun, Vânia Bitun. Ao meu irmão Ricardo e sua esposa, Luiza, pelo apoio e incentivo.

---

<sup>2</sup> L'Institut de recherche pour le développement.



x

Ao colega e prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto que iniciou-me na pesquisa com línguas indígenas.

Aos meus pais e irmãos que, sempre dispostos, ouviram minhas conversas sobre lingüística e sobre a língua matis, pelo apoio e incentivo a continuar meus estudos. Aos meus pais, em particular, pela força, suporte e carinho dedicados a mim, principalmente nesse momento da minha vida.

## SUMÁRIO

ABREVIACÕES E SÍMBOLOS -----	xxi
Resumo -----	xxv
INTRODUÇÃO -----	01
<b>CAPÍTULO I - Aspectos Sociolingüístico</b>	
1.1 Família Pano -----	04
1.2 Matis e Mayoruna (Matsés) são línguas distintas? -----	09
1.3. A Língua matis -----	13
1.3.1 Situação sociolingüística do grupo matis -----	13
1.3.2 A utilização dos termos nawa e Matsés -----	16
1.3.3 Assimilação Cultural -----	18
<b>CAPÍTULO II - Metodologia de trabalho</b>	
2.1 A pesquisa de Campo -----	21
2.2 Metodologia -----	24
2.3 Recursos utilizados para o trabalho de campo -----	28
<b>CAPÍTULO III - Aspectos da fonologia</b>	
3.1 Inventário fonêmico -----	30
3.2 Consoantes: contraste em ambiente idêntico e análogo, distribuição complementar e variação livre -----	31
3.2.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo -----	31
3.2.2 Aproximantes -----	34
3.2.3 Distribuição complementar -----	34
3.2.3 Distribuição complementar -----	35
3.3 Vogais: contraste em ambiente idêntico e análogo, distribuição complementar e variação livre -----	37
3.3.1 Distribuição complementar -----	38
3.4 Estrutura Silábica -----	40
3.4.1 Padrões silábicos -----	40

3.4.2 Ditongos .....	41
3.4.3 Co-ocorrência entre consoantes e vogais .....	42
3.5 Acento .....	44
3.6 Processos morfofonológicos .....	45

#### **CAPÍTULO IV - Aspectos morfológicos**

4.1 Introdução .....	49
4.1.1 Afixação .....	50
4.1.2 Sufixação .....	50
4.1.3 Flexão e derivação .....	52
4.2 Hipóteses de morfemas formados diacronicamente .....	53
4.2.1 Formativos .....	54
4.3 Morfemas “cranberry” .....	55
4.4 Lexicalização e neologismo .....	56
4.5 Supleção .....	60

#### **CAPÍTULO V - Nomes**

5.1 Nomes .....	64
5.1.1 Caracterização semântica dos nomes .....	65
5.1.2 Morfologia nominal .....	67
5.1.2.1 O Nome e a marcação de caso .....	67
5.1.2.2 Funções de instrumento, locativo e possessivo do morfema {-in} (alomorfe{-n}) .....	68
5.1.2.4 Coletivizador .....	72
5.1.2.4.1 {-adbo} “coletivizador para termos de parentesco” .....	74
5.1.2.5 Morfema enfático {-dapa} .....	75
5.1.2.6 Prefixos partes do corpo .....	76
5.2 Nomes compostos .....	77
5.3 Diferenças entre o uso masculino e feminino .....	78
5.4 Nomes de pessoas, lugares e nomes étnicos .....	79
5.5 Critério sintático .....	79
5.5.1.1 Os Nomes no sintagma nominal .....	80
5.5.1.2 Nome modificado por <i>epapa</i> .....	80
5.5.1.3 Morfema {wid} “exclusivo” .....	82

5.6 A Nominalização-----	83
5.6.1 Nominalizador {-kid}-----	83
5.6.2 Nominalizador {-akid}, {-bondakid} e {-anpikid} -----	84
5.6.3 {-esma} nominalizador negativo-----	85
5.6.4 Nominalizador {-te} e {-tekid} -----	87

## **CAPÍTULO VI - Verbos**

6.1 Verbos intransitivos e transitivos -----	92
6.1.1 Verbos Intransitivos -----	92
6.1.2 Verbos Transitivos-----	94
6.2 Verbos Bitransitivos-----	95
6.3 Verbo copular-----	96
6.4 Características morfológicas dos verbos em Matis-----	97
6.4.1 {paş-} -----	97
6.4.2 Morfemas partes do corpo-----	98
6.4.3 Morfemas de marcação benefactivo {-şun} e malefactivo {-kuan}-----	103
6.4.4 {-pa} “comentário”-----	104
6.4.5 {-bo} “antes/prioritariamente” -----	105
6.4.6 Morfema {-tsen} “inconclusivo (quase)” -----	106
6.4.7 Mudança de valência verbal -----	107
6.4.7.1 Reflexivo-----	109
6.4.7.2 Recíproco-----	110
6.4.7.3 Causativo -----	111
6.4.8 Pluralização do verbo-----	113
6.4.8.1 Morfema {-doko} “coletivo”-----	113
6.4.8.2 Morfemas coletivos {-beded} e {-kueded}-----	114
6.4.8.3 Forma Supletiva do verbo para indicar o coletivo-----	115
6.4.8.4 Reduplicação-----	116
6.4.9 Sufixos Direcionais -----	117
6.4.9.1 Direcional {-tan} “ir e retornar”-----	118
6.4.9.2 Direcional {-wan} “vir e retornar”-----	119
6.4.9.3 Morfemas {-kuidanek} e {-buidanek}, {-buitsenek} e {-kuitsenek}-----	120
6.4.9.4 Morfemas {-to ~ -do} e {-bud} -----	122

6.5. Consideração sobre os morfemas {-k} e {-s}	123
6.6. Tempo	125
6.6.1 Morfemas temporais: {-e} “não-passado”	126
6.6.2 {-nda} “Passado indeterminado”	127
6.6.3 {-a} “passado recente”	128
6.6.4 {-bo} “passado não recente” e {-bonda} “passado distante”	129
6.6.5 Hipótese de segmentação do morfema {-bonda}	130
6.6.6 {-anpi} “passado remoto experiencial”	131
6.6.7 Passado remoto formado pelo reportivo ka-	132
6.7 Considerações sobre aspecto	133
6.7.1 {-kid} “habitual presente”	133
6.7.2 {-dene} “aspecto habitual passado”	134
6.7.3 {-wa} “aspectual reiterativo”	135
6.7.4 {tşakan} “aspectual inconclusivo involuntário”	136
6.7.5 {-wid} “aspectual incompletivo”	137
6.7.6 {-bud} “durativo”	138
6.7.7 {-do} “inceptivo” (alomorfe -to) e {-an} “incoativo”	138
6.7.8 {-bene} e {-kene} “aspecto interrompido/intermitente”	139
6.7.9 Morfema {-tid} “propósito”	140
6.8 Modo	141
6.8.1 Modo imperativo	141
6.8.1.1 Ordenativo/mandativo	143
6.8.2 Modo desiderativo	144
6.8.3 Modo Negativo	147
6.8.4 Formação do verbo a partir de nomes e adjetivos	148
 <b>CAPÍTULO VII - Advérbios</b>	
7.1 Advérbios locativos	151
7.2 Advérbios de maneira	152
7.3 Advérbios de tempo	153
7.4 Itens adverbializados	156
7.5 -kimo “augmentativo”	157
7.6 {paş-} “rapidamente”	158

7.7 Morfologia adverbial e a transitividade verbal-----	159
---	-----

## **CAPÍTULO VIII - Adjetivos**

8.1 Diferenças de outras classes-----	161
8.2 Tipos Semânticos de Dixon-----	164
8.3 Morfemas flexionais -----	166
8.4 Modificador dos adjetivos -----	167
8.4.1 Morfemas: {-bakuᵢ} “tipo de diminutivo” e {-amᵢ} “aumentativo”-----	167
8.5 Negação nos adjetivos-----	169
8.6 Reduplicação das bases adjetivais -----	169
8.7 Adjetivação-----	170
8.8 Aspectos da frase adjetival (uma visão geral do adjetivo na sintaxe) -----	171
8.8.1 A ordem do atributo no núcleo nominal -----	171
8.8.2 Predicação-----	172

## **CAPÍTULO IX - Classes Fechadas**

9.1 Sistema pronominal em Matis-----	175
9.1.1 Pronomes Pessoais -----	176
9.1.1.1 Os marcadores de pessoas e o comitativo -----	182
9.1.2 Pronomes possessivos pessoais -----	183
9.1.3 Pronomes demonstrativos -----	185
9.1.4 Pronomes Interrogativos -----	188
9.1.4.1 Pronome interrogativo awᵢ -----	189
9.1.4.2 Pronome interrogativo tsu- e a marcação de caso ergativo/absolutivo -----	189
9.1.4.2.1 Pronome interrogativo tsu como possessivo-----	190
9.1.4.2.2 Pronome interrogativo tsu e a marcação de caso comitativo -----	191
9.1.4.3 Morfologia do pronome -----	191
9.2 Quantificadores -----	193
9.2.1 Numerais -----	194
9.2.1.1 O número no sintagma nominal -----	196
9.2.1.2 Os numerais como modificadores de sintagmas nominais e verbais-----	197
9.3 Posposições -----	198

9.3.1	Posposições ligadas são: -----	198
9.3.1.1	Posposição {n} e {-no}-----	198
9.3.1.2	Posposição Comitativa-----	199
9.3.2	Posposições locativas/temporais -----	201
9.3.3	Posposições comparativas -----	203
9.4	Partículas -----	204
9.4.1	As partículas abi, bama, bamaştap -----	204
9.4.2	Interjeições -----	208

## **CAPÍTULO X - Marcação do Caso Ergativo/Absolutivo**

10.1	Marcação do Caso -----	212
10.1.1	Os alomorfes de ergatividade-----	214
10.1.2	Ocorrência do morfema {-şun} com os numerais e quantificadores-----	214
10.1.3	Sistema pronominal e marcação de caso-----	216
10.1.4	Os verbos e seu efeito sobre a ergatividade-----	218
10.1.4.	Distribuição da marca de caso ergativo no sintagma nominal-----	219

## **CAPÍTULO XI - Marcadores de *switch-Reference***

11.1	Marcadores de Sujeitos Idênticos (SI) em eventos seqüenciais -----	223
11.1.1	Morfema {-aş} -----	223
11.1.2	Morfema {-şun} -----	224
11.2	Marcadores de Sujeitos Idênticos em eventos simultâneos -----	226
11.2.1	Morfema {-ek} -----	226
11.2.2	Morfema {-kin}-----	227
11.3	Marcadores de sujeitos idênticos em eventos seguidos indicando propósito-----	229
11.4	Marcadores de sujeitos distintos em eventos simultâneos -----	232
11.5	Argumentos Distintos em eventos simultâneos-----	233
11.6	Sujeitos Distintos em eventos seqüenciais -----	235
11.6.1	{-an}: marcador de sujeitos distintos -----	235
11.6.2	{-şo} como marcador de sujeito co-referencial com o objeto em sentenças simultâneas -----	236
11.6.3	{-ak} marcador de sujeitos diferentes em eventos seqüenciais -----	238
11.6.4	{-en} morfema adverbial de causa -----	239

## **CAPÍTULO XII - Sentenças Simples e Complexas: uma visão sintática**

12.1 Ordem dos Constituintes-----	241
12.1.1 Sintagma nominal-----	243
12.1.2.1 Sintagmas nominais possessivos-----	244
12.1.2.2 Sintagmas locativos-----	247
12.1.2.2.1 Sintagma locativo e a concordância do direcional com a transitividade-----	247
12.1.3 Coordenação de sintagmas nominais-----	248
12.2 Orações simples-----	250
12.2.1 Oração transitiva-----	250
12.2.1.1 Orações transitivas estendidas-----	251
12.2.2 Orações (bi)transitivas-----	252
12.2.3 Orações Intransitivas-----	253
12.2.3.1 Orações intransitivas estendidas-----	253
12.2.4 Orações Existenciais e possessivas-----	254
12.2.5 Orações equativas-----	255
12.2.6 Orações com verbos envolvendo eventos da natureza-----	257
12.2.7 Tipos de orações independentes-----	257
12.2.7.1 Orações declarativas-----	258
12.2.8.1 Orações Interrogativas-----	259
12.2.8.1.1 Orações Polares-----	259
12.2.8.1.2 Orações interrogativas do tipo Qu-----	261
12.2.8.1.2.1 Morfemas {-tsi} e {-da} e sua relação com o tempo verbal-----	262
12.2.8.1.3 Orações interrogativas formadas pelo pronome interrogativo {tsu-} “quem”-----	263
12.2.8.1.4 Orações interrogativas formadas pelo pronome interrogativo {awi-} “o que, com que, como”-----	264
12.2.8.1.5 Orações interrogativas formadas pelo adverbial interrogativo {mi-} “onde”-----	266
12.2.8.1.6 Orações interrogativas formadas pelo dêitico {mi-} “qual”-----	266
12.2.8.2 Oração interrogativa de causa e razão-----	267



12.2.8.3 Uma breve discussão sobre as interrogativas nas línguas Pano -----	268
12.2.9 Orações Negativas-----	270
12.3 uma breve abordagem sobre as orações complexas -----	271
12.3.1 Tipos de orações subordinadas adverbiais -----	272
12.3.2 Orações relativas-----	275
12.3.3 Construções Antipassivas-----	277
12.3.3.1 Formas verbais supletivas antipassivas -----	278
<b>Conclusão</b> -----	283
<b>Referências Bibliográficas</b> -----	285
<b>ANEXO I</b> - Vocabulário retirado da tese-----	301
<b>ANEXO II</b> - História do Iba quando quase foi morto por uma onça -----	315
Mapas do Vale do Javari e da área Matis-----	020

## TABELAS:

Tabela 01: classificação do subgrupo Mayoruna -----	12
Tabela 02: Assunto metodológico-----	24
Tabela 03: Fonemas consonantais IPA.-----	30
Tabela 04: Fonemas vocálicos IPA. -----	30
Tabela 05: Diferenças entre os verbos esquecer e não trazer. -----	57
Tabela 06: comparação entre os pronomes de 1 e 2 pessoa e o caso de supleção da 1 pessoa.-----	60
Tabela 07: Compostos N N -----	77
Tabela 08: Compostos N Modificador. -----	77
Tabela 09: Nomes de parentescos. -----	79
Tabela 10: Morfemas verbais.-----	91
Tabela 11: Prefixos partes do corpo.-----	100
Tabela 12: Morfemas e a mudança de valência.-----	107
Tabela 13: Morfemas direcionais.-----	118
Tabela 14: Ocorrência de -k e -ş -----	125

Tabela 15: Contraste entre duração e não.-----	139
Tabela 16: Advérbios temporais que não recebem morfologia de “concordância”.-----	154
Tabela 17: Advérbios temporais que recebem morfologia de “concordância”-----	155
Tabela 18: Comparação de marcação morfológica N, V e ADJ-----	164
Tabela 19: Pronomes pessoais.-----	179
Tabela 20: Ocorrência do comitativo com os pronomes pessoais.-----	183
Tabela 21: Pronomes possessivos-----	184
Tabela 22: Divisão dos pronomes indefinidos e definidos interrogativos.-----	188
Tabela 23: Marcadores de ergatividade com nomes e quantitativos-----	215
Tabela 24 Morfemas que ocorrem dependendo da transitividade verbal.-----	215
Tabela 25: Pronomes pessoais.-----	217
Tabela 26: Exemplos posicionais dos pronomes.-----	217
Tabela 27: Morfemas de <i>switch-reference</i> .-----	217
Tabela 28: Interrogativos.-----	261
Tabela 29: Verbos supletivos antipassivos-----	279

## ABREVIACOES E SÍMBOLOS

1p.	-----	primeira pessoa
2p.	-----	segunda pessoa
3p.	-----	terceira pessoa
1/2:decl	-----	primeira e/ou segunda declarativo
abs.	-----	absolutivo
advzr.	-----	adverbializador
afirm.	-----	afirmativo
ag.	-----	agentivo
antipass.	-----	antipassivo
atrib.	-----	atributivo
aument.	-----	augmentativo (muito, intensamente)
aux.	-----	auxiliar
benef.	-----	benefactivo
caus.	-----	causativo
cicl.	-----	cíclico
cent.	-----	centrípeta
col.	-----	coletivo
com.A.	-----	comitativo em função A
com.O	-----	comitativo em função O
com.S.	-----	comitativo em função S
coment.	-----	comentário
comp	-----	comparativo
conc.	-----	concordância
conj.	-----	conjuo
cont.	-----	contínuo
coord.	-----	coordenada
cop.	-----	cpula
decl.	-----	declarativo
dem.	-----	demonstrativo
des.	-----	desiderativo
desl.	-----	deslocamento
desl.ir	-----	deslocamento com ação de ir e retornar
desl.ir.longe	-----	deslocamento com ação de ir para longe
desl.perm	-----	deslocar/permanecer
desl.vir	-----	deslocar com ação de vir

dim.	diminutivo
dir.	direcional
disc.	discurso
dist.	distante
enf.	enfático
ep.	epentético
esp.	específico
erg.	ergativo
excl.	exclusivo
exist.	existencial
exp	experencial
foc.	foco
frust	frustrativo
hab.	habitual
iminentivo	iminentivo
imp.	imperativo
interm.	intermitente
incept	inceptivo
incert	incerteza
inic	iniciação de evento
incoa.	incoativo
incon.	inconcluso
indef.	indefinido
infer.	inferencial
instr.	instrumental
intens.	intensificador
interj.	interjeição
inter.	interrogativo
interno	interno
intr.	intransitivo
ir.parar.ir	indo pára, realizar algo e continuar indo
ir.vir	deslocamento ir e vir
irrealis	irrealis
lit.	literalmente
loc.	locativo
mal.	malefactivo
mod.	modo
modif.	modificador

narr.	narrativo
n.espec.	não específico
n.pass.	não-passado
neg.	negativo
nzr	nominalizador
O	objeto
ord.	ordenativo
pac.	paciente
part.	partícula
pass.	passado
p.d.	partícula do discurso
pl.	plural
poss.	possessivo
pron.	pronome
prop.	propósito
qfd.	quantificador
qtd.	quantidade
qtt.	quantitativo
Qu	partícula interrogativa
rec.	recente
recip.	recíproco
redup.	reduplicação
refl.	reflexivo
refzdr	reflexivizador
reiter.	reinteração
rel.	relativo
relatzr.	relativizador
rem.	remoto
rep.	repetitivo
report.	reportivo
rest.	restritivo
sd	sujeitos distintos
seq.	seqüencial
sg.	singular
SI	sujeito idênticos
simult.	simultâneo
sr	switch-reference
tr.	transitivo

xxiv

tr.vir ----- transitiva com ação de vir  
-trzr ----- transitivizador  
vbzr ----- verbalizador  
vir.cont.vindo ----- vindo pára, realizar algo e continuar vindo  
vir.retor. ----- deslocamento de vir e retornar  
voc. ----- vocativo

> ----- encadeamento de orações  
(Subordinada > Matriz)  
/ ----- indica qual é a funções  
diferentes nas orações  
\* ----- formas não possíveis de fala  
# ----- indica separação de palavras  
= ----- indica compostos  
. ----- separação de sílabas  
∅ ----- morfema zero  
σ ----- estrutura da sílaba  
' ----- acento primário  
[ ] ----- representação fonética e  
separação de constituintes  
{ } ----- representação morfológica

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar uma descrição morfossintática da língua matis (família lingüística Pano), falada por 262 pessoas que habitam no médio Ituí - noroeste amazônico.

O trabalho é composto de doze capítulos. No capítulo 1, apresentamos a situação do povo matis e fazemos considerações sobre algumas diferenças entre as línguas Matis e Matsés - por muito tempo classificadas como uma única língua. Nos capítulos dois a doze, descrevemos aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua matis.

Por se tratar de uma língua que não apresenta qualquer descrição morfossintática prévia realizada por outros pesquisadores, procuramos descrever sua morfologia de maneira mais abrangente possível, procurando explicar, assim, a função de cada morfema dentro de cada classe gramatical. Abordamos, ainda, aspectos gerais da sintaxe.

Enfim, o estudo da língua matis é o resultado de uma pesquisa que objetiva descrevê-la em seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. O trabalho colabora para o melhor conhecimento dessa língua, tanto para a família Pano quanto para as pesquisas lingüísticas em línguas indígenas brasileiras.

**Palavras-chave:** Lingüística, Línguas Indígenas, Família Pano, Morfossintaxe, Sintaxe.

## **ABSTRACT**

*The objective of this thesis is to present a morphosyntactic description of the Matis language (Panoan linguistic family), spoken by 262 persons that live in the medium Ituí - northwest of Amazonian area.*

*The work has twelve chapters. In the chapter one, we present the Matis people situation and make considerations about some differences between Matis and Matses languages, that were classified as the same language for many time. In the chapter two to twelve, we describe the phonological and morphosyntactic aspects of the Matis language. As any other researchers have not described this language, we described its morphology in a most expanded way, explaining, thereby, the function of each morpheme into each grammatical class. In addition, we comment general aspects of the syntax. Finally, the study of the Matis language is the result of a research that has as objectives to describe the phonological, morphological, and syntactic aspects of this language. The work contributes to the knowledge of this language, also to the whole Pano family languages, and to the researches of Brazilian indigenous languages.*

**Keywords:** *Linguistics, Matis Language, Panoan Family, Morphosyntax, Syntax*



## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma análise descritivo-tipológica-funcional da língua matis, pertencente à família lingüística Pano. A abordagem é especificamente sobre a morfossintaxe. O capítulo sobre o sistema fonológico tem por objetivo situar o leitor para que possa compreender as transcrições dos dados.

Faz parte deste trabalho uma comparação de alguns aspectos da língua matis com outras línguas da mesma família, como o Shipibo-Konibo, o Matsés, o Shanenawa, o Marubo, o Poyanawa, o Amahuaca e o Cashinaua. Tal comparação é importante para que o leitor compreenda o papel da língua matis dentro dessa família e conheça as semelhanças entre elas, confirmando Erikson (1994) que afirma ser o Matis e o Matsés pertencentes a um sub-grupo denominado Mayoruna (§ 1.2, p. 09).

O capítulo “Aspectos sociolingüísticos” trata da situação da família Pano. Na segunda parte do capítulo é feita uma breve discussão sobre as línguas matis e matsés (mayoruna) e, por fim, descreve-se a situação do povo matis atualmente.

O capítulo “Metodologia de trabalho de campo” trata do início da pesquisa e das dificuldades enfrentadas com esta, junto aos falantes matis monolíngües. Traz, ainda, os métodos utilizados para a coleta de dados.

O capítulo “Aspectos da fonologia “ traz algumas considerações sobre os fonemas da língua, bem como aborda alguns processos morfofonológicos, tendo como ponto de partida a fonologia proposta por Spanghero (2000).

O capítulo “A morfologia da língua matis” consiste na apresentação da morfologia da língua matis com os sufixos, os prefixos, os morfemas formativos e os morfemas do tipo *cranberries*. Há, ainda, uma breve discussão sobre os processos de lexicalização. A análise demonstra que a morfologia Matis, tal como ocorre nas outras línguas da família Pano, é bastante complexa.

O capítulo “Classes gramaticais” trata de uma descrição das classes abertas e fechadas que ocorrem na língua. Para tanto, seguimos os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos a fim de determiná-las. Verifica-se que a classe verbal apresenta uma morfologia mais ampla e complexa, constituída de 52 morfemas que co-ocorrem com o verbo. Os morfemas do sistema de *switch-reference* são tratados no capítulo VI, como também a explicação da função de cada morfema verbal. Discute-se, também, o processo de reduplicação, nominalização e da função exercida pelos verbos supletivos. À diferença dos verbos, as categorias lexicais nome, adjetivo e advérbio apresentam um número mais restrito de afixos flexionais e derivacionais, sendo explicadas e exemplificadas para que se compreenda como é formada cada classe gramatical.

O capítulo “Relações Gramaticais” consiste em apresentar a marcação de caso ergativo, retomando o que já foi visto sobre o assunto, com novas discussões. Descrevo, também, os morfemas de *switch-reference* e sua função nas relações gramaticais.

O capítulo “Aspectos sintáticos” trata da ordem dos constituintes oracionais, além de apresentar os tipos de sintagmas e orações. As interrogativas polares são dadas pela entonação; para as de conteúdo/perguntas “Qu”, a língua utiliza as partículas interrogativas. É feita uma breve discussão comparativa das interrogativas do Matis com aquelas que se apresentam em outras línguas da família Pano. Além disso, o referido capítulo trata das orações complexas no sistema *switch-reference* por meio de seus morfemas que indicarão os tipos de eventos, a co-referência entre as sentenças e os tipos de sujeitos que participam destas orações. Tais morfemas concordam com o tipo de argumento da oração subordinada ou coordenada.

Todos os capítulos, de maneira geral, tratam do funcionamento da língua matis em comparação às outras línguas da mesma família. Pretendemos, assim, que este trabalho venha colaborar para o conhecimento de mais uma língua falada e para o conhecimento da família Pano no contexto lingüístico atual.

## CAPÍTULO I:

### Aspectos Sociolingüísticos

#### 1.1 Família Pano

A família Pano é descrita como lingüística e culturalmente uniforme (Shell, 1975b; Erikson, 1992 e 1994a). O francês Raoul de la Grasserie (1890) foi o primeiro a considerar o Pano como uma família lingüística, apresentando uma proposta de classificação. Nesse trabalho, o autor considera que a família é constituída por sete línguas:

“De la famille linguistique Pano. Sept langues Américaines, le Pano, le Mayoruna Domestica, le Mayoruna Fera, le Maxuruna, le Caripuna, le Culino, le Conibo et le Pacavara forment une seule famille linguistique.” (p. 438).

De la Grasserie descreve a situação etnográfica e geográfica destes grupos, faz uma tabela lexical referente às partes do corpo, nomes de vegetais, adjetivos e de nomes, como também apresenta uma breve comparação fonético/fonológica dessas sete línguas. Por fim, apresenta algumas anotações gramaticais sobre os pronomes e verbos. É através desse trabalho inicial que começa o tratamento dessas línguas como membros de uma mesma família lingüística.

Os Pano atuais ocupam os territórios do oeste peruano, do noroeste amazônico brasileiro e do nordeste boliviano. Segundo Suaréz (1973, p. 137), o

grupo Pano pode fazer parte de um tronco lingüístico, denominado Pano-Takanan, porém, há outras propostas, como as de Swadesh (1960) que fala de um “Tacanapano” e de Lathrap (1970, p. 79) sobre um “Macro-Pano”. Greenberg (1987, p. 273) propõe um filo<sup>3</sup> do tipo Ge-Pano-Carib. Rodrigues (2000) questiona a hipótese de Greenberg, argumentando que tal hipótese está firmada somente em meios estritamente quantitativos. Assim, Rodrigues considera que o melhor meio para realizar essa classificação seria o qualitativo, concluindo o seguinte: “veo mayor plausibilidad en una hipótese Jê-Tupí-Carib que en la Ge-Pano-Carib.” (p. 102).

Em Loos (1999, p. 228-29) encontra-se a mais recente classificação dessa família. No entanto, tal classificação apresenta alguns homófonos de outras línguas, como por exemplo **Canamari**<sup>4</sup>, que consta dentro do subgrupo<sup>5</sup> Capanawa, e o *Karipuna Br*<sup>6</sup>, que é classificado como “sem agrupamento”.

---

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (2001), filo é um “grande grupo de línguas que se supõe terem tido uma origem remotamente comum (p.ex.: *filo azteca-tano*; *filo indo-pacífico*) [Termo principalmente associado às classificações das línguas indígenas das Américas; em algumas classificações é substituído pelo termo *tronco* (p.ex.: *filo* ou *tronco macro-jê*), ou pelo termo *família* (p.ex.: *filo* ou *família camito-semítica*; *filo* ou *família sino-tibetana*).]”

<sup>4</sup> Para evitarmos uma possível confusão dos nomes, existe além dos Canamari que Loos classificou como pertencentes à família Pano, um outro grupo com esta mesma denominação que pertence à família Katukina. O termo Canamari que Loos apresenta é o mesmo que Chandeless (1866, p.118) descreve como *Canawary*.

<sup>5</sup> Outros diferentes subgrupos Pano são propostos na literatura, por “Tovar (1961), Shell (1965 e 1975) e Rhulen (1987)” (apud Fleck, 2003, p.07).

<sup>6</sup> O termo Caripuna encontrado em Matus (1969, p. 210) refere-se a um grupo claramente pertencente a família Pano. Um outro grupo Karipuna que Rodrigues (1986, p. 77) classifica como da família Pano é, na verdade, uma língua da família tupi-kawahib. Constatação esta que foi feita durante minha pesquisa de iniciação científica (1992-1994, Universidade de São Paulo).

**O subgrupo Yaminawa**

Yaminawa 500 P, Br<sup>7</sup>  
 Amawaca 200P  
 Cashinawa/Honikoin 500P, Br  
 Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/Inonawa/ Marinawa 300P  
 Yawanawa 200 Br  
 Chitonawa 35 Br  
 Yoranawa/Nawa/Parquenawa 200P  
 Moronawa 300Br  
 Mastanawa 100P

**O subgrupo Chacobo**

Chacobo  
 Arazaire† P  
 Atsawaca† P  
 Yamiaka† P  
 Katukina/Camannawa/Waninnawa 300Br  
 Pacawara 12 Bo

**O subgrupo Capanawa**

Capanawa/Pahenbakebo 400 P  
 Shipibo/Conibo/Xetebo 8000 P  
 Remo † Br  
 Marubo 400 Br  
 Waripano † / Panobo/Pano P  
 Isconawa 30 P  
 Taveri/Matoinahã†Br

---

<sup>7</sup> Aproximadamente o número de falantes de cada língua; † indica a possibilidade de não falarem mais a língua. 'P' indica Peru, 'Br'. Brasil e 'Bo' Bolívia.

**Língua sem agrupamento<sup>8</sup>**

Cashibo/Cacataibo/Comabo 100 P

Karipuna † Br

Kaxarari 100 Br

Nukimin † +/- 136<sup>9</sup> Br

Poyanawa † 137 Br

Tutxinawa † Br

**Subgrupo Mayoruna<sup>10</sup>**kulina<sup>11</sup> 35 BrMawi X/9+<sup>e</sup>

Kapishtana 17/14 dialect of Kulina

Chema 12/7<sup>f</sup>Korubos 300 (aproximadamente) <sup>12</sup> Br

Chankuëshbo 5/2

Matses/Mayoruna 2000P, 2200<sup>13</sup> Br

Matis 262 Br

Segundo Erikson (1994a, p.18), o Matis faz parte de um subgrupo “Pano do Norte” ou “Mayoruna” (ver tabela 01, p.14). Neste grupo estariam inseridos o

---

<sup>8</sup> À lista original de Loos (1999, p. 229), acrescentamos o subgrupo Mayoruna.

<sup>9</sup> Dado acrescentado, retirado de Rodrigues (1986).

<sup>10</sup> Proposta de Erikson e reanálise de Fleck e Ferreira.

<sup>11</sup> Aqui também há um erro: apesar de estarem sendo considerados como não falantes de Kulina, e em alguns casos apontados como extintos, ainda existem aproximadamente 35 indivíduos falantes do Kulina, no aldeamento à beira do rio Javari. O grupo começou a se organizar em 1998, depois de se sentir ameaçado de extinção. Alguns velhos e jovens decidiram reunir os Kulina espalhados nas aldeias Mayorunas e os que viviam nas cidades de Atalaia do Norte e Tabatinga. Fleck, em seu trabalho de campo no Peru, encontrou remanescentes desse grupo que se auto-denominavam Kapistana e Chankuëshbo. Após conversas com os Kulinas de Tabatinga, pôde-se verificar que se trata do mesmo grupo, dividido em sua localização.

<sup>12</sup> O grupo Korubo foi contactado em 1997. Segundo a frente de atração da FUNAI, comandada por Sydney Possuelo, há uma estimativa de, aproximadamente, 300 pessoas que ainda vivem nas cabeceiras do rio Branco, estimativa feita depois de analisadas as fotos aéreas e de satélite. Atualmente há somente 17 Korubos com contato.

Matsés, também conhecido como Mayoruna, o Korubo, o Maya<sup>14</sup> e o Kulina-Pano. A língua matsés tem sido identificada por Kneeland (1994, 23) como uma língua à parte dentro da família Pano. O Matis mantém uma proximidade com a língua matsés, estudada Fields, H., Keneeland, Harriet. e Fleck, David. Os estudos feitos por Ferreira (2001a) demonstram que a estrutura gramatical interna da língua matis mantém uma distância significativa de outras línguas da família Pano, como a língua Katukina, estudada por Aguiar (1988 e 1994), a língua Poyanáwa, por Paula (1992), a língua Marubo, por Costa (1992, 2000) e a língua Caxinawa, por Camargo, (1991). Dessa forma, tais estudos discutem a proposta feita por Erikson (1994), na qual há um subgrupo Mayoruna, assunto que trataremos mais adiante.

## 1.2 Matis e Mayoruna (Matsés) são línguas distintas?

Por muito tempo duas questões têm sido levantadas:

O grupo matis e Matsés constituem um único grupo?

Falam a mesma língua?

Quando se verifica a forma com que ambos se referem a si próprios, percebe-se que o termo utilizado é o mesmo, **matses**. Porém, no trabalho<sup>15</sup> com os Kulina-Pano, constatamos, *in loco*, que este grupo também utiliza “matses” para se auto referirem. Não seria propriamente uma autodenominação, pois este

---

<sup>13</sup> Dado acrescentado por mim, com base na tese de doutorado de Fleck (2003).

<sup>14</sup> Não há base lingüística nem antropológica para definir o grupo Maya, citado por Erikson, como pertencente à família Pano, visto que não há listas de palavras nem dados culturais para esta classificação. Segundo os sertanistas que fizeram os primeiros contatos, em 1979 (CEDI, 1981), não havia no grupo nenhum indígena que fosse falante de alguma língua Pano, e nenhum especialista para poder fazer o levantamento sobre a língua ou sobre a cultura.



termo significa “pessoas”, “gente”, ou ainda é um termo que os distingue dos não-indígenas. Para aqueles que não fazem parte de algum grupo indígena, o termo utilizado é *matses witsi*, ou seja, “a outra gente”. No caso do Matsés e do Matis, este é o termo utilizado, mas para os Kulina (Pano), “o outro” é *mayu*, provavelmente seja daí que vem o termo “Mayoruna”.

As línguas matis e a língua matsés, apesar de serem próximas, quando observadas em seu inventário lexical e até mesmo gramatical, fornecem evidências que são línguas distintas. Fleck e Ferreira (2005) fazem uma comparação léxico-estatística, comparando 200 itens lexicais do Matis que aparecem em Ferreira (2001a) com os dados do Matsés. Nesse trabalho, o autor mostra que 53-72% dos termos são cognatos<sup>15</sup>.

Além do trabalho de léxico-estatística, também foram realizados os testes de compreensão, tanto por Fleck em seus trabalhos de campo, quanto os realizados pelo autor desta tese com os matis. Fleck (2003a) descreve que colocou um homem velho Matsés para ouvir os matis conversando por um sistema de rádio. Segundo ele, o velho não pôde entender tudo o que era dito, mas era possível entender o assunto. Já um outro rapaz Matsés, que foi trabalhar na frente de atração do rio Ituí, disse que depois de alguns meses convivendo com os Matis que ali também se encontravam, pôde se comunicar significativamente, mas sempre por meio de expressões simples. Várias vezes, nos trabalhos de campo

---

<sup>15</sup> Trabalho de campo realizado entre os meses de 12/2002 a 02/2003.

<sup>16</sup> Segundo Crowley (1997, p. 184) “uma porcentagem de 55-81% de cognatos compartilhados indica duas línguas distintas dentro de uma subfamília.”

realizados pelo autor desta tese, foram feitos testes de compreensão entre os Matis e entre alguns falantes de Matsés. Em todas as vezes, foi dito que era possível compreender o assunto, mas não totalmente. Também foi possível colocar um rapaz Matsés para ouvir os Matis conversarem; logo após, eram feitas algumas perguntas a respeito do assunto, detalhes do que era dito e o que foi difícil de se compreender. Com relação ao assunto, o rapaz havia compreendido o geral, já os detalhes, algumas coisas eram possíveis explicar e outras não, sendo que a parte difícil para ele era acompanhar questões que envolviam detalhes da língua.

Com respeito à questão de ser uma variação dialetal ou de duas línguas distintas, tanto Fleck quanto o autor desta tese verificaram, por meio dos testes realizados, que se está lidando com duas línguas distintas. Além destes testes realizados, os dois pesquisadores (op.cit) estão comparando algumas questões gramaticais, o que tem confirmado a distinção lingüística destes dois grupos, e que eles fazem parte de um novo grupo dentro da família Pano. Como pudemos notar acima, Loos (1999, p. 229) não cita os Matis, os Korubo e os Kulina-Pano em sua classificação. No entanto, estes quatro grupos e outros encontrados por Fleck entre os Matsés, como os Chankuëshbo e os Kapisho, parecem fazer parte desse subgrupo Mayoruna, proposto por Erikson (1994a). Fleck e Ferreira (2005) apresentam uma proposta de agrupamento (ver tabela 01) que pode ser entendida como uma classificação do subgrupo Mayoruna:

Languages known to be in or possibly in the Mayoruna subgroup.

Group/language	Speakers <sup>a</sup>	Identification
Mayoruna languages spoken by extant groups:		
Matses	ca. 2200	independent Mayoruna language
Matis	269 <sup>b</sup>	independent Mayoruna language
Kulina	3 <sup>c</sup>	independent Mayoruna language (Mawi dialect)
Korubo	300? <sup>d</sup>	undocumented, probably same as/dialect of
Chankuëshbo		
Maya/Quixito (?)	100-200 <sup>d</sup>	undocumented, possibly Panoan, possibly
Mayoruna		
Mayoruna languages/dialects spoken by captives living among the Matses:		
Kulina (Kapishto)		3 very close dialects of this language exist:
Mawi	X/9+ <sup>e</sup>	dialect of Kulina
Kapishtana	17/14	dialect of Kulina
Chema	12/7 <sup>f</sup>	dialect of Kulina
Chankuëshbo	5/2	independent Mayoruna language, similar to Korubo
Dëmushbo	4/1	Mayoruna variety, originally capture by the Chema
Paud Usunkid	1/0	Mayoruna variety
Historical Mayoruna:		
Maxuruna <sup>g</sup>		Mayoruna language
Castelnau's Mayoruna <sup>h</sup>		Mayoruna language, two distinct dialects existed:
<i>Mayorunas sauvages</i>		dialect of Castelnau's <i>Mayoruna</i>
<i>Mayorunas civilisés</i>		dialect of Castelnau's <i>Mayoruna</i>
Alviano's Maioruna <sup>i</sup>		Mayoruna language, most similar to Matis
Maiorumas Corugos <sup>j</sup>		Mayoruna subgroup; possible 1730s reference to
Korubo ~ Barbudos <sup>k</sup>		possibly Mayoruna language, known from ?1700s

<sup>a</sup> Includes only competent speakers, excluding captives that were brought too young to speak well.

<sup>b</sup> Nascimento (2005)

<sup>c</sup> This figure includes only speakers not captured by the Matses; total speakers for Kulina is 33.

<sup>d</sup> Erikson (1994).

<sup>e</sup> For captive groups, number of speakers captured precede the slash, those still living follow it; for Mawi speakers, this figure includes only speakers living among the Matses.

<sup>f</sup> These figures include the Dëmushbo speakers, who were bilingual when captured by the Matses.

<sup>g</sup> Spix and Martius (1831), 137-entry Latin-Maxuruna lexicon in Martius (1867).

<sup>h</sup> 80-/54-entry French-Mayoruna lexica in Castelnau (1851); also in Martius (1867).

<sup>i</sup> 503-entry Portuguese-Maioruna lexicon in Alviano (1957).

<sup>j</sup> Maroni (1988:435) (no lexicon).

<sup>k</sup> ?Figuerola (XXXX) (no lexicon).

Tabela 01: classificação do subgrupo Mayoruna, dados levantados por Fleck para o trabalho que está escrevendo em conjunto com Ferreira. (Fleck e Ferreira, 2005)

### 1.3. A Língua matis



**P**elos estudos de Erikson e de Ferreira, é possível verificar que a língua matis faz parte da família lingüística Pano. Este fato torna-se evidente por meio da comparação do léxico e dos sistemas fonológico e morfossintático do Matis com as línguas da família Pano.

Quanto aos trabalhos de pesquisa realizados sobre os Matis, até o momento, encontram-se os de antropologia, feitos por Philippe Erikson, e os de lingüística, realizados por Spanghero (2000, 2005) e por Ferreira (2001a).

#### 1.3.1 Situação sociolingüística do grupo matis

Os Matis foram contactados no final da década de 70. Por muitos anos, não houve nenhum estudo sobre eles. O primeiro pesquisador a fazer um trabalho acadêmico sobre esse grupo foi Philippe Erikson, antropólogo da Université de Paris X - Nanterre, cuja pesquisa resultou em uma tese de doutorado: “Les Matis d’Amazonie. Parure du corps, identité ethnique et organization sociale”, defendida em 1990. Ele também publicou vários artigos sobre as pinturas corporais, caça e rituais do grupo.

O Matis sofreu muito após o seu contato com a sociedade nacional. Segundo dados apresentados pelo CEDI<sup>17</sup> (1981, 1982) os Matis não passavam de 83 indivíduos em 1983.

Em virtude da grande dificuldade que a FUNAI enfrentava em atender os doentes<sup>18</sup> e pela distância que se encontrava um grupo do outro (nessa época eles estavam agrupados em quatro clãs), foi feito um pedido para que eles se reunissem em uma só aldeia. Com isso, pôde-se dar uma maior assistência ao grupo como um todo. O primeiro lugar em que se reuniram foi perto de um igarapé, conhecido por “Bueiro”, se estabelecendo à margem do rio Ituí. Hoje, o grupo se encontra próximo ao igarapé conhecido como rio Branco. Ao longo destes 25 anos o grupo pôde retomar o seu crescimento demográfico, sendo, hoje, 262 indivíduos. Os rituais que haviam deixado de realizar foram retomados com bastante vigor, voltando a fazer parte de suas vidas.

O grupo continua sendo praticamente monolíngue, pois poucas pessoas têm domínio do português. Nos últimos anos surgiram três rapazes que têm tido muito sucesso na aprendizagem do português, em particular, destaca-se Biuş, que atualmente estuda na cidade de Atalaia do Norte.

Após o contato com a sociedade nacional, houve alguns efeitos consideráveis sobre a comunidade como um todo, afetando os padrões culturais. O grupo começou a consumir alimentos da cidade e a adquirir aparelhos eletrônicos. O maior efeito do contato hoje está sendo sobre os rapazes menores

---

<sup>17</sup> Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

de 25 anos, que não sabem fazer as armas tradicionais (tidinte “zarabatana”, tawa “arco-flecha” e nete “lança”), como também não têm interesse em aprender a caçar com elas. Outro impacto ocorrido após o contato foi com relação às modificações nas representações etiológicas e nas representações associadas ao xamanismo. Quanto ao xamanismo, o grupo possuía o que denominam de *šo*, uma espécie de “poder” adquirido de pai para filho; hoje, segundo os mais velhos, há somente três pessoas que possuem o *šo*: Tumi Preto, Buşu e Maki. Eles me relataram que o *šo* só é passado de pai para filho durante todo o crescimento, e aquele que quer ter esse “poder” necessita caminhar com seu pai, adquirindo orientações de como recebê-lo. Da mesma forma que os jovens, os adultos, após as mortes dos anciãos, não tiveram mais interesse em buscar esse “poder” xamanístico.

Segundo Erikson (1994b, p. 180), “*sho*<sup>19</sup> é a substância característica - e mesmo a fonte de poder - dos xamãs e dos homens importantes. Mas o campo do conceito transborda em muito do estrito quadro da etiologia”. Ainda, segundo o autor, a busca do *šo* os expunha a doenças, e após a grande mortandade ocorrida, fica razoável entender o medo com relação à aquisição do *šo*. No entanto, apesar dos jovens não buscarem mais este tipo de “poder”, eles ainda preservam rituais importantes, como o ritual do *mariwin*, uma força que vem para expurgar tudo de ruim que cada indivíduo fez ou recebeu, para castigar as

---

<sup>18</sup> Só no ano de 1981 mais de cinquenta pessoas faleceram, segundo o CEDI (1982).

<sup>19</sup> “Sho” é forma ortográfica utilizada por Erikson de [šo].

crianças, segundo seus maus comportamentos, e para aumentar a “sorte” na busca de caça. Outro ritual importante em uso é o *kanpuk*, veneno de sapo injetado sob a pele, que produz vômitos. Assim, acreditam destruir o mal-estar e as doenças que atrapalham na caça ou nas atividades diárias. Com relação ao tabaco “*anpuşute*” (an- “boca” puşud- “fumaça” –te “instr.nzr”).e aos alucinógenos “*kawaro*”, foram abandonados por imposição do enfermeiro da FUNAI (Erikson, 1994b, p. 182).

### 1.3.2 A utilização dos termos *nawa* e *Matsés*

Os Matis tratam o não-índio com um termo diferente daquele utilizado para o índio de outra etnia. Os não-índios são chamados de *nawa*, termo diferente daquele utilizado para se referirem aos Mayorunas, Korubos, Marubos e outros, que seria *Matses witsi*, ou seja, “as outras gentes”. *Matsés* é como os Matis se chamam quando encontram com um “estrangeiro” (o branco) ou com outra etnia. Isso não seria uma autodenominação (como já foi dito acima), pois há três autodenominações divididas por família: *domo*, *tsawabo*, *dişin midikibo*. O termo *Matsés* “gente, ser humano” é utilizado por outros grupos dessa família, como os Mayorunas, Kulina, *tşankuişbo* e outros. Segundo Keifenheim (1990, p.80), no momento em que estes grupos respondem “eu sou *Matsés*”, ou seja, “eu sou gente”.Com isso, eles estão afirmando sua identidade com seu interlocutor, isto é, que não são um espírito.

Compreender o significado do termo *nawa* não é uma tarefa fácil, visto que não há nada na língua que possa fazer referência a este termo. Isso não significa

que, para os não-índios (os brancos), o termo *nawa* signifique ‘não-gente’. A melhor tradução, para mim, é “estrangeiro”. Se refletirmos sobre o conhecimento de mundo desse grupo antes do contato, veremos que suas referências eram somente com relação àqueles que habitavam na mata como eles. Ao saírem para uma expedição, chegavam a uma casa comunal do grupo *korubo*. Os Matis sabiam da existência de outros grupos, dentre eles, os *ĩjabo* e os *piwanbo*, e tinham em mente que todos os outros indivíduos com que se deparavam faziam parte desse mesmo mundo. Ao terem contato com essa nova “espécie” de ser humano, utilizaram um termo para se referirem àqueles que são estrangeiros ao seu mundo, os *nawa*.

Segundo Lévi-Strauss (2003, p. 216) “O autônomo (...) determina um “si”, em contraste com outros “si”.” Assim, tratar da autodenominação Matis é uma tarefa complexa, principalmente porque este grupo não vivia em um só agrupamento, mas era dividido em famílias. De uma forma geral, eles se apresentavam como os *dişin midikibo*, que significa “os mirikibo da cabeceira”. Além de se autodenominarem desse modo, eles se dividiam em famílias, como a do Tumi Preto, do Kanika e do Maki. O nome “Matis” vem do contato com os sertanistas. Por proximidade ao termo *Matsés*, os sertanistas e funcionários da FUNAI os chamaram de Matis, ficando na literatura e nos registros este nome para o grupo.



### 1.3.3 Assimilação Cultural

Desde o contato com o não-índio, os Matis passaram por uma série de transformações, dentre elas a perda do xamanismo. Eles conquistaram dos não-índios materiais como machado, facão, serrote, forno, utensílios domésticos, roupas, rádio e danças. Agora, os Matis querem conquistar a informação, isto é, saber falar, ler e escrever em português. Com isso, o grupo tem cobrado da FUNAI professores para a escola. A alfabetização tem sido feita somente em português<sup>20</sup>, mas isso não significa que as crianças estejam deixando de falar Matis, porque são todas monolíngues. Por causa do contato que vêm tendo com os não-indígenas (que são a fonte de comércio), com a FUNAI (que é interlocutor entre eles e o não-indígena) e com as ONGs (que são os interlocutores políticos), os Matis decidiram que aprender português seria a melhor forma de se conseguir prestígio dentro da sociedade nacional. Essa busca do conhecimento da sociedade envolvente tem levado alguns pais a colocarem seus filhos para estudar na cidade. Os Matis não são os primeiros a tomarem esta atitude de busca do conhecimento, pois outros grupos já o fizeram com resultados bastante desastrosos.

Faz-se necessária uma discussão sobre a questão da educação entre o grupo matis. Já se avançou muito nas discussões sobre educação indígena. Ajudá-los, nesse momento, seria a melhor coisa a ser feita.

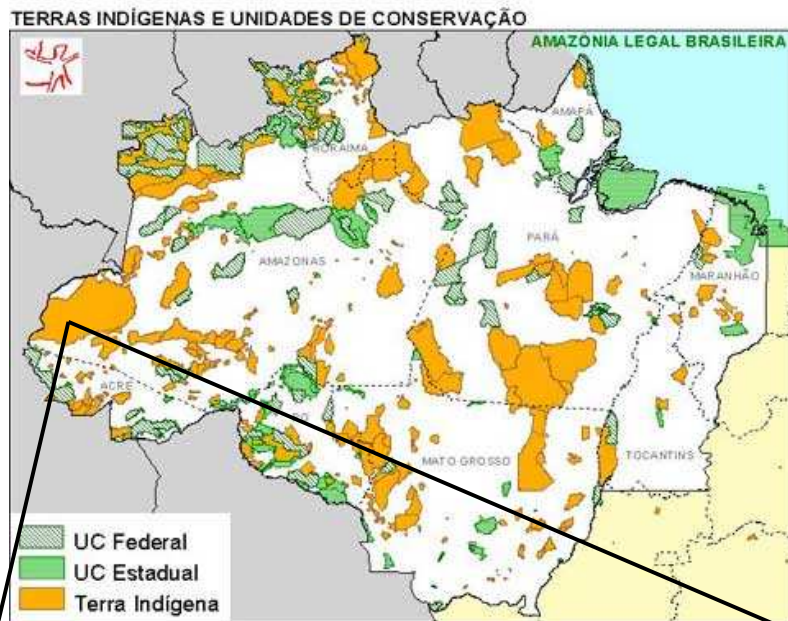
---

<sup>20</sup> A alfabetização está sendo realizada pela ONG “Centro de Trabalho Indígena - CTI”, tornando-se a responsável pelo conhecimento formal da sociedade envolvente.

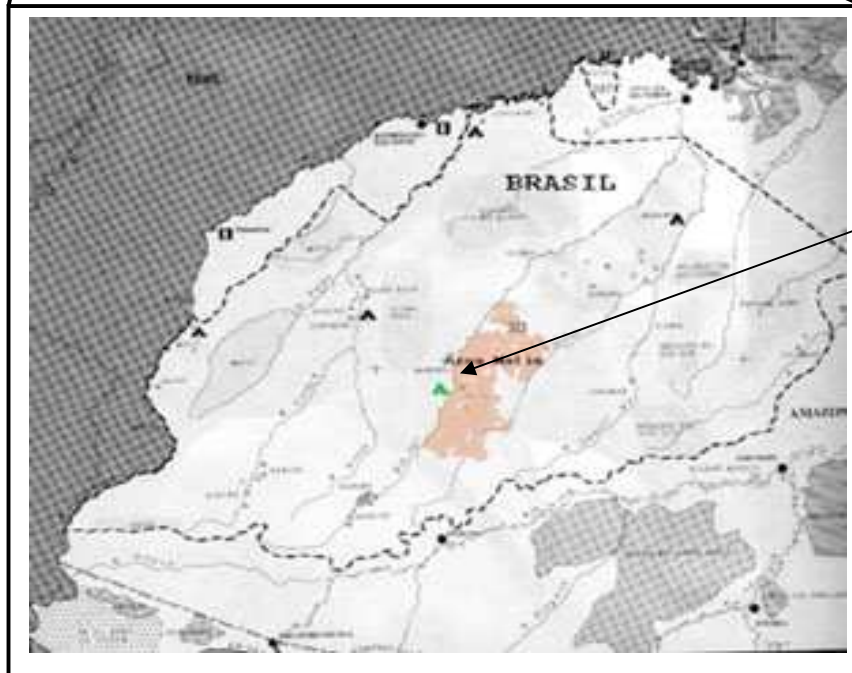
Atualmente, os jovens não têm mais interesse pelas histórias tradicionais e pelas narrativas e estão perdendo também o interesse pela forma tradicional de caça. Eles têm valorizado cada vez mais a cultura envolvente.

Trabalhar com a língua seria, talvez, “resgatar” os valores culturais acima mencionados, como o *șo*, que foi perdido, dentre outras coisas que ainda podem ser mantidas.

## Mapas do Vale do Javari e da área matis



Mapa 1



Mapa 2

Mapa(1) do ISA adquirido no site da FUNAI no endereço: [www.funai.org.br/ultimas/e-revista/index.htm](http://www.funai.org.br/ultimas/e-revista/index.htm)

Mapa (2) anexo do livro: CEDI. *Povos Indígenas no Brasil - Javari*. São Paulo: C.E.D.I. v. 5. 1981.

## **CAPÍTULO II:**

### **Metodologia de Trabalho**

#### **2.1 A pesquisa de Campo**

O trabalho com a língua matis iniciou-se em 1995, quando estive atuando como estagiário no Museu Paraense Emílio Goeldi/ORSTOM<sup>21</sup>, sob orientação dos Drs. Francisco Queixalós e Denny Albert Moore. Pude realizar minha primeira viagem de campo em outubro de 1995. Durante o tempo de dois anos e seis meses em que estive atuando junto ao Museu, realizei 4 viagens até a aldeia Matis, localizada no rio Ituí. Após este período, pude dar início aos meus estudos de mestrado na UNICAMP - entre 1999 a 2001. Durante este período, fiz mais duas viagens ao campo para realizar minhas pesquisas, resultando num trabalho sobre os aspectos morfológicos da língua. Já no doutorado, pude realizar mais cinco viagens a Tabatinga, onde me encontrava com os informantes Matis, pois não obtive autorização da FUNAI para entrar na área

Apesar de não poder entrar na área indígena, pude trabalhar todas as vezes com os Matis na cidade de Tabatinga

A maior dificuldade encontrada na realização do trabalho de campo foi o fato dos falantes serem monolíngües. No início de minhas pesquisas havia apenas

três falantes de língua portuguesa: Bina Tukun, Iba şunu e Ibandapa. Ainda assim, o grau de comunicação era bastante restrito, pois, destes três, quem dominava um pouco mais a língua portuguesa era o Bina, primeiro Matis a aprender a língua logo após o contato. Seu aprendizado se deu mais ou menos depois dos vinte anos. Porém, efetivou-se somente depois que o grupo passou a ter um contato constante com os não-indígenas, em meados da década de 80, quando precisaram mudar para a beira do rio Ituí. Os outros dois falantes de português possuem uma compreensão que se restringe aos termos usados no comércio. Sendo assim, nas minhas primeiras viagens à área indígena não pude receber toda atenção destes falantes para minha coleta de dados. Dos 4 primeiros trabalhos de campo, em dois eu estava sem intérprete, tendo que coletar meus dados somente com falantes monolíngues, sendo necessário aprender a língua nativa para melhor realizar o trabalho. Durante meu trabalho em Tabatinga, pude coletar dados de melhor qualidade, pois vieram à cidade aqueles que falavam o português, sendo meus principais informantes o Bina e sua família. Outros Matis também participaram do trabalho, como o Tumi Preto, o Iba şunu, o Iba Wasa, o Tumi, o Mená, a Dani, a Tupa, entre outros. Isto foi importante para que o trabalho não ficasse restrito à informação de uma só pessoa.

No início foi muito complicado para o Bina e para os outros colaboradores compreenderem a pesquisa. Desse modo, para facilitar o início do trabalho, foi

---

<sup>21</sup> “Institut Français de Recherche Scientifique Pour Le Developpement en Cooperation”

exposto aos falantes que o objetivo era aprender a língua matis. Somente com o tempo eles puderam entender a finalidade da pesquisa.

Atualmente há um grupo de rapazes que vive em Atalaia do Norte, para estudarem na “escola de branco”. Dois deles passaram a dominar mais a língua portuguesa, o Biuç e o Iba Wasa.

Nos trabalhos de campo em janeiro de 2003 e junho de 2004, o Matis Iba veio a Tabatinga para participar do trabalho. Acabei, assim, descobrindo um excelente ajudante para a pesquisa da língua matis. Além da sua disposição em trabalhar com dados (coleta e averiguação), também colaborou imensamente na coleta de textos e tradução, incentivando outros a colaborarem com o trabalho.

## 2.2 Metodologia

Os trabalhos lingüísticos de descrição e documentação de uma língua sem tradição de escrita envolvem as seguintes atividades: coleta de dados, transcrição, tradução, análise e interpretação dos dados. Segundo Himmelmann (1998, p.162), a coleta e análise seguem diferentes resultados e atividades: a **coleta** tem por resultado entradas de corpus, notas e comentários, enquanto que a **análise** teria como resultado a descrição ilustrada por variados exemplos. Quanto ao procedimento, a **coleta** envolve a observação dos participantes, elicitación, gravação acompanhada de transcrição e tradução dos dados primários. Já a **análise** envolve questões sobre fonética, fonologia, morfossintaxe e análise semântica. Uma terceira diferença entre a coleta e a análise seria o que

Himmelman chama de “Assunto metodológico”, que pode ser dividido da seguinte forma:

coleta	análise
amostragem	a definição dos termos e níveis
confiabilidade	justificativas
naturalidade	adequação da análise

Tabela 02: Assunto metodológico

Considerando tais pontos, o trabalho de descrição da língua matis envolveu ambas concepções. Ainda, em acordo com Cândido (2004, p. 16) “...a documentação e a descrição de uma língua não se dão de forma independente...”. Diante disto, o trabalho com os Matis se desenvolveu em dois momentos: (i) a pesquisa de campo, na qual se pode coletar dados lingüísticos; (ii) análise do material coletado, agrupando-os conforme sua categoria. A coleta baseou-se nas metodologias apresentadas por Kibrik (1977), Samarin (1967), Abbi (2001) e Payne (1997); a análise dos dados seguiu o modelo funcional, além da comparação com outros trabalhos desta mesma família lingüística, como Aguiar (1994), Camargo (1991), Cândido (1998, 2004), Carvalho (1992), Costa (1992, 1997, 2000), Fleck (2002, 2003a), Kneeland (1979a , 1982, 1996), Loos (1975, 1999), Paula (2004), Valenzuela (2000, 2002 e 2003) dentre outros. De todos estes trabalhos com as línguas Pano, o de Fleck (2003a) e de Valenzuela (2003) foram os que exerceram maior influência em minha análise, o principal trabalho foi a gramática Matsés. Como o Matsés e o Matis pertencerem ao mesmo subgrupo da família Pano: suas características fonológicas, morfológicas, sintáticas e

semânticas são muito semelhantes em comparação com as outras línguas da mesma família.

Os dados coletados foram gravados e transcritos *in loco*, partindo do conhecido para o desconhecido, do mais simples ao mais complexo, começando pelos nomes, por apresentarem uma morfologia menos complexa.

Desde o início houve muita resistência dos falantes em me fornecer textos, quer narrativas históricas ou de acontecimentos do dia-a-dia. Justificavam que eu não sabia a língua e era preciso aprendê-la primeiro. Em outro momento, justificavam que somente os velhos poderiam relatar as histórias e que os professores não poderiam me ajudar a transcrevê-las por não as terem narrado. Não tinham o direito de “violiar” a narração de outro. Com relação aos textos que contavam experiências do dia-a-dia, eram seqüências de frases do tipo: “eu fui à roça, eu peguei madeira, eu cortei e eu trouxe para minha esposa”. Logicamente não estavam narrando espontaneamente. Somente nas duas últimas viagens, consegui coletar histórias e narrações espontâneas, além de obter ajuda nas transcrições, sem muitos problemas.

Apesar da dificuldade de trabalhar com um grupo monolíngüe, a experiência obtida foi muito interessante. O envolvimento com as questões culturais do grupo foi maior; adquiriu-se mais confiança no trabalho e foi possível dedicar-se mais ao estudo da língua. Nas primeiras viagens ao campo, o objetivo foi adquirir conhecimento de seus usos e costumes e compartilhar de sua forma de vida. Durante a permanência entre o povo matis, dediquei-me quase que exclusivamente à aprendizagem da língua, pois isto era vital para dar continuidade à pesquisa lingüística. Os vários questionários e as técnicas de gravações



aplicados no início dos estudos não foram de grande valia, pois os informantes da língua não compreendiam o trabalho e as informações eram desconstruídas. Os dados referentes ao léxico foram os que apresentavam menos problemas.

Os homens tinham muita dificuldade em participar das gravações e nenhuma paciência em ajudar na transcrição. Sendo assim, foi preciso aprender a língua, pelo menos o suficiente para poder obter dados mais confiáveis. O exercício de aprendizagem consistiu em ouvir muito, memorizar léxicos e sentenças simples e repetir aquilo que foi aprendido. Com isso, não só ampliava o *corpus*, como também a compreensão da língua. Este processo fez com que todos se envolvessem na tentativa de ensinar-me a língua matris, possibilitando-me não só coletar uma quantidade ótima de dados, como também aprender razoavelmente a língua. Tal aprendizagem colaborou profundamente para o conhecimento gramatical da mesma. Assim, as primeiras análises e hipóteses foram testadas *in loco*. Como afirma Everett:

“for morphological analysis it is vital to verify and study every context in which a morpheme occurs in elicited and natural, connected speech. The translation and analysis of the morphemes of a language are the foundation for nearly all other linguistic analysis. Much of the culture is embedded in the semantic categories of the morphology”. (Everett , 2001, p. 181)

A partir do momento que a entrada na área indígena foi interrompida, passei a trabalhar na cidade de Tabatinga. Esta cidade foi escolhida pelos informantes, pois não gostam de ficar por um longo tempo na cidade de Atalaia, que é mais próxima da aldeia, mas onde fica a administração responsável pela área do Javará. Um outro motivo dessa escolha é que, nesse período que foi

desenvolvida a pesquisa, os homens já estavam muito envolvidos com a frente de contato chefiada por Sidney Possuelo<sup>22</sup>. Como o escritório da frente de contato é em Tabatinga, os Matis preferiam ficar hospedados nesta cidade, pois tinham mais apoio do Sidney e podiam estar em contato direto com o escritório.

Todos os Matis que vinham à cidade se empenharam em dar continuidade em meu aprendizado e ajudar-me na coleta de dados. O maior problema encontrado foi tentar fazê-los compreender o que significava o trabalho lingüístico. Por exemplo, todas as vezes que orações mais complexas eram elicitadas eles me interrompiam e diziam que eu ainda não havia aprendido o que, para eles, era mais o básico, ou seja, queriam que eu dominasse primeiro o léxico de uma forma geral. Isso colaborou com a aprendizagem do léxico, mas complicou para a coleta de sentenças. Porém, aos poucos foram compreendendo o tipo de trabalho e, com o tempo, aumentei o *corpus* com orações simples, complexas e com pequenos textos de narrativos.

Apesar dos questionários previamente elaborados para direcionar o trabalho, muitas vezes foi preciso deixá-los de lado e aproveitar a oportunidade dos acontecimentos momentâneos. Em geral, este trabalho está elaborado a partir dos dados coletados em vários anos de pesquisa, sendo gravados e transcritos junto aos informantes. Muitas hipóteses foram feitas ainda em campo e outras durante o processo de análise dos dados em Campinas.

---

<sup>22</sup> Chefe do Departamento de Índios Isolados da Fundação Nacional do Índio.

### 2.3 Recursos utilizados para o trabalho de campo

Os aparelhos utilizados para gravação foram um Gravador MD Sony MZ-R700 e o Notebook Toshiba A45-S130. Os programas foram o *Sound Forge 6.0* (utilizado para histórias longas e conversas), *Speech Analyser 2.1* (utilizado para gravações de palavras e segmentação de orações e que pode ser abaixado no site [www.sil.org/computing](http://www.sil.org/computing)) e *Transcriber 1.4* (utilizado para transcrever palavras, histórias e conversas, programa cujo *download* pode ser feito no site [www.etca.fr/CTA/Projects/Transcriber/en/download142.html](http://www.etca.fr/CTA/Projects/Transcriber/en/download142.html) ).

Os dados foram armazenados em MDs e CDRs; os dados transcritos em cadernos de campo foram todos digitados e armazenados em arquivos conforme a categoria, como nomes, verbos, advérbios, orações transitivas, orações envolvendo *switch-reference* e outros. Uma gravação de vídeo em fita de 8mm, realizada no trabalho de campo de 2002, não foi editada até o presente momento.

## **CAPÍTULO III:**

### **Aspectos da Fonologia**

Neste capítulo apresentamos o funcionamento fonológico da língua matis. Apesar de já contarmos com um trabalho prévio sobre a fonologia da língua, feito por Spanghero (2000), propomos novas análises, descrevendo alguns fonemas.

Na primeira parte, apresentamos o quadro fonético das consoantes e das vogais. A descrição contará com: (1) apresentação dos contrastes consonantais e vocálicos; (2) distribuição complementar e variações livres; (3) padrão silábico; (4) acento; (5) algumas questões da morfofonologia.

Em Matis há 15 fonemas consonantais: / p b t d k m n s ʃ ts tʃ w j / e 6 vocálicos: / i e ɨ a u o /, como veremos na seção 3.3 (p.37). Quanto à estrutura silábica, o inventário não é extenso e estão representadas as combinações tautosilábicas e as que se formam segundo os processos de silabificação. No que diz respeito ao acento, verificamos que é previsível, ocorrendo sempre na última sílaba, independentemente dos processos morfológicos que ocorrem no domínio verbal e nominal. Verificamos, ainda, um processo de harmonia vocálica: a fusão consonantal.

### 3.1 Inventário fonêmico

Utilizamos os símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet) para representar fonética e fonologicamente os sons da língua matis. Nas tabelas 03 e 04, os fonemas da língua são os mesmos propostos por Spanghero (2000, p. 33 e 34), com exceção de /tʃ/ /ɛ/, como também não tinha a diferença entre /ʃ/ e /ç/.

#### Fonemas Consonantais

Modo/Ponto	Bilabial	Alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d			k (g) <sup>23</sup>	(ʔ)
Nasal	m	n			(ŋ)	
Tepe		(r)				
Fricativa	(β)	s	ʃ	ʃ		
Africada		ts	tʃ	tʃ		
Aproximante	w			y		

Tabela 03: Fonemas consonantais IPA

#### Fonemas Vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i	i	u (u)
Meio fechada	e		o
Meio aberta	(ɛ)		(ɔ)
Aberta		a	

Tabela 04: Fonemas vocálicos IPA

<sup>23</sup> Os parêntes indicam que são aloforfes.

### 3.2 Consoantes: contraste em ambiente idêntico e análogo, distribuição complementar e variação livre

A língua matis possui 23 fones consonantais (tabela 3) sendo que há somente 15 fonemas na língua. Um número considerável de fonemas foram reconhecidos por meio de contraste, já um grupo reduzido de fonemas puderam ser analisados através da distribuição complementar.

A seguir, apresentamos os fonemas que ocorrem em contraste em ambientes idênticos e análogos. Segundo Pike (1961), a existência de pares mínimos e análogos são evidências suficientes para constituir um fonema. Agrupamos pares de fones foneticamente semelhantes para que possamos encontrar evidências de contraste. Dessa forma, consideramos os pares de fones em contraste como fonemas distintos.

#### 3.2.1 Contraste em ambiente idêntico e análogo

Os pares que não foram encontrados em contraste são analisados como pares em distribuição complementar. Neste caso, cada som possui um ambiente fonológico específico, considerados alofones de um mesmo fonema.

(1) [p] e [b]	(2) [b] e [w]
a) [pa'ri] “Pare! (Forma enfática)”	a) [ba'ta] “Sabor (doce e/ou salgado)”
[ba'ri] “Parte do dia em que há sol”	[wa'ta] “Mamão”
b) [pa'wa] “Concha grande”	b) [bi'ru] “Olhos”
[ba'wa] “Tipo de papagaio”	[wi'ru] “Armadilha”
c) [pui] “Fezes”	
[bui] “Tipo de formiga”	

## (3) [p] e [m]

- a) [pa'pi] "Homem, menino, filho homem"  
[ma'pi] "Cérebro"
- b) [na'pi] "Resto de comida (líquido)"  
[na'mi] "Carne"

## (5) [p] e [w]

- a) [pa'ka] "Lança"  
[wa'ka] "Água"
- b) [pa'wa] "Concha grande"  
[pa'pa] "Papa"

## (7) [b] e [m]

- a) [ba'ba] "Neto, nora da esposa"  
[ma'ma] "Papai"
- b) [bitus'kaik] "Furar no olho"  
[mitus'kaik] "Furar na mão"

## (9) [d] e [n]

- a) [da'ka] "Interjeição"  
[na'kaʃ] "Cupim"
- b) [ni] "Floresta"  
[di] "Rede"
- c) [dia] "Sanguessuga"  
[nia] "Jacamim (Tipo de pássaro)"

## (11) [d] e [s]

- a) [do'kin] "Subir"  
[so'kin] "Ato de colocar a pulseira"
- c) [du'nu] "Serpente"  
[si'nu] "Nambu (Tipo de pássaro)"

## (4) [t] e [d]

- a) [tu] "Ovo"  
[du] "Guariba"
- b) [tiun] "Ato de colocar o colar"  
[diun] "Sujeira nas narinas"

## (6) [t] e [n]

- a) [ta'tji] "Tipo de bebida feito de cipó."  
[na'tji] "Sogra"
- b) [ti'ta] "Mamãe"  
[ni'ta] "Segure!"
- c) [tʃut'ta] "Faça sexo!"  
[tʃu'na] "Macaco barrigudo"

## (8) [t] e [s]

- a) [bi'sin] "Jibóia"  
[bi'tin] "Sopa, caldo"
- b) [i'sin] "Cesto para pegar peixe"  
[i'tis] "Quente"

## (10) [n] e [s]

- a) [ne] "Jogar (singular para objeto)"  
[se] "Flechar"
- b) [nu'kin] "1ªpl. possessivo"  
[so'kin'] "Ato de colocar pulseira"

## (12) [s] e [ts]

- a) [tsun'tsi] "Quem? (ergativo)"  
[tsun'si] "Espírito"
- b) [si'nu] "Tipo de pássaro"  
[tsa'nu] "Colher, concha"

## (13) [d] e [ts]

- a) [de'kin] “Ato de carregar algo”  
[tse'kin] “Amarrar algo”
- b) [da'ra] “Homem, corpo”  
[tsa'ri] “Milho”

## (15) [ʃ] e [ʒ]

- a) [ʃui] “Pênis”  
[ʒui] “Jacú (ave), nome doméstico”
- b) [ʃu'run] “Coar”  
[ʒu'run] “Tucandeira (formiga)”
- c) [ʃa'na] “Tipo de corvo”  
[ʒa'na] “Cigana (ave)”
- d) [bi'ʃu] “Rosto pintado de verde”  
[bi'ʒu] “Cego, míope”

## (17) [j] e [tʃ]

- a) [ʃe] “Fazer”  
[tʃe] “Engolir”
- b) [ʃin] “Amarelo”  
[tʃin] “Torcer”

## (14) [m] e [w]

- a) [a'mi] “Grande”  
[a'wi] “O quê?”
- b) [ba'ma] “Partícula de negação”  
[ba'wa] “Tipo de papagaio”

## (16) [tʂ] e [tʃ]

- a) [tʂa] “Voz”  
[tʃa] “Piolho”
- b) [tʂan'pi] “Gafanhoto”  
[tʃan'pi] “Mulher, menina, filha”
- c) [tʂu'ku] “Liso”  
[tʃu'ku] “Elevação pontuda”

## (18) [ʂ] e [tʂ]

- a) [ʂa'ka] “Leve”  
[tʂa'ka] “Vômito”
- b) [tʃi'ʂo] “Quadril”  
[tʃi'tʂo] “Tipo de fruta”
- c) [ʂu'nu] “Alto”  
[tʂu'nu] “Liso, escuridão”

As fricativas [ʃ] [ʒ] e [tʃ] [tʂ] foram analisadas por Spanghero (2000) como alofones de [ʃ] e [tʂ]. Segundo a autora, ocorrem antes de vogais anteriores, enquanto que [ʒ] e [tʃ] ocorrem antecedendo vogais posteriores. Em nosso trabalho de campo, pudemos encontrar os fones [ʃ] [ʒ] e [tʃ] [tʂ] em ambientes idênticos (verificar os exemplos 15, 16 e 18). Segundo a análise de Spanghero



(2000) estes fones ocorrem em distribuição complementar. O que divervimos de sua análise por termos pares mínimos demonstrando que são fonemas distintos.

### 3.2.2 Aproximantes

As aproximantes /w/ e /j/ podem ser reconhecidas dentro dos seguintes ambientes, em comparação com as outras consoantes:

(20)

- |                |  |
|----------------|--|
| b) [ʃu.yan]    | “Rato (marcado pelo caso ergativo [-n])” |
| c) [ʃu.tan]    | “Tipo de aranha”                         |
| d) [da.yu.naʃ] | “Abraça”                                 |
| e) [ma.βu.ʃa]  | “Cabelo branco”                          |

(21)

- |                |                   |
|----------------|-------------------|
| a) [ma.wes]    | “Tipo de formiga” |
| b) [ma.tses]   | “Gente indígena”  |
| d) [a.wad̚.bo] | “Tipo de banana”  |
| e) [a.bad̚.bo] | “Correu”          |

### 3.2.3 Distribuição complementar

A oclusiva [b] ocorre em distribuição complementar com a fricativa [β], são foneticamente semelhantes e ocorrem como variantes do mesmo fonema /b/ em:

/b/ → [β] / V\_\_V, C (- nasal)\_\_

→ [b] / n.d.a

(22)

a) /abu/	→ [a'βu]	“Céu”
b) /iʃbun/	→ [iʃ'βun]	“Palha”
c) /baba/	→ [ba'βa]	“Neto”
d) /mibi/	→ [mi'βi]	“segunda pessoa do singular absolutivo”
e) /minbi/	→ [min'βi]	“segunda pessoa do singular ergativo”
f) /danbidu/	→ [danβi:'ru]	“Joelho”
g) /kuanbondaʃ/	→ [ˈkuanβon:'daʃ]	“Viajou (faz muito tempo)”

A oclusiva [d] ocorre em distribuição complementar com [dʰ]<sup>24</sup> e [r], os fones são foneticamente semelhantes e ocorrem como variantes do mesmo fonema /d/ em:

/d/ → [r] / V\_\_V

→ [dʰ] / \_\_ final de sílaba

→ [tʰ] / \_\_#

→ [d] / nos demais ambientes

(23)

a) /dadamikaʃ/	→ [daˈʰrami:'kaʃ]	“Arco-íris”
b) /tʃokodokate/	→ [ˈtʃokɔˈʰrɔka:'te]	“Ralador”
c) /manad/	→ [maˈnatʰ]	“Açaí”

---

<sup>24</sup> Em alguns itens lexicais, o fone [dʰ] se de sonoriza antes de silêncio, manifestando-se como [tʰ]. No entanto, podemos recuperar sua forma original quando há um processo morfofonológico. Por exemplo, quando [awatʰ] é sufixada pelo morfema ergativo [-in], o resultado é [awarɪn] e não [awatɪn], seguindo a regra de distribuição complementar.

- d) /dabidpa/ → [daβid<sup>h</sup>:pa] “Número dois”  
 e) /dindu/ → [din<sup>h</sup>du] “Poraquê”  
 f) /dabidtsik/ → [daβid<sup>h</sup>:tsik<sup>h</sup>] “Pouco”

A oclusiva [k] ocorre em distribuição complementar com [k<sup>h</sup>] e [g], os fones são foneticamente semelhantes e ocorrem como variantes do mesmo fonema /k/.

/k/ → [k<sup>h</sup>] / \_\_ final de sílaba

→ [g]<sup>25</sup> / n\_\_

→ [ŋ] / \_\_n, m

→ [k] / nos demais ambientes

(24)

- a) /buʃekte/ → [buʃek<sup>h</sup>te] “Cordinha utilizada para amarrar o pote de veneno.”  
 b) /miduk/ → [mi<sup>h</sup>ruk<sup>h</sup>] “Longe”  
 d) /datonkete/ → [da<sup>h</sup>tonge:<sup>h</sup>te] “Camisa, roupa em geral”  
 e) /punkinkin/ → [pungin:<sup>h</sup>gin] “Antes”  
 f) /kantʃu/ → [kan<sup>h</sup>tʃu] “Carangueijo”  
 g) /padkid<sup>h</sup>/ → [pad<sup>h</sup>kiraʃ] “Caiu”  
 h) /kuaknu/ → [kuaŋ<sup>h</sup>nu] “Quero ouvir”

---

<sup>25</sup> Na fala rápida é possível encontrarmos esta realização entre vogais.

### 3.3 Vogais: contraste em ambiente idêntico e análogo, distribuição complementar e variação livre

A seguir apresentamos os fones que ocorrem em contraste em ambiente idêntico e análogo.

(25)

#### [i] e [e]

a) [ni]	“Conjunto de árvores”	b) [nun'ti]	“Tipo de caracol”
[ne]	“Jogar (em algo)”	[nun'te]	“Canoa”

#### [i] e [ɨ]

a) [ki'ni]	“Orifício”	c) [piski'ri]	“Ingá”
[kɨ'ni]	“Parede”	[piskɨ'ri]	“Besouro”
b) [a'ni]	“Mãe”		
[a'nɨ]	“Nome”		

#### [a] e [ɨ]

a) [a'bi]	“3ª p. co-referencial”	c) [tʂa]	“Voz”
[ɨ'bi]	“1ª pessoa absoluto”	[tʂɨ]	“Grande”
b) [a'na]	“Língua”		
[a'nɨ]	“Nome”		

#### [o] e [ɨ]

a) [a'no]	“Até”	c) [tospi'ron]	“Tipo de peixe”
[a'nɨ]	“Nome”	[tospi'rɨn]	“Tipo de cobra”
b) [ki'ren]	“Cutucar”		
[ko'ren]	“Bacuri (Tipo de peixe)”		

**[o] e [u]**

a) [do]	“Subir”	b) [ʃoke]	“Tipo de aranha”
[du]	“Guariba”	[ʃuke]	“Corredeira”

**[ɔ] e [u]**

a) [kɔ'ɾɔ]	“Torto”	c) [ʃɔ'kɔ]	“Curiango”
[ku'ru]	“Marrom, pardo, seco”	[ʃu'ku]	“Músculo”
b) [ʃu]	“Maduro”		
[ʃɔ]	“Espírito”		

**[u] e [i]**

a) [bi]	“Tipo de peixe”	b) [bi'ku]	“Secreção dos olhos”
[bu]	“Pêlo”	[bu'ku]	“Embaúba”
		c) [ki'ku]	“Sova”
		[ku'ku]	“Tio (irmão da parte da mãe)”

**3.3.1 Distribuição complementar**

A seguir apresentamos duas análises que divergem da apresentada por Spanghero (2000, p. 45, 49). A autora afirma que as vogais [o] e [ɔ], [e] e [ɛ] estão em variação livre. Porém, nós demonstramos que ambos os pares estão em distribuição complementar e que há um processo de harmonia vocálica para o fonema /o/. Encontramos somente as vogais [u] e [u] em variação livre.

As vogais [ɔ] e [o] estão condicionadas dependendo da abertura ou fechamento da sílaba. Quando a última sílaba da palavra que contém a vogal posterior média for aberta, essa vogal é aberta [ɔ], mas se a sílaba for fechada a

vogal é fechada [o]. Além disso, a vogal dessa sílaba espalha o traço de abertura para as vogais antecedentes.

(26)

[ɔ]		[o]	
a) [tɔ''rɔtɔ'rɔ]	“Tipo de pica-pau”	[tɔ'dɔn]	“Tipo sapo”
b) [kɔ''rɔka'te]	“Cozinha”	[ɔnke'ta]	“Fale!”
c) [mɔ'sɔ]	“Mata”	[tɔspi'dɔn]	“Tipo de peixe”
d) [ɔ'pɔ]	“Bolsinha de algodão”	[ɔn'pɔd']	“Roubar, esconder”
e) [mɛ'kɔ]	“Pedra”		

A vogal [e] está em distribuição complementar com [ɛ], são foneticamente semelhantes tendo como fonema /e/.

/e/ → [ɛ] / \_\_ s, ʃ

→ [e] / nos demais ambientes

(27)

[ɛ]		[e]	
a) [tsa'wɛs]	“Tipo de tatu”	[tenke're]	“Correia do instr. de caça”
b) [ʃa'pɛ]	“Tipo de envira”	[ʃe''kere'kek]	“Muchar (para flor)”
c) [toɛ]	“Tipo de pássaro”	[men'te]	“Lenha”

[u] e [ʊ] são foneticamente semelhantes e ocorrem como variantes livres em sílabas átonas.

(28)

a) [u'bu]	~	[ʊ'bu]	“Testículos”
[usun'ta]	~	[ʊsun'ta]	“Coloque!”
[munu'daʃ]	~	[mʊnu'daʃ]	“Dance!”

### 3.4 Estrutura Silábica

Os padrões de segmentos silábicos encontrados na língua foram V, VC, CV, CVC, CVV, CVVC. Todos estes padrões ocorrem tanto na posição pré-tônica como na tônica, exceto o V que ocorre somente em início de palavra.

A sílaba na língua matis tem um núcleo vocálico, que pode ser uma vogal ou um ditongo crescente ou decrescente. Dessa forma, ela é representada pela fórmula  $(C_1 (<V_2>)) V_1 (>V_3<) (C_2)$ <sup>26</sup>. O padrão  $(V_1V_3)$  e  $(V_1V_3C)$  não é possível na estrutura silábica. O padrão silábico **V** ocorrem somente as vogais **i, a, í e u**. As consoantes e vogais que ocorrem na sílaba são as seguintes:

$V_1$ : i, e, í, a, u, o

$V_2$ : i, a, u, o

$V_3$ : i, a, e, u

$C_1$ : todas (/b/ e /d/ só ocorrem em início de palavra)

$C_2$ : d, s, ʃ, ʒ, k

#### 3.4.1 Padrões silábicos:

V		VC	
u	“Para lá”	ak.ta	“Beba!”
i	“Arraia”	is.ta	“Olhe!”
i.ʒi	“Semente”		

---

<sup>26</sup> Na fórmula, a vogal nuclear é representada por  $V_1$ . Visto que era necessário restringir a ocorrência das vogais, nos valem os símbolos  $< >$  e  $><$  que desempenham os seguintes papéis: quando a  $V_2$  ocorre a  $V_3$  não pode ocorrer e vice-versa.

CV		CVC	
bi.di.ki.mo	“Piau”	bin.sin	“Vespa”
e.pa	“Palha de palmeira”	i.na.wad	“Capivara”
C V <sub>2</sub> V <sub>1</sub>		C V <sub>1</sub> V <sub>3</sub>	
tui.ta	“Reme !”	pia	“Limpo”
p̃i	“Pena”	pui	“Fezes”
CV <sub>2</sub> V <sub>1</sub> C		C V <sub>1</sub> V <sub>2</sub> C	
kues.te	“Borduna”	t̃ios	“Penetração”

### 3.4.2 Ditongos

No ditongo a vogal mais proeminente é a falada com maior intensidade, a V<sub>1</sub>. Assim sendo, ela é considerada a vogal hierarquizada. O ditongo pode ocorrer tanto em sílaba átona quanto em tônica. Não há na língua seqüência de vogais idênticas.

Tipos de ditongos:

ai	→	/pais/	“Chifre”
ae	→	/tsaenaʃ/	“Delirou”
ai	→	/mai/	“Roça”
au	→	/maud/	“Lagarta”
ii	→	/niif/	“Animal de caça”
ia	→	/dia/	“Sanguessuga”
io	→	/tios/	“Pomo-de-adão”
iu	→	/diun/	“Sujeira nas narinas”



ia	→	/piak/	“Sobrinho”
iu	→	/amiuka/	“Genro, primo”
oa	→	/moana/	“Tipo de lagarto”
oe	→	/toeʃ/	“Tipo de pássaro”
ou	→	/poukeʃ/	“Tipo de pássaro”

Spanghero (2000, p. 74-76) apresenta três hipóteses para a seqüência **uV**: a) uma labialização, seguindo a proposta de Troubetzkoy (1970); b) uma estrutura de base com duas vogais, em núcleos diferentes; c) duas vogais da seqüência como um ditongo. A autora conclui que “as duas últimas hipóteses poderiam ser verdadeiras, ou seja, poderíamos assumir tanto uma quanto a outra para o Matis. Sendo que a língua possui ditongos, e também consideramos palavras como *sia* ‘pimenta’ como um ditongo, e não como uma consoante palatalizada, *s<sup>h</sup>a*, achamos mais coerente optarmos pela terceira hipótese, na qual interpretamos estes tipos de seqüência como um ditongo, e não como uma consoante labializada.” Assim, para esta análise decidimos continuar com a análise da autora.

### 3.4.3 Co-ocorrência entre consoantes e vogais

a) No padrão VC as vogais /a/, /e/, /i/, /i/, /o/, /u/ ocorrem nas seguintes combinações:

Vogal **a** ocorre antecedendo d, k, n, s, ʃ

(29)

/akta/ “Beba!”, /andadawid/ “Vazio”, /askadaş/ ‘Engasgou!”, /aşta/ “Passe o veneno!”

Vogal **e** ocorre antecedendo **d**

(30)

/edta/ “Entre!”,

Vogal **i** ocorre antecedendo **k, n, s, ş**

(31)

/iksamadap/ “ruim”, /inpuş / “Tipo de peixe”, /iste/ “Máquina fotográfica”, /işbun/ “Palha”

Vogal **ı** ocorre antecedendo **k, n**

(32)

/ikşak/ “Lábios”, /inbi/ ‘1ª pessoa do singular absolutivo”,

Vogal **o** ocorre antecedendo **k, n**

(33)

/okta/ “Aspire!”, /onkete/ “Linguagem”,

Vogal **u** ocorre antecedendo **d, k, s, ş**

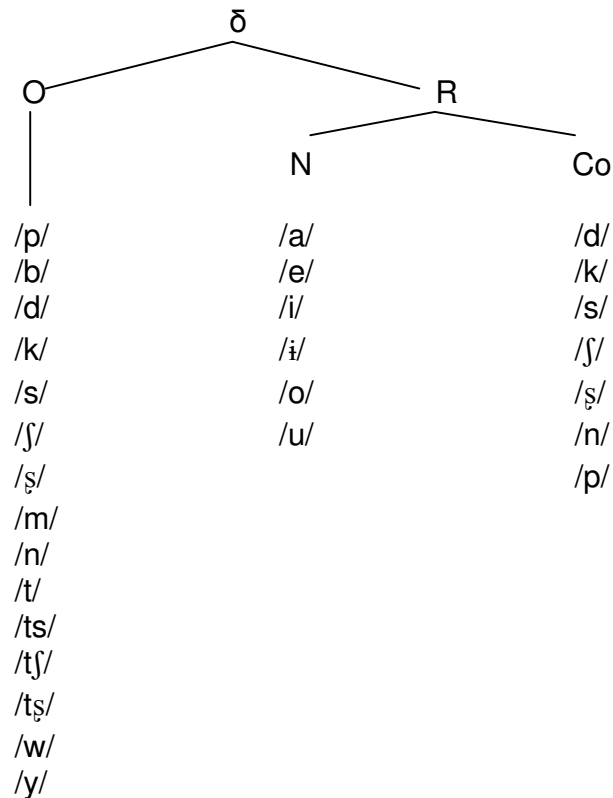
(34)

/udkakta/ “Toque a flauta!”, /ukta/ “Vomite!”, /usban/ “Tipo de vespa”, /uşto/ “Ontem”

As consoantes que ocupam o *Onset* da sílaba são as obstruintes e as nasais. As que ocupam a *Coda* da sílaba são apenas as obstruintes /t, k, s, ş/ e a

nasal /n/. O *Núcleo* silábico é ocupado pelas vogais abaixo representadas. Assim, temos a estrutura da sílaba na língua:

(35)



### 3.5 Acento

O acento tem sido considerado previsível em muitas línguas da família Pano. Em Matis, segundo Spanghero (2000, p.105), ocorre sempre na sílaba final. Verificamos em nossos dados que, além do acento final, também existe um alongamento da vogal ou da consoante que precede a sílaba acentuada, quando houver mais de três sílabas. Em Matis existem palavras com no máximo seis sílabas. Encontramos as seguintes ocorrências:

(36)

[a.'bu]	“Céu”
[a.'buk]	“Sobre”
[ta.'i]	“Pé”
[ba.'kui]	“Criança”
[ <sup>h</sup> da.bid:.'pa]	“2”
[da:.'da.mi:.'kaʃ]	“Arco-íris”
[ <sup>h</sup> da.no:.'koʃ.ka:.'kin]	“Ato de passar breu”
[ko:.'do.ko:.'ro.ke:'kid]	“Salamandra”
[ta:.'na.wa:.'re.men:.'pa]	“Complexo”

Diferentemente da proposta de Spanghero (2000), os acentos primários e secundários influenciam também na qualidade da vogal que os precede. Em estudos posteriores, pretendemos verificar tal ocorrência da qualidade da vogal por meio da análise acústica.

### 3.6 Processos morfofonológicos

Spanghero (2000) descreveu com propriedade alguns processos morfofonológicos da língua matis, como a lenição, que ocorre quando morfemas que iniciam [b] passam a [β] dependendo da fronteira morfológica: [-bonda] → [βbonda] (ver exemplo 37 (a)). Outro processo discutido pela autora foi o *tapping*, ou seja, mudança na duração da pronúncia que resulta em um *tepe*: quando uma

raiz terminada em [dʰ] se torna [r]<sup>27</sup>. Além desses processos, apresentaremos a assimilação da fricativa e a assimilação e dissimilação de [d].

(37)

- a) [pe] + [bonda] → [peβondaʃ] “Comeu há muito tempo”  
 b) [nun] + [bonda] → [nunbondaʃ] “Nadou faz tempo”  
 c) [abadʰ] + [bo] → [abadʰboʃ] “Correu”  
 d) [abad] + [aʃ] → [abaraʃ] “Correr (sufixado pelo marcador de *switch-reference*)”  
 e) [ta]+ [did] + [ad] + [ʃ] → [taɾɪraʃ] “Se cortou no pé”

Quando há duas fricativas juntas, uma na coda da raiz e outra no *onset* de um morfema, a fricativa em *onset* é assimilada pela consoante que está na raiz, como verificamos nas seqüências abaixo:

(38)

/s/ + /ʃ/ → /ss/

a) nes- + -ʃun → nessun → /nessun/  
 tomar banho -seq.A/S>A<sup>28</sup> “nadar”

b) kues- + -ʃun → kuessun → /kuessun/  
 bater- -seq.A/S>A “bater”

c) is- + -ʃo → isso → /isso/  
 ver- -A/S>O “ver”

/ʃ/ + /ʃ/ → /ʃʃ/

a) daʃeʃ- + -ʃun → daʃeʃʃun → /daʃeʃʃun/  
 passar um pelo outro -seq.A/S>A “Passar um pelo outro.”

<sup>27</sup> Spanghero (2000) considera que há um fonema /t/ em final de sílaba, porém, nós consideramos que foneticamente na fronteira da raiz, [tʰ] é um alofone de /d/, que ocorre somente diante de silêncio.

<sup>28</sup> Verificar a seção 11.1, p. 221.

A assimilação e dissimilação de /d/ dependem da fronteira da palavra, acarretando no desvozeamento da oclusiva /d/ para /t/. Semelhantemente às outras línguas da mesma família, encontramos as seguintes características: na junção de uma palavra com um sufixo, nas palavras terminadas por vogal, a oclusiva [d], que inicia o morfema a ser sufixado, passa a [r], já nas palavras terminadas em nasal [n], [d] mantém-se como [d]. Quando a palavra termina em /s/, /ʃ/, /ʒ/ e /k/, existe um processo de assimilação da voz: os sufixos iniciados em [d] desvozeam-se e passam a [t], mas não o contrário. A dissimilação ocorre quando a fronteira da palavra for [d], neste caso, [d] → [t].

(39)

- |   |   |
|---|---|
| <p>V + d → Vr</p> <p>a) [kapa] + [dapa] → [ka''para'pa]<br/>quati enfático</p>    | <p>n + d → nd</p> <p>b) [kamun] + [dapa] → [ka''munda'pa]<br/>onça enfático</p>                     |
| <p>s + d → st</p> <p>c) [tsawes] + [dapa] → [tsa''westa'pa]<br/>Tatu enfático</p> | <p>ʃ + d → ʃt</p> <p>d) [sapeʃ] + [dapa] → [ʃa''peʃta'pa]<br/>envira enfático</p>                   |
| <p>ʒ + d → ʒt</p> <p>e) [niʒ] + [dapa] → [''niʒta'pa]<br/>caça enfático</p>       | <p>k + d → kt</p> <p>f) [mi'duk] + [dapa] → [mi''dukta'pa]<br/>longe enfático</p> <p>d + d → dt</p> |
|   | <p>g) [wesnidʷ] + [dapa] → [wes''nidta'pa]<br/>mutum enfático</p>                                   |

## CAPÍTULO IV:

### Aspectos Morfológicos

#### 4.1 Introdução

A língua matis, da mesma forma que as outras línguas da família Pano, possui uma morfologia muito complexa. Outros lingüistas que estudam línguas da mesma família têm considerado estas línguas como aglutinantes, como o Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003, p. 79), ou como um tipo de língua intermediária entre polissintética e isolante, como ocorre com as demais línguas Pano. A língua matis, como a Matsés, pode ser considerada como intermediária entre polissintética, por causa das características de sua morfologia.

Em Matis, encontram-se dois tipos de morfemas, os simples e os complexos. Os primeiros seriam aqueles que denotam um único significado e o segundo tipo, aqueles que possuem mais que um significado, ou seja, morfemas *portmanteau*.

Os processos morfológicos que ocorrem na língua são prefixação, sufixação, clitização e reduplicação. Destes processos, os que menos ocorrem são o de prefixação, reduplicação e sufixação são processos comuns.

### 4.1.1 Afixação

A afixação em Matis é feita por prefixos e sufixos, bem como os processos de reduplicação e supleção.

Os prefixos {paş-} “ligeiramente” e 27 prefixos que indicam partes do corpo, que podem ocorrer com nomes, adjetivos e verbos. Cada prefixo é melhor exemplificado no capítulo 6 (§ 6.4.2, p. 98).

(40)

a) **an-**            tʃiʃ-            -te  
dentro - chupar-    -instr.nzr  
“cana-de-açúcar”

b) minbi    **paş-**            bed            -kin            bed-    -a            -k  
2sg.erg. ligeiramente- pegar-    -simult.A/S>A    pegar-    -pass.rec.    -decl.  
“Você pegou ligeiramente (Lit. Você pegou rápido pegou)”

c) **in-**            ku                            tsi-            -ku  
pênis-            pús                            vagina            -pús  
“Gonorréia de homem”            “Gonorréia de mulher”

d) tʃoʃe                            **bi-**            ʃin  
macaco prego    rosto-    laranja  
“O macaco prego tem rosto laranja.”

### 4.1.2 Sufixação

Os morfemas sufixais em Matis ocorrem em maior número nos verbos do que nos nomes e há um grupo restrito de morfemas sufixados aos adjetivos e aos advérbios (§ 7.1, p.151 e 8.1, p. 161). Nos nomes não há mais do que dois sufixos



simultaneamente, diferentemente do que ocorre com os verbos que recebem vários sufixos (cf. 41). Não foi encontrado mais que uma sufixação de cada vez nos adjetivos e advérbios. Por exemplo:

## (41) Nome

a) papi “rapaz” → papi **-bo** “os rapazes” → papi **-bo -n** “os rapazes”  
 rapaz -col. rapaz -col. -erg.

b) mai “roça” → mai **-n** “na roça”  
 roça -loc.

mai **-no -şun** “da roça”  
 roça -loc -inic.tr.

## (42) Verbo

a) pe- -a -ş → pe- -tan -a -ş →  
 comer- -pass.rec. -3.exp. comer- -desl.ir. -pass.rec. -3.exp.  
 “comeu” “ir para comer”

pe- -doko -tan -a -ş  
 comer- -pl. -desl. -pass.rec. -3.exp.  
 “mais de uma pessoa se desloca para comer”

## (43) Adjetivo

a) imu → imu **-dapa**  
 verde verde -enf.  
 “muito verde”

## (44) Advérbios

a) sedke- -şun  
 amanhã- -conc.A.  
 “Amanhã”

### 4.1.3 Flexão e derivação

As flexões são requeridas gramaticalmente em certos envoltórios sintáticos. Exemplo: marcação de tempo: *kuakek* “ouço” → *kuakbondak* “ouvi já faz um tempão”. Normalmente são produtivas, em comparação à derivação, por causa da sua obrigatoriedade. Semelhantemente à língua matsés, em Matis, a flexão é mais produtiva nos verbos. Nos nomes, a flexão é feita pela marcação de caso no nível da sentença; os adjetivos são flexionados por dois tipos de sufixos, {-pa} “tornar-se” {-dapa} “intensificador” e {-tsik} “restritivo/intensificador”; os advérbios são flexionados por sufixos que se relacionam com o tipo de transitividade verbal.

Por definição, “derivação” é um morfema não obrigatório que, quando ocorre, atua sobre três bases operacionais (Bybee, 1985, p.105): (i) sobre a mudança de categoria gramatical, como por exemplo, a nominalização. Em Matis há as seguintes construções: *josé kodoka-kid* nan-bonda-ş “O cozinheiro José morreu”, sendo *koroka-* o verbo para cozinhar e **-kid** um nominalizador agentivo; (ii) opera sobre a mudança de valência (transitividade) de uma raiz verbal. O sufixo **-ad** “reflexivador”, não só faz a reflexivização verbal, como também atua na mudança de valência: *tadidek* “corta o pé” (+transitivo), *did-ad-ek* “se corta o pé” (-transitivo); (iii) opera sobre a mudança de significado. A operação de mudança de significado ocorre dentro do discurso, como nos itens lexicais *did-* “cortar” e *paş-* “rápido”, formam *paşdid*. Significando literalmente “cortar rapidamente”.

## 4.2 Hipóteses de morfemas formados diacronicamente

### 4.2.1 Formativos

Fleck (2003a, p. 214) trata os morfemas formados historicamente como “formativos”, que seriam um tipo de sub-morfemas na língua matsés. Por exemplo, os morfemas incoativos -cuen e -ben, podem ser subdivididos da seguinte forma [-**(ku)**en] e [-**(b)**en], sendo que **cu** está relacionado a verbos intransitivos e **b** a verbos transitivos.

Em ambas as línguas, Matis e Matsés, ocorrem estes formativos. No entanto, faço uma segmentação diferente para a língua matis, diferenciando da análise apresentada por Fleck (2003a). Os morfemas -**bidan**/**bitsen** ocorrem com verbos transitivos significando “fazer X e continuar vindo” e -**kuidan**/**kuitsen** ocorrem com verbos intransitivos, significando “fazer X e continuar indo”. Observando a análise de Fleck para estes morfemas, verificamos que ele considerou os sons “**b**” e “**ku**” como marcadores que ocorrem dependendo da transitividade verbal na categoria sub-morfema. Pode-se considerar tal fato como uma possibilidade diacrônica também para a língua matis.

Da mesma forma que a língua matsés, o Matis também apresenta dois morfemas que ocorrem concordando com a transitividade verbal, significando “fazer X enquanto se está passando” (§ 6.4.9, p.117), que são {-bene} e {-kuene}, respectivamente, “concordância” com transitivo e “concordância” com intransitivo que também têm a ocorrência do “b” e do “k” iniciais. Não posso afirmar que esta seja a marca de concordância de transitividade para qualquer outro morfema de

“concordância”, pois, em outros casos, os morfemas serão outros, que não possuem esta mesma característica, da forma “b” “k/ku” inicial. Por exemplo, a concordância transitiva feita em alguns advérbios é {-ṣun}, {-kin}, {-ek} e {-aṣ}. O que posso observar é que, diacronicamente, estes sub-morfemas poderiam exercer alguma função ou significado mais específico na língua, além da ocorrência com verbos transitivos e intransitivos.

#### 4.3 Morfemas “*cranberry*”<sup>29</sup>

Os morfemas *cranberry* encontrados em Matis possuem uma ocorrência restrita na língua. Podemos encontrá-los em alguns itens, hoje, lexicalizados. Caracterizam-se por sua ocorrência em raízes que são recorrentes na língua, sendo possível verificar seu uso na estrutura lingüística, ou seja, raízes recorrentes na fala. Assim, em radicais do tipo *pekas*- “ter fome” e *uṣkas*-“ter sono”, com a subtração do morfema *-kas*, obtêm-se as raízes *pe-* e *uṣ-* que significam, respectivamente, “comer” e “dormir”. O morfema *-kas* não é produtivo na língua, estando sua ocorrência restrita a estas duas raízes. Porém, é possível

---

<sup>29</sup> Os morfemas 'cranberry' podem ser considerados um tipo de formativo, no entanto, são diferenciados primariamente por sua freqüência na língua; assim, sua significação dependerá de um conhecimento de pelo uma parte da palavra que atualmente está lexicalizada, ou seja, ao segmentar a palavra, uma parte é reconhecida. Tradicionalmente, morfemas “Cranberry” se caracterizam por não terem um significado claro. Assim, em *Cranberry*, *berry* é identificável, o que leva a interpretar a palavra *Cranberry* como um tipo de *berry*. Porém, *Cran-* carece de significado. Esse tipo de morfema é comum em muitas línguas do mundo. Esse tipo de morfemas são palavras complexas que se lexicalizaram e sobrevivem na língua, mesmo que um de seus constituintes já tenha sumido do léxico da língua. (Booij, 2005)

fazer a tentativa de resgatar o seu significado, como “sentir a necessidade de” (tratarei sobre este assunto especificamente na seção 6.8.2, p.145).

Este morfema pode ser encontrado também em outra língua da família Pano, o Shipibo-Konibo (SK), apresentado como marca de desiderativo. É possível que, no contato histórico entre os grupos, as formações *pekas-* “ter fome” e *ufkas-* “ter sono” tenham sido empréstimos. Por exemplo, o verbo *jema-* “ter sede” também ocorre em SK, como uma forma flexionada do verbo ‘beber’, sendo *je-* a raiz verbal e *-ma* o morfema de negação. Assim, tem-se em SK o significado “não bebi”. Em Matis a forma verbal para beber é *ak*. Portanto, a forma *jema-* pode ter sido um empréstimo pelo contato com outros grupos dessa família. Assim, os morfemas *cranberries* podem ser recuperados pela segmentação e comparação com outras línguas da família Pano.

#### 4.4 Lexicalização e neologismo

Em Matis, encontram-se vários itens que estão lexicalizados. A lexicalização ocorre com unidades que podem ser analisadas apenas comparativamente e sincronicamente. Alguns dos morfemas são produtivos na língua, outros podem ter sido historicamente produtivos e, em alguns casos, podem ter sido um simples empréstimo. O item lexical *tjidabo* “mulher” não pode ser segmentado sincronicamente como *tji -da -bo*, porém, os morfemas ainda são

produtivos na língua, como -da “enfático”, -bo “coletivizador” e tʃi- que pode estar relacionado com ‘algo feminino’<sup>30</sup>. Em outras línguas da mesma família, o termo para mulher é tʃirɔ (Dorigo, 1992; Fleck, 2003a), tʃirabo (Spanghero, 2005<sup>31</sup>), o que auxilia a hipótese de lexicalização do coletivizador {-bo} ao item lexical tʃida. O fato de haver na língua a palavra tʃia ainda em uso, colabora também para afirmar que o morfema {-da} tenha sido lexicalizado.

(45) Hipótese de mudança diacrônica

a) **tʃia**- “termo para menina pequena” > **tʃi-** + **-da** > **tʃida-** > **tʃida-bo** (coletivizador)  
> **tʃidabo** “mulher”

**tʃidabo** -bo “um grupo de mulheres”  
mulher -col.

b) **tʃia**- “termo para menina pequena” > **tʃia-** + **-npi** (morfema de diminutivo encontrado em línguas da família ) > queda da vogal *i* > **tʃa -npi** > **tʃanpi**

**tʃanpi -bo** “um grupo de meninas”  
menina -col.

As evidências de lexicalização são encontradas também na classe dos verbos. Por exemplo, o verbo **biama-** “esquecer’ foi originado, provavelmente, a

<sup>30</sup> **tʃibi** “irmã mais nova”, **tʃitʃi** “vovó”, **tʃ(i)anpi** “menina/moça/mulher”, **tʃia** “menininha, vocativo utilizado pelos parentes.” **natʃi** cunhada mais nova” e **tita** “mãe”. A hipótese é que tenha sido na língua um morfema que marcava +humano+feminino. Não posso afirmar que fosse um morfema de gênero, visto que só aparece em termos de parentesco e humano.

<sup>31</sup> Dados coletados com Mawi (falante Kulina, Pano) durante a realização do trabalho de campo em janeiro de 2003.

partir de **bi-** “trazer” + **-ama** “negação.passado”. O que nos leva a concluir que este item esteja lexicalizado são as diferenças gramaticais entre os verbos, expostas na tabela a seguir:

<b>biama-</b>	<b>bi-ama-</b>
Recebe a flexão de tempo diretamente no radical: <b>biama-bonda-k</b>	Não recebe a flexão de tempo diretamente no radical, necessita do auxiliar <b>ik-</b> : <b>bi-ama ik-bonda-k</b>
Ao se lexicalizar o verbo torna-se intransitivo (ver exemplo 46 (a)).	Verbo transitivo (ver exemplo 46 (b))

Tabela 05: Diferenças entre os verbos esquecer e não trazer.

(46)

S O V

- a) ibi      dui    -Ø      **biama-**    -bo      -k  
 1sg.abs    faca    -abs.    esquecer-    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Eu esqueci a faca.”

- A O V  
 b) inbi      şodko    -Ø      **bi-**      **-ama**      ik-    -bo      -k  
 1sg.erg.    machado    -abs.    trazer-    -neg.pass.    aux.-    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Eu não trouxe o machado.”

Alguns itens lexicalizados são formados por meio de compostos de dois itens lexicais, quer seja N Modificador (44 (a)), N Quantificador (44 (b)), N N (44 (c)). Neste último caso, é muito comum o nome modificador ser um verbo nominalizado (44(d)), como em português “guarda-roupa”. Em Matis, este tipo de formação é mais recorrente em nomes de animais:

(47)

- N            Adj  
 a) kamun    p̄id                    “Onça vermelha (Puma concolor)”  
    onça      vermelho

**Kamun p̄id**    -in    unkin -∅    ak-    -e    -k  
 onça    parda -erg.    caitetu -abs.    matar-    -n.pass.    -decl.

“A onça parda mata o caitetu.

- N            Quantificador  
 b) b̄idi            kimo            = **b̄idikimo**    “tipo de peixe”  
    tipo de peixe    muito

**b̄idikimo** -n    iwi potō            -∅    pe    -e    -k  
 piau    -erg.    tipo de semente -abs.    comer -n.pass.    -decl.

“O Piau come um tipo de semente.”

- N            N (verbo nominalizado)  
 c) t̄japa    t̄şaş    -kid            “Martim-pescador (fam. alcedinae)”  
    peixe    pegar    ag.nzr

**t̄japa t̄şaş -kid**    -in    t̄japa    -∅    bed    -e    -k  
 peixe    ppegar -ag.nzr    -erg.    peixe    -abs.    pegar    -n.pass.    -decl.

“O martim-pescador pega peixe (Lit. O pegador de peixe pega peixe)”

O neologismo e o empréstimo são comuns nas línguas. Com a língua matis não é diferente, afinal, a linguagem está sempre em expansão e mudança. Em consequência do contato com o não índio e com outros grupos indígenas é comum encontrar novas palavras e empréstimos na língua. Um exemplo é a palavra *wapa* “cachorro”, adotada pelos Matis da mesma forma que é utilizada pelo grupo Marubo. A explicação veio dos mais velhos, que disseram ter adquirido este termo a partir do contato com os Marubos. Nos primeiros contatos, ao entregarem um cachorro aos Matis, estes perguntavam o seu nome e os marubos diziam *wapa*, o nome adotado pelo povo.



Não há muitos neologismos, já as palavras onomatopaicas são comuns para nomes de animais. Se não ocorrer nenhum destes casos, eles simplesmente denominam aquilo que antes lhes era desconhecido da mesma forma como nós o fazemos: “televisão” é /te<sup>11</sup>reβi:sãwn/, “bola” /bo'rə/. As palavras novas onomatopaicas são, por exemplo, do tipo para “motor de poupa”: [bi<sup>11</sup>rinkin'kid].

É bastante comum encontrar palavras onomatopaicas em nomes de animais, como em [ko'kɛʃ] “tipo de sapo de árvore (Lat. *Osteocephalus*)”, nome que reproduz exatamente o coaxar de um sapo.

Como foi exposto anteriormente, um item lexical pode ser introduzido pelo empréstimo ou por uma criação onomatopaica, porém, existem aqueles que são formados a partir de um processo derivacional. Por exemplo:

(48)

a) mītis sik- -te → misikite “esmalte de unha da mão”  
unha pintar -instr.nzr

Tupa -n **mītis sikte** -Ø bed- -a -§  
Tupa -erg. esmalte -abs. comprar- -pass.rec. -3.exp.  
“Tupa comprou esmalte.”

b) şita tʃik- -kid → şita tʃikkid “dentista”  
dente tirar- -pc.nzr

renato -Ø inden **şita tʃikkid** -Ø ik- -bonda -§  
Renato -abs. antes dentista -abs. ser- -pass.dist. -3.exp.  
“O Renato era dentista.”

#### 4.5 Supleção

Nas línguas da família Pano existem casos de supleção tanto em verbos quanto nos pronomes. Em Matis, um caso de supleção é a marcação de primeira pessoa: a forma *ĩ* pode ocorrer tanto no ergativo *ĩnbi*, no absolutivo *ibi*, como na ocorrência com o comitativo *ibitan*. No entanto, nos pronomes possessivos, a primeira pessoa do singular é expressa por *nukun*, forma diferente de realização da primeira pessoa (tabela 06). Também são encontradas outras formas supletivas nos verbos “sentar”, “correr”, “jogar”, “deitar em rede” e outros.

	1 pessoa	2 pessoa
Ergativo	ĩnbi	minbi
Absolutivo	ibi	mibi
Genitivo	<b>nukun</b>	min

Tabela 06: comparação entre os pronomes de 1 e 2 pessoa e o caso de supleção da 1 pessoa.

(49)

a) ibi        **tsad-**        -e        -k  
 1sg.abs    sentar sg.-    - n.pass. -decl.

“Eu estou sentado”

a<sup>1</sup>) nuki    **bidike-**        -ek  
 1+2    sentar pl.- -n.pass.

“Nós estamos sentados.”

b) Rogeriu -Ø    **duke-**        -e        -k  
 Rogério -abs. deitar sg.- -n.pass. -decl.

“O Rogério está deitado (na rede).”

c) mikui atşuwış -Ø        di    -n        **třakad-**        -e        -k  
 2pl. todos -conc.intr. rede -loc.    deitar pl. (na rede)- -n.pass. -decl.

“Vocês estão deitados em redes.”

d) Maki -Ø epapa -Ø **abad-** -a -s  
 Maki -abs. sozinho -conc.intr. correr sg.- -pass.rec. -3.exp.

“O Maki correu.”

e) nuki **kudud-** -bo -k  
 1+2 correr pl.S- -pass.n.rec. -decl.

“Nós corremos (já faz alguns dias).”

f) inbi masi -Ø **seka-** -e -k  
 1sg.erg. areia -abs. jogar.pl.O. -n.pass. -decl.

“Eu jogo a areia.”

## **CAPÍTULO V:**

### **Nomes**

As palavras são divididas em classes ou categorias, conhecidas como partes-do-discurso. Schachter (1985, p. 05) afirma: “todas as línguas fazem distinção entre classes abertas e classes fechadas na parte-do-discurso”. As classes seriam categorias sintáticas, pois as mesmas só se definiriam a partir do comportamento morfossintático na língua (Givón, 1990, p.02). Para o presente trabalho, a análise seguirá os critérios propostos por Schachter (1985, p.05) e Givón (2001, p. 47), que dividem as classes de palavras em dois grupos, como dito acima: 1) classes abertas: Nomes (Capítulo V); verbos (Capítulo VI), adjetivos (Capítulo VII) e advérbios (Capítulo VIII); 2) classes fechadas: pronomes, posposições, auxiliares e partículas (Capítulo IX).

Segundo Givón (2001, p.49), há três critérios para identificar as classes de palavras:

- Morfológico: marcadores morfológicos gramaticais e derivacionais, afixados a uma determinada classe;
- Sintático: posição ocupada por uma determinada classe de palavra na sentença;
- Semântico: significados que uma determinada classe possui.

As classes abertas são constituídas de um número grande de raízes e possuem um processo morfológico produtivo, quer seja pela flexão ou pela derivação. Nestas classes há um constante crescimento dos seus itens lexicais em virtude dos empréstimos, lexicalização e onomatopéias, diferentemente das classes fechadas, as quais tendem a ser mais inflexíveis a um processo de acréscimo. As classes lexicais que mais sofrem mudanças ou que se ampliam são os nomes e verbos, já os adjetivos e advérbios possuem um número restrito de itens lexicais e raramente aumentam sua classe em novos itens, podendo ser categorizados como uma classe aberta não-prototípica.

Cada classe possui um conjunto de morfemas que se afixa a elas e que a determina, ou que são determinados por elas. Por exemplo, o morfema de tempo em Matis é um tipo que determina a classe dos verbos.

A seguir, discutirei as classes de palavras em Matis: nomes, verbos, adjetivos e advérbios.

## **5.1 Nomes**

A classe dos nomes pode ser identificada pela marcação morfológica e por sua posição dentro da estrutura sintática, ocorrendo como núcleo de sintagma nominal (SN) e em função sintática de argumentos do verbo, interno ou externo. O Nome em Matis pode ser modificado por elementos que ocorrem pospostos a ele, como numerais e quantificadores (§ 9.2, p. 193), ou pelos pronomes possessivos que ocorrem antepostos a ele (§ 9.1.2, p.183).

### 5.1.1 Caracterização semântica dos nomes

Os nomes tendem a ter um valor de referência que é codificado pelo léxico. Uma hierarquia geral proposta por Givón (1984, p. 56) é a seguinte:

Entidade>Temporal>Concreto>Animado>Humano

De acordo com Givón, “entidade” se relaciona à sentença; “temporal” à existência no tempo; “concreto” à existência no tempo e lugar; “animado” acrescentam-se todas as características acima mais o traço ‘organismo vivo’, e “humano” todas as características já mencionadas mais o traço ‘ser humano’. Assim, na língua matis podemos encontrar os seguintes itens para representar essa hierarquia:

“Entidade”, que diz respeito às coisas abstratas:

(50)

- a) *ʃo* “Espírito ou energia que o pajé adquire”
- b) *tsusin* “Espírito ou alma”

Nome “Temporal”, normalmente referido a algo semi-abstrato. Em português, por exemplo, refere-se à “julho”, “segunda-feira”, “dia”. Exemplos em Matis :

(51)

- a) *nitĩ* “Hoje”

<i>nitĩn</i>	<i>bina</i>	-Ø	<i>tʃo-</i>	-a	-ʃ
hoje	Bina	-abs.	vir-	-n.pass.	-3 exp.

“Hoje, o Binan chegou.” ”

b) *badi miduk* “no tempo de verão (tempo de mais sol que chuva)”

Perg.: *minbi min tʃanpi badi miduk bede- -bonda -ʃ*  
 2sg.erg. poss. menina verão em nascer- -pass.dis. -3.exp.

“Você teve nenê no tempo de verão?”

Resp.: *ai badi miduk nukun tʃanpi bede- -bonda -k*  
 sim verão em 1sg.poss. menina nascer- -pass.dis. -decl.

“Sim, minha filha nasceu no verão.”

c) *we miduk* “no tempo da chuva (Regionalismo: inverno, época de chuva)”

*we miduk inbi nukun ʃubu ʃe- -e -k*  
 inverno em 1sg.erg. 1sg.poss. casa fazer- -n.pass. -decl.

“Eu vou fazer minha casa no inverno.”

Nomes “concretos” podem ser divididos em inanimados e animados. Para os inanimados temos *ʃubu* “casa”, *iwi* “árvore”, *nunte* “canoa”. Os animados podem ser divididos em humanos, como *dadawakid* “professor”, *ʃita tʃiʃkid* “dentista”, *tʃutʃu* “irmã mais velha”, *mama* “papai” e não-humanos, como *inawad* “capivara”, *tʃapa* “peixe”, *atsaban* “garça”.

Um marcador morfossintático que colabora para determinarmos o que é 'humano' e 'não-humano' é a sufixação do coletivizador **-bo**, pois ele só ocorre com itens humanos. Nos nomes não-humanos e inanimados não podem ocorrer sufixados pelo morfema {-bo}, o que temos quando necessário indicar que a quantidade é grande o uso do quantitativo *dadempa*, que também pode preceder nomes humanos.

(52)

a) *papi -bo -n tʃawa -∅ tonka- -a -ʃ*  
 homem -col. -erg. correr atrás- -abs. matar c/ espingarda- -pass.rec. -3.exp.

“Os homens correram atrás da queixada e (os homens) a mataram.”

b) buntak -bo Tabatinga -n abi Ø  
 jovens -col. Tabatinga -loc. part.afirm. exist.n.pass.

“Tem jovens em Tabatinga.”

c) wapa dadenpa Tabatinga -n abi Ø  
 cachorro intens.qtd. Tabatinga -loc. part.afirm. exist.n.pass.

“Tem muito cachorro em Tabatinga.”

### 5.1.2 Morfologia nominal

As marcas morfossintáticas que ocorrem junto aos nomes são: a marcação de caso ergativo, instrumental, locativo, possessivo, coletivizador, enfático e prefixos de parte-do-corpo. No nível sintático, o nome ocorre na função de argumento dos verbos.

#### 5.1.2.1 O Nome e a marcação de caso

A marcação de caso ergativo ocorre quando o Nome aparece como núcleo do sintagma nominal, com a função de agente numa construção sintática com verbos que exigem mais de um argumento. O ergativo possui dois alomorfes: **{-n}** ocorre quando o nome termina em vogal e **{-in}** quando termina em consoante.

Em Matis, a acentuação e o número de sílabas não interferem na escolha da marca ergativa, diferenciando-se de algumas outras línguas da família Pano, mas assemelha-se à língua matsés.

Sendo a marcação de caso ergativo um clítico, podemos encontrá-lo no final do sintagma nominal (cf. 53 )



## (53) Alomorfe {-in}

- a) Matsés **-in** kamun -∅ pe- -emen  
 Matis -erg. onça -abs. comer- -neg.n.pass.

“Os Matis não comem onça.”

- b) awad<sup>32</sup> **-in** Tumi -∅ nidika- -bo -ş  
 anta -erg. Tumi -abs. correr atrás de- -pass.n.rec. -3.exp.

“A anta correu atrás do Tumi.”

## (54) Alomorfe {-n}

- a) maria **-n** wişpo -∅ ne- -e -k  
 Maria -erg. osso -abs. jogar- -n.pass. -decl.

“A Maria joga o osso (fora).”

- b) papi -bo **-n** tşawa -∅ tonka- -e -k  
 rapaz -col. -erg. queixada -abs. matar c/ arma- -n.pass. -decl.

“Os rapazes atiram nas queixadas.”

- c) [bina -n papi ]**-n** pão dadenpa -∅ pe- -bonda -ş  
 [Bina -poss. filho ]-erg. pão intens.qtd. -abs. comer- -pass.dist. -3 exp.

“[Há muito tempo] o filho do Bina comia muito pão.”

### 5.1.2.2 Funções de instrumento, locativo e possessivo do morfema {-in} (alomorfe{-n})

Utiliza-se também como critério morfológico para definir a classe de nomes a ocorrência do morfema {-in} e seu alomorfe {-n} na função de instrumento,

---

<sup>32</sup> Verificar a seção 3.2.3, p.35

como os morfemas de locativo **{-n}**, **{-no}** e **{-mi}**, respectivamente, “perto” e “longe” e o morfema **{-n}** com seu alomorfe **{-in}** na função possessiva.

- **Instrumento**

O morfema **{-in}** e seu respectivo alomorfe **{-n}** quando sufixados ao nome indicam uma função instrumental, dentro de um sintagma nominal. Por exemplo:

(55)

a) Tumi -n Bina -n tonkate -n pusin -∅  
Tumi -erg. Bina -poss. espingarda -instr. preguiça -abs.

tonka- -a -ş  
matar c/arma- -pass.rec. -3.exp.

“O Tumi matou a preguiça com a espingarda do Bina.”

b) inbi Gabrieu -∅ pidte -n sike- -e -k  
1sgerg. Gabriel -abs. urucum -instr. pintar- -n.pass. -decl.

“Eu pintei o Gabriel com urucum.”

c) ibi Belem -no sedke -aş aviãon -in kuan- -e -k  
1sg.abs Belém -loc. amanhã -conc.S. avião -instr. ir- -n.pass. -decl.

“Eu vou para Belém de avião.”

- **Locativo**

Em se tratando do locativo, os morfemas **{-no}** “locativo direcional específico”, **{-n}** “locativo temporal” e **{-mi}** “locativo direcional não específico”, co-

ocorrem com os morfemas {-wiş} e {-şun}<sup>33</sup>. Estes últimos se relacionam à transitividade verbal. O morfema **{-no}**, quando sufixado aos nomes, marca o locativo direcional e significa “em direção a”.

(56)

a) sedke -aş<sup>34</sup> ibi SP -no kuan- -e -k  
 amanhã -conc.S. 1sg.abs. São Paulo -loc. viajar- -n.pass. -decl.

“Amanhã, eu vou viajar para São Paulo.”

b) unkin -∅ kini -n ed- -aş kud- -e -k  
 porco -abs. buraco -loc. entrar- -seq.A/S>S. temer- -n.pass. -decl.

“O porco entra no buraco e fica com medo.”

O morfema **{-n}** é um locativo que faz referência ao espaço, isto é, indica em que lugar ocorre o evento.

(57)

a) Tupa -n nukun şubu -n -şun kodoka- -wan -a -ş  
 Tupa -erg. 1sg.poss. casa -loc. -inic.tr. cozinhar- -desl.vir. -pass.rec. -3.exp.

“A Tupa veio cozinhar na minha casa e voltou.”

b) Tumi -n mai -n -şun min  
 Tumi -poss. roça -loc -inic.tr. 2sg. poss.

bakui bed- -a -ş  
 criança pegar- -pass.rec. -3.exp.

“Teu filho nasceu na roça do Tumi. (Lit. [Você] pegou na roça do Tumi o teu filho.)”

<sup>33</sup> Quanto aos morfemas {-şun} e {-wiş}, farei uma breve explanação na seção 10.1.2 p.214. É preciso uma análise mais detalhada destes morfemas, pois quero verificar a sua ocorrência numa situação de discurso.

<sup>34</sup> O morfema {-aş}, quando afixado ao item lexical **sedke-** (§ 7.3, p. 153).

- c) akid        di        -n        ibi        uş-        -e        -k  
 3sg.dem. rede -loc. 1sg.abs. dormir- -n.pass. -decl.  
 “Eu durmo nessa rede.”

O morfema {-mi} é um locativo que indica direção não-específica.

(58)

- a) maşo        -mi        pakid-        -a        -ş  
 cabeça        -dir.n.espec. cair do alto -pass.rec. -3 exp.  
 “Ele caiu de cabeça.”

- b) tsitsu        -mi        “Caiu de nádegas”  
 nádegas -dir.n.espec.

- **Possessiva:**

As línguas utilizam-se de estratégias para relacionar dois ou mais nomes. Segundo Seiler (1983, p. 04), esta relação ocorre entre o possuidor e o possuído, sendo que o POSSUIDOR pode ser [+animado, +humano, +EGO], enquanto que o POSSUÍDO seria [+animado ou -animado]. Ainda, segundo o autor, existe o domínio da semântica e da sintaxe. No domínio da semântica, a *possessão* pode ser definida como bio-cultural, ou seja, a relação que há entre o humano e aquilo que culturalmente é atribuído como algo inerente a ele, como por exemplo, partes do corpo, produtos culturais e intelectuais.

As línguas podem estabelecer diferenças entre posse alienável e inalienável. Em Matis não se estabelece a distinção formal e semântica entre estes dois tipos de posse. A relação de posse se dá por justaposição entre possuidor e possuído. Esta relação é entre dois nomes ou entre um nome e um

pronome, sendo que os morfemas que indicam posse, dentro da relação de justaposição, são **{-n}** e seu alomorfe **{-in}**. Exemplos:

(59)

a) inbi      awad    **-in**    tai    -∅    is-    -a      -k  
 1sg.erg.    anta    -poss.    pé    -abs. ver-    -pass.rec.    -decl.  
 “Eu vi a pegada da anta.”

b) madiwin    **-in**    maço  
 Mariwin    -poss.    máscara  
 “Máscara do Mariwin.”

c) Bina    **-n**      moto    -∅    podkimid-    -bo      -§  
 Bina    -poss    motor    -abs.    quebrar-    -pass.n.rec.    -3.exp.  
 “O motor do Bina quebrou.”

#### 5.1.2.4 Coletivizador

Quase todos nomes são ambíguos em relação à número. Opcionalmente pode-se utilizar a marca de coletivo em alguns nomes para desambigüzar (cf. 60 (a) e (b)). Dessa forma, o coletivizador **{-bo}** é outro morfema que participa da morfologia nominal e que auxilia no reconhecimento de uma classe de nome. Ele abrange somente itens lexicais com traço semântico [+humano]. Para os itens com traços semânticos [não-humano] ou [não-animado] pode vir seguido do quantificador *dadenpa* “intensificador de quantidade”. **{-bo}** não ocorre com os pronomes, seu uso é restrito somente a nomes humanos, com exceção do item para designar “cachorro”. Para um grupo de falantes não se pode sufixá-lo, mas, para outro grupo relativamente grande, é possível a sufixação.

(60)

- a) tʃanpi -n atsa -∅ pe- -e -k  
 Mulher -erg. mandioca -abs. comer- -n.pass. -3.inf.  
 “A mulher come mandioca **e/ou** As mulheres comem mandioca.”
- b) tʃanpi **-bo** -n atsa -∅ pe- -e -k  
 Mulher -col -erg. mandioca -abs. comer- -n.pass. -3.inf.  
 “As mulheres comem mandioca.”

(61) {-bo}

- a) mis -ted -ta papi **-bo** -∅ muşawa- -e -k  
 Qu- -tantos quantos -conc.n.pass. . rapaz -col. -abs. tatuar- -n.pass. -  
 decl.  
 “Quantos rapazes vão ser tatuados?”

- b) tʃidabo **-bo** -n madiwin -∅ da -wi -şo is- -emen  
 Mulher -col. -erg. madiwin -abs. corpo -passar -O>A/S ver- -neg.n.pass.  
 “As mulheres não podem ver o mariwin passando cinza no corpo.”

O uso de **dadenpa** ocorre sempre posposto ao nome que está sendo quantificado. É comum o seu uso com não-humanos, mas pode também ocorrer com os itens lexicais humanos.

(62)

- a) Tupa -n [piskaden **dadenpa**] -∅ mene- -a -ş  
 Tupa -erg. colar intens.qtd. -abs vender- -pass.rec. -3.exp.  
 “Tupa vendeu muitos colares.”
- b) [tʃima **dadenpa**] -n tʃitşo -∅ tʃe -a -ş  
 macaco prego intens.qtd. -erg. fruta -abs. comer -pass.rec. -3.exp.  
 “Muitos macacos pregos comem um tipo de fruta.”

c) unkin    **dadenpa**    -∅    inbi    is-    -bo    -k  
           caitetu    intens.qtd.    -abs.    1erg.sg.    ver-    -pass.n.rec.    -decl.  
           “Eu vi muitos caitetus.”

#### 5.1.2.4.1 {-adbo} “coletivizador para termos de parentesco”

O coletivizador {-adbo} ocorre somente com termos de parentescos do tipo tia, tio, irmão mais velho, irmão mais novo. Em Matsés ocorre um processo semelhante. Segundo Fleck (2003a, p. 275), “*The suffix -ado is used, to my knowledge, only with kinship terms to designate a category that includes the whole extended category. So, for example, while -bo might refer to just a subset of a kinship category, -ado specifies that all the members are being included, sometimes even including members in other similar categories.*” À semelhança do Matsés o Matis coletiviza os parentescos, ou seja, todos que estão dentro da mesma categoria, por exemplo, **Kaniwa** “primo cruzado menor do homem, ou seja, filho da irmã ou prima paralela do pai, ou filho do irmão, ou primo paralelo da mãe; cunhado menor do homem, isto é, irmão ou primo paralelo da esposa, ou esposo da irmã ou prima paralela; tio avô menor do homem, isto é, irmão ou primo paralelo da avó paterno. Em todos sentidos, o ego é maior que o parente.

(63)

- a) tita “mãe e/ou tia por parte de pai e mãe” → tita -adbo “tias ou minhas outras mães”  
 b) tʃibi “irmã mais nova e/ou primas” → tʃibi -adbo “irmãs e/ou primas mais novas”  
 c) maʃku “irmão mais novo” > maʃku -adbo “irmãos mais novos”  
 d) kaniwa “prima/cunhada” > kaniwa -adbo “cunhados, primos”

### 5.1.2.5 Morfema enfático {-dapa}

O morfema {-dapa}<sup>35</sup> desempenha o papel de enfático, do tipo contraste e referência (“mesmo”). Pragmaticamente funciona como focalizador.

No exemplo 64, o marcador de ênfase tem a função de contraste:

(64)

a) Gabrieu -n pão **-dapa** pe- -e -k  
 Gabriel -erg. pão -enf. comer- -n.pass. -decl.

“O Gabriel come pão (e não outra coisa).”<sup>36</sup>

b) kodubo **-dapa** kuan- -a -k  
 Korubo -enf. rastro- -pass.rec. -3.decl.infer.

“Um korubo mesmo passou (sei porque vi seu rastro).”

Nos exemplos 68 (a) e (b), o marcador {-dapa} tem função de ênfase, mas não de contraste, como visto anteriormente.

(65)

a) pontador **-tapa** podkimid- -a -§  
 apontador -enf. estragar- -pass.rec. - 3.exp.

“O apontador mesmo que estragou.”

b) Vitória -n **-dapa** arroz -Ø kodoka- p- -e -k  
 Vitória -erg. -enf. arroz -abs. cozinhar- cop-. -n.pass. -decl.

“É a Vitória mesmo que está cozinhando arroz.”

<sup>35</sup> Esse morfema se realiza foneticamente como [-dapa] ~ [-rapa] ~ [-tapa]. Seguindo a fonologia proposta por Spanghero (2000), estarei representando somente a forma fonológica /dapa/. As ocorrências seguem o seguinte condicionamento fonológico:

[rapa] → / V\_\_ ; [dapa] → / n\_\_ ; [tapa] → / d, s, ʃ, ʒ, k \_\_

<sup>36</sup> Não há, aqui, um caso de restrição, no sentido de “só” ou “somente”. Para isso a língua utiliza a marcação do morfema -wid (§ 6.7.5, p. 137). Exemplo:

ĩnbi pawn-wid peak

eu pão -restr. comi

“Eu comi só pão (não havia outra coisa para se comer)”



### 5.1.2.6 Prefixos partes do corpo

Encontramos 27 prefixos partes do corpo na língua matis, com uma maior produtividade nos verbos do que com os adjetivos e nomes. No caso dos nomes, é bem mais restrita a ocorrência destes prefixos. Em alguns casos é possível encontrar nomes com partes do corpo já lexicalizados. A formação do itens lexicais *inku* “gonorréia masculina” e *tsiku* “gonorréia feminina”, demonstra que apesar de não haver uma prefixação produtiva com os nomes, o processo é utilizado quando necessário. O termo *inku*, utilizado para “gonorréia”, foi formado a partir da prefixação *in-* que é redução de *ina*<sup>37</sup> “pênis/rabo” ao item *ku* “pús”. As ocorrências mais comuns desses prefixos são em nomes que designam a flora: *iwi takini* “cavidade no tronco da árvore, próximo ao chão” :

(66)

a) *iwi*            *ta-* *kini*  
     árvore        pé- buraco

b) *kuişakkete* > ***kui-***        *şakete*  
     barba            queixo    pêlo

## 5.2 Nomes compostos

Em Matis, a composição forma-se por duas raízes nominais, localizando-se a cabeça à esquerda da construção. Os itens lexicais *nunte* ‘canoa’ e *podo* ‘braço’ ocorrem em sentenças do tipo *nukun nunte bida* ‘minha canoa é boa’ e *nukun*

---

<sup>37</sup> O prefixo utilizado para se referir a pênis não é a redução de *şui*, mas de *ina* “calda”.

podó tʃimoe ‘meu braço está doendo’. No entanto, na junção destes dois itens lexicais, surge um novo significado que o caracteriza semanticamente como um composto. As construções N+N e N+Adj sempre resultarão numa forma nominal:

N	+	N	=	N
nunte canoa		podó braço		“remo”
tonkate espingarda		iʃi semente		“cartucho”
takpan chão de madeira		ʃubu casa		“palafita”
nawan não-índio		atsa macaxeira		“mandioca (não comestível)”

Tabela 07: Compostos N N

N	+	Adj.	=	N
kamun onça		pid vermelha		“onça vermelha”
ʃubu casa		ami grande		“maloca”

Tabela 08: Compostos N Modificador

(67)

a) tʃidabo pad -kid “jovem na idade de menstruar.”  
mulher ser igual -pac.nzr

b) tsadi tʃamo- -kid “pipoca”  
milho assar- -pac.nzr

**tsadi tʃamo -akid** -in ibi mi- tʃaman -a -k  
pipoca -pac.nzr. -instr 1sg.abs. mão- queimar -pass.rec. -1/2:decl.  
“A pipoca me queimou.”

c) nawa tʃui- -kid “libélula”  
não-índio contar- -nzr

### 5.3 Diferenças entre o uso masculino e feminino

A diferença entre os gêneros feminino e masculino, para os nomes [+humano], é feita através dos nomes **awin** e **bini**, que significam, respectivamente, “esposa” e “esposo”, mas quando associados a um nome com traços [-humano, +animado], passam a significar fêmea e macho. Para a referência a “filhote”, utiliza-se o item lexical **bakui**, que significa “pequeno ou nenê”. Necessita-se diferenciar o gênero em **nomes** com traço [+ animado] somente para os itens que designam bebês, filho e filha (cf 68). Para os outros casos, há um item lexical para representar cada ser humano: velho e velha, homem e mulher, rapaz e moça.

(68) Nomes com traços [+humano, +animado]

- |                      |                |
|----------------------|----------------|
| a) nukun <b>awin</b> | “minha esposa” |
| b) min <b>bini</b>   | “teu esposo”   |
| c) nukun papi        | “meu filho”    |
| d) nukun tʃanpi      | “minha filha”  |
| e) tʃanpi bakui      | “nenê menina”  |
| f) papi bakui        | “nenê menino”  |

(69) Nomes com traços [-humano, +animado]

- |                       |                 |
|-----------------------|-----------------|
| a) unkin <b>bini</b>  | “porco macho”   |
| b) unkin <b>awin</b>  | “porco fêmea”   |
| d) unkin <b>bakui</b> | “porco filhote” |

a)	nini “sobrinha”		awin bakuɪ “sobrinho”
b)	tʃaia “sogra”		kuku “sogro”
c)	tʃutʃu “irmã mais velha”	x	butʃi “irmão mais velho”
d)	tʃibi “irmã mais nova”	x	maʃku “irmão mais novo”
e)	ʃanu “cunhada mais velha”	x	dawis “cunhado mais velho”

Tabela 09: Nomes de parentescos

#### 5.4 Nomes de pessoas, lugares e nomes étnicos

Os nomes podem ser divididos em nomes de coisas, pessoas, lugares e nomes étnicos. Os nomes das pessoas são sempre aqueles que pertenceram ao avô ou avó, tio ou tia, mais um qualificador. Por exemplo: **bina ʃunu** “Bina o alto”, **ibandapa** “É o Iba”.

Os Matis não nomeiam muitos rios. Os nomes de localizações geográficas mais conhecidos pelo grupo são:

(70)

- a) tʃunaya                      “Rio Aurélio”
- b) bamawak                    “Rio Quari”
- c) biu tʃoak                    “Rio Branco”
- d) piʃo kodowak              “Rio Ituí”
- d) tʃod nowa ~ nukun ʃubu      “nome da terra Matis”

#### 5.5 Critério sintático

O Nome, enquanto classe de palavras, pode ser afetado por um conjunto de morfemas flexionais e derivacionais que são específicos a essa classe, além

disso, pode ocorrer na sintaxe em posição argumental do verbo, em função de A/S em sintagmas nominais (SN), ou em função de O como argumento interno do verbo. Ocorre, ainda, nos SNs como núcleo de construção possessiva e nas construções atributivas como objeto de posposição.

### 5.5.1.1 Os Nomes no sintagma nominal

Nomes que ocupam a posição de núcleo de um sintagma nominal podem ser modificados por um adjetivo, um numeral ou um quantificador. Em qualquer um desses casos, o nome ocupará a cabeça à esquerda quando modificado por um adjetivo, nos demais casos ocorrem tanto à direita quanto à esquerda.

(71)

a) Gabrieu -n    **waka itis**    -tap -∅    ak-    -esma  
 Gabriel -erg.    água quente -enf. -abs.    beber-    -nZR.neg

“O Gabriel não bebe água quente.”

b) **puikun -in dabidpa**    -ʃun    pisi    -∅    tʃe-    -a    -ʃ  
 urubu -erg.    2    -conc.tr.    podre -abs.    engolir- -pass.rec. -3.exp.

“Dois urubus estavam comendo (coisa) podre.”

c) inden piwɪn    -in    Tupa    -∅  
 antes morcego -erg.    Tupa -abs.

pe-    -bonda    -ʃ    **imi    dadenpa**    -∅  
 morder- -pass.dist. -3.exp.    sangue    muito    -abs.

“Faz um tempo que morcego mordeu a Tupa, (e tinha) muito sangue.”

### 5.5.1.2 Nome modificado por *epapa*

O nome pode também ser modificado por *epapa* “só, sozinho, 1”. Neste caso, em uma sentença em que *epapa* designar “só”, teremos uma frase

proposicional e não há marca de ergatividade no nome, somente a marca {-ṣun}<sup>38</sup> “concordância com argumento A” (ver exemplo 72 (a) e (b)). Nos casos em que designa “somente, sozinho”, o nome recebe a marca ergativa {-in ~-n} e **epapa** é sufixado por {-ṣun} (ver (c) e (d)), como ocorre com qualquer modificador numeral (ver 10.1.2, p. 209). Neste caso, é possível também falar utilizando-se o pronome reflexivizado *abentsik*.

(72)

[[N epapa]-ṣun]SP

a) [**buntak -bo epapa**] -ṣun bola -Ø seka- -e -k  
 jovem -col. só -conc.A. bola -abs. jogar<sup>39</sup> -n.pass. -decl.

“Só os jovens jogam bola.”

b) [**Matis epapa**] -ṣun dadawamekid tʃod- -ta ka- -e -k  
 Matis só -conc.A. professor vir- -imp.afirm. dizer- -n.pass -decl.

“Só os Matis convidarão professor.”

c) binin -in [**abi epapa**] -ṣun bola -Ø seka -e -k  
 Binin -erg. 3sg.abs.rep. só -erg. bola -abs. jogar -n.pass. -decl.

“O Binin, somente ele joga bola.”

[N -n] [epapa -ṣun]

d) **iba -n epapa -ṣun** pe -ṣo nuki is- -e Ø  
 iba -erg. sozinho -erg. comer -O>S/A 1+2 ver- -n.pass. interr.

“Nós vemos o Iba comer sozinho?”

<sup>38</sup> Esse morfema está passando por um processo de reanálise, para verificarmos se está funcionando como marca de caso ergativo.

<sup>39</sup> seka- significa jogar para acertar em algo.

- e) **rogeru -n epapa -şun** nami -Ø pe- -a -ş  
 Rogério -erg. sozinho -erg. carne -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.  
 “O Rogério comeu carne sozinho.”

- f) **rogeru -n abi -en -tsik -şun** nami -Ø pe- -a -ş  
 Rogério -erg. 3sg. -enf. -restr. -erg. carne -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.  
 “O Rogério comeu carne sozinho.”

### 5.5.1.3 Morfema {wid} “exclusivo”

O morfema **wid** ocorre no sintagma nominal com a função de 'exclusivo'. Pode ser sufixado por {-şun}, se o verbo for transitivo ou se estiver em posição de instrumento. Ocorre sem marcação morfológica quando o verbo for intransitivo.

(73)

- a) ni -şun papi -bo -n **wid** -şun dadawa- -e -k  
 aqui -inic.tr. homem -col. -erg. excl. -erg. escrever- -n.pass. -decl.  
 escola witsi -şun tʃanpi -bo -n **wid** -şun dadawa- -e -k  
 escola outra -conc.tr. menina -col. -erg. excl. -erg. escrever- -n.pass. -decl.  
 “Aqui (nessa escola) só estudam homens, (naquela) outra escola só estudam mulheres.”
- b) [papibo -Ø **wid** -Ø]<sub>SN</sub> kuan- -a -ş  
 rapazes -abs. excl.. -abs. ir- -pass.rec. -3.exp.  
 “Só os homens viajaram.”

- c) nibi papi -bo -n tawa -n se- -e -k  
 hoje rapaz -col. -erg. flecha -instr. matam c/ flecha -n.pass. -decl.  
 tʃitʃin papi -bo -n **tonkate wid** -şun tonka -e -k  
 depois rapaz -col. -erg. espingarda só -instr.tr. matar c/arma -n.pass. -decl.  
 “Hoje os rapazes caçam com flecha, futuramente caçarão só com espingarda.”

## 5.6 A Nominalização

A língua matis tem como nominalizadores os morfemas **{-kid}**, **{-akid}**, **{-bokid}**, **{-bondakid}**, **{-anpikid}**, **{-esma}** e **{-te}**, diferentemente da língua matsés que, apesar de apresentar morfemas de nominalização semelhantes aos do Matis, apresenta também o morfema **{-tequid}**, que funciona como “instrumento específico”. Da mesma forma que em Matsés, os morfemas nominalizadores em Matis possuem funções de agente, paciente, objeto e instrumento.

### 5.6.1 Nominalizador **{-kid}**

Os nomes formados a partir do morfema **{-kid}** podem ser semanticamente caracterizados como “ator” ou “agente”. Comrie & Thompson (1985, p.348) referem-se a este processo como “nominalização agentiva”, na qual os verbos nominalizados por este morfema tornam-se nomes atributivos, do tipo “cozinheiro, nadador, atirador, matador”. Assim sendo, quando estão em posição atributiva, como em “Antônio enfermeiro”, eles estarão na função predicativa “ser algo”. No exemplo 74 (a), o verbo nominalizado se encontra em posição de argumento de verbo intransitivo, isto é, está em função de **S**. Já em 74 (b), o verbo nominalizado se encontra em função de **A**, em argumento de verbos transitivos e em 74 (c) e (d) está em função atributiva. Em qualquer uma dessas situações, o que colabora para a afirmação que esse morfema é um nominalizador é o fato do verbo nominalizado passar a receber a mesma morfologia nominal e a fazer parte da mesma função dentro da sintaxe, aquela que determina a classe de Nome.



(74)

S				V		
a) tʃikef-	<b>-kid</b>	-bo	-Ø	kapu-	-e	-emen
ter.preguiça	-ag.nzr	-col.	-abs.	caçar-	-n.pass.	-neg.n.pass.

“Os peguichosos não vão caçar.”

b) kodoka-	<b>-kid</b>	-in	awad	-Ø	kodoka-	-e	-k
cozinhar-	-ag.nzr	-erg.	anta	-abs.	cozinhar-	-n.pass.	-decl.

“O cozinheiro cozinha a carne de anta.”

c) café	tsinid-	<b>-kid</b>	an-	toka-	-ta
café	sobrar-	-ag.nzr	dentro-	jogar-	-imp.afirm.

“Jogue o resto de café!”

d) inden	ibi	[ʃita	tʃik-	<b>-kid</b>	] ik-	-bonda	-k
antes	1sg.abs.	[dente	tirar-	-ag.nzr]	aux.-	-pass.dist.	-1/2:decl.

“Antes eu era dentista.” ( lit.: “Antes eu era tirador de dente.”)

### 5.6.2 Nominalizador {-akid}, {-bondakid} e {-anpikid}

A nominalização feita pelos morfemas **{-akid}** “nominalizador de passado recente paciente”, **{-bokid}** “nominalizador de passado não recente paciente”, **{-bondakid}** “nominalizador de passado distante paciente” e **{-anpikid}** “nominalizador de passado remoto paciente” forma nomes que participam como objeto, diferenciando-se somente na referência temporal. Podem, ainda, nominalizar sentenças, formando as relativas (§ 12.3.2, p. 275).

(75)

a) sinkuin	tʃamo-	<b>-akid</b>		-in	ibi
banana	assar-	-nzr.pass.rec.pac.	-erg.		1sg.abs

mi-	tʃaman-	-bo		-ʃ
mão-	queimar-	-pass.n.rec.		-3.exp.

“A banana, aquela que é assada, me queimou na mão.”

- b) gabrieu -n dadawa **-akid** tanawa- -e -k  
 Gabriel -erg. escrever - n.zr.pass.rec.pac. saber- -n.pass. -decl.
- bişkatsik dadawa- -ek inbi tudemen dadawa- -e -k  
 vagaroso escrever- -n.pass. 1sg.erg. rápido escrever- -n.pass. -decl.
- “O Gabriel sabe escrever, mas ele escreve devagar e eu escrevo rápido.”

- c) dunu -n pe- **-bondakid** ibi ne- -e -k  
 cobra -erg. morder- - n.zr.pass.dist.pac. 1sg.abs. ser- -n.pass. -decl.
- “Eu tenho uma velha mordida de cobra. (Lit. ‘Eu sou alguém que foi mordido por uma cobra há muito tempo.)”

- d) i -n tik- **-anpikid** ibi ne- -e -k  
 arraia -erg. ferrar- - n.zr.pass.rem.pac. 1sg.abs. ter- -n.pass. -decl.
- “Eu tenho uma velha ferroadada de arraia. (Lit. Eu sou alguém que tem uma cicatriz muito velha feita por uma ferroadada de arraia.)”

### 5.6.3 {-esma} nominalizador negativo

Em Matis há, ainda, um nominalizador negativo para S ou A. Uma forma livre de tradução seria “nunca” e “raramente”. Para notarmos que este é realmente um nominalizador negativo, podemos observar os exemplos 76 (a) e (b): em (a) há a forma afirmativa e em (b) a forma negativa, sendo a única diferença entre os dois exemplos a presença de -akid e de -esma.

(76) Forma afirmativa

- a) jose kodoka- **-akid** ik- -bonda -k  
 José cozinhar - n.zr.pac. aux.- -pass.n.rec. -decl.
- “José era cozinheiro. (Lit. José era aquele que cozinha).”

Forma negativa
----------------

- b) jose kodoka- **-esma** ik- -bonda -k  
 José cozinhar- -nZR.neg. aux.- -pass.n.rec. -decl.

“José nunca foi cozinheiro. (Lit. José foi aquele que não cozinha)”

- c) Paulo -n nawa witsi -Ø tonka- **-esma**  
 Paulo -erg. não-índio outro -abs matar c/ arma- -nunca

“Paulo nunca matou um não-índio. (Lit. Paulo é aquele que não mata não-índio)”

- d) rogeru -Ø uş- **-esma**  
 Rogério -abs. dormir- -nunca

“O Rogério nem sempre dorme. (Lit. Rogério é aquele que não dorme.)”

Com os verbos onke- “falar”, kuak-“ouvir”, is- “ver” a sufixação de {-esma} tem um sentido ambíguo, isto é, dependendo do contexto, pode significar, respectivamente “mudo”, “surdo”, “cego”.

(77)

- a) tʃanpi -Ø onke- **-esma**  
 menina -abs. falar- -nunca

“A menina nunca fala. (Lit. A menina é aquela que não fala, ou fala pouco)”

a<sup>1</sup>) tʃanpi **onkesma** “A menina é muda”

- b) dadasibo -Ø kuak- **-esma**  
 velho -abs. ouvir- -nunca

“O velho nunca ouve. (Lit. O velho é aquele que não ouve, ou ouve pouco)”

b<sup>1</sup>) dadasibo **kuakesma** “O velho é surdo.”

### 5.6.4 Nominalizador {-te} e {-tekid}

O nominalizador **{-te}**, quando sufixado ao verbo, forma um nome significando “aquilo que é usado para”, denominado 'nominalizador de instrumento'. Dos sufixos nominalizadores, este é o mais produtivo por estar sempre formando novos itens lexicais, como vários instrumentos inseridos na cultura: *nunte* “canoa”, *anundante* “anzol”, *tonkate* “espingarda”, *datonkete* “camisa”.

(78)

a) inbi           Gabrieu -Ø       tʃe-       **-te**       ak-       -me -e       -k  
 1sg.erg.   Gabriel -abs   engolir- -nZR.O   beber- -caus. -n.pass. -decl.  
 “Eu fazendo o Gabriel beber o remédio.”

b) Antonio -n   tonka-               **-te**       iʃi       ibi  
 Antônio -erg. matar c/ arma- -instr.nZR.   semente 1sg.abs.  
  
 bed       -ʃun   -bo               -ʃ  
 comprar -benef. -pass.n.rec.   -3.exp.  
 “Antônio comprou cartucho (semente de espingarda) para mim”

c) nukun       an-   ud-   -an-       **-te**       iksamadap  
 1p.poss.   boca- fisgar- -antipass.   -instr.nZR.   ruim  
 “Meu anzol não presta.”

- **{-tekid}**

O morfema **{-tekid}**, semelhantemente ao **{-te}**, também é um nominalizador de instrumento, mas a diferença semântica que há entre eles é com respeito à especificidade. O morfema {-te} indica um instrumento que realiza uma função instrumental, por exemplo, “canoa” e “vassoura”: nun- “nadar” > nunte “canoa”, beska- “limpar varrendo” > beskate “vassoura”; enquanto que {-tekid}

indica uma ação intrumental, como em: nes- “tomar banho” > neste > “algo utilizado para tomar banho” > nestekid > “algo utilizado para banhar com função de remédio”.

(79)

a) mibi            nes                    **-tekid**  
 2sg.abs.    tomar banho    - nzs.esp.instr.  
 “Aquele com que você toma banho [para curar].”

b) ibi            dadawa-            **-tekid**  
 1sg.abs.    escrever-            - nzs.esp.instr.  
 “Aquele com que eu escrevo.”

c) beskate                                    beskate**kid**  
 vassoura em geral                    vassoura esp.

d) kueste                                    kueste**kid**  
 pau utilizado para bater            pau utilizado para bater em algo específico,  
 como o utilizado no ritual do madiwin.

## CAPÍTULO VI:

### Verbos

Os verbos são raízes que prototipicamente expressam ações e eventos (por exemplo, *ik-* “auxiliar”, não designa evento, nem ação). Distinguem-se das outras classes por causa das suas propriedades morfossintáticas. À diferença do nome, adjetivo e advérbio, o verbo em Matis possui um extenso número de marcadores morfossintáticos, como por exemplo, os morfemas de negação sufixados nos verbos são determinados pelo tempo. Existem dois morfemas que expressam a negação sentencial, um para ações do passado e outro para ações de não-passado. Assim, a classe verbal é determinada pela presença de diferentes marcas gramaticais, dentre elas, encontram-se codificações do tipo recíproco (p.ex., “um no outro”), reflexivo (p.ex., “nela mesma, em mim mesmo”), antipassivo (operação de mudança de valência, como nas passivas, na qual o argumento O é omitido e o A ocorre como caso absolutivo, isto é, sem a marcação ergativa *-n*) e causativo (p.ex., fazer-fazer “João fez o menino comer.”). No que se refere ao aspecto, há o tipo *habitual* (p.ex., “Ela lava roupa todos os dias ou sempre”), *repetição* (p.ex., “A Vitória vai cozinhar novamente.”) e *iminentivo*. Traduzi este último aspecto por “quase”, ou seja, ação a ser realizada, intencionalmente ou não, que não foi concluída: “O menino quase quebrou o braço” ou “Ele quase bateu na mulher”).

As raízes verbais são monossilábicas (*ak-* “beber”), dissilábica (*tonka-* “matar com arma de fogo”) e algumas trissilábicas (*kodoka-* “cozinhar”). Existem também os verbos supletivos como *tsad* “sentar singular” e *bidike-* “sentar plural”. Os verbos de movimento podem se reduplicar para indicar pluralidade ou intensificação, outros recebem um morfema de plural {-toko}. Com relação à sua transitividade, são inerentemente intransitivos e transitivos, sendo que a mudança de valência ocorre com a afixação.

Sintaticamente, os itens considerados como verbos operam como núcleo do predicado. Assim, existem verbos intransitivos e transitivos. O sistema de concordância verbal exige uma concordância transitiva ou intransitiva com os dois advérbios de tempo, *ujto-* e *sedke-* (§ 7.3, p.153).

Em consequência da grande variedade de ocorrências e da mobilidade dos morfemas, ainda não foi possível determinar a sua ordem na raiz verbal. Abaixo apresentamos uma tabela com os morfemas que ocorrem afixados a raiz verbal.

## VERBO

DERIVAÇÃO					FLEXÃO				
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
an-	-wa	-tan	-toko ~ -doko	-mane	-e	-nu	-kid	-kid	-k
paş-	-wid	-wan	-bede	-nu	-a		-akid	- şun	-ş
Prefixos partes do corpo	-tşakan	-bitsenek	-kuede	-tid	-bo	-ta	- bondakid	-aş	-Ø
	-tsen	- kuitsenek	-pa ~- pe		-bonda	-enda	-anpikid	-kin	- tabin
	-kid	-bidanek			-nida ~ -nda	- emen	-esma	-ek	-ta
	-şun	-kuidanek			-anpi	-ama	-te	-ak	
	-kuan	-bene			-nda	-da	-tekid	- nun	
	-an	-kene			-tene	-mida		- nuş	
	-ad				-tenenda			-nu	
	-nane				- tenebonda			-bo	
	-me				-teneanpi			-en	
	-an							-an	

Tabela 10: Morfemas verbais

(1) Prefixos

(2) Aspecto, benefactivo, malefactivo e reflexivo, recíproco, causativo, antipassivo.

(3) Direcionais

(4) Plural e comentário

(5) Recíproco, desiderativo e inceptivo

(6) Tempo, aspecto temporais

(7) Modo

(8) Nominalizadores

(9) Morfemas de referência alternada

(10) Declarativo, morfema zero de interrogativo e morfema de concordância com a terceira pessoa experiencial.



## 6.1 Verbos intransitivos e transitivos

A transitividade verbal chama a atenção em Matis, semelhantemente como ocorre com as outras línguas da família Pano. Valenzuela (2003) faz um ensaio sobre a transitividade na língua Shipibo-konibo, Fleck (2003a) chama a atenção sobre esta questão na língua matsés. Em Matis, a subclassificação dos verbos também tem sua atenção voltada à transitividade. O jogo morfossintático é relacionado, em muitos casos, com a transitividade verbal. Por exemplo, os morfemas direcionais que ocorrem com os locativos se relacionarão ou concordarão com o tipo de verbo, se é transitivo ou não; caso seja um verbo transitivo, o morfema {-ṣun} virá sufixado ao locativo e, se o verbo for intransitivo, virá sufixado o morfema {-wĩṣ} (§ 9.3.1.1, p. 199). A mesma forma ocorre com alguns advérbios, numerais e com sufixações verbais direcionais.

Os verbos intransitivos e transitivos estão subdivididos: intransitivos (simples), que pedem somente um argumento absoluto, e intransitivos duplos absolutivos, que ocorrem com poucas raízes verbais, como *tʃo* “ter”, *ke-* “querer” e *biama* “esquecer”. Os transitivos subdividem-se em transitivos de dois argumentos (A e O) e os bitransitivos de três argumentos (A,O e O).

### 6.1.1 Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos em Matis são aqueles que pedem um argumento externo: sujeito (S). Dentro do padrão ergativo/absolutivo, esse argumento é

marcado pelo absolutivo -Ø, como podemos ver em 81. Dessa forma, teremos a seguinte construção: N-Ø V

(80) Alguns verbos intransitivos

**uş-** “dormir”

**abad-** “correr”

**iktişun-** “espirrar”

**ankad-** “abrir a boca ou bocejar”

(81)

	O		S		V		
a)	Gilma	-bid	-Ø	mibi	<b>kuan-</b>	-e	-k
	Gilmar	-com.	-abs.	2sg.abs	ir-	-n.pass.	-decl.

“Você viaja com o Gilmar.”

	S		V		
b)	kuenad	-Ø	<b>kuen-</b>	-e	-k
	Arara	-abs	passar-	-n.pass.	-decl.

“A arara está voando. (Lit. A arara passa.)”

	S		Loc		V			
c)	şapu	-Ø	akid	di	-n	<b>uş-</b>	-e	-k
	şapu	-abs.	3sg.dem.	rede	-loc.	dormir-	-n.pass.	-decl.

“şapu durme nessa rede.”

Nos exemplos 82 (a) e (b) notamos que há verbos como ke- “querer” e biama “esquecer” que os argumetos são duplos absolutivos.

(82)

	S		O		V		
a)	ibi		tjidabo	-Ø	<b>ke-</b>	-e	-k
	1sg.abs.		mulher	-abs.	querer-	-n.pass.	-decl.

“Eu quero mulher.”

S	O	V
e) ibi	dui -Ø	<b>biama-</b> -a -k
1sg.abs.	faca -abs	esquecer- -pass.rec. -1/2:decl.
“Eu esqueci a faca.”		

### 6.1.2 Verbos Transitivos

Os verbos transitivos possuem dois argumentos. Segundo Givón (1984, p. 96), são estes argumentos que caracterizam a transitividade. Como a língua matis é ergativo-absolutiva, o sujeito do verbo transitivo é representado como A, sendo este marcado pelo caso ergativo {-n ~-in}, enquanto que o objeto representado por O é marcado pelo absoluto Ø.

Alguns verbos transitivos típicos na língua matis são: **tonka-** “matar c/ arma de fogo”, **tik-** “matar c/ zarabatana”, **se-** “matar com flecha”, **kues-** “matar c/ borduna”, **ak-** “matar genérico”, **pe-** “comer coisas mastigáveis”, **tje-** “comer coisas não mastigáveis”, **ak-** “beber”, **bed-** “pegar”, **uk-** “vomitar”<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> Os verbos que são inerentemente transitivos, como **uk-** “vomitar” e **namak-** “sonhar”, não necessitam que o objeto fique explícito, mas mesmo assim afetam o argumento A, pois o mesmo precisa ser marcado pelo caso ergativo.

Binin -in (Ø) uk- -a -ş  
 Binin -erg. (Obj.) vomitar- -pass.rec. -3.exp.  
 “O Binin vomitou.”

Binin -in atsa -Ø uk- -a -ş  
 Binin -erg. mandioca -abs. vomitar- -pass.rec. -3.exp.  
 “O Binin vomitou mandioca.”

Para verificarmos a transitividade deste verbo, procuramos saber qual dos morfemas direcionais seria sufixado a ele: {-bidtsen} “ir.parar.continuar indo.tr.” ou {-kuitsen} “ir.parar.continuar indo.intr.”, pois o que determina sua ocorrência é a transitividade verbal. No caso do verbo **uk-** “vomitar”, pudemos constatar que ele recebe {-bidtsen}, que só se sufixa a raízes transitivas.

(83)

	O		A		V			
a)	unkin	-∅	kamun	-in	<b>ak-</b>	-a		-ş
	porco	-abs.	onça	-erg.	matar-	-pass.rec.		-3.exp.

“A onça matou o porco.”

b)	minbi		mama	-∅	<b>namaka-</b>	-a		
	2sg.erg.		pai	-abs.	sonhar-	-pass.rec.		

“Você sonhou com teu pai?”

## 6.2 Verbos Bitransitivos

Os verbos bitransitivos são aqueles que possuem um A e dois O, por exemplo, **mene-** “dar”. Pode-se acrescentar a alguns verbos transitivos o morfema {-şun} “benefactivo” o que aumentará sua valência de 2 para 2+1, ou seja, bitransitivo (cf. 84 (a)). Não há uma ordem rígida, mas em nossos dados a ordem preferencial do falante (cf. 84 (b)) tem sido: A O (beneficiário) O (objeto) V.

(84)

	A		O		O		V		
a)	lba	-n	inawad	-∅	datonkete	-∅	<b>mene-</b>	-a	-ş
	lba	-erg.	inawad	-abs.	camisa	-abs.	dar-	-pass.rec.	-3.exp.

“ O lba comprou a camisa para inawad.”

	A		O		O		V		
c)	Binin	-in	datonkete	-∅	mitso	-∅	<b>bed-</b>	<b>-şun</b>	-bo
	1sg.erg.	-erg.	camisa	-abs.	2pl.dat.	-abs.	dar-	-benef.	-pass.n.rec.

“Eu peguei as camisas para vocês.”

### 6.3 Verbo copular

Em Matis, algumas raízes funcionam como copular ou como “verbos genéricos”. Em predicados nominais, encontram-se *abi* “partícula de afirmação” e *bama* “partícula de negação”. *ik-* “cópula” só ocorre em predicacões que estejam no passado (§ 9.4.1, p. 205).

#### •*ik-* “cópula”

O verbo *ik-* não ocorre em orações possessivas no tempo não-passado (ver 85 (a)). No entanto, quando houver um acontecimento no passado, as marcas de tempo serão expressas por meio do verbo copular (cf. 85 (b)).

(85)

a) *nibi* Rogeru -∅ datonkete pid -tap -∅ *abi* ∅  
 hoje Rogério -abs. camisa vermelha -enf. -abs. part.afirm. exist.n.pass.

“Hoje, o Rogério tem uma camisa vermelha.”

b) *inden* Dani -∅ maşakete pid- -tap  
 antes Dani -abs. cabelo vermelho -enf.

*ik-* -bo -ş *nibi* wisu  
 cop- -pass.n.rec. -3.exp. hoje preto

“Antes a Dani tinha cabelo vermelho, hoje é preto.”

O *ik-* ocorre com verbos que estão sufixados pelo morfema de negação {-*ama*} (§ 6.8.3, p.148). Assim, para que ocorra a marca temporal ou aspectual é necessário o uso do auxiliar *ik-*.

(86)

a) Gabrieu -n t̥sats̥sa -Ø pe- -ama  
 Gabriel -erg. buriti -abs. comer- -neg.pass.

“O Gabriel não comeu buriti. (evento que ocorreu no mesmo dia)”

b) u̥sto- -kin Gabrieu -n pe- -ama **ik-** -bo -̣  
 ontem- -conc.A. Gabriel -erg. comer- -neg.pass. aux.- -pass.n.rec. -3

“Ontem, o Gabriel não comeu.”

c) mispa -tsi min mama **ik-** -tenebonda -̣  
 Como- -conc.pass. 2p.sg.poss. pai ser.- -pass.rem.hab. -3.exp.

“Como era teu pai?”

## 6.4 Características morfossintáticas dos verbos em Matis

Há dois tipos de prefixos que ocorrem nos verbos: (1) {pạs-} morfema que indica que a ação foi realizada rapidamente e (2) morfemas referentes a parte do corpo.

### 6.4.1 {pạs-}

A função do prefixo {pạs-} ainda não está clara. Há duas hipóteses: (i) quando adicionado a uma raiz verbal, indica que a ação ocorrida foi feita brevemente, ligeiramente ou rapidamente, como ocorre na língua matsés. No entanto, nesta língua, segundo Fleck (2003a, p. 345), “pash- ‘desintensificador’ modifica o significado verbal para ‘incompletely’ ‘halfway’ or ‘lightly’”. Semanticamente {pạs-} exerce o mesmo papel, com a diferença que o verbo se duplica (ver exemplo 87 (a) e (b)). Assim, o verbo prefixado parece exercer uma

função adverbial. (ii) a prefixação é formada pela ocorrência de uma subordinada, como: subordinada (paş-Verbo(i)-SR) > matriz (Verbo(i)).

Hipótese (i)

(87)

a) ibi            **paş-**    ed-    -ek                    ed-    -a            -k  
 1 sg.abs.    rápido-    entrar-    -conc.intr.    entrar-    -pass.rec.    -decl.

“Eu entrei ligeiramente (Lit. eu não me demorei para entrar).”

b) nawa            **paş-**    nun-    -ek                    nun-    -bo            -ş  
 não-índio    rápido-    nadar-    -conc.intr.    nadar-    -pass.n.rec.    -3.exp.

“O não-índio nadou rapidamente.”

Hipótese (ii)

a) [ibi        [ (Ø)            **paş-**    ed-    -ek ]<sub>sub.</sub>            ed-    -a            -k]<sub>matriz</sub>  
 1 sg.abs.    (1 sg.abs.)    rápido-    entrar-    -simult.A/S>S    entrar-    -pass.rec.    -decl.

“Eu entrei, entrei rápido.”

#### 6.4.2 Morfemas partes do corpo

A prefixação de morfemas de partes do corpo é comum nas línguas da família Pano. Valenzuela (2003), Fleck (2003a, no prego) e Cândido (2004) discutem este tipo de ocorrência. Em Shipibo-Konibo, Matsés<sup>41</sup> e Matis, estes morfemas podem ocorrer com verbos, nomes e adjetivos. Já em Shanenawa, segundo Cândido (2004), só ocorrem sufixados à raízes verbais.

Os morfemas que se referem a partes do corpo podem ser tratados de uma forma direta ou metafórica. A questão que se coloca é se podem ou não ser um

tipo de incorporação. Com respeito a isso, Fleck (2003a, no preloa), afirma que estes morfemas nas línguas Pano historicamente podem ter sido um tipo de incorporação, mas, sincronicamente, se comportam como prefixos.

A incorporação nominal é um processo produtivo nas línguas e não fica restrito a um grupo limitado de morfemas, como ocorre na língua matis e nas outras línguas da mesma família.

Em Matis há 27<sup>42</sup> prefixos que se relacionam de alguma forma com as partes do corpo. Esses morfemas que ocorrem afixados a uma base verbal poderiam ser inicialmente tratados como processos de incorporação nominal (Mithun,1984). Contudo, Fleck (no preloa) mostra convincentemente que em Matsés não há incorporação. Esse mesmo ponto de vista pode ser aplicado à análise dos dados em Matis, pois essa língua comporta-se de forma muito similar ao Matsés. Nesse sentido, os morfemas de partes do corpo que ocorrem nos verbos parecem ser melhor interpretados, pelo menos sincronicamente, como prefixos. Estes morfemas, quando prefixados a um verbo, além de indicar a que parte do corpo se referem, também funcionam como locativos. É possível confirmar isso, quando em uma construção sintática o morfema locativo **{-n}** fica restrito à ocorrência de uma prefixação verbal (ver exemplo 88 (a) e (b)). Muitos destes morfemas de partes do corpo possuem um significado mais amplo, como

---

<sup>41</sup> O único morfema que há em Matsés e não encontramos em Matis é o *kuis-* “Parte superior da perna.”

<sup>42</sup> Existe a possibilidade de existir mais um prefixo que se somará a estes 27, seria o *mik-* que, até o momento, sua ocorrência está restrita ao verbo *ama-* “amassar”, quando empregado no sentido de bater, por exemplo: *mik-ama-boş* “Ele bateu”.



{**an-**} que além de indicar 'língua', também refere-se ao 'interior' , 'dentro de', e {**ka-**}, que indica 'costas', e o 'lado de fora da casa', ou 'a parte superior da casa comunitária'. Como esses, vários morfemas abrangem um campo semântico mais amplo .

	Prefixo	Nome em Matis	Significado
1)	an-	ana	língua, parte interna “boca”.
2)	bi-	bidu, bitante,	olhos, testa,
3)	di-	dişan	nariz
4)	da-	dada	corpo
5)	dan-	danbudu, dantakua	joelho, parte de trás do joelho
6)	in-	ina	calda, pênis (şui)
7)	ik-	ikşak	lábios
8)	ka-	kaşuku	costas
9)	kui-	kuitonko	queixo
10)	mi-	mikin, mişidek	mão, ante-braço
11)	ma-	maşo	cabeça
12)	mik-	mikin kaşuku	costelas
13)	nak-	naktşuku	parte acima das nádegas
14)	ni-	inî	“líquido amniótico,”
15)	nik-	niktşun	umbigo
16)	pa-	papuşan	orelhas
17)	pi-	pişuku, pişiska, pişodo	ombro, parte de cima do braço
18)	pan-	panţijş, panpun, pantikkin	costeleta, veia da testa, têmpora
19)	po-	puku	estomago
20)	şa-	şabed	virilha
21)	şi-	şita	dente
22)	şik-	şiktodo	peitoral
23)	ta-	taî	pé
24)	tak-	takua	fígado / barriga
25)	ti-	titun, teos	pescoço, pomo de adão
26)	tan-	tanpeş	bochecha
27)	tsi-/ tşî-	tsitsu, kui / tşişuku	útero e vagina / nádegas
28)	wi-	wipuku, wipuku kuşku, wispo	canela, barriga da perna

Tabela 12: Prefixos partes do corpo.

(88)

- a) Rogeru -n papi nunte **an-** tsadun -a -§  
 Rogério -erg. menino canoa dentro- colocar sentado- -pass.rec. -3.exp.

“O Rogério colocou o menino sentado na canoa.”

- b) Rogeru -n papi nunte **-n** tsadun -a -§  
 Rogério -erg. menino canoa -loc. colocar sentado- -pass.rec. -3.exp.

“O Rogério colocou o menino sentado na canoa.”

Em uma construção sintática, quando o verbo é prefixado por um destes morfemas, o objeto não é apagado, sendo apenas o morfema que indica a que parte do corpo está se referindo.

(89)

- a) **titun** “pescoço”

niktjun -in nukun papi -Ø  
 cordão umbilical -instr. 1sg.poss. filho -abs.

**ti-** tane- -ad -bonda -§  
 pescoço enrolar -refl. -pass.dist. -3

“Meu filho ficou enrolado com o cordão umbilical **no pescoço.**”

- b) **tai** “pé”

ibi vidru **-n ta-** did- -a -k  
 1sg.abs. vidro **-instr.** pé- cortar- -pass.rec. -decl.

“Cortei-me no pé com vidro. (Lit. O vidro cortou (no) pé.)”

- c) **maço** “Cabeça”

iwi -n pakid -kin **ma-** ted- -a -§  
 pau -instr. cair -simult.A/S>A cabeça cortar- -pass.rec. -3.exp.

“O pau caiu e me cortou na cabeça.”

- d) Kodubo -n iwi -n ibi **ma-** kues- -bonda -k  
 Korubo -erg. pau -instr. 1sg.abs. cabeça- bater- -pass.dist. -decl.

“O korubo me bateu na cabeça com um pau.”

Os prefixos que indicam partes-do-corpo podem também ter um sentido metafórico, como dito acima, como em *kaşuku* → *ka-nid-* “na parte de trás” ou *bımanan* “testa” → *bi-duk*<sup>43</sup> “na frente”.

(90)

a) *kaşuku* “costas”

Rogeru	-Ø	şubu	-n	ka-	nid-	-e	-k
Rogério	-abs.	casa	-loc.	costa-	estar.em.pé-	-n.pass.	-decl.

O Rogério está em pé fora da casa.”

b) *bımadin* “face”

min	carru	-Ø	bi-	duk-	-e	-k
2p.poss.	carro	-abs.	face-	estar de quatro-	-n.pass.	-decl.

“O teu carro está na tua frente.”

No caso do morfema **{an-}** possui a função de indicar que a ação verbal ocorre no interior de algo. Este prefixo indica parte do corpo **{an-}**, ou seja, *ana* “língua/cavidade bucal”. Decidimos destacá-lo dentre os prefixos partes do corpo por ter seu uso mais abrangente e recorrente dentre os outros prefixos. “dentro de, interno a, no interior de, entre outros”.

(91)

a) inbi	mare	şita	-n	tidinte	<b>an-</b>	tjife	-e	-k
1sg.erg.	cutia	dente	-instr.	zarabatana	interno-	cavar	-n.pass.	-decl.

“Eu cavo a zarabatana com dente de cutia.”

---

<sup>43</sup> Existem duas formas para designar ‘estar em pé’: *nid-* e *duk-*. A diferença semântica entre eles é que o primeiro é utilizado para bípedes e o segundo para quadrúpedes. Quando algum elemento novo for inserido na cultura, os falantes irão classificar o novo item lexical dentro da sua estrutura lingüística. Assim, ‘cadeira’, ‘carro’ e qualquer outro item lexical que faça referência a um elemento que possua “quatro pernas” é classificado como quadrúpede.

- b) ibi            nunte            **an-**            tsad-            -a            -k  
 1sg.abs.    canoa            interno-    sentar-    -pass.rec.    -decl.  
 “Eu sentei dentro da canoa.”

#### 6.4.3 Morfemas de marcação benefactivo {-sun} e malefactivo {-kuan}

Os morfemas {-sun} e {-kuan} ocorrem nos verbos indicando ações benefactivas e malefactivas, respectivamente. O primeiro é utilizado quando a ação traz algum tipo de benefício ao paciente; se a ação ocorrida ou que vier a ocorrer causar algum prejuízo, é sufixado o morfema {-kuan}.

(92) {-sun} “benefactivo”

- a) Rogeru -n    dadawa -te            ibi            bed            **-sun**    -bo            -ş  
 Rogério -erg.    escrever -instr.nzr    1sg.abs.    comprar -benef.    -pass.n.rec.    -3.exp.  
 “O Rogério comprou caderno para mim.”

- b) inbi            mibi            kodoka-            **-sun**    -nu  
 1sg.erg.    2sg.abs.    cozinhar-    -benef.    -des.  
 “Eu (quero) cozinhar para você.”

- c) sedke-            -sun            inbi            Antonio -abs.    dadawate -Ø  
 amanhã- -conc.A.    1sg.erg.    Antônio -abs.    caderno -abs.  
  
 bed -            **-sun**            -e            -k  
 comprar-    -benef.    -n.pass.    -decl.  
 “Amanhã eu vou comprar um caderno para o Antônio.”

(93) {-kuan} “malefactivo”

- a) kamun    -in            Binî    -Ø            awad -Ø            ak-            **-kuan**    -a            -ş  
 onça            -erg.    Binî    -abs.    anta    -abs.    matar-    -malef.    -pas.rec.    -3.exp.  
 “A onça matou a anta do Bina ( a anta que ele ia pegar).”

b) nawa -n Rogeru -Ø computador -Ø  
 não-índio -erg. Rogério -abs. computador -abs.

onpo- **-kuan** -a -ş  
 roubar- - malef. -pass.rec. -3.exp.

“O branco roubou o computador do Rogério (computador que ia trabalhar).”

c) mena -n Rogeru -Ø pete -Ø pe- **-kuan** -a -ş  
 Mena -erg. Rogério -abs. comida -abs. comer- -malef. -pass.rec. -3.exp.

“O Mena comeu a comida do Rogério (comida que ia comer).”

#### 6.4.4 {-pa } “comentário”

O sufixo {-pa} (e seu alomorfe -p) “comentário” é bastante complexo semântica e sintaticamente. Seu significado é muito sutil. Só foi possível chegar a uma conclusão, depois de encontrar o mesmo tipo de morfema na língua matses, descrita por Kneeland (1996).

Comparando as duas línguas, pude confirmar que realmente se trata do mesmo morfema. Segundo Kneeland (1996, p. 132) “El sufijo -pa en el verbo señala que el narrador está añadiendo um comentario extra acerca de lo que está diciendo. Pode enfatizar la veracidad de lo que dice.” Ainda, segundo Kneeland (1996), o uso de {pa} na sentença em matsés pode indicar uma 'implicação', um 'sarcasmo', uma 'atitude', uma 'opinião', uma 'reação emocional', entre outros. Em nossos dados para a língua matis, ainda não foi possível identificar quais significados esse morfema abrange, porém, verificamos que o seu uso implica em uma maior atenção ao que se está sendo enunciado, como é demonstrado nos exemplos abaixo:

(94)

a) kamun -Ø dakud -an -p -e -k  
 onça -abs. ter.medo -antipass. -coment. -n.pass. -decl.  
 “A onça dá medo (comentário)”

b) bi- is- -an -p -e Ø mikui  
 face- ver- -antipass. -coment. -n.pass. interr. 2pl.  
 “Por que vocês estão me olhando? (implicação)”

c) papi -bo -Ø tşod -in -dapa samid- -pa- -bo -ş  
 rapaz -col. -abs. chão -loc. -enf. deitar- -coment. -pas.n.rec. -3.exp.  
 “Puxa! (Ontem) os rapazes deitavam no chão (atitude)”

d) na- -tsi ka- -nun minbi  
 Qu- -conc.pass. dizer- -prop.A/S>A 2sg.erg.

pe- -me -pa -bo Ø  
 comer- -caus. -coment. -pass.n.rec. interr.  
 “Por que você deixou (ele) comer?”

#### 6.4.5 {-bo} “antes/prioritariamente”

O morfema {-bo} “antes/prioritariamente” é um homófono dos morfemas que indicam coletividade e tempo passado recente. Também é encontrado na forma lexicalizada com {-nda} e no tempo passado distante {-bonda}. {-bo}, ao se sufixar ao verbo, indica que o enunciador pretende fazer algo **antes** de realizar qualquer outra coisa.

(95)

a) ŷema -ek inbi ak- -bo -nu  
 ter.sede - prop.A/S>S 1sg.erg. beber- -incoa. -desid.  
 “Antes ( de fazer qualquer coisa ) eu quero beber, pois tenho sede.”

b) *ibi*            *uʃ-*        **-bo**    -nu        *tʃimo-*    -ta  
 1sg.abs.    dormir-    -incoa.    -desid.    esperar-    -imp.afirm.

“Antes (de fazer qualquer coisa) eu vou dormir, espere!”

c) *inbi*        *Bini*    -∅    *kodoka-*    *ʃun*    **-bo**        -tan        -nu  
 1sg.erg.    *Bini*    -abs.    cozinhar-    -benf.    -incoa.    -des.ir.vir    -des.

“Eu quero antes (de qualquer coisa) ir cozinhar para o *Bini*.”

#### 6.4.6 Morfema {-tsen} “inconclusivo (quase)”

O morfema {-tsen} indica que a ação foi quase concluída. Ainda não há conclusões definitivas. Porém, segundo o informante, existe uma idéia de frustração envolvendo o evento quando o verbo está sufixado por {-tsen}. Quando ocorre com {-tʃakan} (§ 6.7.4, p. 137) e {-wid} (§ 6.7.5, p. 137) o aspecto frustrativo torna-se mais claro. Verifica-se, nos exemplos 96, que o agente, aparentemente, desejava realizar a ação, mas não conseguiu, o que lhe causou uma certa frustração. Como não é possível afirmar claramente que este morfema também expressa um sentimento de frustração, o consideramos somente como um marcador de ação inconclusa.

(96)

a) *inbi*        *bola*    -∅        *bed-*        **-tsen**        -a        -k  
 1sg.erg.    *bola*    -abs.    pegar-        -incon.        -pass.rec.    -decl.

“Eu quase peguei a bola.”

b) *inbi*        *uk-*        **-tsen**        -a        -k  
 1sg.erg.    vomitar-    -incon.        -pass.rec.    -decl.

“Eu quase vomitei (queria vomitar e não vomitou).”

c) *inbi*        -bin        *Lucinho*    -∅        *tʃuʃka-*        **-tsen**        -k  
 1sg.erg.    -foc.        *Lucinho*    -abs.        falar bravo-    -incon.        -pass.rec.    -decl.

“Se fosse eu tinha brigado com o *Lucinho*.”

### 6.4.7 Mudança de valência verbal

A diminuição e o aumento de valência é muito comum na língua matis. Os verbos intransitivos podem aumentar sua valência tornando-se transitivos com a sufixação do causativo e, em alguns casos específicos, por meio do transitivador {-wa} e pelo aplicativo {-sun}. Os verbos transitivos diminuem sua valência verbal quando são sufixados pelos morfemas reflexivo, recíproco e antipassivo, tornando-se intransitivos.

	Glossa	Valência
-ad ~ -mid	“reflexivo”	-
-nan	“recíproco”	-
-an	“antipassivo” (§ 12.3.3, p. 277)	-
-me	“causativo”	+
-wa	“transitivizador” (exemplo (97) c) e (d))	+

Tabela 11: Morfemas e a mudança de valência

Redução de valência por causa da sufixação de {-ad}, {-nan} e {-an}.

(97) {-ad} “reflexivo”

a) inbi      mibi      **mi-**    **did-**    **-a**      **-k**  
 1sg.erg.    2sg.abs.    mão-    cortar-    -pass.rec.    -1/2:decl..

“Eu cortei você na mão.”

b) ibi            **mi-**    **did-**    **-ad**    **-a**      **-k**      ←  
 1sg.abs.    mão-    cortar-    -refl.    -pass.rec.    -1/2;decl.

redução de valência

“Cortei-me na mão.”

(98) {-nan} “recíproco”

a) minbi    waka    -Ø      an-      tuka-    -e      -k  
 2sg.erg.    água    -abs.    dentro.    entornar-    -n.pass.    -decl.

“Você vai derramar a água.”



- b) papi -bo -Ø ma- tuka- **-nan** -e -k ← redução de valência  
 rapaz -col. -abs. cabeça- entornar- -recipr. -n.pass. -decl.  
 “Os rapazes jogam (água) uns nos outros na cabeça.”

## (99) {an-} “antipassivo”

- a) wapa **-in** ibi pe- -e -k  
 cachorro -erg. 1sg.abs. morder- -n.pass. -decl.  
 “O cachorro me mordeu.”

- b) wapa **-Ø** pe- -an -e -k ← redução de valência  
 cachorro -abs. morder- -antipass. -n.pass. -decl.  
 “O cachorro é aquele que morde e/ou O cachorro comumente morde.”

(100) Aumento de valência por causa de **{-me}** “causativo” e **{-wa}** “transitivador”

- a) mibi uş- -bo -k  
 2sg.abs. dormir- -pass.n.rec. -decl.  
 “Você dormiu.”

- b) awin tita **-n** awin papi -Ø uş- **-me** -a -ş  
 3sg.poss. mãe -erg. 3sg.poss. filho -abs. dormir- -caus. -pass.rec. -3.exp.  
 “A mãe fez seu filho dormir.”

Nos exemplos a seguir, consideramos **{-wa}**<sup>44</sup> como transitivador, pois para que o morfema **{-an}** “antipassivo” se sufixe é necessário que o verbo seja transitivo.

- c) ibi **pekas-** -e -k  
 1sg.abs. ter.fome- -n.pass. -decl.  
 “Eu tenho fome.”

---

<sup>44</sup> **{-wa}** não é completamente produtivo na língua matis.

- d) Ø      **peskas-**    **-wa**    -an      -pe      -e      -k  
 1sg.    ter.fome-    -trzr.    -antipass.    -coment.    -n.pass.    -decl.  
 “Tenho fome.”

#### 6.4.7.1 Reflexivo

A reflexividade em Matis é expressa pelo sufixo **{-ad}** “reflexivo”, morfema exclusivo dos verbos que ocorre tanto em verbos transitivos quanto em intransitivos. No caso dos verbos transitivos, quando são reflexivizados, diminuem sua valência e, com isso, o sujeito (A) ergativo passa a ser (S) absolutivo.

(101)

- a) inbi      Dani    -Ø      şodko      -n      **ta-**    **did-**      **-bo**      -k  
 1sg.erg. Dani    -abs. machado    -instr. pé-    cortar-    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Eu cortei o pé da Dani com machado.”

- b) ibi      **ta-**    **did-**      **-ad**    -bo      -k  
 1sg.abs. pé-    cortar-    -refl.    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Eu cortei o pé.”

- c) Gabrieu    -Ø      an-<sup>45</sup>      pe-      **-ad**    -bo      -ş  
 Gabriel    -abs. dentro-    morder-    -refl.    -pass.n.rec.    -3.exp.  
 “O Gabriel morde dentro da boca [na bochecha].”

À semelhança do Matsés (Fleck, 2003a, p. 330), o morfema **{-ad}** também pode indicar “anticausativo”. Verbos anticausativizados tendem a ter sujeitos inanimados, como em 102.

---

<sup>45</sup> O morfema {an-} possui um sentido de “interioridade” (interior, entranhas, dentro, pelo avesso, dentro de).

(102)

- d) nami -Ø wes **-ad** -a -§  
 carne -abs. acabar -refl. -pass.rec. -3.exp.

“A carne acabou-se.”

Quando se deseja enfatizar a ação ocorrida, pode-se fazer pelo sufixo de enfático **{-en}**, que ocorre somente com os pronomes. Os nomes não são enfatizados por este sufixo para isso utiliza-se {-dapa} ou {-bin}. só se pode enfatizar um nome por meio da sufixação do pronome de terceira pessoa **abi** (cf. 103 (b)).

(103)

- a) [ibi **-en** -Ø]<sub>SN</sub> ta- ted- **-ad** -bo  
 1sg.abs. -enf. -abs. pé- cortar- -refl. -pass.n.rec.

“Eu mesmo cortei meu pé”

- b) [dani -Ø abi **-en** -Ø]<sub>SN</sub> dui ami -n  
 Dani -abs. 3.sg.abs -enf. -abs. faca grande -instr.

ta- ted- **-ad** -bo -§  
 pé- cortar- -refl. -pass.n.rec. -3.exp.

“A Dani se cortou com o machado.”

#### 6.4.7.2 Recíproco

Semelhantemente ao reflexivo, o recíproco vem sufixado aos verbos transitivos e intransitivos. A sufixação do marcador **{-nan}** no verbo transitivo faz com que diminua sua valência, afetando, com isso, a marcação de caso ergativo no sintagma nominal. Também pede que o sujeito seja plural. Exemplos:

(104)

a) tʃanpi -bo -∅ tʃui- -nan -e -k  
 menina -col. - abs conversar- -recip. -n.pass. -decl.

“As meninas conversam umas com as outras.”

b) wapa pe- -nan -bo -ʃ  
 wapa morder- -recip. -pass.n.rec. -3.exp.Exp.

“Nós mordíamos uns aos outros.”

c) nawa -bo -∅ tonka- -nan -e -k  
 nawa -col. -abs. matar c/ arma- -recip. -n.pass. -decl.

“Os homens atiram entre si.”

#### 6.4.7.3 Causativo

O causativo em Matis é do tipo morfológico. O sufixo causativo {-me} é muito produtivo na língua e seu uso, aparentemente, ocorre com qualquer tipo de raiz verbal (transitiva ou intransitiva). Porém, sua presença afeta a transitividade dos verbos intransitivos. Assim, o verbo passará a exigir uma nova função do argumento (tornando-se um argumento em função de A); conseqüentemente, o causativo {-me} afetará a sintaxe. A sua presença incrementa a valência em um e faz dos verbos intransitivos em transitivos. Nos exemplos 105 (a) e (b), o verbo *-nes-* pede um só argumento que não vem marcado pelo caso ergativo; já em (b), o verbo sufixado pelo causativo passará a pedir dois argumentos verbais. Neste caso, o causador tem a função A, pois recebe a marca de caso ergativo.

(105)

a) S V  
 Dani -∅ nes- -e -k  
 Dani -abs. banhar- -n.pass. -decl.

“A Dani toma banho.”

b) A V O  
 [awi -n tʃutʃu] -n nes- -me -e -k Dani -∅  
 3p.sg. -poss. irmã+velha -erg. banhar- -caus. -n.pass. -decl. Dani -abs.

“Sua irmã mais velha fez a Dani banhar.”

c) A V  
 [nukun tʃanpi] -∅ win- -e -k  
 1sg.poss. filha -abs. chorar- -n.pass. -decl.

“Minha filha está chorando.”

d) [inbi] [nukun tʃanpi] -∅ win- -me -a -k  
 1sg.erg. 1sg.poss. filha -abs. chorar- -caus. -pass.rec. -1/2:decl.

“Eu fiz minha filha chorar.”

c) A O  
 [nawa -n tʃanpi] -n [awin wapa] -∅  
 não-índio -poss. menina -erg. 3.sg.poss cachorro -abs.

V  
 pe- -me -a -ʃ  
 comer- -caus. -pass.rec. -3.exp.

“A filha do não-índio alimentou seu cachorro.”

d) A O V  
 inbi Bina -n tanawa -me -ʃo is- -a -k  
 1sg.erg Bina -erg. ensinar -caus. -O>A/S ver- -pass.rec. -1/2:decl.

“Eu vi o Bina ensinar.”

## 6.4.8 Pluralização do verbo

### 6.4.8.1 Morfema {-doko} “coletivo”

O verbo pode concordar com os argumentos A ou S, em Matis, através da sufixação do morfema **{-doko}** “coletivo” (alomorfe {-toko}), que ocorre sempre após consoantes menos **-n**). Verificamos que não há uma obrigatoriedade do uso desse morfema, o que nos faz supor que seu uso também tem uma função pragmática que pode ser de foco. Diferentemente de quando se utiliza os verbos supletivos, neste caso, não é possível que um verbo da forma singular concorde com um argumento A ou S que esteja no plural. Uma restrição do uso do coletivo é com os pronomes plurais (ver 106 (d) e (e)), sendo sua ocorrência restrita a nomes coletivizados.

(106) {-doko} ~ {-toko}

a) tʃanpi -bo -n uma -Ø ak- -a -ʃ  
 menina -col. -erg. mingau -abs. beber- -pass.rec. -3.exp.

“As meninas tomaram mingau.”

b) tʃanpi -bo -n uma -Ø ak- **-toko** -a -ʃ  
 menina -col. -erg. mingau -abs. beber- -col. -pass.rec. -3.exp.

“As meninas juntas tomaram mingau.”

c) nawa -n dadenpa -ʃun boi -Ø pe- **-doko** -e -k  
 não-índio -col. muito -conc.tr. boi -abs. comer- -col. -n.pass. -decl.

“Os não-índios comem carne de boi.”

d) papi -bo -Ø nun- -doko -a -ʃ  
 rapaz -col. -abs. nadar- -col. -pass.rec. -3.exp.

“Os rapazes nadaram (em grupo).”

e) \* nuki nes- -toko -a -k  
 1+2 tomar banho- -pl. -pass.rec. -decl.  
 “Nós tomamos banho.”

\* mikui nes- -toko -a -k  
 2pl tomar banho -pl. -pass.rec. -decl.  
 “Vocês tomam banho.”

#### 6.4.8.2 Morfemas coletivos {-beded} e {-kueded}

Além do morfema apresentado anteriormente {-doko}, a pluralidade pode também ser realizada através dos morfemas {-beded} “coletivo de A” e {-kueded} “coletivo de S”. O morfema {-beded} pode sufixar-se tanto em verbos transitivos quanto em verbos intransitivos. Dessa forma, sua relação pode ser com os argumentos A ou S. Porém, {-kueded} só se sufixa em verbos intransitivos, sendo sua relação somente com S. Em Matis, não há essa mesma possibilidade com o morfema {-beded}, pois sua sufixação sempre ocorre com verbos transitivos e {-kueded} com verbos intransitivos. Eles se relacionam com A e S, respectivamente.

(107)

a) niif -∅ tik- -şun pe- **-beded** -kin  
 caça -abs. matar c/seta -seq.A/S>A<sup>46</sup> comer- -col.A -simult.A/S>A

wanin -∅ pe- **-beded** -kin dadasibo -bo -n  
 pupunha -abs. comer- -col.A -simult.A/S>A velho -col. -erg.

“No tempo de pupunha, os velhos andavam e iam matando caça.”

- b) uꞑ-        **-kueded**    -ek            dadasibo   -bo    kapo-    -denebonda    -ꞑ  
       dormir-   -col.S        -seq.A/S>S    velho        -col.    andar-    -pass.dist.hab.   -3.exp.  
       “(Antigamente,) os velhos dormiam por aí e andavam...”

#### 6.4.8.3 Forma Supletiva do verbo para indicar o coletivo

A utilização de formas supletivas é comum em línguas da família Pano. Segundo Valenzuela (1997, p. 35), em Shipibo-Konibo “os verbos intransitivos de movimento distinguem-se quanto a sua raiz em singular e coletivo, como também podem vir marcados pela marca de coletivo {-kan}”. Nesta língua, os verbos “vir” e “ir”, na forma singular, são *jo-* e *ka-*, respectivamente, e, na forma coletiva, são *be-* e *bo-*, respectivamente (ver exemplos 108 (a) e (b)). Em Matis, há muitas raízes que possuem formas supletivas para verbos no coletivo, mas diferentemente da língua Shipibo-Konibo, as formas supletivas não estão restritas aos verbos de movimento. Já, em Matis, os verbos de movimento normalmente se reduplicam quando indicam coletivo, com exceção do verbo “correr”, que é realizado pelos pares ***abad-*** “correr.sg.” e ***kuduke-*** “correr.col.” Exemplos:

(108) Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 327)

- |                         |                |              |                        |                |                  |
|-------------------------|----------------|--------------|------------------------|----------------|------------------|
| a) ja-O-ra              | karo-nkonix    | <b>jo-ke</b> | b) ja-bo-O-ra          | kako-nkonix    | <b>be-kan-ke</b> |
| 3-AB-AS                 | Caco-from:INTR | come:CMPL    | 3-PL-AB-ASC            | Caco-from:INTR | come:PL-PL-CMPL  |
| “(S)he came from Caco.” |                |              | “They came from Caco.” |                |                  |

---

<sup>46</sup> Oração subordinada > Oração matrix, veremos no capítulo 11, como funciona o sistema de *switch-reference*.



(109) Exemplos de verbos supletivos que ocorrem na língua matis

a) tsad- “sentar.sg.” e bɨdike- “sentar.pl.”  
 ibi        **tsad-**    -e        -k  
 1sg.abs    sentar-    -n.pass.    -decl.

“Eu sentei”

b) duke- “deitar.sg.” e tʂakad- “deitar.pl.”  
 Rogeriu -∅    **duke-**        -e        -k  
 Rogério -abs. deitar sg.-    -n.pass.    -decl.

“O Rogério deitou (na rede).”

c) abad- “correr.sg.” e kuduke- “correr.pl.”  
 Maki    -∅    **abad-**    -a        -k  
 Maki    -abs. correr-    -pass.rec.    -decl.

“O Maki correu.”

d) ne- “jogar.sg.” e seka- “jogar.pl.”  
 inbi    meko    -∅    **ne-**        -e        -k  
 1sg.erg. pedra    -abs. jogar-    -n.pass.    -decl.

“Eu joga uma pedra.”

a') nuki    **bɨdike-**        -e        -k  
 1+2    sentar col.-    -n.pass.    -decl.  
 “Nós sentamos.”

b') mikui atʂuwɨʂ di -n    **tʂakad-**    -e        -k  
 2pl.    todos rede -loc. deitar col.-    -n.pass.    -decl.  
 “Vocês deitam em redes.”

c') nuki    **kuduke-**        -bo        -k  
 1+2    correr col.-    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Nós corremos (já faz alguns dias).”

d') inbi    meko    dadenpa **seka**<sup>47</sup>-    -e        -k  
 1sg.erg. pedra muita jogar pl.    -n.pass.    -decl.  
 “Eu joguei um monte de pedras.”

#### 6.4.8.4 Reduplicação

Uma terceira forma de pluralização é por meio da reduplicação, principalmente com os verbos de movimento. A reduplicação também indica totalidade (ver exemplo 110 (c)) ou intensificação, que ocorre também com alguns adjetivos (ver 110 (d)).

<sup>47</sup> Em alguns verbos supletivo da forma coletivo, como é o caso do verbo **seka-**, a concordância do coletivo é feita com o objeto.

## Reduplicação verbal

(110)

a) nuki    **t̥so-**        **t̥so-**        -bo        -k  
       1+2    redup.-    vir-    -pass.n.rec -decl.

“Nós (a família do Bina) viemos.”

b) mikui    **kuan-**        **kuan-**        -e  
       2pl.    redup-        ir-        -n.pass.

“Vocês vão embora?”

c) inden        kadipuna    at̥suwi̯ɕ    -∅        **nan-**        **nane-**        -bonda    -ɕ  
       faz tempo    Karipuna    todos    -abs    redup-    morrer-    -pass.dist. - 3.exp.

“Há muito tempo, todos os Karipuna morreram.”

d) kudu-    kudu    “seco mesmo”

   ʃin-    ʃin    -pa    “é todo amarelo”

   madu-    madu    -pa    “sem nenhum adorno”

#### 6.4.9 Sufixos Direcionais

Os verbos na língua matis, semelhantemente a outras línguas da família pano, recebem algumas marcas morfológicas que indicam direção. Tais marcas (sufixos) são estritamente de locomoção, sendo dêiticos espaciais. Estes morfemas, ao se sufixarem nos verbos, indicarão ao ouvinte que o ato a ser realizado depende de um deslocamento espacial. Geralmente envolvem ação de andar, correr, viajar e sair.

Valenzuela (2003, p. 270) chama tais morfemas em SK de andativos e venitivos, por causa de sua característica semântica. Em Matis, alguns direcionais

da tabela 13 de 1 a 6 possuem pares cuja sufixação depende do tipo de verbo (transitivo ou intransitivo).

	intransitivo	transitivo	ambos	glossa
1)	-kuidanek	-bidanek		“- ir parar VERBO e continuar”
2)	-kuitsenek	-bitsenek		“-vir de VERBO e continuar”
3)			-tan	“-ir e vir para”
4)			-wan	“- vir e ir de “
5)			-bud	“para baixo”
6)			-do ~ -to	“para cima

Tabela 13: Morfemas direcionais.

#### 6.4.9.1 Direcional {-tan} “ir e retornar”

O morfema {-tan} funciona como direcional, indicando que o sujeito se desloca “indo para algum lugar e retornando ao ponto de partida”. O uso do morfema de deslocamento, que envolve os participantes do discurso, depende da distância em que ambos estão do objeto, lugar e/ou ação: se um falante pede para o outro pegar algo que esteja numa distância bem próxima de ambos, no mesmo ambiente, não usará o morfema de deslocamento. Outra característica é que o deslocamento implicará num retorno ao ponto de origem.

##### {-tan} “ir e voltar”

(111)

a) mitso punkin -kin pe- -te bed- -şun -tan -ek  
 2pl.O/poss. primeiro -conc.tr. comer- -instr.nzr comprar- -benef. -ir.vir -simult.A/S>S

ibi Leticia -no kuan -e -k  
 1sg.abs Letícia -loc. ir -n.pass. -decl.

“Primeiro comprarei comida para vocês e volto, depois irei para Letícia.”

b) inbi Tumi -bita Tumi -∅ avião  
 1sg.erg. Tumi -com.O Tumi -abs. avião

is- -me -kin boan- **-tan** -a -k  
 ver- -caus. -simult.A/S>A levar- -ir.vir -pass.rec. -1/2: decl.

“Eu levei o Tumi e a Tumi para mostrar-lhes o avião e voltei.”

c) ibi waka -no -wiş nes- **-tan** -a -k  
 1sg.abs rio -loc. -inic.intr. banhar- -ir.vir -pass.rec. -1/2: decl.

“Eu fui banhar no rio.”

#### 6.4.9.2 Direcional {-wan} “vir e retornar”

O morfema {-wan} é semelhante ao {-tan}. Porém, sua função é indicar que o ponto de partida não é de onde se está enunciando, mas o lugar em que se deseja chegar para depois retornar ao seu ponto de partida.

(112)

a) Rogeru -n Tumi -n mai -n wanin  
 Rogério -erg. Tumi -poss. roça -dir. pupunha

menan- **-wan** -a -ş  
 plantar- -desl.vir. -pass.rec. -3.exp.

“O Rogério veio plantar pupunha na roça do Tumi e voltou.”

b) tʃadbud ibi min şubu -no -wiş  
 de tarde 1sg.abs. 2sg.poss. casa -loc. -dir.intr. .

nes- **-wan** -e -k  
 banhar- -desl.vir. -n.pass. -decl

“À tarde, eu venho tomar banho na tua casa e volto.”

c) Gabrieu -∅ piscina -n -wiş nun- **-wan** -a -ş  
 Gabriel -abs. piscina -loc. -dir.intr. nadar- -desl.vir. -pass.rec. -3.exp.

“O Gabriel nadou na piscina e voltou.”

Tanto **{-wan}** quanto **{-tan}** ocorrem com o imperativo. Na maioria dos casos, há um deslocamento do receptor nas frases ordenativas. Tal deslocamento não depende da distância do alvo.

(113)

a) pe-        -tan    -ta  
comer -ir.vir -imp.afirm.

“Vá comer (e volte)!”

uṣ-        -wan    -ta  
dormir- -vir.ir -imp.afirm.

“Venha dormir (e volte)!”

b) we-        -tan    -ta  
pegar.água -ir.vir -imp.afirm.

“Vá pegar água (e volte)!”

nes-        -wan    -ta  
tomar banho- -vir.ir -im.afirm.

“Venha, tome banho (e volte)!”

#### 6.4.9.3 Morfemas **{-kuidanek}** e **{-buidanek}**, **{-buitsenek}** e **{-kuitsenek}**

A utilização dos morfemas **{-kuidanek}** e **{-bidanek}** “ir, parar e continuar indo” e de **{-kuitsenek}** e **{-bitsenek}** “vir, parar e continuar vindo” segue a seguinte regra: os que são iniciados por **k** sufixam-se a verbos intransitivos, enquanto que os iniciados em **b** sufixam-se a verbos transitivos.

A diferença entre estes morfemas e os apresentados anteriormente (-bene e -kene) é que no deslocamento realizado ocorre uma ou mais paradas, assim, eles se afixarão aos verbos em que a ação esteja sendo o “foco”. Por exemplo, se estiverem vindo de um lugar a outro e durante este movimento houver alguma parada para banharem, o verbo ‘banhar’ recebe o morfema de deslocamento, indicando que a parada realizada foi para tomar banho; se for para caçar, virá no verbo caçar, e assim sucessivamente. Em nossos dados, este morfema não é

utilizado em deslocamento de percursos que ultrapassem mais que poucos dias (dois ou três), somente em eventos dentro de um mesmo dia.

### Com verbo Intransitivo

relacionado ao verbo <b>kuan-</b> “ir”	-kuidanek
relacionado ao verbo <b>tʃo-</b> “vir”	-kuitsanek

(114)

a) Rogeru -n    şubu -no -wiş    **kuan-** -ek    ibi    Osca -n  
 Rogério -poss. casa -loc. -inic.intr. ir-    -simult.A/S>S. 1sg.abs Oscar -poss.  
 şubu -no -wiş    nes-    **-kuidanek**    Letícia -no kuan- -e -k  
 casa -loc. -dir.intr. banhar- - ir.parar.ir.intr. Letícia -loc. ir- -n.pass. -decl.

“Indo da casa do Rogério para Letícia, parei na casa do Oscar , tomei banho e continuei indo.”

b) epapa -e    uş-    **-kuitsanek**    ibi    tʃo- -a    -k  
 um -advzr dormir- -vir.parar.vir.intr. 1sg.abs. vir- -pass.rec. -decl.

“Vindo, parei para dormir uma vez e continuei vindo.”

### Com verbo Transitivo

relacionado ao verbo <b>kuan-</b> “ir”	-bidanek
relacionado ao verbo <b>tʃo-</b> “vir”	-bitsenek

(115)

a) nukun    şubu -no    kuan-    -kin    mişte    kuita    -şun  
 1sg.poss. casa -loc. ir-    -simult.A/S>A    lenha acender -benf.  
 kodoka- -şun    pe-    **-bidanek**    ibi    kuan    -e    -k  
 cozinhar- -seq.A/S>A    comer- -ir.parar.ir.tr. 1sg.abs. ir -n.pass. -decl.

“Indo para minha casa, parei para acender o fogo, cozinhar e comer, e continuei indo.”

b) ibi	base	-no	-wiş	tşo-	-kin	Atalaia	-no	-şun
1sg.abs.	base	-loc.	-inic.intr.	vir-	-simult.A/S>A	Atalaia	-loc.	-dir.tr.
matʃi	-∅	pe-	<b>-bitsenek</b>	ibi	tşo	-a	-k	
farinha	-abs	comer-	-vir.parar.vindo.tr.	1sg.abs.	vir	-pass.rec.	-decl.	

“Vindo da base, parei em Atalaia para comer farinha e continuei vindo para cá.”

#### 6.4.9.4 Morfemas {-to ~ -do} e {-bud}

Os morfemas {-to} (alomorfe -do, que ocorre sempre após vogais e a nasal alveolar) e {-bud} indicam ações de movimento para o alto ou para baixo, respectivamente. A relação destes morfemas sufixados no verbo é sempre comS ou O.

O morfema {-to} e o seu alomorfe foram aparentemente lexicalizados, como podemos verificar em algumas raízes verbais. O falante não compreende tais verbos sem a presença desse morfema, como em *indo-* “subir com algo”. Sincronicamente, não há uma base verbal *in-*. No caso desse verbo em particular, o seu antônimo não é *inbud-*, como era de se esperar, mas *inpak-* “descer com algo”, sendo que *pak-* significa “cair de algum lugar estando acima do chão”. Assim, verificamos a lexicalização com outro tipo de verbo.

Os morfemas {-to ~ -do} e {-bud} não são produtivos, não ocorrem com todas as raízes verbais. Nem sempre um morfema é o antônimo do outro na raiz verbal, isto é, se {-to ~ -do} ocorre sufixado a um verbo para indicar direção acima, {-bud} não necessariamente ocorre para indicar o seu antônimo (direção abaixo), como o exemplo acima citado (*inpak-*).

(116) Alguns verbos lexicalizados com {-to ~ -do} e {-bud}

- a) **sando**- “ajuntar um sobre o outro”                      a’) kubud- “encher”  
 b) **tşadto**- “sustentar sobre os ombros”                      b’) tsadbud- “agachar”  
 c) **indo**- “subir puxando algo”                                      c’)tşadbud- “entardecer”

(117)

- a) lba -n iwi -Ø se- **-bud** -e -k  
 lba -erg. pau -abs. jogar.sg.- -p/baixo -n.pass. -decl.  
 “O lba joga o pau (do alto/para baixo).”

- b) lba -n iwi -Ø se- **-do** -e -k  
 lba -erg. pau -abs. jogar.sg.- -p/cima -n.pass. -decl.  
 “O lba joga o pau (de baixo/para cima).”

- c) ibi nunte -n tsad- **-to** -ek kuan- -e -k  
 1sg.abs. canoa -instr. sentar- -p/cima -simult.A/S>S ir- -n.pass. -decl.  
 “Eu vou de canoa e sentado.”

Uma possibilidade para a formação dos morfemas {-to} e {-bud} é que podem ter sido originados a partir dos verbos **do**- “subir” e **bud**- “descer”, exemplificados abaixo:

(118)

- a) Bina -Ø şubu -n do- -e -k  
 Bina -abs. casa -loc. subir- -n.pass. -decl.  
 “O Bina está subindo na casa.”

- b) Bina -Ø şubu -n -wiş bud- -e -k  
 Bina -abs. casa -loc. -inc.intr. descender- -n.pass. -decl.  
 “O Bina está descendo lá da casa.”

## 6.5 consideração sobre os morfemas {-k} e {-ş}

A evidencialidade é algo complicado nas línguas pano. Em Matis, não é diferente. Para este trabalho, apresentamos somente a questão que envolve os



morfemas {-k} e {-ɣ} no tempo passado, principalmente com a terceira pessoa.

A evidencialidade está relacionada a eventos evidenciados e àqueles que podem ser inferidos. Isso pode ocorrer por meio de um morfema que segue a marca de tempo. Compreender todo o processo de evidencialidade que ocorre na língua matis é bastante complicado no momento, visto que faz-se necessário um maior contato com a língua.

Em relação aos morfemas {-k} e {-ɣ}, verificamos que no tempo passado, para a primeira e segunda pessoa só há relação com {-k}, e com a terceira pessoa depende do tipo de evento ocorrido: se o locutor tiver participado do evento, o verbo é marcado por {-ɣ} “experencial” e, se houver apenas evidências do ocorrido, o verbo é marcado por {-k} “inferencial”. Assim, temos glossado {-k} como “3.decl.infer.” e {-ɣ} como “3.exp.” para as sentenças no tempo passado que envolvem a terceira pessoa.

Segue uma tabela que nos apresenta como funciona a relação entre tempo, pessoa e o declarativo, inferencial e o experencial.

	Declarativo			Interrogativo	
	1, 2	3 Inf.	3 Exp.	1, 2	3
-e	-k	-k	-k	-∅	-∅
-a	-k	-ɣ	-ɣ	-∅	-ɣ
-bo -bonda	-k	-k	-ɣ	-∅	-ɣ

Tabela 14: Ocorrência de -k e -ɣ

(119)

a) Maki -Ø tʃiʃi -Ø sikad- -e -k  
 Maki -abs. rio -abs. atravessar- -n.pass. -decl.

“Maki atravessará o rio.”

b) Bina -n wata -Ø bed- -a -k  
 Bina -erg. mamão -abs. pegar- -pass.rec. -3.decl.infer.

“O Bina pegou mamão.” (O mamão é visto na casa, mas a pessoa não acompanhou o Bina)

c) tʃawa -Ø ʃapu -n tonka- -a -ʃ  
 queixada -abs. ʃapu -erg. matar c/ arma- -pass.rec. -3.exp.

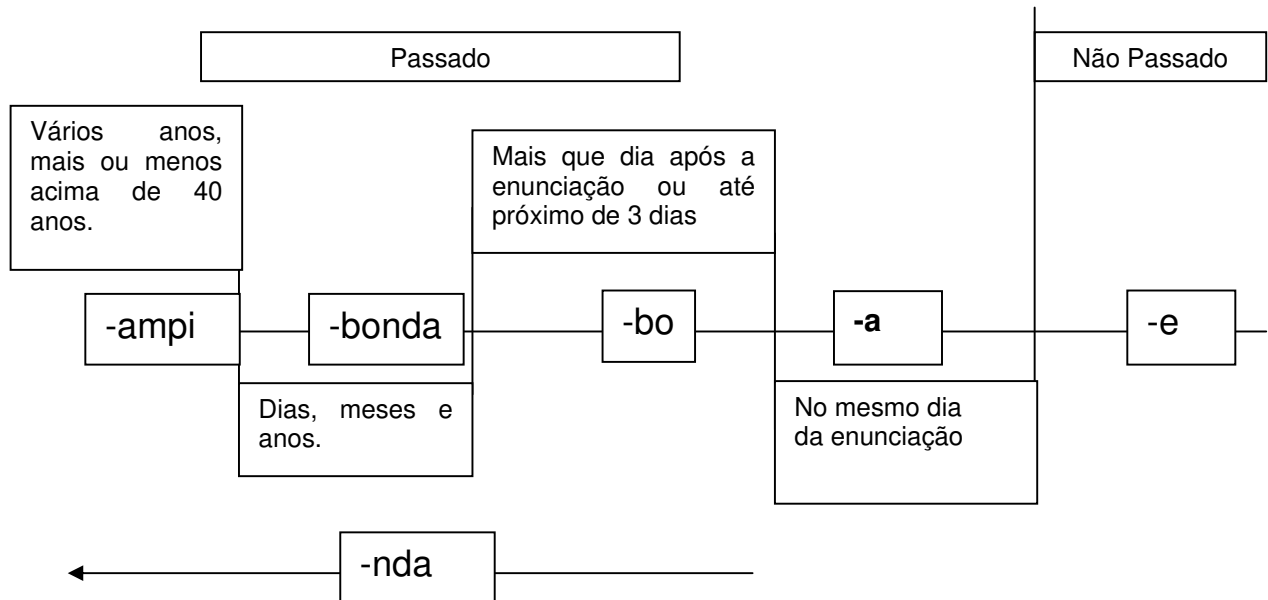
“ʃapu matou a queixada.” (O enunciador participou do evento)

## 6.6 Tempo

De acordo com Bhat (1999, p.13), “o Tempo é uma marca flexional utilizada para denotar uma locação temporal no evento.” Ele pode ser diferenciado por termos “dêiticos” e “não-dêiticos”. Em Matis, as marcas morfológicas temporais ocorrem somente como tempo dêitico, isto é, possuem um ponto específico de referência temporal. As referências temporais serão entre não-passado (presente e futuro) e passado (vários tipos de passado).

Há uma clara divisão de dois tempos na língua, o tempo não-passado e o passado. O tempo não-passado é assim denominado, pois não existem três tipos de tempo absoluto na língua, como presente, passado e futuro, apesar de outros lingüistas que estudam línguas da mesma família considerarem a marca desiderativa (querer, desejar, almejar) como uma forma de tempo futuro.

Os morfemas temporais são: {-e} “não-passado”, {-nda ~ -nida} “passado indeterminado”, {-a} “passado recente”, {-bo} “passado não-recente” e {-bonda} “passado distante”, {-anpi} “passado remoto”, {-nda} “passado não especificado”.



### 6.6.1 Morfemas temporais: {-e} “não-passado”

Como podemos observar no gráfico acima, o tempo em Matis está dividido em não-passado e passado. O morfema {-e} indiscutivelmente indica tempo não-passado, ou seja, presente e futuro (ver 120 (c)). Em certos contextos, pode ser interpretado como contínuo, o que nos levaria a interpretá-lo também como aspecto. Porém, para o presente trabalho, continuarei tratando este morfema somente como marcador de tempo.

#### (120) Morfema {-e}

Pergunta:

- a) awi -da papi -bo -n miʃ- -e -Ø  
 Qu- -conc.n.pass. rapaz -col. -erg. mexer- -n.pass. -interr.

“Os rapazes estão mexendo em que?”

Resposta:

papi -bo -n tʃete miʃ- -e -k  
rapazes -col. -erg. remédio mexer- -n.pass. -decl.

“Os rapazes estão mexendo no remédio.”

b) wapa -∅ minbi kues- -e -k  
cachorro -abs. 2p.sg.erg. bater- -n.pass. -decl.

“Você vai bater no cachorro.”

c) uki sedke- -ʃun Mena -n identidade -∅  
depois amanhã- -conc.A. Mená -erg. identidade -abs.

bed- -e -k  
pegar- -n.pass. -decl.

“Depois de amanhã o Mená pega a identidade.”

### 6.6.2 {-nda} “Passado indeterminado”

O morfema {-nda} ~ {-nida} “passado indeterminado” é utilizado para indicar algum acontecimento cujo tempo é indeterminado, diferentemente dos tempos {-a}, {-bo}, {-bonda} e {-anpi} que se referem a um tempo mais ou menos determinado, “medido”. {-nida} ocorre sempre após raízes verbais terminadas em consoantes e {-nda} após as raízes terminadas em vogais.

(121)

mene- “trocar, comprar”	→ menendak	bed- “pegar”	→ bednidak
kodoka- “cozinhar”	→ kodokandak	ak- “beber, matar”	→ aknidak
duke- “dormir/morar”	→ dukendak	istan “conhecer”	→ istannidaʃ

(122)

a) awi- -tsi	minbi	pe-	-nda	-∅
Qu-	-conc.pass.	1sg.erg.	comer-	-pass.indet. -1/2:interr.

“O que foi que você comeu (quando esteve em Tabatinga?)”

b) mi- -tsi                    mibi        inden    duke-    **-nda**                    -Ø  
 Qu- -conc.pass.    2sg.abs.    antes    morar- -pass.indet.    -1/2:interr.

“Antigamente você morava onde?”

c) bina -n        porto seguro    -no    is-    -tan        **-nida**                    -§  
 Bina -erg.    Porto Seguro    -loc.    ver-    --ir.vir        -pass.indet.    -3

“O Bina conheceu Porto Seguro ( um tempo atrás).”

d) mi- -tsi                    atalaia -no    lba    -Ø        u§-        **-nida**                    -§  
 Qu- -conc.pass.    Atalaia -loc.    lba    -abs.    dormir- -pass.indet.    -3

“Onde o lba dormiu (quando vem para Atalaia)?”

### 6.6.3 {-a} “passado recente”

O morfema {-a} indica tempo passado-recente. Em Matis, como nas outras línguas da família Pano, existe uma escala de tempo passado que é expressa por morfemas temporais passado, como o morfema {-nda} e seu alomorfe {-nida} que indica tempo passado indeterminado. Este é o único morfema passado que parece não indicar um período determinado, pois se refere a um período dentro da escala temporal passado: só ocorre em eventos que tenham ocorrido no período de um dia. Preferencialmente, este morfema é utilizado quando o evento ocorrido for recente (dentro do mesmo dia da enunciação). Não ocorre junto aos advérbios temporais que indicam que o evento ocorrido ultrapassou o dia da enunciação, como *u§to-* “ontem”, *inden* “anteriormente/antigamente”. No exemplo 123 (c), em

função do advérbio *ušto-* e da marca temporal {-a}, a sentença torna-se inaceitável.

(123) Morfema {-a}

- a) mište -n ibi ta- tʃaman- -a -k  
brasa -instr. 1sg.abs. pé- queimar- -pass.rec. -1/2:decl.

“Me queimei no pé com a brasa”

- b) Gabrieu -∅ tʃika -no ed- -a -ʃ  
Gabriel -abs. pátio -loc. entrar- -pass.rec. -3.exp.

“O Gabriel entrou na sala.”

- c) \* ušto- -kin Tumĩ -n tʃapa -∅ bed- -a -ʃ  
ontem- -conc.A Tumĩ -erg. peixe -abs. pegar- -pass.rec. -3.exp.

“Ontem, o Tumĩ pegou peixe.”

#### 6.6.4 {-bo} “passado não recente” e {-bonda} “passado distante”

O uso de {-bo} e {-bonda} é restrito a um tempo passado no intervalo de um dia a alguns anos, respectivamente. Dentro do período de um dia os morfemas utilizados são {-a} ou {-bonda}. O morfema {-bo} nunca é utilizado quando se tratar de um intervalo maior que dois ou três dias. Da mesma forma que alguns advérbios de tempo não podem ser utilizados com o morfema temporal {-a}, outros advérbios não podem ser utilizados com {-bo} e {-bonda}, como *nibi kimo* “agora” e *intʃiʃmantsik* “de manhã”. No exemplo 124 (e) o uso desse advérbio com {-bonda} sufixado ao verbo torna a sentença torna-se inaceitável.

(124) Morfema {-bo}

- a) São Paulo -no -wiʃ ibi tʃo- -bo -k  
São Paulo -loc. -inic.intr. 1sg.abs vir- -pass.n.rec. -decl.

“Eu vim de São Paulo.”

- b) ušto- -kin Tupa -n piskaden -Ø ŷek- **-bo** -ŷ  
 ontem- -conc.A. Tupa -erg. colar -abs. fez- -pass.n.rec. -3.exp.

“Ontem, a Tupa fez colar.”

- c) inbi tŷoaŷe nidinka- -kin nukun  
 1sg.erg. macaco correr atrás- -simult.A/S>A 1sg.poss.

tanu iste -Ø amawa **-bonda** -k  
 relógio -abs. perder -pass.dist. -decl.

“Eu estava correndo atrás do macaco e perdi meu relógio.”

- d) inden mibi muŷa -wa **-bonda** -ŷ  
 faz tempo 2sg.abs. tatuagem -vbzr. -pass. dist. -3.exp.

“Há alguns anos (alguém) te tatuou.”

- e) \* intŷiŷmantsik mibi nes- **-bonda** -k  
 de manhã 2sg.abs. tomar banho- -pass.dist. -decl.

“De manhã, você tomou banho.”

### 6.6.5 Hipótese de segmentação do morfema {-bonda}

Existe a hipótese que haja apenas a marca temporal {-bo} e a inserção do morfema {-nda} “passado indeterminado” ocorra para indicar um período de tempo mais distante, ou seja, ele pode atuar como um ampliador temporal de passado. Tal hipótese se deu ao compararmos {-bonda} com o morfema aspecto/temporal {-tene}, pois, em determinados momentos, esse morfema vem sufixado pelo morfema {-nda}. Assim, ele amplia o aspecto/tempo do evento enunciado. Para essa análise manteremos a forma **{-bonda}**.

(125) Morfema {-bonda}

- a) Carlos Terenu -n Matis -wid -∅ kuin- **-bonda** -§  
 Carlos Terena -erg. Matis -rest. -abs. convidar- -pass.n.rec. -3.exp.

“O Carlos Terena convidou só Matis (algo que aconteceu há um ano).”

- b) Carlos Terenu -n Belém -no madubo -bita Matis -∅  
 Carlos Terena -erg. Belém -loc. Marubo -com.O Matis -abs.

kuin- **-bo** -§  
 convidar- -pass.n.rec. -3.exp.

“O Carlos Terena convidou Matis e os Marubos para irem à Belém (algo que havia acabado de acontecer).”

### 6.6.6 {-anpi} “passado remoto experiencial”

O morfema {-anpi} faz referência a um tempo distante. É utilizado somente nos casos em que alguém tenha participado da ação relatada (126 (a,b)) ou que esteja certo que tal ação tenha ocorrido. Por exemplo, quando falam sobre o descobrimento do Brasil (ver 126 (c)), mesmo que os atuais não-indígenas não tenham participado do evento, mas ele existe como registro histórico, o tempo é marcado por {-anpi}. Assim, ele pode ser caracterizado como um morfema temporal, com características de evidencialidade, um inferencial.

#### Morfema {-anpi}

(126)

- a) Matsés -in tatʃi -∅ ak- **-anpi** -k  
 Matis -erg. tatʃi -abs. beber- -pass.rem. -decl.

“Antigamente os Matis bebiam tatʃi.”

- b) dadasibo -bo -n buşono -∅ pe- **-anpi** -k  
 velho -col. -erg. jibóia -abs. comer- -pass.rem. -decl.

“Muito tempo atrás os velhos comiam jibóia.”



c) portugueses -Ø Brasil -no t̃so- **-anpi** -k  
 Portugueses -abs. Brasil -loc. vir- -pass.rem. -decl.

“Faz muito tempo que os portugueses vieram para o Brasil.”

### 6.6.7 Passado remoto formado pelo reportivo ka-

Com relação ao passado reportivo, ele é formado a partir do uso do reportativo **ka-**, somado ao aspectualizador {-dene} (§ 6.7.2, p. 135). No verbo principal, sempre vem marcado por {-ak} “-seq.O>A/S>”. Uma forma semelhante a esta é utilizada na língua matsés. Porém, segundo (Fleck (2003a, p. 421) “... -ac, which is formally identical to the “Recent Past:Inferential” inflection, but here there is no inference, and the time span is very remote, not recent, so I assign it a homophonous/polysemous meaning: ‘Narrative Past.’” Diferentemente de sua análise, temos proposto que {-ak} é uma marca de *switch-reference*, por considerarmos que há sujeitos diferentes na construção da forma narrativa histórica. Dessa forma, tem-se a seguinte construção: [A/S<sub>i</sub> (O) V-**ak**] A<sub>j</sub> **Kadenek**.

(127)

a) inden kimo Matsés -in şodko maşaş -Ø  
 Antigamente muito Matis -poss. machado pedra -abs.

ik- **-ak** **ka-** **-dene** -k  
 aux.- -pass.narr. report. -pass.n.rec.hab -decl.

“Sempre se diz que muito antigamente o machado do Matis era de pedra.”

b) inden Matsés -in şimin<sup>48</sup> -Ø  
 antigamente Matis -erg. tipo de raiz -abs.

pe- -ak ka- -dene -k  
 comer- -pass.narr. repor. -pass.n.rec.hab. -decl.

“Sempre se diz que o Matis comia şimin.”

## 6.7 Considerações sobre aspecto

As marcas aspectuais são: {-wa} “reiterativo”, {-wid} “frustrativo (1)”, {-tene} “habitual passado”, {-tsen} “inconcluso frustrativo” e {-tʃakan} “inconcluso involuntário”, {-kid} “habitual” e {-to} “inceptivo”.

### 6.7.1 {-kid} “habitual presente”

O morfema **{-kid}** indica aspecto habitual presente. Como foi visto na seção 5.6.1, p. 89), é um homônimo da forma nominalizadora {-kid}.

Consideramos esse morfema como um aspectualizador, visto que, comparando semanticamente com uma sentença em que o verbo é marcado pelo morfema de não-passado **{-e}**, os falantes utilizam a forma com **{-kid}**, quando fazem referência a uma ação que é realizada habitualmente, quase todos os dias, enquanto que nas sentenças nas quais ocorre o **{-e}**, os falantes compreendem como algo eventual. Por exemplo:

(128)

---

<sup>48</sup> şimin é um tipo de raiz que os Matis comiam; dizem que atualmente não se come mais este tipo de raiz.

- a) Matis -Ø di -no uş- **-kid**  
 Matis -abs. rede -loc. dormir- -hab.pres.  
 “Os Matis sempre dormem na rede.”
- b) Rogerio -Ø di -no uş- **-e** -k  
 Rogério -abs. rede -loc. dormir- -n.pass. -decl.  
 “O Rogério dorme na rede. (Não é sempre que dorme na rede.)”
- c) kamun -in unkin -Ø ak- **-kid**  
 onça -erg. caitetu -abs. matar- -hab.pres.  
 “A onça sempre mata caitetu.”
- d) kamun -in wapa -Ø ak- **-e** -k  
 onça -erg. cachorro -abs. matar- -hab.pres.  
 “A onça mata cachorro (às vezes).”

### 6.7.2 {-dene} “aspecto habitual passado”

O uso da sufixação do morfema **{-dene}** (alomorfe -tene, que ocorre sempre depois de consoantes menos a nasal) no verbo, quer seja ele transitivo ou intransitivo, indica uma ação habitual. “Habitual” no sentido que a ação é realizada repetidas vezes, e não como “contínuo” (Comrie, 1976, p.276). Esse morfema pode vir combinado pelas marca temporais {-nda} e {-bonda}. Não encontramos nenhum caso em que {-dene} venha combinado com {-bo}, possivelmente porque {-bo} indica um tempo passado que está próximo ao presente. Talvez isso ocorra porque uma das características de {-dene} é indicar um aspecto habitual não recente.

Ao buscarmos uma melhor compreensão do funcionamento da marcação aspectual {-dene} “passado não recente habitual”, pudemos observar que tal

aspecto pode-se somar aos passados {-bonda} “passado distante” e {-anpi} “passado remoto”. Além desses dois passados, ocorre também a sufixação de {-nda} “passado indeterminado”. Diante disso, tínhamos duas opções:(i) considerar que há quatro tipos de morfemas aspectuais de passado habitual, a saber: {-dene}, {-denenda}, {-denebonda} e {-deneanpi}, ou (ii) segmentá-los. Para esta análise, optamos em não segmentá-los. Verificamos, ainda, que este morfema indica evidencialidade do tipo inferencial.

(129)

a) inbi Tabatinga -no -şun pão -Ø pe- **-dene** -k  
 1sg.erg. Tabatinga -loc. -inic.tr. pão -abs. comer- - hab.pass.n.rec. -decl.  
 “Eu sempre comia pão em Tabatinga (pouco tempo atrás).”

b) ibi soldadu -n şubu -no -wiş  
 1sg.abs. soldado -poss. casa -loc. -inic.intr.  
 nes- **-tenebonda** -k  
 tomar banho- -hab.pass. dist. -decl.  
 “Eu sempre tomava banho na piscina do soldado.”

c) mis- -pa -tsi mama -Ø ik- **-tenenda** -ş  
 Qu- -enf. -conc.pass. papai -abs. aux.- -hab.pass.indet. -3.exp.  
 “Como era teu pai?”

### 6.7.3 {-wa} “aspectual reiterativo”

O aspecto indicado pela ocorrência do morfema {-wa} é a repetição, quando o falante deseja indicar que a ação realizada acontecerá novamente.

(130)

a) inbi di -Ø bed -kuan- **-wa** -e -k  
 1sg.erg. rede -abs. pegar -ir -reit. -n.pass. -decl.  
 “Eu vou pegar a rede de volta.”

- b) inbi wanin -Ø bed- **-wa** -e -k  
 1sg.erg. pupunha -abs. pegar- -reit. -n.pass. -decl.

“Eu pego novamente pupunha.”

- c) inbi pão -Ø mene- **-wa** -nu Rogeru -Ø  
 1sg.erg. pão -abs. comprar -reit. -dess. Rogério. -voc.

“Rogério, eu quero comprar pão novamente.”

#### 6.7.4 {tʃakan} “aspectual inconclusivo involuntário”

O aspecto inconclusivo é realizado pela sufixação do morfema **{-tʃakan}** à raiz verbal, indicando que a ação não foi concluída. Uma tradução aproximada desse morfema seria “quase” ou “a ação do verbo não ocorreu, ficou próxima de ocorrer”. Nos casos em que é utilizado, não existe um sentimento de frustração, como em {-tsen}. indica somente que a ação não foi concluída, como demonstrado abaixo:

(131)

- a) inbi tʃapa -Ø bed- **-tʃakan** -a -k  
 1sg.erg. peixe -abs. pegar- -incon. -pass.rec. -1/2:decl.

“Eu quase peguei o peixe.”

- b) ibi wapa -n pe- **-tʃakan** -a -ʃ  
 1sg.abs. cachorro -erg. morder- -incon. -pass.rec. -3.exp.

“O cachorro quase me mordeu.”

- c) nukun papi -Ø bida -wa **-tʃakan** -a -k  
 1sg.poss. filho -bas. bom -vbzr. -incon. -pass.rec. -3:infer.

“Meu filho ficou quase bom.”

### 6.7.5 {-wid} “aspectual incompletivo”

O morfema {-wid}, em nossos dados atuais, ocorre somente com as diversas formas do verbo “matar”: *tonka*- “matar com arma de fogo (revólver e espingarda)”, *se*- “matar com flecha”, *tik*- “matar com zarabatana, ou seja, com seta” e indica também uma ação incompleta.

Quando são utilizados esses verbos, a indicação é que o indivíduo ou o animal morreu, diferentemente do português que, numa sentença como “João atirou na anta”, não fica claro se houve morte ou não. Para especificar a ação na sentença, em português, é necessário um complemento como “João flechou a anta e a matou”. Em Matis, para se especificar que o alvo no qual se atirou/flechou/setou não morreu, utiliza-se {-wid}, indicando que a ação foi incompleta. É possível explorar que tal ação incompleta traz ao indivíduo um sentimento frustrativo, ampliando, assim, o significado do morfema.

(132)

a) Kanika -n tʃawa -∅ se- **-wid** -a -ʃ  
 Kanika -erg. queixada -abs. flechar- -incomp.frustr. -pass.rec. -3.exp.

“O Kanika feriu com flecha a queixada.”

b) nikid -∅ inbi se- **-wid** -akid  
 aquele -abs. 1sg.erg. flechar- -incomp. -nZR.pass.rec.pac.

lba -n se- -a -ʃ  
 lba -erg. flechar- -pass.rec. -3.exp.

“Aquele (animal) que eu feri flechando, o lba o matou.”

c) Maki -n unkin -∅ tik- **-wid** -a -ʃ  
 Maki -erg. caitetu -abs. matar c/ seta- -incomp. -pass.rec. -3.exp.

“O Maki feriu o caitetu com seta de zarabatana.”

### 6.7.6 {-bud} “durativo”

O morfema **{-bud}** sufixa-se ao verbo para indicar a durabilidade da ação, durante um período de tempo. Além disso, quando associado ao imperativo {-ta}, indica que o participante ou o objeto deve permanecer onde está ou deve continuar realizando a ação.

(133)

tsad- <b>-bud</b> -ta sentar- -dur. -imp.afirm. “Fique sentado, não saia!”	X	tsad- -ta sentar- -imp.afirm. “Fique sentado!”
pe- <b>-bud</b> -ta comer- -dur. -imp.afirm. “Fique comendo onde está!”	X	pe- -ta comer- -imp.afirm. “Fique comendo!”

Tabela 15: Contraste entre duração e não.

(134)

a) nunte toke- **-bud** -pa- -a -§  
canoa afundar- -dur. -coment. -pass.rec. -3.exp.  
“A canoa afundou e ficou lá.”

b) Binin -Ø tsad- **-bud** -a -§  
Binin -abs. sentar- -dur. -pass.rec. -3.exp.  
“O Binin ficou sem sair, sentado na canoa.”

### 6.7.7 {-do} “inceptivo” (alomorfe -to) e {-an} “incoativo”

O morfema **{-do}** (e seu alomorfe -to, que ocorre sempre depois de consoantes, menos com a nasal) e {-an} marcam um tipo de aspecto, conhecido,

respectivamente, como inceptivo (que principia, que dá início, inicial, incoativo) e como incoativo (começar a tornar-se em X). Podemos observar que tanto o inceptivo quanto o incoativo atuam no verbo, mas a forma incoativa que opera sobre o nome é diferente da que opera no verbo.

(135) {-do} ~ {-to} “inceptivo”

a) uş -a -ş a') uş- **-to** -a -ş  
 dormir -pass.rec. -3.exp. dormir -incept. -pass.rec. -3.exp.  
 “Ele dormiu.” “Ele ficou dormindo.”

b) inbi nami -Ø kodoka- **-do** -a -k  
 1sg.erg. carne -abs. cozinhar- -incept. -pass.rec. -decl.  
 “Eu comecei a cozinhar a carne.”

c) mişte -Ø kuke- **-do** -e -k  
 lenha -abs. queimar- -incept. -n.pass. -decl.  
 “A lenha começa a queimar.”

(136) {-an} “incoativo”

a) nukun papi -Ø kapo- **-an** -e -k  
 1sg.poss. filho -abs. caçar- -incoa. -n.pass. -decl.  
 “Meu filho começa a caçar. (Lit. Meu filho começa a tornar-se caçador).”

b) rogeru -Ø kunen- **-an** -pe -e -k  
 Rogério -abs. falar bravo- -incoa. -coment. -n.pass. -decl.  
 “O Rogério está começando a ficar zangado.”

### 6.7.8 {-bene} e {-kene} “aspecto interrupto/intermitente”

O morfema **{-bene}** “indo ou vindo sem parar” sufixa-se somente em verbos transitivos. Já **{-kene}** “indo ou vindo sem parar” sufixa-se em verbos intransitivos.



Ambos indicam que a ação está sendo feita durante o percurso de um lugar ao outro, sem interrupção ou intermitentemente.

(137) {-bene} “indo ou vindo sem parar”

a) inbi      şubu      is-      **-bene**                      -ek              kuan-      -e              -k  
 1sg.erg    casa    ver-    -sem parar.tr.    -n.pass.    ir-      -n.pass.    -decl.  
 “Eu, viajando, vou vendo as casas”

b) mikui      tʃawa      nidika-              **-bene**                      -e              -k  
 2pl.      queixada    correr.atrás-    -sem parar.tr.    -n.pass.    -decl.  
 “Vocês correram atrás da queixada sem parar.”

(138) {-kene} “indo ou vindo sem parar”

a) ibi              pekas      -ek                      kapo-      **-kene**                      -kin  
 1sg.abs.    ter.fome    -simult.A/S>S    andar-    -sem parar.intr.    -simult.A/S>A  
 unkin      -Ø      iste-              -şun              inbi      tonka-              -e              -k  
 caitetu    -abs.    encontrar-    -seq.A/S>A    1sg.erg.    matar c/ arma-    -n.pass.    -decl.  
 “Estava caçando sem parar, com fome, vi um caitetu, atirei nele e matei.”

### 6.7.9 Morfema {-tid} “propósito”

O morfema {-tid} sufixa-se às raízes verbais, tanto transitivas quanto intransitivas, com a função de indicar um propósito. Porém, tem característica diferente do desiderativo {-nu}, que indica intenção e marca a 1ª pessoa, além de expressar tempo (tipo futuro). Verificamos que o morfema {-tid} não funciona como um desiderativo e não é um marcador de *switch-reference*, pois em construção complexa, ele sufixa-se ao verbo da matriz. Pode ocorrer também em sentenças simples, como em 139 (c) e (d).

(139)

a) inbi nukun şubu -no kuan- -şun  
 1sg.erg. 1sg.poss. casa -loc. chegar- -seq.A/S>A

sinkuin -∅ pe- **-tid** -e -k  
 banana -abs. comer- -prop. -n.pass. -decl.

“Quando chegar em minha casa comerei banana.”

b) ibi Campinas -no kuan- -aş nun- **-tid** -e -k  
 1sg.abs. Campinas -loc. chegar- -seq.A/S>S nadar- -prop. -n.pass. -  
 decl.

“Quando chegar eu vou nadar.”

c) inbi atsa -∅ pe- **-tid** -e -k  
 1sg.erg. mandioca -abs. comer- -prop. -n.pass. -decl.

“Quando eu fui comi mandioca.”

d) dadasibo -bo papitsik nuki tşui- **-tid** -bonda -wa  
 velho -col. pouco 1+2 contar- -prop. -pass.dist. -p.d.

“Quando voltamos nós contamos um pouco para os velhos....”

## 6.8 Modo

Segundo Bybee (1985, p. 165), “modo é uma marca sobre o verbo que sinaliza como o falante escolhe colocar suas proposições no contexto do discurso”, ou seja, implica na forma em que o falante se coloca no discurso. No verbo, na língua matis, uma série de marcadores que indicam modo: imperativo, desiderativo, negativo, exortativo e declarativo.

### 6.8.1 Modo imperativo

O modo imperativo é utilizado como estratégia para dar um comando direto. Segundo Sadock e Zwick (1985, p.170), existem formas distintas de se

compreender o imperativo como pedido, comando, ordem, sugestão e instrução, não sendo necessário que seja uma sentença imperativa. Em Matis, algumas formas apresentadas pelos autores se convergem nas seguintes formas:  $\emptyset$ , **{-ta}**, **{-enda}** e na composição da forma verbal sufixada por **{-ta}** mais **ka-** “dizer”, sendo a composição utilizada sempre na forma indireta.

Temos a hipótese que o imperativo na forma  $\emptyset$  é normalmente utilizado como um tipo de ordenativo, diferente ao apresentado na próxima seção (6.8.1.1). O exemplo (140) refere-se ao seguinte contexto: “Mená ordena que o Iba passe veneno na seta utilizada na zarabatana, mas quem detém a seta é o Mená (140(a)); se a seta estiver na posse do Iba, utiliza-se o **{-ta}** (145 (b)).

(140)

a) Iba  $\emptyset$  katsu  $\emptyset$  aṣ  $\emptyset$   
 Iba -voc. seta -abs. passar veneno -imp.  
 “Iba, passe veneno na seta!”

b) katsu  $\emptyset$  aṣ- **-ta**  
 seta -abs. passar veneno- -imp.afirm.

É muito comum encontrar esta forma de realização do imperativo, quando há a inclusão da primeira pessoa, ocorrendo somente verbos sem argumentos.

(141)

a) is  $\emptyset$  “Veja! (com o falante incluído)”

b) kuan  $\emptyset$  “Vamos embora!”

O morfema **{-ta}** se sufixa no verbo para indicar a forma imperativa afirmativa, como também ocorre quando não há a presença de um morfema foneticamente realizado (cf. 147 (a) e (b)), enquanto que a forma negativa é realizada por **{-enda}**.

(142)

- a) Rogeru tsad- -te tsad **-ta**  
 Rogério sentar- -instr.nzr sentar -imp.afirm.

"Rogério, sente no banco!"

- b) Biuṣ -Ø pe- **-ta**  
 Biuṣ -abs. comer- -imp.afir.

"Biuṣ, coma!"

O imperativo negativo **{-enda}** foi considerado como um único morfema em função da comparação com a língua matsés. Em matsés, ainda existe a forma de negação **{-en}**. Possivelmente, no passado, o imperativo negativo tenha sido formado pela negação **{-en}** mais a forma imperativa **{-ta}**, que teria um alomorfe **{-da}**, sendo reanalisado sincronicamente como **{-enda}**.

(143)

- a) Gabrieu kuan- **-enda**  
 Gabriel ir- -imp.neg.

"Gabriel, não vá!"

- b) Tumi tṣakawa- -ta tʃe- pak- **-enda**  
 Tum mastigar- -imp.afirm. engolir- -imp.neg.

"Tumi, mastigue! Não engula!"

### 6.8.1.1 Ordenativo/mandativo

O morfema **{-ta}** somado ao verbo **ka-**, funciona como ordenativo/mandativo, ou seja, "aquele que delega algo", resultando, dessa forma, em um tipo de ordenança.

(144)

a) Paulo -n tʃaʃ- **-ta** **ka-** -ak Matis -bo -n  
 Paulo -erg. capinar -imp.arfirm. dizer- -O>A/S Matis -col. -erg.

wesin -∅ tʃaʃ -e -k  
 mato -abs. capinar -n.pass. -decl.

“Paulo mandou os Matis capinarem o mato. (Lit. Paulo disse, (Matis) capinem! Os Matis capinam o mato.)”

b) inbi uʃ- **-ta** **ka-** -ak  
 1sg.erg. dormir- -imp.arfirm. dizer- -O>A/S

Gabriel -∅ uʃ- -a -ʃ  
 Gabriel -abs. dormir- -pass.rec. -3.exp.

“Eu mandei o Gabriel dormir. (Lit. Eu disse, (Gabriel) vá dormir! O Gabriel dormiu.)”

c) inbi Vitoria -∅ bolo -∅ tʃamo **-ta** **ka-** -e -k  
 1sg.erg. Vitória -abs. bolo -abs. pegar- -imp.arfirm. dizer- -n.pass. -decl.

“Eu vou mandar a Vitória assar um bolo. (Lit. Eu direi: Vitória asse um bolo!)”

### 6.8.2 Modo desiderativo

O desiderativo **{-nu}** indica futuro por causa da característica semântica do item lexical. Entretanto, não quer dizer que seja um morfema marcador de tempo futuro. Sempre que houver referência ao futuro, o verbo é marcado por **{-ek}** ; no caso da necessidade de se especificar melhor o tempo, utiliza-se um advérbio temporal ou um sintagma adverbial como 'amanhã', 'depois de amanhã', 'daqui a um ano'.

Provavelmente uma das razões de não haver marca de futuro na língua é o fato deste possuir uma característica especulativa. Como os falantes não admitem falas especulativas, como por exemplo, *\*sedkeaʃ inbi unkin tonkaek kapoek* “amanhã vou caçar um porco”, esta sentença é agramatical, apesar de

aparentemente não existir nada que a desabilite. Os falantes a consideram agramatical pelo fato da expressão não poder ser uma realidade atestada, isto é, por não saberem se irão ou não caçar um porco. Dessa forma, preferem utilizar uma expressão em que aparece a forma desiderativa para indicar um desejo e não uma certeza, utilizando as seguintes sentenças: *sedkeaş inbi kapoek* “amanhã vou caçar” ou *sedkeaş inbi tonkanu kapoek* “amanhã eu desejo caçar um porco”. Com isso, o “futuro” estaria sendo realizado por **{-nu}** “desiderativo”, como modo e não como tempo (Comrie, 1985, p. 44).

O modo desiderativo **{-nu}** “ter vontade de, querer” sufixa-se à raiz verbal:

(145)

a) *inbi*      *tjawa*      -∅      *tonka-*      -şun      *pe*      **-nu**  
 1sg.erg.      queixada      -abs.      matar c/ arma-      -seq.A/S>A      comer      -des.

“Eu vou matar uma queixada para comer”

b) *mi*      -n      *tşutşu*      *is-*      -me      **-nu**  
 2p.sg.      -poss.      irmã      ver-      -caus.      -des

*kapa*      -∅      *dakud-*      -e      -k  
 .      esquilo      -abs.      ter.medo-      -n.pass.      -decl.

“Vou mostrar o esquilo para tua irmã, ela tem medo.”

c) *wesnid*      -wid      -∅      *pe-*      **-nu**  
*mutun*      -rest.      -abs.      comer-      -des.

“(Eu) quero comer só mutum.”

O morfema **{-kas}** “desiderativo” ainda é muito produtivo em outras línguas da família Pano, como em Shipipo-Konibo e Cashinua (ver exemplo 147). No entanto, em Matis podemos encontrá-lo já lexicalizado nos verbos “comer” e

“dormir”. Sincronicamente, são semanticamente compreendidos como **pekas-** “ter.fome” e **ușkas-** “ter.sono”.

(146)

a) nukun papi -Ø pe- **-kas** -e -k  
1sg.poss. filho -abs. comer- -des. -n.pass. -decl.

b) uș **-kas** -wa -an pe- -en  
dormir -des. -trzr -antipass.- coment. -adv.causa

ibi uș- -a -k  
1sg.abs. dormir- -pass.rec. -decl.

“Tendo sono novamente, fui dormir.”

O morfema desiderativo, como já mencionado, é comum em outras línguas dessa família. Em Shipibo e Cashinahua ocorrem os morfemas {-kas} e {-katsi}, respectivamente:

(147) Shipibo

a) E -n -ra mia shinan -ma **-kas** -ai jo -ti  
1-ERG-EV 2:ABS think -CAUS **-DES** -INC come -INF

“I suggest that you come (lit. I wish to make you consider to come)” (Valenzuela, 2003, 613)

b) [E-n yoi -kas -a] r- iki.  
1-ERG tell -DES -PP1 EV- AUX  
'I want to tell (the stories).' (Valenzuela, 2003, p. 269)

(148) Cashinahua

c) En unpax a-**katsi** ikamaki.  
Yo agua tomar-quiero neg.

“Yo no quiero tomar agua.” (Montag, 1981, p. 571)

d) isun i-n **katsi** ika-i  
uriner 1s-nom vouloir décl 1act-prés

“Je dis que j’ai envie d’uriner” (Camargo, 1991, p. 260)

### 6.8.3 Modo Negativo

Consideramos a negação como ‘modo’ por fazer parte da flexão verbal. Segundo Bybee (1985, p.176), algumas línguas marcam a negação como flexão. De acordo com a autora em algumas gramáticas, a negação é analisada no mesmo padrão das interrogativas, imperativas e dos enfáticos. A negação em Matis pode ser feita de três formas: no tempo não-passado **{-emen}**, no tempo passado **{-ama}** e por **{-esma}** “nunca”. Exemplos:

(149)

**{-emen}** “negação não-passado”

a) *nibi mibi nun- -emen*  
 hoje 2sg.abs. nadar- -neg.n.pass.  
 “Hoje você não vai nadar.”

b) *nibi mibi nun- -emen*  
 hoje 2sg.abs. nadar- -neg.n.pass.  
 “Hoje, você não nadou.”

c) *papi -bo -n t̥sue- -emen -pa*  
 Homem -col. -erg. conversar- -neg.n.pass. -enf.  
 “Os homens não conversam.”

A negação, como dito acima, pode ser feita também pelo morfema **{-ama}**, que ocorre somente com o tempo passado recente. Para se especificar o tempo não-recente, distante, remoto, é necessário o uso do verbo auxiliar **ik-** (cf.150 (c)).



(150)

a) na- -da ka- -nu minbi şodko -Ø  
 Qu- - conc.n.pass. dizer- -des. 2sg.erg. machado. -abs.

şek -ama -pa bi- -a -k  
 amolar -neg.pass. -enf. trazer- -pass.rec. -decl..

“Por que você não amolou o machado que eu trouxe?”

b) ibi kuan- -ama  
 1sg.abs. ir- -neg.pass.

“Eu não viajei.”

c) kamun -n işma -Ø ak- -ama ik- -bonda -ş  
 onça -erg. işma -abs. matar- -neg.pass. aux.- -pass.dist. -3.exp.

“A onça não matou o işma.”

#### 6.8.4 Formação do verbo a partir de nomes e adjetivos

Os verbos transitivos podem ser formados a partir de bases nominais ou adjetivais, constituindo os denominais. A verbalização é feita pelo morfema **{-wa}** que ocorre logo após a raiz nominal, seguida pelos morfemas de tempo, modo e aspecto.

(151)

a) we -n nukun datonkete -Ø waka -wa -a -ş  
 chuva -erg. 1sg.poss. camisa -abs. água -vbzr. -pass.rec. -3.exp.

“A chuva molhou minha camisa.”

b) wanin dişanin papi -bo muşa- -wa -bo -ş  
 pupunha tempo de rapaz -col. tatuagem- -vbzr. -pass.n.rec. -3.exp.

“No tempo de pupunha os rapazes tatuaram.”

c) sedke- -şun moto -Ø bida -wa -me -nu  
 amanhã- -conc.A. motor -abs. bom -vbzr. -caus. -desid.

“Amanhã eu vou consertar o motor.”

Os verbos intransitivos são formados pela flexão verbal diretamente nos nomes; em alguns casos, os verbos formados por esta sufixação têm um aspeto incoativo. Segundo Payne (1997, p.95), a operação de incoação ocorre sobre os nomes, enquanto que os inceptivos ocorrem nos verbos. Podemos observar que esta operação de incoação ocorre tanto em verbos quanto com os nomes, na língua matis, mas com uma morfologia diferente.

(152)

a) Matis -in tsusin -Ø kamun **-ek**  
 Matis -poss. espírito -abs. onça -vbzr.incoa.  
 “O espírito do Matis torna-se onça (depois que morre).”

b) masi -Ø matses **-ek**  
 areia -abs. gente -vbzr.incoa.  
 “A areia torna-se gente.”

c) mabuşa **-ek**  
 “O cabelo está ficando branco/ O cabelo está embranquecendo.”

## **CAPÍTULO VII:**

### **Advérbios**

As características que definem a classe adverbial na língua matis são morfológicas e sintáticas. Morfologicamente, os advérbios não são flexionados por tempo, modo e aspecto. Sintática e semanticamente funcionam como modificadores do verbo e do adjetivo, ocorrendo preferencialmente antes dele. Há um grupo bastante limitado de itens lexicais que exercem o papel adverbial propriamente dito, além dos adjetivos e numerais que podem ser adverbializados através do sufixo **{-en}**.

O advérbio pode ser modificado por dois tipos de intensificadores: {kimo}, que vem depois de itens adverbializados e {-tsik}, que ocorre após os itens adverbiais propriamente ditos. Alguns advérbios temporais que têm relação com a transitividade (§ 7.7, p. 159) recebem um dos morfemas.

Existem cinco grupos de advérbios (maneira, lugar, tempo, quantidade e intensidade) e os adverbializados (podem ser numerais e adjetivos).

#### **7.1 Advérbios locativos**

Os locativos, tradicionalmente chamados de 'advérbios locativos', fazem referência à distância (Anderson e Keenan, 1985). Em Matis, eles indicam se um

objeto ou uma pessoa está próximo do enunciador, do experienciador ou se está distante de ambos.

Há três distinções para o contraste dêitico de distância:

(153)

**ni**<sup>49</sup> "aqui" (perto do enunciador e do experienciador)  
**u** "ali" (um pouco afastado do enunciador e do experienciador )

a) şapu -∅ **ni** tsad -e -k  
 şapu -abs. aqui sentar -n.pass. -decl.  
 "şapu está sentado **aqui**"

b) Tumî -∅ **u** duke- -e -k  
 Tumîl -abs. ali deitar- -n.pass. -decl.  
 "A Tumî deita [na rede] **ali**."

## 7.2 Advérbios de maneira

Os advérbios de maneira são *bişkatsik* "lentamente", *widîn* "rapidamente (para verbos de movimento)", *tudemên* "rapidamente (para os outros verbos)", *buid* "altura da voz (alto)" e *şoşke* "altura da voz (baixo)".

(154)

a) şawi -∅ **bişka** kapo- -e -k  
 tartaruga -abs. lentamente andar- -n.pass. -decl.  
 "A tartaruga anda lentamente."

b) pusin -∅ **bişka** -tsik dawan- -e -k  
 preguiça -abs. lentamente -dim. forma de caminhar- -n.pass. -decl.  
 "A preguiça anda muito lentamente."

c) moto -∅ **widen**<sup>50</sup> kimo kuan- -bo -ş

<sup>49</sup> Na seção 9.1.3, encontramos estas formas derivadas pelo morfema -kid.

motocicleta -abs. rapidamente muito ir- -pass.n.rec. -3  
 “A motocicleta foi muito rapidamente.”

d) inbi **tudemēn** t̥sui- -e -k  
 1sg.erg. rapidamente contar- -n.pass. -decl.  
 “Eu conto rapidamente.”

e) mibi **buid** onke- -bonda -k  
 2p.sg.abs alto fala- -pass.dist. -decl.  
 “Você falou alto (naquela época).”

f) ibi **so̥ske** onke- -a -k  
 1sg.abs. baixo falar- -pass.n.rec. -1/2:decl.  
 “Eu falei baixo.”

### 7.3 Advérbios de tempo

Os advérbios de tempo estão divididos entre aqueles que não recebem os morfemas<sup>51</sup> {-kin}, {-ṣun}, {-ek} e {-aṣ} e aqueles que podem receber. Até o momento, não há nada que indique a razão desta distinção. A tabela abaixo demonstra os advérbios que não são sufixados por esses morfemas.

Os advérbios da tabela 16 não possuem morfemas que se relacionam com a transitividade, como veremos nos itens da tabela 17 e nas posposições locativas (§ 9.3.1.1, p. 199).

---

<sup>50</sup> Os advérbios de rapidez *wid-en* e *tud-e-emen*, de acordo com os seus respectivos sufixos, parecem ser derivados de outros itens lexicais. Porém, não há nada que possa indicar a sua origem. Assim, parece que houve um processo de cristalização destes itens lexicais.

<sup>51</sup> Ainda falta-nos verificar a possibilidade de que alguns itens que neste trabalho estamos considerando como advérbios, possam ser verbos. Se já foram reanalisados e agora realmente são advérbios, isso explicará a ocorrência dos morfemas {-kin}, {-ṣun}, {-ek} e {-aṣ}.

Advérbios de tempo	Significado
inden	“antigamente”
nibi	“hoje/agora”
tʃitʃin	“depois”
intʃismantsik	“de manhã”
tʃadbud	“de tarde”
imid	“à noite”

Tabela 16: Advérbios temporais que não recebem morfologia de “concordância”

(155)

a) **inden** -kimo Matis -Ø madu- -madu -pa ik- -bonda -ş  
antes -augment. Matis -abs. sem nada.- -redupl. -enf. aux.- -pass.dist. -3.exp.

**nibi** datonkete abi  
hoje roupa part.afirm.

“Há muito tempo, os Matis ficavam sem vestimentas, hoje eles têm roupa.”

b) **ibi** **ni** uş- -e -k sedke- -aş  
1sg.abs. aqui dormir- -n.pass. -decl. amanhã- -conc.S.

**intʃismantsik** Tabatinga -no kuan- -nuş  
manhãzinha Tabatinga -loc. ir- -prop.A/S>S

“Eu durmo aqui, amanhã cedinho eu vou para Tabatinga.”

c) **Bina** -n **tʃadbud** bi- -e -k  
Bina -erg. de tarde trazer- -n.pass. -decl.

“Bina traz (algo) à tarde.”

Para os advérbios que são sufixados pelos morfemas {-kin}, {-şun}, {-ek} e {-aş}, temos duas possíveis análises: (i) analisá-los como um tipo de

“concordância<sup>52</sup>” com os argumentos A ou S; (ii) compreender que estes itens lexicais são frases adverbiais e que seus morfemas são marcadores de *switch-reference*, dependendo do tipo de argumento. Se compararmos com os morfemas que se sufixam aos locativos, por exemplo, *nɪ*. Também vemos que os pares {-*ʃun*} “iniciação.transitivo” e {-*wiʃ*} “iniciação.intransitivo” (§ 9.3.1.1, p. 199) funcionam diferentemente dos morfemas que co-ocorrem com os advérbios de tempo, abaixo relacionados.

Advérbio	Significado	conc.A	conc.S	ou
		A/S>A	A/S>S	
punkin-	primeiro	-kin	--	
punkinmid-	primeiro	---	-ek	
katon-	antes	-kin	-ek	
sedke-	amanhã	- <i>ʃun</i>	- <i>aʃ</i>	
uʃto-	ontem	-kin	-ek	
uki uʃto-	ante-ontem	-kin	-ek	

Tabela 17: Advérbios temporais que recebem morfologia de “concordância”.

(156)

a) sedke- **-*ʃun*** nuki atʃiwiʃ -*ʃun* sote -∅ tʃi- -e -k  
 amanhã -conc.A 1+2 todos -conc.tr. pulseira -abs. tirar -n.pass. -decl.

“Depois de amanhecer, nós todos iremos tirar a pulseira.”

<sup>52</sup> Para este trabalho, estamos denominando um tipo de ‘concordância’ e glossando como -conc.A ou -conc.S.

b) uʃto- **-kin** Vitoria -n cafe kodoka- -bo -ʃ  
 ontem -conc.A Vitória -erg. café cozinhar- -pass.n.rec. -3.exp.  
 “Ontem a Vitória fez café.”

c) sedke- **-aʃ** Vitoria -bid Gabrieu -Ø nun- -e -k  
 amanhã -conc.S Vitória -com.S Gabriel -abs. nadar- -n.pass. -decl.  
 “Amanhã a Vitória e o Gabriel irão nadar.”

e) uʃto- **-ek** ibi tʃo- -bo -k  
 ontem- -conc.S 1sg.abs. vir- -pass.n.rec. -decl.  
 “Eu cheguei ontem.”

#### 7.4 Itens adverbializados

Os numerais, os quantitativos e os adjetivos, como bida “bom” e iksamadap “ruim”, são adverbializados por **{-e}** “adverbializador intransitivo” e **{-en}** “adverbializador transitivo”, ocupando a mesma posição na sentença que os advérbios propriamente ditos. Os quantificadores *dadenpa* “muito (quantidade)” e *dabidtsik* “pouco” são sufixados por **{-en}** ou **{-e}**.

(157)

a) São Paulo -no -wiʃ ibi **epapa -e**  
 São Paulo -loc. -inic.intr. 1sg.abs. 1 -advzr.intr.  
 nes- -bonda -k  
 tomar banho- -pass.dist. -decl.  
 “Eu banhei uma vez (por dia) em São Paulo.”

b) inbi tʃapa -Ø **dabidtsik -en** bed- -a -k  
 1sg.erg. peixe -abs. pouco -adczr.tr. pegar- -pass.rec. -decl.  
 “Eu peguei pouco peixe.”



c) ibi Tabatinga -no -wiş **dabidtsik** -e  
 1sg.abs. Tabatinga -loc. -inic.intr. pouco -advzr.intr.

Leticia -no kuan- -a -k  
 Letícia -loc. ir- -pass.n.rec. -decl.

“Eu vou de Tabatinga para Letícia poucas vezes.”

### Adjetivos adverbializados (158)

a) nuku -n tita -n **bida** -en kodoka -e -k  
 1sg.- -poss. mãe -erg. bom -advzr cozinhar -n.pass. -decl.

“Minha mãe cozinha bem.”

b) papi -∅ **iksamadapa** -e kapo -e -k wisu -wisu -pa  
 menino -abs. ruim -advzr andar -n.pass. -decl. sujo -rep. -enf.

“O menino anda mal, fica muito sujo.”

### 7.5 -kimo “aumentativo”

O morfema {-kimo} “muito” (quantificador) sufixa-se ao adjetivo, ao advérbio e ao verbo.

#### (159)

a) Tabatinga -no -wiş ibi nun- -kimo -emen  
 Tabatinga -loc. -inic.intr. 1sg.abs. nadar- -aument. -neg.n.pass.

“Em Tabatinga eu não nado muito.”

b) kamun -∅ matses -in pe- **-kimo** -esma  
 onça -abs. Matis -erg. comer- -aument. -nZR.neg.

“Os Matis nunca (mesmo) comeram onça.”

c) tʃanpi -∅ bida **-kimo** ik- -bonda -ş  
 mulher -abs. bonita -aument. aux.- -pass.dist. -3.exp.

“A mulher era muito bonita.”

- d) deslizador -Ø widin **-kimo** kuan- -e -k  
 deslizador -abs. rápido aument. ir- -n.pass. -decl.  
 “O deslizador vai muito rápido.”

## 7.6 {paş-} “rapidamente”

O prefixo {**paş-**}, quando adicionado a uma raiz verbal, indica que a ação ocorrida foi feita brevemente. Porém, há uma restrição quanto a esse morfema, pois não ocorre com verbos de movimento. Neste caso, é necessário utilizar o advérbio *tudemēn* “rapidamente”. Fleck (2003a, p. 344) tem tratado este prefixo como um desintensificador. Segundo ele, na língua matsés, este morfema diminui a intensidade da ação realizada, podendo, em alguns casos, significar mal feito/apressadamente ou insatisfação.

Em Matis, esta afixação indica que a ação realizada foi feita de uma forma muito rápida ou ligeira. {**paş-**} sufixa-se a um verbo tornando uma frase adverbial.

(160)

- a) ibi **paş-** ed -ek ed- -a -k  
 1sg.abs. ligeiramente- entrar -simult.A/S>S entrar- -pass.rec. -decl.  
 “Eu entrei ligeiramente (Lit. Eu rapidamente entro entrei).”

- c) nawa -Ø **paş-** noman- -ek  
 não-índio -abs. ligeiramente- cantar- -simult.A/S>S  
  
 noman- -bo -ş  
 cantar- -pass.n.rec. -3.exp.  
 “O não-índio cantou rapidamente.”

- b) minbi **paş-** bed -kin bed- -k  
 2sg.erg. ligeiramente- comprar- -simult.A/S>A pegar- -pass.rec. -decl.  
 “Você pegou ligeiramente (Lit. Você não demorou para pegar.)”

## 7.7 Morfologia adverbial e a transitividade verbal

Os advérbios em Shipibo-Konibo e em Matsés recebem morfemas denominados morfemas que concordam com a transitividade verbal. Segundo Valenzuela (1999, p 359), em Shipibo-Konibo, “os verbos impõem uma concordância com a transitividade sobre os advérbios de lugar e de maneira.” Em Matis, ocorre tal concordância nos advérbios de lugar, mas não há nenhuma ocorrência desse tipo com os advérbios de maneira, diferenciando-se, nesse ponto, da língua matses que segundo Fleck (2003a, pg.579), alguns advérbios de maneira recebem os morfemas de concordância {-en} e {-ec}, mas não recebem {-**ṣun**} e {-**wiṣ**}. Já em Matis, os morfemas {-en} e {-e} são adverbializadores, ocorrendo de acordo com a transitividade verbal. As ocorrências de concordância com a transitividade são demonstradas abaixo:

(161)

a) **ni** **-ṣun** papi -bo -n pe- -e -k  
 aqui -inic.tr. homem -col. -erg. comer- -n.pass. -decl.

quartu -n witsi -ṣun tʃanpi -bo kodoka- -e -k  
 quarto -loc. outro -inic.tr. mulher -col. cozinhar- -n.pass. -decl.

“Os homens comem aqui, as mulheres cozinham no outro quarto.”

b) kamun dada bunta akid -in **nimiduk** **-wiṣ** tʃo- -ṣun  
 gato maracajá -erg. dentro da selva -inic. vir- -seq.A/S>A

takada -∅ pe- -a -ṣ  
 galinha -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.

“O gato maracajá veio da selva e comeu a galinha.”

c) Rogeru -n arroz -∅ **dadenpa** **-en** bed- -e -k  
 Rogério -erg. arroz -abs. intens.qtd -advzdr comprar-n.pass. decl.

“Rogério comprou muito arroz”

## CAPÍTULO VIII:

### Adjetivos

#### 8.1 Diferenças de outras classes

O Nome atua como núcleo do sintagma nominal, podendo ser substituído por um pronome ou ainda ser omitido, dentro de um contexto específico. Os verbos são núcleo dos predicados, podendo ser modificados por advérbios, intensificadores e numerais. Já os adjetivos, dentro de um sintagma nominal, atuam como modificadores da cabeça ou núcleo nominal (162 (a)). Por si só, não podem ocorrer como núcleo de SN (162 (b)). No entanto, em alguns casos, como na derivação, se assemelham aos Nomes, podendo ser verbalizados pelo mesmo morfema **{-wa}** e nominalizados da mesma forma que os verbos, pelo morfema **{-kid}**. Para tanto, é necessário que primeiro o adjetivo seja verbalizado, para depois ser nominalizado, o que não o colocaria na categoria de nome ou de verbo.

(162)

a) minbi            [waka waduᶑ]<sub>SN</sub> -Ø    ak-    -a            -k  
 2p.sg.erg.    água    frio            -abs    beber- -pass.rec. -1/2:decl.

“Você bebeu água gelada.”

b) \* minbi            [waduᶑ] -Ø            ak-    -a            -ᶑ  
 2p.sg.erg.    frio            -abs    beber- -pass.rec. -decl.

Os nomes e os adjetivos também diferenciam-se quanto à sua marcação de caso ergativo e pela marcação do comitativo. Os nomes podem ser sufixados por {-bid} “com.S” {-bita} “com.O” e {-bitan} “com.A”. Os adjetivos não podem ser marcados por estes casos. Outra diferença é que o coletivizador {-bo} só ocorre com os nomes, mas não com adjetivos.

(163)

a) papi -bo -bid nawa -bo -Ø kuan- -a -ş  
 homem -col -com.S não-índio -col. -abs ir- -pass.rec. -3.exp.

“Os homens (Matis) e os não-índios partiram.”

Aceito pelo falante

b) [nami paşa ]<sub>SN</sub> -bita pisi -Ø tʃe- -e -k piukun --in  
 carne crua -com.O podre -abs. engolir -n.pass. -decl. urubu -erg.

“O urubu come a carne boa e a podre.”

Não aceito

c) \* nami paşa -bid iksama- -dap  
 carne crua -com.S ruim- -enf.

“A carne

O marcador de caso ergativo sufixa-se somente ao adjetivo quando este estiver no final do sintagma nominal. Caso contrário, ocorre após o item que finaliza o sintagma.

(164)

a) [nawa tuku -dapa]<sub>SN</sub> -n wapa -Ø kues- -a -ş  
 não-índio baixo -enf. -erg. cachorro -abs. bater- -n.pass. -3.exp.

“O homem pequeno matou o cachorro.”

- b) [ Bina **şunu** -n awin ]<sub>SN</sub> -**in** atsa -∅ pe- -a -ş  
 Bina alto -poss. esposa -erg. mandioca -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.  
 “A esposa do Bina, aquele que é alto, comeu mandioca.”

Alguns morfemas transitam entre as classes, como é o caso do enfático {-dap(a) ~ -tap(a) ~ -pa}. O morfema {-tsik} só ocorre com os adjetivos e os advérbios. Contudo, em alguns contextos, seu significado é de diminutivo, mas, na maioria das ocorrências, sua função é de intensificador.

(165) -dap(a) ~-tap(a)}

{-tsik}

ADJ	waka -∅ <b>waduş</b> - <b>tap</b> água -abs. gelado- enf. “A água está <b>gelada</b> .”	tʃanpi -∅ <b>bida</b> - <b>tsik</b> menina -abs bonita -int.ens./dim. “A menina é <b>bonitinha</b> .”
ADV	Kanika -n şubu -∅ <b>nowa</b> - <b>dap</b> nibi Kanica -poss. cssa -abs. grande -enf. hoje şubu -wa -şun je- -bo -k casa -vbzr. -seq.A/S>A fazer- -pass.n.rec. -decl. şubu papi -tsik -dapa casa pequena -dim. -enf. “A <u>grande</u> casa do Kanica foi desmanchada e hoje é pequena.”	ibi <b>bişka</b> - <b>tsik</b> onke- -e -k 1sg.abs devagar -intens. falar- -n.pass. -decl “Eu falo <b>devagar</b> .”
VB	natsikikin minbi pe- -emen -pa Qu- 2p.sg.erg. comer -neg.n.pass -enf. ----- “Por que você não <b>come</b> ?”	
Nome	Rogeru -n <b>bolacha</b> - <b>dapa</b> -∅ Rogério -poss. bolacha -enf. -abs ----- onpo- -a -ş roubar- -pass.rec. -3.exp. “Roubaram a <u>bolacha</u> do Rogério.”	

O critério morfológico colabora para afirmarmos que há uma classe adjetival em Matis (cf. tabela 18), visto que não há morfemas específicos desta classe, mas que comparados a da classe do nome e do verbo, a ausência dessa morfologia colabora para apreendermos que é possível se ter uma classe de adjetivo. Além disso, podemos também utilizar os critérios semânticos propostos por Dixon (1977) e pelos critérios sintáticos, é possível identificar uma classe adjetivo em Matis.

	Caso	Flexão
Nome	✓	-----
Verbo	-----	✓
Adjetivo	-----	-----

Tabela 18: Comparação de marcação morfológica N, V e ADJ

## 8.2 Tipos Semânticos de Dixon

Segundo Dixon (1977, p. 20), nem todas as línguas têm uma classe adjetiva extensa. Outras nem possuem uma classe adjetiva ou possuem uma classe não muito produtiva, mas que pode ser chamada de Adjetivo. As línguas no mundo podem se expressar de três formas, quando não há uma classe adjetivo: (i) por meio de nomes, como por exemplo, em Quéchua; (ii) por meio de verbos, como por exemplo, em Manipuri; (iii) ou por meio de partículas, como em Chinook (Bhat, 1994, p.11-21) .

Dixon (1977, p. 28), com base no inglês, propõe sete tipos semânticos: dimensão, propriedade física, propriedade humana, idade, cor, valor e velocidade. Destes sete tipos, há em Matis somente cinco, apresentados abaixo.

(166)

**a) Dimensão**

noa	“grande/largo”
şunu	“alto”
tuku	“baixo”

**b) Propriedade Física**

itis	“quente”
iwi	“pesado”
kasi	“magro”
şakad	“leve”
şini <sup>53</sup>	“gordo”
şinio	“gordo”
tşod	“terra/mole”
waduş	“frio/gelado”

**c) Propriedade Humana**

bida	“generoso/bondoso”
widan	“nervoso”

**d) Idade**

paşa	“novo(a) (para inanimados)”
şini	“velho(a) (para inanimados)”

**e) Valor**

bida	“bom”
iksamadap	“ruim/não presta”

Para o tipo semântico “rapidez”, não há nenhuma palavra que seja tipicamente adjetiva, mas caracteristicamente adverbiais, como vimos em 7.1, p.151.

Um tipo de oposição semântica que ocorre com os adjetivos é com relação ao antônimo. Porém, é típica em orações comparativas. No entanto, tal fato não



nos leva a afirmar que todos os tipos semânticos sirvam para tais construções. Dos tipos semânticos descritos acima, nem todos possuem seu antônimo. Para expressá-lo, a língua utiliza a negação: *bata* “sabor doce ou salgado”, antônimo: *bata pimem* “não é doce ou não é salgado”.

### 8.3 Morfemas flexionais

Como já foi visto, os morfemas {-dapa ~ -tapa ~ -pa} “enfático” e {-tsik} “diminutivo” ocorrem sufixados aos adjetivos. Porém, o enfático, quando sufixado aos itens de cores, significa totalidade, isto é, só aquela cor que predomina sobre o objeto: se alguém disser que a casa é vermelha, significará que não há nenhuma outra cor nela.

(167)

a) *nikid*      *dadawate*    -∅      **was**a    **-dap**  
aquele      caderno      -abs.    branco    -enf.

“Aquele caderno é totalmente branco.” (Lit. o caderno só tem folhas brancas.)

b) *inden Dani*    -n      *maşakete*      **pid**      **-tap**  
antes Dani    -poss.    cabelo      vermelho    -enf.

*ik-*      -bo      -ş      *nibi wisu*  
aux.-    -pass.n.rec.    -3.exp.    hoje    preto

“Antes o cabelo da Dani era vermelhinho, hoje é preto.”

---

<sup>53</sup> *şini* é pessoa ou animal que possui muita gordura, enquanto que *şinio* designa pessoas grandes em estrutura, assemelhando-se ao 'gordo', em nossa concepção.

## 8.4 Modificador dos adjetivos

Há somente dois modificadores que ocorrem com os adjetivos, *-kimo* “muito” e *-dap(a)* “enfático”. Eles ocorrem também com outros itens, como nomes, verbos e advérbios.

(168)

a) café bata **-kimo**  
 café ser.saboroso muito  
 “O café é muito gostoso.”

b) minbi pete dadenpa **iwi kimo** -Ø de- -a -k  
 2p.sg.erg. comida intens.qtd. pesado muito -abs carregar- -pass.rec. -decl.  
 “Você carregou muita comida e pesada.”

c) Gabrieu kasi **-dap** ik- -bonda -ş  
 Gabriel ser.magro -enf. aux.- -pass.dist. -3.exp.  
 “O Gabriel estava muito magro.”

### 8.4.1 Morfemas: {-bakuı} “tipo de diminutivo” e {-ami} “aumentativo”

Os nomes podem ser modificados pelo aumentativo e diminutivo. Aumentativo: *ami* “grande, enorme (possui uma forma arredondada)” ou *nowa* “grande” não sendo esta uma formação produtiva. Para indicar o diminutivo, utiliza-se o item lexical *bakuı* “pequeno/criança”, mas também pode-se indicar o diminutivo ou que algo é pequeno por meio do item lexical *papitsık* “pequeno”.

(169)

a) şubu **ami** ~ şubu **nowa** -dap  
 casa grande ~ casa grande -enf.  
 “Casa grande”

b) Bina -n şubu **ami** -Ø fe- -bonda -ş  
 Bina -erg. maloca grande -abs. fazer- -pass.dist. -3.exp.  
 “O Bina fez (há um tempo) a maloca grande.”

c) matsu **ami**  
 panela grande  
 “Panela grande”

d) [matsu **ami**] -n atsa dadenpa kodoka- -ta  
 panela grande -loc. mandioca muita cozinhar- -imp.afirm.  
 “Cozinhe na panela grande as mandiocas.”

e) matşo -bo -n matsu ami -Ø fe- -ek tanawa- -e -k  
 velha -col. -erg. panela grande -abs. fazer- -simult.A/S>S saber- -n.pass. -decl.  
 “As velhas sabem fazer panela grande.”

f) tʃanpi-n **bakui**  
 menina pequena  
 “A menina pequena/menininha”

g) [tʃanpi -n **bakui**] -n şuma tʃiʃ- -e -k  
 menina -poss. pequena -erg. peito chupa- -n.pass. -decl.  
 “A nenê chupa o peito.”

Em alguns poucos casos *papitsik* exerce o papel de diminutivo. Nestes dois casos foi solicitado ao informante como seria “bonitinha” e “pequenino”, e as respostas foram as seguintes:

(170)

a) di -n **bakui** ~ di -n **papitsik**  
 rede -poss. pequena rede -poss. pequeno  
 “rede pequena/redinha” “rede pequena.”

minbi ibi di -n **bakui** -dapa -Ø mene -a -k  
 2sg.erg. 1sg.abs. rede -poss. pequena -enf. -abs. dar -pass.rec- -decl.  
 “Você deu para mim uma rede pequena.”

### 8.5 Negação nos adjetivos

Os adjetivos são negados por *pimen* ou por meio de palavras antônimas. Diferentemente, os nomes são negados pela partícula negativa *bama* (§ 9.4.1, p. 204). Por sua vez, os verbos quando ocorrem na forma negativa recebem o morfema *-emen* ou *-ama* (§ 6.8.3, p. 149). Exemplo de antônimo: işa “gostoso”, iksamadap “ruim, não é gostoso”.

(171)

a) matses -in      tidinte      **bida**      kimo      kodubo -n  
 Matis -poss.      zarabatana      bonita/boa      muito      korubo -poss.

tidinte      **bida**      **pimen**  
 zarabatana      bonita      exist.neg.

“A zarabatana do Matis é bonita, mas a zarabatana do Korubo **não** é bonita.”

b) matses -in      tidinte      **şunu** -dap      bida -kimo      utoto -n  
 Matis -poss.      zarabatana      grande -enf. bom -aument.      utoto -poss

tidinte      **tuku**      -dap      iksamadap  
 . zarabatana      pequena      -enf.      ruim

“A zarabatana do Matis é longa e muito boa, mas a zarabatana utoto é curta e ruim.”

### 8.6 Reduplicação das bases adjetivais

A reduplicação de adjetivos é feita com a cópia da base. Tal processo indica intensificação, que pode ocorrer também através do uso do {-*kimo*}.

(172)

a) şin      -şin      ik-      -kid  
 amarelo      -redup.      aux.-      -nZR.

“Amarelo mesmo (Lit. amarelo que é)”

- b) bidi            -bidi    ik-    -kid  
 estampado -redup.    aux.- -nZR.

“Colorido mesmo (Lit. colorido que é)”

- b') datonkete    bidibidipa    kimo  
 camisa            estampado    muito

“ A camisa muito estampada”

- c) wisu    -wisu    -dapa  
 negro    -redup.    -enf.

“muito sujo (preto)”

## 8.7 Adjetivação

Os nomes podem modificar outros nomes dentro de um sintagma nominal. No caso dos nomes que não são derivados, o precedente é o que possui a característica atributiva, ou seja, N(atributo) + N. Já os nomes derivados seguirão a mesma posição dos itens adjetivais como bonito, grande, preto, ou seja, N + N(atributo). Estes itens atributivos derivados dos verbos, após serem nominalizados por -kid “nominalizador agentivo”, farão com que o nome formado tenha inevitavelmente características atributivas, como **kodoka-** “cozinhar” → **kodokakid** “cozinheiro”.

(173)

- a) sinkuin    **tşodka-**    **-kid**  
 banana    mastigar-    -nZR.

“mingau de banana”

- b) Tuma -n    [sinkuin    **tşodka-**    -kid]    -Ø    kodoka-    -e            -k  
 Tuma -erg.    banana    mastigar-    -nZR.    -abs.    cozinhar-    -n.pass.    -decl.

“A Tuma vai fazer mingau de banana.”

O modificador nominal é realizado pela derivação feita por **{-kid}**: a ocorrência do nome próprio mais um verbo nominalizado em construções predicativas.

(174)

a) João kodoka **-kid**  
 João cozinhar -ag.nzr  
 “O João é o que cozinha.”

b) şita tʃi-kid “dentista”  
 inden ibi şita tʃik **-kid** ik- -bonda -k  
 antes 1sg.abs. dente tirar -ag.nzr aux.- -pass.n.rec. -decl.  
 “Antes eu era tirador de dente.”

## 8.8 Aspectos da frase adjetival (uma visão geral do adjetivo na sintaxe)

Nesta seção, são apresentados alguns tipos de construções sintáticas que envolvem o adjetivo, sua distribuição dentro do sintagma nominal e seu funcionamento dentro de construções predicativas, primeiramente em sentenças copulares e, em seguida, como predicativos.

### 8.8.1 A ordem do atributo no núcleo nominal

Em frases nominais, a ordem é [N+ADJ+INT], na qual a cabeça nominal estará sempre anteposta ao adjetivo. Quando houver a presença do intensificador *kimo*, ele ocorre após o adjetivo que está sendo intensificado:  
 [N+ADJ+INT+ADJ]<sub>SN</sub> ou [N+ADJ +ADJ+INT]<sub>SN</sub>

(175)

	N		ADJ	
a)	matses	-∅	bida	∅
	Matis	-abs.	ser.bonito	exist.

“O Matis é bonito/bom”

b)	matses	-∅	bida	ik-	-bonda	-§
	Matis	-abs.	bonito/bom	aux.-	-pass.dist.	-3.exp.

“O Matis era bom.”

	N		ADJ		INT	
c)	tʃanpi	-∅	papitsik	kimo	∅	
	menina	-abs.	pequeno	muito	exist.	

“A menina é muito pequena”

### 8.8.2 Predicação

Quando o adjetivo está presente em orações nas quais o tempo expresso seja o presente ou o futuro, não há o verbo copular, como em algumas outras línguas da família Pano. Em orações nas quais ocorre a marca temporal passado, a língua faz uso da cópula **ik-**, que recebe as marcas temporais, podendo indicar o grau de passado ao qual se refere o interlocutor.

(176)

a)	inden	nukun	şubu	-∅	wisu	<b>ik</b>	-bo	-§
	antes	1sg.poss.	casa	-abs.	sujo	aux.	-pass.n.rec.	-3.exp.

nibi	şebad-	kimo	<b>-∅</b>
hoje	limpo-	muito	

“Antes minha casa estava suja, hoje ela está limpa.”

b)	Odinor	-∅	bida	ik-	-bonda	-§
	Odinor	-abs.	bom	aux.-	-pass.dist.	-3.exp.

“O Odinor era bondoso.”

c) cafe -Ø tʃimu -dap **ik-** **-a** -ʃ  
 café -abs. amargo -enf. aux.- -pass.rec. -3.exp.

“O café estava amargo.”

Os adjetivos aparecem como modificadores do núcleo do argumento verbal. Neste caso, há uma distinção importante dentro da ocorrência sintática, visto que esta é uma posição nuclear. Assim, o adjetivo pode ocupar duas posições dentro da sentença:

(i) posição atributiva, quando está dentro de um sintagma nominal, estando o nome em posição nuclear da mesma.

(177)

a) [[papi **nowa** -dapa] -n]<sub>SN</sub> atʃuwɨʃ nami -Ø wes- -kin  
 menino gordo -enf. -erg. toda carne -abs. terminar- -simult.A/S>A

pe- -a -ʃ  
 comer- -pass.rec. -3.exp.

“O menino gordo comeu toda a carne até o fim”

b) [atsa **makunpak** -Ø]<sub>SN</sub> ne- -ta  
 mandioca estragada -abs. jogar- -imp.

“Jogue a mandioca estragada.”

(ii) em uma construção predicativa, em que o tempo não esteja no passado; neste caso, não é necessário a copula **ik-**, como podemos ver nos exemplos (a) e (b) abaixo. Porém, quando a oração é marcada pelo passado, ou seja, um evento no passado, é necessário a presença da cópula (ver 178 (c) e (d)).



(178)

a) [nawa -n tʃawa ʃinio- -dapa] atsa -Ø  
 não-índio -poss. porco ser.gordo -enf. mandioca -abs.

dadenpa -en pe- -e -k  
 intens.qtd. -advzr comer- -n.pass. -decl.

“O porco do não-índio é gordo, porque come muita mandioca.”

b) [tʃunaia -no bida kimo] nuki maned- -bonda -k  
 Aurélio -loc. ser.bom muito 1+2 mudar- -pass.n.rec. -decl.

“O Aurélio é um bom lugar, por isso que nós mudamos.”

c) [Tumi -Ø min ʃubu -no -wiʃ kasi -dap  
 Tumi -abs. 2sg.poss. casa -loc. -inic.intr. magro -enf.

**ik-** -bo -ʃ]O1 [ni -wiʃ Tumi -Ø pe- -e -k  
 aux.- -pass.n.rec. -3 agora -inic.intr. Tumi -abs. comer- -n.pass. -decl.

dadenpa ʃinio -ek]O2  
 intens.qtd. engordar -vbzr.incoa.

“O Tumi era magro quando estava na tua casa. Agora Tumi está engordando porque come muito”

d) inden tʃanpi -Ø tʃimu -ek kasi **ik-** -bonda-ʃ  
 antes menina -abs. adoecer -prop.A/S>S magra aux.- -pass.dist.

nibi tʃanpi -Ø ʃini -tʃo- -e -k  
 hoje menina -abs. gordura -ter- -n.pass. -decl.

“Antes quando a menina ficou doente estava magra, hoje ela ficou gorda. (Lit. Antes a menina era magra porque estava doente. Hoje a menina tem gordura.)”

## CAPÍTULO IX:

### Classes Fechadas

Segundo Schachter (1985, p. 23), “as línguas diferem uma das outras na organização das classes fechadas”, como ocorre nas abertas. Existem línguas que possuem mais de uma dezena delas. Há quatro classes fechadas, encontradas na língua matis: pronomes (subclasse dos nomes), numerais, quantitativos e interjeições.

#### 9.1 Sistema pronominal em Matis

Os pronomes estão divididos em pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos e interrogativos. O que se afirma normalmente é que os pronomes são palavras utilizadas como substitutos dos nomes ou de frases nominais (Schachter 1985, p.25). Em línguas do tipo SOV, freqüentemente, as palavras são dependentes. No entanto, na língua matis, os pronomes são independentes<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Em Matis, como também em outras línguas da família Pano, existe um morfema *portmanteau* que funciona como concordância de terceira pessoa /-s/ e marca de evidencialidade. Porém, sua ocorrência é restrita ao tempo passado.

### 9.1.1 Pronomes Pessoais

Em Matis, os pronomes pessoais não fazem distinção de gênero, estando divididos em dois grupos: pronomes ergativos e absolutivos no singular. Já no plural não há essa divisão, não ocorrendo a marca nasal neste grupo de pronomes. Considero que hoje estes conjuntos de pronomes estão lexicalizados. De um ponto de vista diacrônico, teríamos a possível segmentação: pronome + ergativo + enfático, como por exemplo:  $\dot{i}$  + -n + -bi “1p.+erg.+enf.”. A questão morfológica é uma das evidências para o argumento da lexicalização pronominal. A marca morfológica enfática {-**dapa**}, sufixada aos nomes, ocorre antes da marca ergativa (cf. 179 (a)); já com os pronomes, isso não ocorre (cf. 179 (c)). Assim, verificamos que não é possível inserir o morfema de ênfase após a marca ergativa, como no exemplo (a). Contudo, em (b) o morfema de ênfase ocorre somente após o pronome ergativo.

(179)

a) **tʃanpi** -dapa-n pe- -ʃ  
 menina -enf.-erg. comer- -pass.rec. -3.exp.

“Foi a menina que comeu”

b) \*mi -n -dapa -bi  
 2 p. -erg. -enf. -?

← Essa construção não é possível

c) **minbi** -**dapa** witsu ʃe- -a -k  
 2sg.erg. -enf. pulseira tecer- -pass.rec. -decl.

“Foi você quem fez a pulseira.”

Esse processo de lexicalização na língua parece ser comum. Houve um processo de lexicalização dos morfemas {-mpi} “diminutivo” em **tʃanpi** “menina” e

um outro com {-bo} “coletivo”, nos itens lexicais, **tjidabo** “mulher” e **dasibo** “velho”. Essa hipótese é verificável ao se comparar o Matis com outra língua Pano. Por exemplo, o morfema {-mpi} que marca diminutivo em Matsés (cf. 180 (a)), já não ocorre em Matis.

O morfema {-bo} é ainda produtivo em ambas as línguas. Podemos supor que o termo **tjidabo** “mulher”, diacronicamente, na língua matis, era semelhante a **tjido** do Matsés. Dessa forma, as construções tjida + bo e dadasi + bo já são formas lexicalizadas.

(180) Matsés (Fleck, 2003a, p. 277 (a), 273 (b))

a) dada -mpi “homem pequeno”  
homem -dim.

b) tjido -bo “mulheres”  
mulher -col.

(181) Matis

a) tjanpi bakui “menina pequena”  
menina dim.

b) tjidabo -bo “mulheres”  
mulher -col.

c) dasibo -bo “velhos”  
velho -col.

Em Matis, existe uma diferença entre o singular e o plural nos pronomes pessoais, com relação à marcação de caso ergativo e absoluto. Os pronomes

personais do plural não exibem o morfema ergativo {-n}, como ocorre no singular. No entanto, não posso afirmar que há uma cisão, somente que não há tal marcação. Verifiquei, até o momento, que a língua possui um sistema estritamente ergativo.

Outras características interessantes podem ser consideradas. Somente o pronome de segunda pessoa do plural possui uma forma distinta para o dativo, forma esta que em Matsés só ocorre em narrativas mitológicas, (Fleck, 2003a, p. 242). Outro fator interessante é com relação ao pronome de terceira pessoa<sup>55</sup> que não é marcado ( $\emptyset$ ), quer seja na forma ergativa como na forma absoluta, sendo que só ocorre em posição de co-referência.

Podemos verificar abaixo as formas de ocorrência dos pronomes pessoais.

	Ergativos	Absolutivos	Objeto
1sg, 1 + 3 Exclusivo)	inbi	ibi	ibi
2 sg	minbi	mibi	mibi
3 sg	$\emptyset$	$\emptyset$	$\emptyset$
1+ 2 (inclusivo)	nuki	nuki	nuki
2 pl	mikui	mikui	mitso
3 pl	$\emptyset$	$\emptyset$	$\emptyset$
co-referentes 3 sg	anbi	abi	

Tabela 19: Pronomes pessoais.

Apresento, a seguir, um grupo de exemplos para mostrar as funções dos pronomes dentro da sintaxe: S, A ou O.

---

<sup>55</sup> Existe a possibilidade de existir os co-referenciais ankuibi “terceira pessoa plural ergativo” e akuibi “terceira pessoa plural absoluto”.

ĩbi “1sg. ergativo e/ou1+3.erg”, ibi “1sg.absolutivo e/ou 1+3 erg.”

(182)

	<b>A</b>	<b>O</b>		<b>V</b>		
a)	<b>ĩbi</b>	pusan	-∅	pe-	-a	-k
	1sg.erg	preguiça	-abs	comer-	-pass.rec.	-decl.

“**Eu** comi a preguiça”

b)	nuki	-en	-tsik	ĩbi	pe-	-a	-k
	1+2	-enf.	-intens.	1+3 erg.	comer-	-pass.rec.	-decl.

“Foi nós mesmos que comemos.”

	<b>S</b>	<b>V</b>	
b)	<b>ibi</b>	nun-	-e -k
	1+3.abs	nadar-	-n.pass. -decl.

“**Nós** nadei”

	<b>A</b>	<b>O</b>	<b>O</b>	<b>V</b>			
c)	Biuş	-in	takada	-∅	<b>ibi</b>	bi-	-şun -bo -ş
	Biuş	-erg.	galinha	-abs.	1sg.abs.	trazer-	-benf. -pass.n.rec. -3

“Biuş trouxe a galinha para **mim**.”

d)	nuki	-en	<b>ibi</b>	tjo-	-a	-k
	1+2.	-enf.	1+3sg.abs.	vir-	-pass.rec.	-1/2:decl.

“Nós mesmos que viemos.”

minbi “2sg.ergativo” e mibi “2sg.absolutivo”

(183)

	<b>A</b>	<b>O</b>		<b>V</b>		
a)	<b>minbi</b>	atsa	-∅	kodoka-	-a	-k
	2sg.erg.	mandioca	-abs.	cozinhar-	-pass.rec.	-1/2:decl.

“Você cozinhou mandioca.”

	<b>S</b>	<b>V</b>	
b)	<b>mibi</b>	uş-	-bo -k
	2pl.abs.	dormir-	-pass.n.rec. -decl.

“Você dormiu (já faz um tempo)”

- |    |          |       |                 |          |           |         |  |  |
|----|----------|-------|-----------------|----------|-----------|---------|--|--|
|    | <b>A</b> |       | <b>O</b>        |          | <b>V</b>  |         |  |  |
| c) | tşuna    | -n    | <b>mibi</b>     | dayun-   | -a        | -ş      |  |  |
|    | macaco   | -erg. | <b>2sg.abs.</b> | abraçar- | -passrec. | -3.exp. |  |  |

“O macaco barrigudo abraçou você.”

#### Ausência do pronome de terceira pessoa singular e plural

(184)

- |    |          |           |          |                |            |         |  |  |
|----|----------|-----------|----------|----------------|------------|---------|--|--|
|    | <b>A</b> |           | <b>O</b> |                | <b>V</b>   |         |  |  |
| a) | ∅        | unkin     | -∅       | tonka-         | -a         | -ş      |  |  |
|    | 3.sg.    | porquinho | -abs     | matar c/ arma- | -pass.rec. | -3.exp. |  |  |

“Ele(a) matou o porquinho.”

- |    |          |      |             |         |            |         |  |  |
|----|----------|------|-------------|---------|------------|---------|--|--|
|    | <b>S</b> |      | <b>loc.</b> |         | <b>V</b>   |         |  |  |
| b) | ∅        | tşod | -in         | sukwad- | -bo        | -ş      |  |  |
|    | 3.sg.    | chão | -loc.       | deitar- | -pass.rec. | -3.exp. |  |  |

“Ele(a) dormiu.”

A primeira pessoa do plural **nuki** ocorre nas funções A, S e O, não recebendo, em nenhum destes casos, a marca ergativa {-n}.

(185)

- |    |             |        |                |            |          |  |  |  |
|----|-------------|--------|----------------|------------|----------|--|--|--|
|    | <b>A</b>    |        | <b>O</b>       |            | <b>V</b> |  |  |  |
| a) | <b>nuki</b> | wesnid | tik-           | -a         | -k       |  |  |  |
|    | 1+2         | mutum  | matar c/ seta- | -pass.rec. | -decl.   |  |  |  |

“Nós matamos o mutum com seta.”

- |    |             |        |          |        |  |  |  |  |
|----|-------------|--------|----------|--------|--|--|--|--|
|    | <b>S</b>    |        | <b>V</b> |        |  |  |  |  |
| b) | <b>nuki</b> | kapo-  | -e       | -k     |  |  |  |  |
|    | 1+2         | andar- | -n.pass. | -decl. |  |  |  |  |

“Nós dormiremos.”

- |    |          |       |           |        |          |             |          |        |             |    |  |  |
|----|----------|-------|-----------|--------|----------|-------------|----------|--------|-------------|----|--|--|
|    | <b>A</b> |       | <b>O</b>  |        | <b>O</b> |             | <b>V</b> |        |             |    |  |  |
| c) | lba      | -n    | nawa      | -n     | matsu    | <b>nuki</b> | bed-     | -şun   | -bonda      | -ş |  |  |
|    | lba      | -erg. | não-índio | -poss. | panela   | 1+2         | comprar  | -benf. | -pass.dist. | -3 |  |  |

“O lba comprou (há muito tempo) panelas para nós.”

Como se pode verificar na tabela (19), o pronome de segunda pessoa do plural, aparentemente, parece estar funcionando com um padrão

nominativo/acusativo, sendo  $S=A \neq O$ . É uma cisão do sistema ergativo/absolutivo somente para a marcação de 2pl.

Segundo Camargo (2004:<sup>56</sup>), em Cashinaua, há três sistemas: ergativo/absolutivo, nominativo/acusativo e neutro. Para essa língua, o sistema é ergativo/absolutivo, quando os argumentos forem nominais, e nominativo, quando os argumentos forem pronominais. É neutro, quando o argumento for somente referente à terceira pessoa do singular. Já na língua matsés, segundo Fleck (2003a, p. 248), na qual a marcação de caso é semelhante à da língua matis, o autor apenas afirma que os plurais são uma exceção dentro do sistema, mas que não é possível estarem dentro de um sistema neutro pelo fato da língua ter uma marcação de caso estritamente ergativa.

Levando em consideração estas e outras línguas da mesma família, é possível levantar a hipótese para o Matis uma cisão dentro do sistema pronominal. Se verificarmos os dados dos exemplos (186 (a), (b) e (c)), observaremos que a segunda pessoa do plural parece estar funcionando num sistema nominativo/acusativo, sendo que a posição de sujeito ( $A=S$ ) diferencia-se da posição de objeto ( $O$ ), o que é característico de um sistema nominativo/acusativo (Comrie, 1978 e Dixon, 1994).

(186)

---

<sup>56</sup> Palestra sobre “Sintaxe cindida em Caxinauá (pano)”, apresentada aos alunos de pós-graduação em agosto de 2004, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP).



S            O            V  
 a) **mikui**    dui        bed-        -a  
      2pl.    terçado   pegar-    -pass.rec.

“Vocês pegaram o terçado?”

S            V  
 b) **mikui**    kuan-     -e  
      2pl.    ir-        -n.pass.

“Vocês vão embora?”

A                    O                    O  
 c) vitória -n    wanin        -Ø        **mitso**    kodoka-    -sun        -a            -s  
      Vitória -erg.   pupunha    -abs.    2pl.abs.    cozinhar-   -benef.    -pass.rec.   -3.exp.

“O Kiko trouxe camisas para vocês.”

Como foi apresentado na tabela 19, as terceiras pessoas reportivas são realizadas por **abi** (singular) e **akui** (plural).

(187)

S                    V  
 a) Bina -Ø        kuan-        -ama  
      Bina -abs.    viajar-     -neg.pass.

S                    V  
**abi**                    onke-     -a            -s  
 3sg.abs.rep. -foc.    falar-    -pass.rec.   -3.exp.

“Eu não falei (nada), foi ele quem falou.”

### 9.1.1.1 Os marcadores de pessoas e o comitativo

O comitativo, quando ocorre junto aos marcadores de pessoa, indica as mesmas marcas pessoais que ocorrem com os pronomes possessivos, com a diferença da primeira pessoa do singular que é realizada por {i-} e não {nuku}.

Quando os comitativos {-bitan}, {-bid} e {-bita} são sufixados à primeira pessoa do plural {nuki}, diferentemente dos outros pronomes, ocorre, durante a sufixação, a queda do **b** resultando em *nukitan*, *nukid* e *nukita*.

	A	S	O
1 + 3	ibitan	ibid	ibita
2ª p. do singular	mibitan	mibid	mibita
--	--	--	---
1 + 2	nuki + bitan → nukitan	nuki + bid → nukid	nuki + bita → nukita
2ª p. do plural	mitsobitan	mitsobid	mitsobita
--	---	---	--

Tabela 20: Ocorrência do comitativo com os pronomes pessoais.

A seguir, seguem exemplos da primeira pessoa nas posições A, S e O.

(188)

a) **i-** **-bid** Rogeru -Ø uş- -e -k  
 1+3 -com.S Rogério -abs. dormir- -n.pass. -decl.

“O Rogério dorme conosco.”

b) **i-** **-bitan** Tumi -n Leticia -no istan- -bo -ş  
 1 -com.A Tumi -erg. Letícia -loc. visitar- -pass.n.rec. -3.exp.

“O Tumi visitou Letícia comigo.”

c) wapa -n **i-** **-bita** Bini -Ø pe- -a -ş  
 cachorro -erg. 1 -com.O Bini -abs morder- -pass.rec. -3.exp.

“O cachorro mordeu eu e o Bini.”

### 9.1.2 Pronomes possessivos pessoais

Os possessivos formam uma subclasse dos pronomes e são marcados pela marca de posse **-n**, a mesma que ocorre com os nomes quando estão na posição

de possuidor. Na estrutura sintática, estes pronomes antecedem o item possuído: min (2sg.) şubu “casa” (possuído) = *min şubu* “tua casa”.

Se compararmos *nukun* “1p.pessoa possessivo” com *nuki* “1p. plural”, verificamos que ambos têm em comum o *nu*, o que indica uma marca de primeira pessoa. A mesma comparação pode ser feita para a 2ª e a 3ª pessoas do singular e plural. Assim, tendo em vista o princípio de economia lingüística, a proposta é que estes pronomes se lexicalizaram. A questão que se levanta é a seguinte: “Qual seria a função dos morfemas -bi, -tso, -to, -wi e -ki ~-kui ?” Só conseguiremos responder esta questão com um estudo histórico-comparativo das línguas da família Pano.

1sg ou 1+3sg	nukun	1+2.pl.	nukin
2.sg.	min	2.pl.	mitson
3.sg.	awin	3.pl.	aton

Tabela 21: Pronomes possessivos pessoais.

Todos os pronomes da Tabela 18 podem ocorrer com um marcador de terceira pessoa objeto {-a}. Este mesmo morfema ocorre em Matsés e, segundo Fleck (2003a, p. 252), “pode ser identificado como terceira pessoa, por meio das ocorrências: a-bëd e a-ben, respectivamente, “com ele”, “só ele”, como também nos pronomes de terceira pessoa *abi*, *anbi* e *aton*.” Algumas questões merecem ser levantadas aqui. Este morfema seria uma marca de concordância dêitica com a terceira pessoa? Ou seria uma parte do existencial *abi*? Ou, ainda, como propõe Fleck (op.cit. 2003a), um clítico de terceira pessoa possessiva? Quando o falante responde *nukun -a* “(isso) é o meu”, a marca ‘-a’ refere-se a algo ou alguém, o que

parece caracterizá-lo como um morfema de terceira pessoa. Verificamos que a presença da forma fonética [a] no existencial a-bi, nos pronomes possessivos singular a-wiŋ e plural a-ton, como também no pronome demonstrativo a-kid “aquele/aquilo (longe)”, é a mesma encontrada nos possessivos.

(189)

a) pergunta: tsu    -n        -a        -tsi        ne-    -e  
                   QU-    -poss.    -3.        -interr.tr.    ser-    -n.pass.

“De quem é isso? (apontando para uma rede) (Lit. É a coisa de quem?)”

resposta: Rogeriu    -n        -a <sup>57</sup>  
                   Rogério    -poss.    -3p.

“(A rede) pertence ao Rogério.”

b) pergunta: Gabrieu Antonio -n    papi ?  
                   Gabriel Antônio -poss.    filho

“O Gabriel é filho do Antônio?”

resposta: **nukun**    -a  
                   1 sg.poss.    -3p.

“(O Gabriel) é meu”

### 9.1.3 Pronomes demonstrativos

Estou chamando de demonstrativos aquelas palavras do Matis que correspondem aos tradicionais ‘pronomes e adjetivos demonstrativos’. A maioria das línguas parece indicar objetos através da referência à localização destes com relação à posição do enunciador no espaço. Já outras línguas podem ser orientadas para as pessoas do discurso que podem incluir uma referência à

posição do receptor. Neste caso, a referência pode codificar se um objeto está próximo do enunciador, próximo do receptor ou distante de ambos, como é o caso do Matis. Existem três formas de contrastar dimensão dêitica básica:

(190)

- a) *nikid*                      “este, esta, isto” (perto do enunciador e do receptor)
- b) *ukid*                      “aquele, aquela, aquilo” (longe de ambos)
- c) *akid*                      “esse, essa” ( perto do receptor)

Nos dados que possuímos, até o momento, verificamos que as formas citadas em (196), só ocorreram no singular. Para que se forme o plural, seria necessário o uso do sufixo {-*bo*}, por exemplo: *nikid-bo* ‘estes (as)’, *ukid-bo* ‘aqueles (as)’ e *akid-bo* ‘esses (as)’.

Dixon (2003, p. 62,65) argumenta que os ‘nominais’, que correspondem aos pronomes demonstrativos e aos adjetivos demonstrativos, na terminologia tradicional, podem ocorrer de duas formas: a) em um sintagma nominal com um nome ou pronome, isto é, como em (‘[this stone] is hot’) ou b) como um sintagma nominal completo, como em (‘[this] is hot’). Nas línguas em que podem aparecer como um SN ‘cheio’, eles carregam a função de ‘ pronomes demonstrativos’. Porém, segundo o autor, às vezes isso não é permitido, por exemplo, na língua *ainu*<sup>58</sup>, demonstrativos nominais não podem ser usados sem um acompanhamento

---

<sup>57</sup> Até o momento não ocorreu em Matis o uso do morfema {-a} em outros contextos, a não ser como resposta direta.

<sup>58</sup> Alíngua Ainu citada por Dixon (2003) foi estudada por Tamura, Suzuko(2000), *The Ainu language*. Tokyo: Sanseio.

de um nome. Já em Matis, são permitidos os dois tipos de usos, sendo a mesma forma usada para os dois casos, tanto para (1) quanto para (2). Assim, a língua apresenta as duas formas de ocorrência dos demonstrativos.

(191)

1- adjetivos demonstrativos em um SN com um nome

a) **nikid** sapa paşa Ø  
 essa(s) cesta(s) nova exist.  
 “Essa(s) cesta(s) é(são) nova”

b) **ukid** sapa paşa Ø  
 aquela cesta nova exist.  
 “Aquelela cesta é nova”

c) **nikid** [Tupa -n papi] Ø  
 esse Tupa -poss. menino exist.  
 “Esse é o filho da Tupa”

d) **ukid** Tupa -n papi Ø  
 aquele Tupa -poss. menino exist.  
 “Aquele é o filho da Tupa”

e) **akid** tʃanpi bida kimo ik- -bonda -ş  
 essa menina bonita intens. cop.- -pas.dist. -3.exp.  
 “Essa menina foi muito bonita”

2- pronomes demonstrativos como um SN completo

(192)

a) **nikid** bida ik- -bonda -ş  
 esse bom aux.- -pass.dist. -3.exp.  
 “Este era bom”

c) ukid açai -dapa (a entonação indica que se trata de uma pergunta)  
 aquilo açai -enf.  
 “Aquilo é açai ?”

b) akid Gabriel Ø  
 esse Gabriel ser  
 “Esse é o Gabriel”

### 9.1.4 Pronomes Interrogativos

Os pronomes interrogativos em Matis ocorrem normalmente em início de sentenças. Recebem, da mesma forma que os pronomes pessoais, as marcas de ergativo, comitativo, possessivo e instrumental. É imprescindível que os pronomes interrogativos ou os advérbios interrogativos (quando, qual, como) venham sempre sufixados aos marcadores de interrogativos {-da} “interrogativo não passado” ou {-tsi} “interrogativo passado” (§ 12.2.8.1.2.1, p. 262), referindo-se aos tempos não-passado e passado, respectivamente. Na tabela, a seguir, os pronomes interrogativos estão divididos em indefinidos e definidos.

	pron.	Poss.	instr.	erg./ abs	comitativo	conc. tr./int	interrogativo temporal
Inanimado	awi	---	-n	---	---	---	-da (n.pass.) -tsi (pass.)
Animado	tsu	-n	---	-n -Ø	-bid (int.) -bita (tr.)	- Ø - n (tr.)	-da (n.pass.) -tsi (pass.)

Tabela 22: Divisão dos pronomes indefinidos e definidos interrogativos.

### 9.1.4.1 Pronome interrogativo *awi*

O pronome interrogativo *awi*, como indica a tabela acima, é marcado somente pelo morfema que indica instrumento{-n}, sempre combinado com o morfema de concordância temporal {-tsi} ou {-da}.

(193) *awitsi* / *awida* (O que?)

a) **awi- -da**                    inbi            bed-            -e  
 QU- -conc.n.pass. 1sg.erg    pegar-    -n.pass.

“O que eu vou pegar?”

b) **awi- -tsi**                    Binin    -in    is-            -e            Ø  
 QU- -conc.pass.    Binin    -erg.    ver-    -n.pass.    interr.

“O que o Bini vê?”

(194) Instrumental: *awints* / *awinda* (Com que?)

a) **awi- -n            -tsi**                    minbi            tonka-            -a  
 QU- -instr. -conc.pass.    2sg.erg.    matar c/ arma-    -pass.rec.

“Com que você matou?”

b) **awi- -n            -da**                    mibi            kuan-            -e  
 QU- -instr. -conc.n.pass. .    2.psg.abs.    ir-            -n.pass.

“Com que você vai?”

### 9.1.4.2 Pronome interrogativo *tsu-* e a marcação de caso ergativo/absolutivo

O pronome interrogativo *tsu-*, em posição de sujeito da transitiva (A), é marcado pelo caso ergativo {-n}. Se estiver em posição de sujeito da intransitiva (S) ou como objeto da transitiva (O), é marcado pelo absolutivo -Ø, da mesma forma como ocorre com os nomes.



(195)

a) tsu- **-n** -tsi pão -Ø pe- -a -ş  
 QU- -erg. - conc.pass. pão -abs. comer- -pass.rec. - 3.exp.

“Quem comeu o pão?”

b) tsu- **-Ø** -da matses -in onkete onke- -e  
 QU- -abs. -conc.n.pass. . Matis -poss. língua falar- -n.pass.

“Quem fala como a língua matis?”

c) tsu- **-Ø** -tsi minbi is- -a  
 QU- -abs. -conc.n.pass. . 2sg.erg. ver- -pass.rec.

“Quem você viu?”

#### 9.1.4.2.1 Pronome interrogativo *tsu* como possessivo

Como já foi visto, existem alguns pronomes possessivos na língua matis (§ 9.1.2, p. 183). Porém, não há um pronome interrogativo possessivo, pois este funciona da mesma forma que os nomes, recebendo o marcador de posse {-n}.

(196)

a) tsu- **-n** -a -da şubu ni  
 QU- -poss. -3p.poss. - conc.n.pass. . casa pron.dem.

“De quem é esta casa?”

b) tsu **-n** şubu -n -şun -da nuki pe- -e  
 QU- -poss. casa -loc. -inic.tr. - conc.n.pass. . 1+2 comer- -n.pass.

“Na casa de quem vamos comer?”

c) tsu- **-n** şubu -n -tsi mibi kuan- -a  
 QU- -poss. casa -loc. - conc.pass. 2sg.abs. ir- -pass.rec.

“Na casa de quem você foi?”

#### 9.1.4.2.2 Pronome interrogativo *tsu* e a marcação de caso comitativo

O comitativo vem sufixado ao pronome interrogativo da mesma forma como ocorre nos nomes. Assim sendo, se estiver em posição de A é marcado por {-bitan} e em posição de S, por {-bid}. Não há nenhuma ocorrência em posição de O.

(197)

a) tsu- -n    **-bitan**    -tsi            minbi    pe-    -a  
 Qu-    -erg. -com.A. -conc.pass.    2sg.erg.    comer- -pass.rec.

“**Com quem** você comeu pão?”

b) tsu-    **-bid**            -tsi            mibi            tʃo-    -a  
 QU-    -com.S    -conc.pass.    2sg.abs.    ir-    -pass.rec.

“**Com quem** você foi embora?”

#### 9.1.4.3 Morfologia do pronome

A ênfase nos pronomes é feita pela sufixação do morfema {-en}. Em trabalho anterior, Ferreira (2001, p. 97) o havia considerado como uma marca de reflexivização. No entanto, para este trabalho tal morfema não foi analisado como um reflexivo, mas como um enfático. A diferença entre estas línguas é que propomos que em Matis, o morfema é {-en}, enquanto que para a língua matsés é {-ben}. Tal diferença é devido a sufixação que ocorre nos pronomes do plural *nuki* “1+2” e *mikui* “2pl”, os quais possuem a seguinte forma ao serem sufixados ***nuken*** e ***mikuen***. Levando em consideração que os pronomes pessoais estão lexicalizados, se a sufixação fosse feita por {-ben}, o resultado seria algo como *inbiben* ou *nukiben*, o que não acontece. Pronome/nome + pron. -en -tsik.

(198)

a) inbi            inbi        **-en**    **-tsik**    -ʃun    atsa -Ø    pe-        -a        -k  
 1sg.erg.    1sg.erg.    -enf..    -dim.    -erg.    mandioca    comer-    -pass.rec.    -decl.

“Eu comi mandioca sozinho.”

b) mibi            mibi        **-en**        **-tsik**    -Ø        tʃo-        -a  
 2sg.abs.    2sg.abs.    -enf.        -dim.    -abs.    voltar-    -pass.rec.

“Você voltou sozinho?”

c) [Tumi        -n        anbi            -en        **-tsik**        -ʃun]<sub>SN</sub>  
 Tumi        -erg.    3sg.erg.    -refl.    -dim.    -erg.

matʃi        -Ø        tuban-        -a            -ʃ  
 farinha    -abs.    torrar-        -pass.rec.    -3.exp.

“Tumi torrou a farinha sozinho.”

Os morfemas **{-tsik}** “diminutivo” e o **{-bi}** “enfático” devem ocorrer após os pronomes enfatizados, resultando em dois novos significados, “sozinho” e “mesmo” (ao que tudo indica, -bi, nesta posição, faz o mesmo papel de *-self*, do inglês). Ou seja, a ação realizada isolará os outros participantes: “**Só eles** dormiram, **nós** não dormimos.”

(199) Pronome/nome + pron. -en + -bi

a) Dani    abi            **-en**        **-bi**    ta-    did-        -ad    -a        -ʃ  
 Dani    3sg.abs    -enf.    -enf.    pé-    cortar-    -refl.    -pass.rec.    - 3.exp.

“Foi a Dani mesmo que se cortou?”

b) mibi            **-en**        **-bi**        mibi        ta-        did-        -ad    -a        -ʃ  
 2sg.abs.    -refl.    -enf.    2sg.abs    pé-    cortar-    -refl.    -pass.rec.    - 3.exp.

“Foi você mesmo que se cortou.”

c) inbi            **-en**    **-bi**        inbi        kodoka-    -e        -k  
 1sg.erg.    -refl. -enf.    1sg.erg.    cozinhar-    -n.pass.    -decl.

“Foi eu mesmo que cozinhei.”

(200) {-en } (tsik) “somente”

a) nuki **-en** takada -Ø pe- -bo -k  
 1+2 -enf. galinha -abs. comer- -pass.n.rec. -decl.

“Somente nós comemos a galinha. (os outros não comeram)”

b) mikui **-en -tsik** -şun mikui tşuna -Ø pe- -e -k  
 2pl. -enf. -intens. -erg. 2pl. macaco -abs. comer- -n.pass. -decl.

nuki pe- -e -emen  
 1+2 comer- -n.pass. -neg.n.pass.

“Somente vocês comem o macaco, nós não comemos.”

## 9.2 Quantificadores

Os quantificadores, segundo Schachter (1985, p.38), consistem de modificadores de nomes que indicam quantidade. No entanto, em Matis, estes mesmos itens podem funcionar modificando o adjetivo, o verbo e o advérbio. Eles têm funções diferentes, dependendo da sua posição sintática. Quando ocorrem pospostos ao nome, têm a função de quantificadores.

Há os seguintes quantificadores:

(201)

a) dadenpa “muito, em grande quantidade  
 (pode ser usado para contável ou não)”

b) dabitsik “pouco (contável)”

c) papitsik “pouco (não contável)”

(202)

a) waka -n i **dadenpa**  
 rio -loc. arraia intens.qtd.

“muitas arraias no rio”

- b) inbi waka -Ø **papitsik** -Ø ak- -nu  
 1sg.erg. água -abs. pouco -abs. beber- -des.  
 “Eu quero beber **pouca** água”

(203) Função de intensificador: ocorrem após o advérbio e/ou adjetivo

- a) Rogero -n şubu -no sorvete işa -Ø **-kimo** ik- -bonda -ş  
 Rogério -erg. casa -loc. sorvete gostoso -abs. muito aux.- -pass.rem. -3  
 “Na casa do Rogério o sorvete era muito gostoso.”

### 9.2.1 Numerais

As línguas em geral apresentam uma grande variedade de sistemas numéricos. Dentre estes sistemas, encontram-se aqueles que utilizam base dois, três, cinco e dez. Para demonstrarem o processo de raciocínio, partem de um processo holístico e outros de um processo analítico.

A língua matis possui palavras para números de um até cinco, sendo o sistema de contagem de base 5, realizado por meio das mãos. Após contarem até cinco, a somatória é de cinco em cinco: uma mão = 5, duas mãos = 10 e assim por diante. Dessa forma, o grupo pode contar até vinte, utilizando os dedos das mãos e dos pés. Em geral, quando a quantidade não for específica e estiver acima da contagem de cinco, é usado o quantificador **dadenpa** “muitos”: *datonkete dadenpa* “muitas camisas”. Atualmente, alguns falantes bilíngües da comunidade se valem do sistema numérico do português (Ferreira, 2001, p. 71).

Abaixo apresento os numerais e uma possível descrição da sua formação lexical.

(204)

- a) epa        -pa     → epapa =    **1**  
     sozinho -enf.
- b) da-        -bid -pa    → dabidpa = **2**  
     corpo- -com. -enf.
- c) mikin    -in    -tan        ted → mikanan tan ted = **3**  
     mão     -poss. -??    tantos quantos
- d) mikin        ted    → mikan ted = **4**  
     mão            tantos quantos
- e) mikin    atşuwiş    ted → mikan atşuwiş ted = **5**  
     mão        tudo        tantos quantos
- f) mikin    dadenpa    → mikan dadenpa =        acima de **5**  
     mão     intens.qtd.

O número 6 é formado pela combinação da palavra “mão” mais o polegar e o número 7 é expresso por meio da combinação da mesma palavra mais o item que se refere ao número dois. No entanto, estes números não são usuais dentro da cultura, sendo o seu surgimento decorrente da necessidade de se expressar alguns números exatos acima de cinco. Como foi dito anteriormente, os rapazes que falam o português utilizam o sistema numeral brasileiro quando estão se comunicando na língua matis.

A formação apresentada abaixo é feita por aqueles que não sabem falar o português:

(205)

a) número 6 → mikan maşopa iki ik- -kid -bid  
 mão polegar do outro lado aux. -ag.nzr -com.  
 (trad. lit.: “A mão mais o polegar que está na outra mão.”)

b) número 7 → mikan iki ik- -kid dabidpa  
 mão do outro lado mais aux.- -ag.nzr. dois  
 (trad. lit.: “A mão mais dois que estão na outra mão.”)

### 9.2.1.1 O número no sintagma nominal

Os numerais recebem a marcação de caso ergativo/absolutivo dentro do sintagma nominal. Da mesma forma que os quantificadores em geral são marcados pelo caso ergativo com o morfema {-şun}. Existe a possibilidade de tal marcação ser um caso de concordância transitiva.

(206)

a) [Tumi -bitan] [Kanikan -in abi **dabidpa -şun** ]<sub>SN</sub>  
 Tumi -com.A. Kanika -erg. 3 dois -erg.

tʃawa -Ø se- -a -ş  
 porco -abs. flechar- -pass.rec. -3.exp.

“O Tumi e o Kanika, **ambos**, flecharam o porco. (Lit. Com o tumi, Kanika, eles dois, flexaram o porco)”

b) [min awin **epapa -şun** ]<sub>SN</sub> café ak- -a -ş  
 2p.poss. esposa um (1) -erg. café beber- -pass.rec. -3.exp.

“[(Só) **uma esposa** tua] tomou café.”

c) Bina -n [awin -Ø **dabidpa -Ø** ]<sub>SN</sub> abi  
 Bina -erg. esposa -abs. 2 -abs. part.afirm.

“O Bina tem [duas esposas].”

No sintagma nominal, os numerais podem receber o morfema {-tsik}, cuja função é de restrição: “só numeral X”.

(207)

a) nukun awin -Ø [ piskaren **epapa -tsik** ] abi Ø  
 1sg.poss. esposa -abs. colar 1 -restr. part.afirm. exist.

“Minha esposa tem [**só um** colar].”

b) [tʃuna dabidpa -tsik -Ø] mene- -a -ʃ lba -Ø  
 macaco 2 -restr. -abs. dar- -pass.rec. -3.exp. lba -abs.

“Deu, somente dois macaco para lba.”

### 9.2.1.2 Os numerais como modificadores nominais e verbais

Dentro do sintagma nominal, os numerais podem funcionar como modificadores do nome, ocorrendo pospostos a ele. Como modificadores de verbos, eles ocorrem antepostos, seguindo o padrão dos advérbios. Neste caso, recebem também um morfema adverbializador (§ 7.4, p. 156).

(208)

	A	O		O		V		
a)	(Ø)	tʃuna	<b>epapa</b>	-Ø	lba	-Ø	mene	-a -ʃ
	3	porco	número 1	-abs.	lba	-abs.	dar	-pass.im. -3.exp.

“(Ele) deu [para o lba **um** porco].”

	A	O		O		V		
b)	inbi	tʃanpi	-Ø	piskaden	<b>dabidpa</b>	-Ø	mene-	-a -k
	1sg.erg.	menina	-abs.	colar	2	-abs.	dar-	-pass.rec. -1/2:decl.

“Eu dei [ dois colares para a menina].”

		V		S
c)	<b>mikin ted -e</b>	uʃ-	-bonda	-wa ibi
	3	-adzr	dormir-	-pass.dist. -part.disc. 1sg.abs.

“Eu esperei **3 dias**. (Lit.: Eu dormi 3 vezes)” (história Maki)



- d)  $\text{inbi}$  [  $\text{epapa}$  **-en**  $\text{t\textsubscript{ʃ}ui-}$   $-a$   $-k$ ]<sub>sv</sub>  
 1sg.erg. 1 -advzr contar- -pass.rec. -decl.  
 “Eu [contei **uma vez**].”

### 9.3 Posposições

Em Matis, consideramos dois tipos de posposições, uma que se assemelha aos afixos por ocorrerem ligadas, e outro tipo que ocorrem como palavras independentes, pospostos ao núcleo nominal.

#### 9.3.1 Posposições ligadas são:

- n “locativo/temporal “em”
- no “locativo/direcional “locação precisa de onde se encontra”
- bitan “Comitativo de A/Instrumental”
- bid “Comitativo de S”
- bita “Comitativo de O”

##### 9.3.1.1 Posposição {n} e {-no}

Em sentenças nas quais as posposições ligadas locativas ocorrem, estas podem ser seguidas de um morfema que indica o início da ação (ou desde onde se faz a ação), sendo {- $\text{ʃun}$ } para verbos transitivos e {- $\text{wiʃ}$ } para intransitivos.

(209)

- a) Rogériu  $-n$  subu  $-no$  **- $\text{ʃun}$**   $\text{pe-}$   $-a$   $-\text{ʃ}$  Leticia  $-no$   
 Rogério -poss. casa -loc. -inic.tr. comer- -pass.rec. -3.exp. Letícia -loc.  
 $\text{kuan-}$   $-\text{kin}$   $\text{uk-}$   $-\text{bidanek}$   $\text{ibi}$   $\text{kuan-}$   $-k$   
 ir- -simult.A/S>A vomitar- -ir.parar.ir.tr. 1sg.abs ir- -pass.rec. -3.decl.infer.  
 “Comi na casa do Rogério, indo para Letícia parei para vomitare continuei indo).”

- b) mi- -şun -da muja- -wa -e -k  
 Qu- -inic.tr. -enf. tatuagem- -vbzr -n.pass. -decl.

“Em que lugar é feita a tatuagem?”

(210) Resposta:

şubu -n -şun tişki -no -şun  
 casa -loc. -inic.tr. “sala” -loc. -inic.tr.

“(A tatuagem é feita) na casa e na parte interna da maloca.”%%%

- c) Atalaia -no -wiş ibi lantja -n tjo- -bo -k  
 Atalaia -loc. -inic.intr. 1sg.abs. lancha -instr. vir- -pass.n.rec. -decl.

“Eu vim de Atalaia de lancha.”

- d) inbi mitso menen- -nu tjo -kin  
 1sg.erg. 2p.sg.dat dar- -des. vir- -simult.A/S>A

belen -no -wiş bi- -e -k  
 Belém -loc. -inic.intr. trazer- -n.pass. -decl.

“Quando eu voltar de Belém trarei (as coisas) para dar a vocês.”

### 9.3.1.2 Posposição Comitativa

Encontramos na língua matis três formas diferentes de pósposição comitativa, {-bid}, {-bita} e {-bitan}. Estes morfemas podem estar associados à ação, sendo interpretados, respectivamente, como agente, co-agente e co-paciente. Comitativos semelhantes a estes, segundo (Givón, 1984, p.130), assumem as posições de S ou de A ou, ainda, ocorrem como objeto ou co-objeto.

Segundo Fleck (2003a: 642) “These forms are not really synchronically analyzable, primarily because of the lack of a productive form -ta”. A seguir, verifica-se como se comporta este morfemas em outras línguas da mesma família.

Na língua Shipibo-konibo (SK), ocorre apenas a forma **{-betan}** que, segundo Valenzuela (2003a, p.247), “...envolve combinações dos nominais com o elemento *betan*: [*nominal betan 1*] e [*nominal betan 2*].” *betan* pode funcionar como uma conjunção, ligando dois nominais.

Em Matsés, o comitativo é semelhantemente à língua matis: {-bëd} “comitativo: S”; {-bëta} “comitativo:O”; e {-bëtan} “comitativo:A ou comitativo:instrumental” (Fleck, 2003a, p. 641). Já em Yawanawa, segundo de Paula (2004, p.114), “em orações transitivas, é expresso pelo morfema {-βitan} e quando ocorre em orações intransitivas é expresso por {-βit}”.

O comitativo **{-bitan}** “comitativo.A/comitativo.instrumental” associa-se ao argumento em posição de A e instrumental; enquanto que o **{-bid}** “comitativo.S” associa-se ao argumento em posição de S, e **{-bita}** “comitativo.O” associa-se a argumentos em posição de O.

(211)

a) nawa -bo **-bitan** matses -bo -n  
 não-índio -col. -com.A Matis -col. -erg.

awad -∅ pe- -a -ş  
 anta -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.

“Os não-índios e os Matis comeram a anta.”

b) tʃanpi -∅ munud- -e -k **Kiko -bid**  
 menina -abs. dançar- -n.pass. -decl. Kiko -com.S

“A menina dança com o Kiko.”

b) awin **-bid** Makî -∅ munud- -e -k  
 esposa -com.S Makî -abs. dançar- -n.pass. -decl.

“O Makî dança com sua esposa.”

Em muitas línguas, o comitativo é simétrico quando ocorre em construções coordenadas, em função de O. (Givón, 1984, p.130). Este tipo de simetria parece ocorrer na língua matis.

(212)

- a) *ĩnbi*      *bolo* *Vitoria*    **-bita**    *Gabrieu*     $\emptyset$     *bed-*      *-ʃun*    *-a*      *-k*  
 1sg.erg    bolo    Vitória    -com.O    Gabriel    -abs.    comprar-    -benef.    -pass.rec.    -decl.  
 “Eu comprei bolo para a Vitória e Gabriel.”

- b) *Dani*    *-n*    *dadawate*    **-bita**    *wiʃpo*     $\emptyset$     *tidin-*    *-e*      *-k*  
 Dani    -erg.    caderno    -com.O    caneta    -abs.    segurar-    -n.pass.    -decl.  
 “A Dani segura o caderno junto com a caneta.”

O morfema comitativo {-bitan}, que se associa ao instrumento, é semelhante aquele que se associa ao argumento A.

(213)

- a) *ʃodko*      **-bitan**      *ĩnbi*      *dui*      **-n**      *iwi*      *dɨd-*      *-a*      *-k*  
 machado    -com.instr.    1sg.erg.    facão    -instr.    árvore    cortar-    -pass.rec.    -decl.  
 “Eu cortei a árvore com machado e facão.”

### 9.3.2 Posposições locativas/temporais

As posposições locativas livres dividem-se em próximo e longe, para lá e para cá, e dentro e fora. O advérbio *u* tem formas relacionadas (1) *uki* “em direção a”, (2) *udi* “após a”, (3) *ukumuduk* “lá dentro, no fundo” e (4) *ukikuimano* “pátio/lado de fora da casa”. Em alguns casos, soma-se, ainda, {-tsik}, considerado como intensificador ou diminutivo, com idéia de ‘proximidade’. Além

destes temos (5) **nimuduk** “na floresta”, **ninantan** “no centro de”, **nantan** “no meio de”, entre outros. Segue exemplos de algumas destas posições

(214)

a) Letícia -dapa -Ø **uki**

Letícia -enf. -abs. ali.dir. para

“Letícia, fica para lá”

b) **ukumuduk** -şun -da inbi mibi  
lá dentro -inic.tr. -enf. 1sg.erg. 1sg.abs.

sotan- -e -k **umanuk** -şun  
esperar- -n.pass. -decl. centro da casa -inc.tr.

“Eu espero você no pátio ou dentro da casa.”

c) americano -n şubu -Ø **miduk** -tap debumi  
americano -poss. casa -abs. loge -enf. cabeçaeira

“A casa do americano é loge, na cabeçaeira.”

d) **nimuduk** kamun -Ø abi  
lá na floresta onça -abs. part.afirm.

“Na floresta tem onça.”

e) Tumi -Ø **ikibi** nunte -Ø bowan- -ta  
Tumi -voc. para cá canoa -abs. trazer- -imp.

“Tumi, traga a canoa para cá!”

f) **ukikuma**o ibi sikad- -e -k  
lá do outro lado 1sg.abs. atravessar- -n.pass. -decl.

“Eu atravessei lá para o outro lado.”

g) ibi **mananuk** kuan- -e -k  
1sg.abs. em terra firme ir- -n.pass. -decl.

“Eu vou para terra firme.”

Além desses existem, ainda, **iki** “do outro lado”, **ano** “no lugar”, **amenuk** “com a esquerda” e **abiu** “com a direita”

### 9.3.3 Posposições comprativas

As posposições comparativas são aquelas que comparam uma entidade ou ação. Os comparativos-quantitativos são **ten** “quão/igual grande” e **ted** “quão, quantos”. O comparativo de igualdade é **pad** “mesmo que”.

(215)

a) **nikid** -Ø **ten** bini Ø  
 esse -abs. quão grande Bini ser

“Esse é o mesmo tamanho do Bini.”

b) **mis-** **ten** -ta min papi Ø  
 Qu- quão grande -conc.n.pass. 2sg.poss. filho ser

“Qual é o tamanho do teu filho.”

c) **makî** **ikek** **iba** **ikek** **mena** **ikek** **tumi** **ikek**  
 Makî conj. Iba conj. Mená conj. Tumi conj.

**ted** -**şun** tʃidabo -Ø is- -bo -ş  
 quão quantos -inic.tr. mulher -abs. ver- -pass.n.rec. -3

“O makî, Iba, Mená e o Tumi estavam vendo a mulher.”

d) **mis-** **ted** -ta min papi Ø  
 Qu- quão quatos -conc.n.pass. 2sg.poss. filho ser

“Quantos anos tem teu filho.”

c) **dadawate** -Ø **abi** **pad** -tap Ø  
 caderno -abs. part.afirm. mesmo que -enf. ser

“Os cadernos são iguais.”

## 9.4 Partículas

Estamos considerando como partículas as raízes que não são flexionadas, mas que desempenham funções gramaticais ou discursivas. Essas palavras compõem uma categoria residual, pois não se classificam como nomes, verbos, adjetivos, advérbios ou posposições. A definição de partícula é baseada no critério sintático (cf. 9.4.1). Até o momento, não fizemos um estudo amplo sobre essa classe. A seguir, apresentamos as partículas.

### 9.4.1 As partículas *abi*, *bama*, *bamaɣtap*

A ligação do possuidor com o possuído é feita pela partícula ***abi***, no caso de sentenças afirmativas, e por ***bama***, quando se tratar de sentenças negativas. Essas partículas não recebem marcas de tempo, modo e aspecto. No caso do tempo referido ser o tempo passado, elas serão seguidas pelo verbo auxiliar ***ik-***. Ainda é possível encontrar uma construção possessiva com o verbo ***ne-*** “ser/ter” (§ 12.2.4, p. 254), mas sua ocorrência não é freqüente em nossos dados. Dessa forma, a língua *matis* se diferencia das outras línguas da família Pano como o Shipibo-Konibo (SK): *ja* - (Valenzuela, 2003, p. 314), o Katukina: *haa* (Aguiar: 1994: 268) e o Poyanawa: *ĩda* (Paula, 1992, p. 92).

(216)

a) Shipibo-Konibo

ikaxbi	no	-n	samá	-a	-ti	<b>ja</b>	-ke.
but	1p	-ERG	abstinence	-do.T	-INF	exist	-CMPL

‘...the spirit of the “love piripiri” will teach us, but we have to fast and abstain from having sex.’ (Valenzuela, 2003, p. 314)

## b) Matsés

mayan        **ic-e-c**  
ghost        be-Npast-Indic  
“ Ghosts exist.” (Fleck, 2003a, p. 833)

## c) Katukina

kuka sinu-ti **haa** -pan  
tio serrote ter  
“O tio tem serrote ‘com certeza’.” (Aguiar, 1994, p. 199)

## d) Poyanawa

ãda puya **ida** ka  
ele pássaro ter afirmaivo  
“Ele tinha um pássaro” (Paula, 1992, p. 92)

Veremos que no tempo não-passado não há um verbo expresso foneticamente. Diferentemente do que ocorre no passado que é necessário o verbo auxiliar para a sufixação dos morfemas de tempo (ver exemplo 217 (b)). Com isso, propomos uma marca zero ( $\emptyset$ ) para indicar a não presença de um verbo existencial quando no tempo não-passado.

(217) Matis: **abi**

a) at̥suwi̯̥ - $\emptyset$  wapa - $\emptyset$  **abi**  $\emptyset$   
todos -abs. cachorro -abs. part.afirm. exist.n.pass.

“Todos têm cachorro.”

b) Tumi  $\emptyset$  datonkete dadenpa - $\emptyset$  **abi** ik- -bonda -̥̥  
Tumi abs. camisa muito -abs. part.afirm. cop.- -pass.n.rec. -3.exp.

“O Tumi tinha muita camisa.”



Note que a construção possessiva possui uma ordem rígida [N N *abi*]:

c) Binin -Ø di -Ø **abi** Ø  
 Binin -abs. rede -abs. part.afirm. exis.n.pass

“O Binin tem rede.”

c) \* di -Ø Binin -Ø **abi**

e) \* **abi** Binin -Ø di -Ø

**bama**, como já mencionado, é uma parcítula negativa de sentenças possessivas. Pode-se verificar a existência do morfema de negação {-ama}, mas não há vestígio na língua que dê pistas sobre a provável forma da raiz verbal; sincronicamente é uma forma lexicalizada e reanalisada gramaticalmente. Em outras línguas da família Pano, o existencial negativo também é realizado por uma base + a negação: Shipibo-Konibo: **yama**, Capanahua: **jama**, Katukina: **iama** e Poyanawa: **ba**. Em quase todos os casos, no existencial negativo aparece a marca de negação *-ma* ~ *-ba*, com exceção da língua matsés que utiliza o verbo **nibëd**.

(218)

a) Matsés: **nibëd**

actiacho -n -quio isan **nibëd** -e -c  
 floodplain.forest -Loc -Aug palm.species **not.be** -Npast -Indic

‘In true floodplain forest, there are no isan palms.’ (Fleck, 2003a, p.965)

b) Shipibo-Konibo: **yama**

E-*n*-ra yoá a-ti **yama**-ke.  
 1-ERG-EV cook-INF exist.not-CMPL

‘I don’t have to / must not cook.’ (Valenzuela, 200, p.:514)

c) Capanahua: *jama*

jajuen yora jama hi  
eles corpo aux.neg intens.

“Eles não têm corpos.” (Aguiar, 1994, p. 240)

d) Katukina: *iama*

papa ipu iama  
pai cobertor ter.não

“O pai não tem cobertor.” (Aguiar, 1994, p. 240)

e) Poyanawa: *kã ba*

bipa kã ba/  
pai ? neg.

“Não é seu pai.” (de Paula, 1992, p. 87)

Nas sentenças existenciais negativas com **bama**, no tempo não-passado não há um verbo existencial expresso foneticamente, semelhantemente como ocorre com **abi** no tempo passado é preciso a presença do verbo copular **ik-** para a sufixação dos morfemas de tempo (ver exemplo 219 (a)).

Matis: **bama**

(219)

a) inden Rogeru -Ø kuişakete wasa -Ø **bama**  
antes Rogério -abs. barba branco -abs. part.neg.

ik- -bonda -ş nibi Rogeru kuişakete wasa -dap  
cop.- -passa.n.rec -3.conc hoje Rogério barba branca -enf.

“Antes o Rogério não tinha barba branca, hoje ele tem barba branca.”

c) nibi şubu -Ø **bama** Ø tşodke- -ak şubu -Ø  
hoje casa -abs. part.neg. exist. estragar- -pass.rec. casa -abs.

“A casa se estragou e hoje não tenho casa. (Lit. Agora não tenho casa. A casa se estragou.)”

- **bamaŝtap** “partícula negação de nomes”

*bamaŝtap* é uma variação do verbo *bama*, significando “não encontro, não vejo”. É possível que diacronicamente tenha vindo da forma composta de *bama* + *is-* + *tap* “exist.neg. + ver + enf.”. Sincronicamente, esta forma está lexicalizada, assim, sempre que o falante estiver negando um nome, o fará por meio desta partícula de negação. Os adjetivos são negados por **pimen**.

(220)

- a) antonio    **bamaŝtap**    Ø  
 Antônio    part.neg.    exist.n.pass.  
 “Não sei onde está o Antônio”, ou “não vi o Antônio”

- b) nukun    tonkate    **bamaŝtap**    Ø  
 1sg.poss.    espingarda    part.neg.    exist.n.pass.  
 “Não sei/ não encontro minha espingarda”

#### 9.4.2 Interjeições

Segundo Givón (1984, p. 84), as interjeições não são uma categoria funcional, morfológica ou sintaticamente unificadas. As interjeições são definidas como palavras com caráter exclamatório. Schachter (1985, p.58.) afirma que “elas podem constituir uma oração por si só e não possuem conexão sintática com qualquer outra palavra.”

(221)

- a) tsâu    “Não sei!”, “Talvez!”
- b) padama    “Está errado!”, “Não é certo!”
- c) ai    “Resposta afirmativa: correto!, é isso mesmo!”
- d) [!] (clique)    “O clique alveolar é utilizado quando se quer concordar com o

interlocutor durante o relato de um acontecimento.”

e)[☉] (click) “O clique bilabial é utilizado para chamar alguém,  
ou para buscar atenção de alguém.”

f) iksap “Rejeição.”

(222) **iko** “Espanto, surpresa, admiração”

a) Rogeru -n nukin onke -te tanawa- -e -k **iko**  
Rogério -erg. 1+2poss. falar - instr.nzr. saber- -n.pass. -decl. intej.

“Puxa! O Rogério sabe nossa língua.”

Madubo -Ø tʃo- -a -ʒ **iko**  
Marubo -abs. vir- -pass.rec. 3.exp. intej.

“Puxa! O marubo veio?”

Apresentamos, de uma forma geral, como funcionam as classes abertas e fechadas. Há muito que ser explorado dentro destas classes, porém, para efeito de descrição geral da língua, preferimos abordar a morfologia que envolve tais classes e quais os critérios para classificá-las. O adjetivo e o advérbio são classes que ainda precisam de uma melhor investigação. Os pronomes, dentro de uma visão sincrônica, estão lexicalizados, não sendo mais possível segmentá-los, como acontece também com os pronomes possessivos. Os morfemas que são sufixados aos pronomes e às partículas interrogativas que concordam com o tempo verbal também merecem uma maior atenção.

## **CAPÍTULO X:**

### **Marcação do Caso Ergativo/Absolutivo**

As línguas em geral são sensíveis no que se refere a relação entre os eventos e seus participantes. Esta relação envolve a sintaxe, a semântica e a pragmática. No entanto, as línguas podem tratá-la de forma diferente, como a maneira de caracterizar os participantes quanto ao afetamento, controle e saliência (Mithun & Chafe 1999. p. 571), bem como as orientações pragmáticas das categorias do discurso em relação ao tópico, rema, foco e nova informação.

Outro aspecto importante refere-se ao número de categorias que as teorias distinguem (Agente, Paciente, Sujeito, Objeto, Tópico, entre outros). Dessa forma, para compreendermos sua apresentação na língua matis, abordaremos a marcação de caso, a marcação sobre o verbo e seus participantes e a ordem dos constituintes.

O uso dos termos A,S, O e V são importantes neste trabalho para que as relações entre os argumentos e predicados nesta língua possam ser descritas, apesar de Mithun e Chafe (1999), Queixalós (2003) e outros discutirem a desvantagem no uso dessas formas para descrever as gramáticas das línguas no mundo. Para o Matis, considereei esses termos bastante úteis, pois são uma ferramenta no sentido que servirão como desambiguizadores da marcação ergativo/absolutivo. Dessa forma, o uso de A/S, O e V seguirá a proposta de Dixon (1979 e 1994) e Comrie (1978).

O sujeito de verbos de sintagmas nominais está sendo representado por (A/S). Nesse momento, estaremos seguindo a proposta de Fleck (2003a, p. 814) para a língua matsés, visto que as ocorrências são semelhantes em ambas as línguas.

### 10.1 Marcação do Caso

Segundo Dixon (1994, p. 08), a marcação do caso ergativo/absolutivo se caracteriza por sua escolha em relação às orações transitivas e intransitivas. Em uma construção sintática, podem ser consideradas três relações sintático-semânticas:

Sujeito da intransitiva: S

Sujeito da transitiva: A

Objeto da transitiva: O

Estas relações, segundo o autor, irão diferenciar uma língua nominativa/acusativa de uma língua ergativa/absolutiva. Tais relações podem ser esquematizadas como se segue:

nominativo: A e S            vs            acusativo: O

ergativo:            A            vs            absoluto: S e O

Geralmente, a função S não é marcada morfologicamente nas línguas do mundo para o caso absoluto, pelo fato das orações intransitivas apresentarem somente um argumento externo. Dessa forma, não é preciso diferenciá-lo dos outros constituintes. Já em orações que pedem mais que um argumento, aquele que se encontra em função de A é marcado com o caso ergativo, enquanto que os

argumentos que estão em função de O não são marcados. Este tipo de marcação é comum em línguas morfologicamente marcadas para caso ergativo/absolutivo.

Em línguas do tipo nominativo/acusativo, marca-se o acusativo (Comrie 1978; Dixon, 1979, 1994; Givón, 1984; Palmer, 1994). A partir das observações, em seções anteriores, podemos descrever a língua matis como sendo do tipo morfologicamente ergativo/absolutivo. A ergatividade nesta língua é marcada pelos alomorfes {-in ~ -n} ‘marca de ergativo’. O absoluto ocorre sem nenhuma marca, sendo representado por  $\emptyset$ .

(223)

a) **inbi**      pe-      -wa   -e      -k  
 1sg.erg. comer- -reit. -n.pass. -decl.

“Eu comerei novamente.”

b) wesnid   -tapa   **-n**    ibi      t̥sui-      -a      -ʃ  
 mutun    -enf.   -erg. 1sg.abs.    conversar-   -pass.rec.   -3.exp.

“... o mutun conversou comigo...” (história do Mutun)

c) t̥jidabo   -bo   **-n**    epapa   -ʃun    kodoka-    -e      -k  
 mulher   -col. -erg. só      -erg.    cozinhar-    -n.pass.   -decl.

“Só as mulheres cozinham.”

d) ibi      t̥ʃiʃi   -n      nun-    -ek      kuan-    -a      -k  
 1sg.abs.   rio   -loc.   nadar-   -simult.A/S>S    ir-      -pass.rec.   -1/2:decl.

“Eu fui no rio nadar.”

e) papi   -bo    -wid      - $\emptyset$     kuan-    -a      -ʃ  
 rapaz   -col.   -só.rest.intr.   -abs.    ir-      -pass.rec.   -3.infer.

“Só os rapazes viajaram.”

### 10.1.1 Os alomorfes de ergatividade

Na seção 5.1.2.1 (p. 67), foram apresentados os alomorfes de caso ergativo, aqui retomados mais detalhadamente. {-n ~ -in} são alomorfes de caso ergativo, condicionados de acordo com a terminação da raiz: se terminada em vogal é sufixada por **{-n}**, se terminada em consoante, por **{-in}**.

(224)

{-n}

a) koşpi → koşpi -n “Tipo de sapo”

b) pinu → pinu -n “beija-flor”

{-in}

d) wesnid → wesnid -in “mutun”

e) kamun → kamun -in “onça”

### 10.1.2 Ocorrência do morfema {-şun} com os numerais e quantificadores

O morfema {-şun}, pode ser analisado como marca de ergatividade, não ocorre junto ao núcleo do SN, mas sufixado ao item modificador de nome, sendo este um numeral ou um quantitativo, do tipo “pouco”, “só ou somente”, “1” e “2”, co-ocorrendo com a marca de ergativo, sufixada ao núcleo nominal.

Com relação à sua presença no SN, há duas hipóteses: (i) {-şun} é uma marca de ergatividade que também ocorre em modificadores do tipo numeral e quantificador; (ii) {-şun} é uma marca de “concordância” transitiva.



	<b>A</b>	<b>S</b>	<b>O</b>
Nomes	-n	-Ø	-Ø
Quantitativos	-şun	-Ø	-Ø

Tabela 23: Marcadores de ergatividade com nomes e quantitativos

	Verbos transitivos	Verbos intransitivos
Advérbios de Locação	-şun	-wiş
Advérbios de Tempo	-şun, -kin	-aş, -ek
SR/Simultâneo	-kin	-ek
SR/Seqüencial	-şun	-aş

Tabela 24 Morfemas que ocorrem dependendo da transitividade verbal.

A hipótese (i) é a mais viável, pois ele ocorre com o pronome *atşuwış* “todos” e com os pronomes restritivos; assim, ocorre no sintagma nominal junto aos modificadores de sujeito agentivo (A). Quando esses itens lexicais estão na posição de sujeito (S) de verbos intransitivos, a marca de “concordância” também é zero (-Ø). Assim, {-şun} assemelha-se à ocorrência da marca ergativa {-in}. Segundo Fleck (2005, p. 13), “este tipo de ocorrência é possível, pois sugere a possibilidade que os falantes já reanalisaram estas construções como se as palavras de quantificação fossem nomes, tendo ao mesmo tempo reanalisado *-şun* como um marcador de caso ergativo específico de palavras de quantificação.” A língua matis possui um comportamento semelhante ao Matsés. Temos considerado que sincronicamente {-şun} seja uma marca de ergatividade, quando os itens numerais e quantitativos estiverem no SN.

(225)

a) puikun -in dabidpa -**sun**]<sub>SN</sub> pisi -∅ tʃe- -a -ʃ  
 urubu -erg. 2 -erg. coisa podre -abs. engolir- -pass.rec. -3.exp.

“Dois urubus estão comendo coisa podre.”

b) [ kuini -∅ abi -en -tsik ]<sub>SN</sub> -∅ kapo- -e -k  
 Kuini -abs. 3sg.abs -enf. -intes. -abs. caçar- -n.pass. -decl.

“Só o Kuinivai caçar.”

c) matses -in atʃuwiʃ -**sun** wanin -∅ pe- -kid  
 Matis -erg. todos -erg. pupunha -abs. comer- -hab.pres.

“Todos os Matis sempre comem pupunha.”

d) [papi -bo atʃuwiʃ -∅]<sub>SN</sub> uʃ- -a -ʃ  
 meninos -col. todos -abs. dormir- -pass.rec. -3.exp.

“Todos os meninos dormiram.”

### 10.1.3 Sistema pronominal e marcação de caso

Como ocorre em outras línguas da mesma família, como o Marubo (Costa, 1994); o Matsés (Fleck, 2003a) e o Cashinua (Camargo, 2004), o Matis também possui uma cisão da ergatividade no sistema pronominal. No singular, existem os pronomes ergativos e os pronomes absolutivos. No plural, os pronomes não são marcados, não havendo uma distinção entre ergativo/absolutivo. No entanto, não é possível afirmar que os pronomes plurais fazem parte do sistema nominativo/acusativo, visto que não se comportam como tal.

Camargo (2004) tem considerado estes pronomes em Cashinua como neutros, por não estarem dentro do sistema ergativo/absolutivo nem do sistema

nominativo/acusativo. Em Matsés, segundo Fleck (2003a, p. 248) “the plural pronouns would then represent the only exceptions in that they are undifferentiated for A, S, and O (but exhibit neither an ergative-absolutive nor a nominative-accusative pattern)”.

Podemos observar que, em Matis, os pronomes plurais não se diferenciam em relação à marcação de caso ergativo, como ocorre com os singulares. No que se refere à função de objeto, os pronomes possuem a mesma forma que o pronome absolutivo, mas somente o pronome de segunda pessoa do plural é o único que tem uma forma diferenciada para esta posição (ver tabela 25).

Pronomes	A	S	O
1 + 3	inbi	ibi	ibi
2sg	minbi	mibi	mibi
3sg	anbi	abi	abi
1 + 2	nuki	nuki	nuki
2pl.	mikui	mikui	mitso

Tabela 25: Pronomes pessoais.

A tabela a seguir exemplificará os pronomes nas posições de A, S e O.

A	S	O
a) <b>inbi</b> t̥ʂat̥ʂa peak “Eu comi buriti.”	b) <b>ibi</b> uʂak “Eu dormi”	c) lban <b>ibi</b> t̥ʂinukunaʂ “O lba me alcançou.”
a) nawabo <b>minbi</b> t̥ʂuiak “Você falou com os não-indígenas.”	b) tunkebo <b>mibi</b> “Você caiu?”	c) inbi <b>mibi</b> nawan matsu menebondak “Faz um tempo que eu dei panela para você.”
a) <b>nuki</b> pek tsadi “Nós comemos milho”	b) <b>nuki</b> uʂak “Nós dormimos”	c) Marian <b>nuki</b> datonkete ʃik̥ʂunaʂ “Maria lavou as camisas para nós.”
a) <b>mikui</b> t̥ʂat̥ʂa bedtanta “Vocês, vão pegar buriti!”	b) <b>mikui</b> ni uʂtokoek “Vocês dormem aqui.”	c) Rogerun dadawate <b>mitso</b> bedʂunboʂ “O Rogério comprou caderno para vocês.”

Tabela 26: Exemplos posicionais dos pronomes.

#### 10.1.4 Os verbos e seu efeito sobre a ergatividade

Costa (1994) e de Paula (2004) afirmam que, em Marubo (Pano) e em Yawanawa (Pano), respectivamente, existe um sistema ativo/estativo. Verifiquei que este tipo de sistema não funciona em Matis, como também não funciona em Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003), Matsés (Fleck, 2003a) e Cashinawa (Camargo, 1991). Em Matis, há uma pequena divisão com relação aos tipos de verbos em que o experienciador não é controlado, como ‘vomitar’, ‘pensar’, ‘sonhar’, ‘ter fome’, ‘ter sede’, ‘ter sono’ e outros. Verbos do tipo “vomitar”, “pensar” e “sonhar” semanticamente não possibilitam ao experienciador algum tipo de controle. Esperaria-se, com isso, que tais verbos não influenciassem na marcação de caso ergativo. No entanto, o que se pode verificar em Matis é que o experienciador é marcado.

(226)

- a) **inbi**      uk-          -a          -k  
 1sg.erg. vomitar- -pass.rec. -1/2:decl.  
 “Eu vomitei”
- b) **minbi**      sinan          -e          -k  
 2sg.erg pensar- -n.pass. -decl.  
 “Você pensa (tem saudades)”
- c) **minbi**      manak-          -a          -k  
 2sg.erg. sonhar- -pass.rec. -1/2:decl.  
 “Você sonhou.”

Se compararmos esses verbos com outros, como ‘ter fome’, ‘ter sede’, ‘ter sono’ e ‘ter frio’, que também implicam em não-controle da ação, verificaremos que o sujeito, neste caso, o experimentador não está sendo marcado pelo caso

ergativo. Com isso, parece haver uma cisão motivada pela natureza semântica do verbo. Exemplos:

(227)

a) mibi      **iken-**      -ek                      sakake-      -e              -k  
 2sg.abs.    ter frio    -simult.A/S>S      tremer-    -n.pass.    -decl.

“Você tem frio e treme.”

b) mibi      **pekas-**      -e              -k  
 2sg.abs.    ter.fome-    -n.pass.    -decl.

“Você está com fome”

c) ibi      **fema-**      -e              -k  
 1sg.abs.    ter.sede-    -n.pass.    -decl.

“Eu estou com sede”

Mesmo que haja uma divisão entre os tipos de verbos intransitivos, não existe uma divisão entre intransitivos ativos e estativos, como ocorre em outras línguas, inclusive na família Pano. Na língua Marubo, segundo Costa (1994), a cisão é condicionada pela natureza semântica do verbo.

#### 10.1.4. Distribuição da marca de caso ergativo no sintagma nominal

Como foi visto até aqui, a marca do caso ergativo ocorre sufixada ao nome ou sintagma nominal, que funciona como sujeito de orações transitivas. Ela ocorre após o último morfema sufixado à raiz nominal. Em sintagmas nominais do tipo [N N] e [N Adj], o morfema ergativo ocorre após o sintagma, mas em sintagmas do tipo [N]-n Quantificador]-**sun**, a marca ergativa ocorre em N e no quantificador.

(228)

	A		O		V
	N	Adj			
a)	[papi -n	bakui] -n	şuma -Ø	tʃiʃ-	-e -k
	menino -poss.. <sup>59</sup>	pequeno -erg.	peito -abs.	chupar-	-n.pass. -decl.

“O nenêm chupa o peito.”

	A		O		V
	N	N			
b)	[Mena -n	tʃanpi] -n	atsa -Ø	pe-	-bo -ş
	Mená -poss.	menina -erg.	mandioca -abs.	comer-	-pass.n.rec. -3.exp.

“A filha do Mená comeu mandioca.”

		A			V
	O	N	Adj		
c)	wapa -Ø	[nawa	tuku -dapa] -n	kues-	-a -ş
	cachorro -abs	não-índio	baixo -enf. -erg..	bater-	-pass.rec. -3.exp.

“O não-índio baixinho bateu no cachorro.”

	A		O		
	N	Quantificador			
d)	[papi ]-n	epapa ]-şun	pão -Ø	pe-	-a -ş
	rapaz -erg.	rest.tr. -conc.tr.	pão -abs.	comer-	-pass.rec. -3.exp.

“O rapaz comeu o pão sozinho.”

---

<sup>59</sup> O composto N-n + bakui forma o significado de ‘nenêm’. Para diferenciar o masculino do feminino, coloca-se em N *papi* “menino” e *tʃanpi* “menina”. Esta formação é marcada pelo possessivo {-n}.

## CAPÍTULO XI:

### Marcadores de *Switch-Reference*

Os marcadores de referência em Matis são formados, como nas outras línguas da família Pano, por um sistema de *Switch-reference* (*SR*) bastante elaborado. São controlados segundo A, S e/ou O da subordinada. Os morfemas de *SR* podem tanto indicar a referência com o mesmo sujeito da oração subordinada ou com sujeitos distintos quanto estar concordando com o tipo de argumento.

Alguns morfemas que funcionam como marcadores de *SR* na língua matis são homófonos, como {-*ʃun*} (cf. tabela 23 e 24, § 10.1.2), pois apresentamos sua ocorrência no nome, advérbio e no quantitativo), que pode funcionar como benefactivo (exemplo 229(a)), como marcador de “concordância com a transitividade” nos advérbios (§ 7.7, p. 159) ou, ainda, como sufixo nos numerais em sintagmas nominais (ver 229(c)).

(229)

					<b>V</b>				
a) Rogeru	-n	dadawa	-te	ibi	<b>bed-</b>	<b>-ʃun</b>	-bo		-ʃ
Rogério	-erg.	escrever	-instr.nzr.	1sg.abs.	comprar-	-benef.	-pass.n.rec.		-3

“O Rogério comprou caderno para mim.”

**Adv.**

b) sedke-	<b>-ʃun</b>	nuki	atʃuwiʃ	-ʃun	sote	tʃi-	-e	-k
amanhã	-conc.A.	1+2	todos	-erg	pulseira	tirar-	-n.pass.	-decl.

“Amanhã, todos irão tirar a pulseira.”

**Número**

c) puikun    **-in**    dabidpa    **-şun**    pisi            -∅    tʃe-    -a            -ş  
               urubu    -erg.    2            -erg .    coisa podre    -abs.    engolir    -pass.rec. -3.exp.

“Dois urubus estão comendo coisa podre.”

Os marcadores de sujeitos idênticos (SI) nas orações complexas codificam a identidade dos sujeitos, se é um S ou um A e ocorrem nos verbos da subordinada, enquanto os marcadores de sujeitos distintos (SD) codificam que em uma sentença o argumento O é o mesmo argumento A/S da outra sentença. Outra função de alguns marcadores de *switch-reference* (SR) é indicar que os argumentos A/S/O das orações são distintos.

Com relação às marcas aspectuais, temporais e modais, elas sempre ocorrerão no verbo da matriz e o argumento desse verbo (A/S/O) determinará a marca *SR* que se afixará ao verbo da subordinada.

Sufixos	Significados		Subordinada e o tipo de argumento	Principal e o tipo de argumento
-aş	sequencial	depois que	A/S	S
-şun	sequencial	depois que	A/S	A
-ek	simultâneo	enquanto que, durante, quando, ao mesmo tempo que....	A/S	S
-kin	simultâneo	enquanto que, durante, quando, ao mesmo tempo que....	A/S	A
-nun	propósito	antes de, com propósito de	A/S	A
-nuş	propósito	antes de, com propósito de	A/S	S
-ek	propósito	com propósito de	A/S	S
-şo	simultâneo	durante, enquanto	O	A/S
-ak	sequencial	quanto	A/S	O
-nu	simultâneos	enquanto	A/S	≠ A/S
-an	sequencial	depois de	A/S	≠ A/S
-en	propósito	causa	A/S	S

Tabela 27<sup>1</sup>: Morfemas de *switch-reference*.



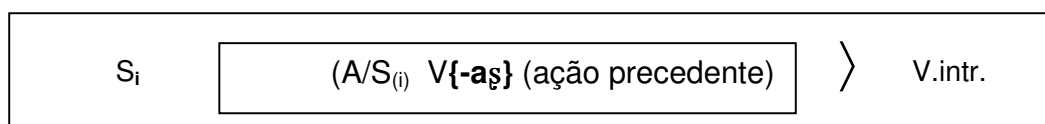
## 11.1 Marcadores de Sujeitos Idênticos (SI) em eventos seqüenciais

Os morfemas que ocorrem em eventos seqüenciais e marcam sujeitos idênticos são {-a§} e {-§un} “depois que”, “primeiro”. Nos exemplos 225 e 226, podemos verificar claramente o uso destes morfemas nas orações que existe uma relação entre os argumentos A ou S.

### 11.1.1 Morfema {-a§}

O morfema {-a§} sufixa-se ao verbo da subordinada e seu argumento é apagado, como podemos verificar no esquema 1. Assim, o argumento do verbo da matriz determina o morfema de *SR*. O morfema {-a§} indica que os sujeitos das orações são os mesmos, mas que o argumento da oração principal é **S**, como é demonstrado abaixo:

Sequencial A/S > S<sup>60</sup>  
subordinada > matriz



Esquema 01

---

<sup>60</sup> Seguindo a mesma notação de Fleck (2003, p. 1079), A/S>A ou S ou O indica subordinada>matriz. A/S indica que se a subordinada for de verbo intransitivo o argumento é S, se for de verbo transitivo o argumento é A. >A significa referencialidade com argumento A da matriz, >S referencialidade com argumento S da matriz e >O referencialidade com O da matriz.

(230)

S	(A)	O		V	
a) [ibi <sub>(i)</sub>	[ Ø <sub>(i)</sub>	tʃawa	-Ø	pe-	<b>-aʃ</b> <sub>sub</sub>
1 + 3	(1sg.erg.)	queixada	-abs.	comer-	-seq.A/S>S

V				
uʃ-	-to	-bo		-k] <sub>matriz</sub>
dormir-	-desl.	-pass.n.rec.		-1/2:decl.

“Nós fomos dormir, depois que terminei de comer queixada .”

S	(S)	V			
b) [Maki -Ø <sub>(i)</sub>	[Ø <sub>(i)</sub>	nes-	<b>-aʃ</b> <sub>sub</sub>	uʃ-	-e -k] <sub>matriz</sub>
Maki -abs.	(Maki-Ø)	banhar-	-seq.A/S>S	dormir-	-n.pass. -decl.

“Maki dorme depois que banha.”

S	(A)	V	
c) [[mibi <sub>(i)</sub>	[punkin -kin	Ø <sub>(i)</sub>	pe- <b>-aʃ</b> <sub>sub</sub>
2sg.abs.	primeiro -conc.tr.	(2sg.erg.)	comer- -seq.A/S>S

(S)	V	(S)	V
[Ø <sub>(i)</sub>	kuan <b>-aʃ</b> <sub>sub</sub>	Ø <sub>(i)</sub>	ne- <b>-aʃ</b> <sub>sub</sub>
(2sg.abs.)	ir - seq.A/S>S	(2sg.abs.)	banhar- - seq.A/S>S

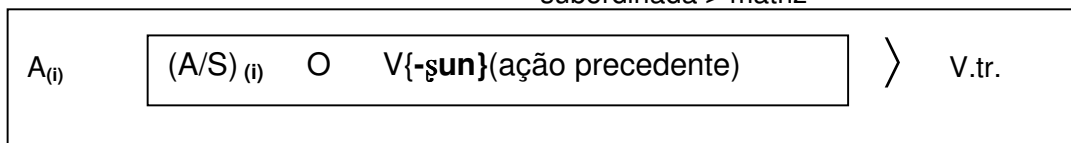
V		
uʃ-	-tan	-ta] <sub>matriz</sub>
dormir-	-desl.ir.	-imp.afirm.

“Primeiro você comer, depois vai tomar banho e depois vá dormir!”

### 11.1.2 Morfema {-ʃun}

O morfema {-ʃun}, semelhantemente a {-aʃ}, ocorre somente em orações seqüenciais. O que determina a sua presença no verbo da subordinada é o fato da oração principal ter um argumento A.

Sequencial A/S>A  
subordinada > matriz



Esquema 02

(231)

a) 

A	(S)	V	O
[Maki -n <sub>(i)</sub> ]	[Ø <sub>(i)</sub> ]	nes- banhar-	-şun -seq.A/S>A
Maki -erg.	Maki-Ø		]sub. atsa -Ø mandioca -abs.

V.tr.

kodoka- -a -ş]matriz  
cozinhar- -pass.rec. -3.exp.

“Maki tomou banho e depois cozinhou mandioca.”

b) 

A	A	V	O	V
[inbi <sub>(i)</sub> ]	[Ø <sub>(i)</sub> ]	pe- comer-	-şun -seq.A/S>A	]sub. mai did- roça cortar-
1sg.erg.	1sg.erg.			-e -k]matriz -n.pass. -decl.

“Eu derrubarei a roça depois que comer.”

c) 

S	O	V
[Ø <sub>(i)</sub> ]	kanpuk veneno	-in -linstr. tiktjimid <sup>61</sup> colocar-
(1sg.abs.)		-şun ]sub. z -seq.A/S>A

A	V
inbi <sub>(i)</sub>	uk- vomitar-
1sg.erg.	-a -pass.rec. -k]matri -decl.

“Depois de deixar-me colocar veneno na pele, eu vomitei.”

<sup>61</sup> Ato de colocar o veneno na pele, depois de queimar com brasa.

## 11.2 Marcadores de Sujeitos Idênticos em eventos simultâneos

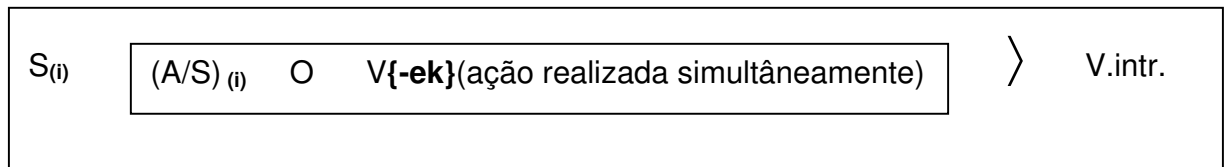
Os morfemas {-ek} e {-kin}, semelhantemente aos morfemas {-aş} e {-şun}, também indicam sujeitos idênticos e são determinados de acordo com o tipo de argumento exigido pelo verbo da oração principal (A ou S). A diferença entre estes pares de morfemas é que os morfemas {-ek} e {-kin} ocorrem somente em eventos simultâneos. Valenzuela (2003) e Spring-Cháves (1998) descrevem morfemas semelhantes para o Shipibo-Konibo e o Amahuaca, respectivamente, como participantes de eventos simultâneos. Já em Matsés, Fleck (2003a) os trata como tendo significados básicos de “while” e seus significados estendidos como “reason, circunstancial, condicional e concessive, additive”.

Apesar das diferenças de tratamento nestas línguas, os autores são unânimes em afirmar que a transitividade é fundamental para a seleção de um ou de outro morfema. Em Matis, os morfemas *SRs* variam segundo o tipo de argumento (A ou S).

### 11.2.1 Morfema {-ek}

O morfema {-ek} se sufixará em verbos intransitivos e transitivos. Porém, só ocorre se o argumento da oração principal for S, ou seja, argumento marcado pelo caso absoluto. Da mesma forma como ocorre com os morfemas anteriores, o argumento da segunda oração é apagado pelo fato do morfema *SR* indicar que trata-se de sujeitos idênticos.

Simultâneo A/S>S  
subordinada > matriz



Esquema 03

	S		A		O		V		V	
a) [	Maki	-Ø <sub>(i)</sub>	[	Ø <sub>(i)</sub>	TV	-Ø	is-	<b>-ek</b> ] <sub>sub.</sub>	den-	-kid] <sub>matriz</sub>
	Maki	-abs.	(Maki)	TV	-abs.	ver-	-simult.A/S>S		rir-	-hab.

“O Maki sempre ri enquanto vê televisão.”

	A		A		O		V		V
b) [[	Ø <sub>(i)</sub>	[	Ø <sub>(i)</sub>	atsa	-Ø	nokoşka-	-şo] <sub>sub.</sub>	is-	<b>-ek</b> ] <sub>sub.</sub>
	(1sg.erg.)	(2sg.erg.)	mandioca	-abs.	ralar-	-O>A/S		ver-	-simult.A/S>S

	S		V			
	ibi <sub>(i)</sub>	tjo-	-a			-k] <sub>matriz</sub>
	1sg.abs.	vir-	-pass.rec.			-decl.

“Eu vim ver (você) enquanto (você) descascava mandioca.”

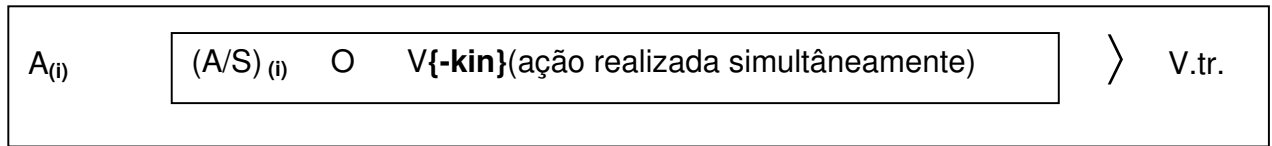
	S		S		V		V	
b) [	ibi <sub>(i)</sub>	[	Ø <sub>(i)</sub>	noman-	<b>-ek</b> ] <sub>sub.</sub>	munud-	-e	-k] <sub>matriz</sub>
	1sg.abs.	(1sg.abs.)	cantar-	-simult.A/S>S		dançar-	-n.pass.	-decl.

“Eu danço enquanto canto.”

### 11.2.2 Morfema {-kin}

O morfema {-kin} ocorre em referência ao argumento A, isto é, argumento marcado pelo caso ergativo. Sua presença se dá somente em orações nas quais os eventos sejam simultâneos. Semanticamente podem ser interpretados em eventos que envolvem razão, circunstância, condição, adição e concessão.

Simultâneo A/S>A  
subordinada > matriz



Esquema 04

(232)

a) [ inbi(i) [ Ø(i) tsitonkete -Ø bed- -kin ]<sub>sub.</sub> wa -dapa -Ø  
1sg.erg. (1sg.erg.) calça -abs. pegar- -simult.A/S>A escorpião -enf. -abs.

V  
is- -a -k]<sub>matriz</sub>  
ver- -pass.rec. -decl.

“Eu vi o escorpião quando peguei a calça.”

b) [ inbi(i) [ Ø(i) dadawa -kin ]<sub>sub.</sub> punkin -e -k]<sub>matriz</sub>  
1sg.erg. (1sg.erg.) escrever -simult.A/S>A começar -n.pass. -decl.

“Eu começo a escrever.”

c) [lba -n(i) [ Ø(i) t̥sonoad -kin ]<sub>sub.</sub> dinheiro -Ø  
lba -erg. (lba) trabalhar- -simult.A/S>S dinheiro -abs.

V  
bed- -a -ʃ]<sub>matriz</sub>  
pegar- -pass.rec. -3.exp.

“lba pegou o dinheiro enquanto trabalhava.”

Nos exemplos a seguir, verifica-se o contraste entre os eventos simultâneos e as correlações entre os tipos de verbos. Em 233 (a) e (b), pode-se verificar os morfemas que se correlacionam com verbos transitivos e, em (c) e (d), os que se

relacionam com verbos intransitivos. No entanto, (a) e (c) são eventos seqüenciais e (b) e (d) são eventos simultâneos.

(233) {-*ʃun*} e {-*aʃ*} (eventos não simultâneos), {-*ek*} e {-*kin*} (eventos simultâneos).

- a) *inbi tʃonoad- -ʃun pe- -e -k*  
 1sg.erg. trabalhar -seq.A/S>A comer -n.pass. -decl.  
 “Eu trabalho depois que como.”
- b) *inbi tʃonoad- -kin waka -∅ ak- -e -k*  
 1sg.erg. trabalhar -simult.A/S>A água -abs. beber- -n.pass. -decl.  
 “Eu bebo água enquanto trabalho.”
- c) *iba -∅ tʃonoad- -aʃ nes- -e -k*  
*lba- -abs. trabalhar- -seq.A/S>S banhar- -n.pass. -decl.*  
 “O Iba trabalha depois que banha.”
- d) *ibi tʃonoad- -ek pekas- -e -k*  
 1sg.abs. trabalhar- -simult.A/S>S ter.fome- -n.pass. -decl.  
 “Enquanto eu trabalho tenho fome.”
- Sujeitos Idênticos, verbo matriz transitivo, verbo da subordinada intransitivo e evento seqüencial.
- Sujeitos Idênticos, verbo matriz transitivo, verbo da subordinada intransitivo e evento simultâneo.
- Sujeitos Idênticos, verbo matriz intransitivo, verbo da subordinada intransitivo e evento seqüencial.
- Sujeitos Idênticos, verbo matriz intransitivo, verbo da subordinada intransitivo e evento simultâneo.

### 11.3 Marcadores de sujeitos idênticos em eventos seguidos indicando propósito

Existem três morfemas que marcam sujeitos idênticos em eventos seguidos, indicando propósito: {-*nun*}, {-*nuʃ*} e {-*ek*}. {-*nun*} e {-*nuʃ*} são semelhantes aos de outras línguas da mesma família, como Amahuaca {-*non*} e {-*novo*}, Shipibo-Konibo {-*nox*} e {-*noxon*} e Matsés {-*nush*} e {-*nun*}.

Os sufixos {-nun} “prop.A/S>A” e {-nuş} “prop.A/S>S” indicam sujeitos idênticos e expressam propósito: “antes de X ocorre Y”. É possível postular que o morfema base é {-nu} e que {-ş} e {-n} marcam o tipo de argumento, respectivamente, **S** e **A**. Todavia, como há vários casos de cristalização na língua, também é possível que sincronicamente estes morfemas estejam cristalizados na forma de {-nuş} e {-nun}.

(234) Morfema {-nun}.

(A) O V  
 a) [[(Ø) Maki -Ø dadawa -me -nun]<sub>sub.</sub>  
 (1sg.erg) Maki -abs. escrever -caus. -prop.A/S>A

A V  
 inbi pe- -e -k ]<sub>matiz</sub>  
 1sg.erg. comer- -n.pass. -decl.

“Antes de (eu) ensinar o Maki eu vou comer.”

(A) V A O  
 b) [[(Ø) pe- -nun]<sub>sub.</sub> inbi takada -Ø  
 (1sg.erg.) comer- -prop.A/S>A 1sg.erg. galinha -abs.

V  
 tʃe -me- -e -k ]<sub>matiz</sub>  
 engolir -caus. -n.pass. -decl.

“Antes eu alimento a galinha, depois (eu) como ela.”

A (S) V (S) V  
 c) [minbi [Ø nes- -ek (Ø) tʃo- -nun]<sub>sub.</sub>  
 2sg.erg. Ø banhar -prop.A/S>A (2sg.abs.) vir- -prop.A/S>A

V  
 pe- -tan -ta ]<sub>matiz</sub>  
 comer- -desl.ir. -imp.affirm.

“Antes de banhar vá comer!”



O morfema **{-nuş}** indica propósito e só ocorre quando o argumento do verbo da sentença matriz for A, enquanto na subordinada pode ser tanto A quanto S.

(235)

(S)	V		A	V		
a) [[(Ø)	kuan	<b>-nuş</b> <sub>sub.</sub>	ibi	kapo-	-e	-k] <sub>matriz</sub>
(1sg.abs.)	ir	-prop.A/S>S	1sg.abs.	caçar-	-n.pass.	-decl.

“Antes eu vou caçar depois viajarei.”

A	O	V		S	V	
b) [[mikui	bola	-Ø	seka-	<b>-nuş</b> <sub>sub.</sub>	ibid	tşonoad-
2pl.	bola	-abs.	jogar-	-prop.A/S>S	1sg.com.S	trabalhar-
						-n.pass. -decl.

“Antes de vocês jogarem bola, trabalharão comigo.”

(A)	Loc	V	
c) [[(Ø)	FUNAI	şubu	-no is- <b>-nuş</b> <sub>sub.</sub>
(1sg.erg.	FUNAI	casa	-loc. ver- -prop.A/S>S

S	V	
ibi	nes-	-e -k ] <sub>matriz</sub>
1sg.abs.	banhar-	-n.pass. -decl.

“Antes de ir à FUNAI, vou banhar.”

Outro morfema que indica propósito é **{-ek}**. Como vimos anteriormente (§ 11.2.1, p. 226), ele marca eventos simultâneos, significando “enquanto”. Verificamos, aqui, que sua função não é mais marcar sujeitos idênticos em orações simultâneas, mas em orações que expressam propósito. Ele se diferencia dos morfemas **{-nun}** e **{-nuş}**, pois sempre que houver encadeamento de orações em que haja verbo de movimento e este preceder a ação seguinte, o verbo é sufixado por **{-ek}**: [V-ek V de moção].

(236)

a) [ [Ø      mai      did-    -**ek** ]<sub>sub.</sub>      (Ø)      kuan-    -a      -š]<sub>matriz</sub>  
       roça      cortar- -prop.A/S>S    (ele)    ir-      -pass.rec. -3.exp.

“Ele foi para roça roçar.”

Nos exemplos abaixo, verificamos a diferença do uso do morfema {-ek}: em

(a) expressa propósito e em (b) marca eventos simultâneos.

(237)

a) [ papi    -bo<sub>(i)</sub>    -Ø    [Ø<sub>(i)</sub>    pe-    -doko    -**ek**]<sub>sub.</sub>      tʃo-    -tʃo    -e    -k]<sub>matriz</sub>  
       rapaz    -col.    -abs.    (eles)    comer- -pl.    -**prop. A/S>S**    vir-    -pl.    -n.pass. -decl.

“Os rapazes chegam para comer.”

b) [ papi    -bo<sub>(i)</sub>    -Ø    [Ø<sub>(i)</sub>    pe-    -doko    -**ek**]<sub>sub.</sub>      tʃo-    -tʃo    -e    -k]<sub>matriz</sub>  
       rapaz    -col.    -abs.    (eles)    comer- -pl.    -**simult.A/S>S**    vir-    -pl.    -n.pass. -decl.

“Os rapazes vieram comendo.”

#### 11.4 Marcadores de sujeitos distintos em eventos simultâneos

Com relação aos morfemas que marcam a co-referencialidade com sujeitos distintos, há uma morfologia semelhante entre as línguas Amahuaca e Shipibo-Konibo e uma morfologia semelhante entre as línguas Matsés e Matis.

Em Shipibo-Konibo, os morfemas que indicam sujeitos distintos para eventos simultâneos são {-ai} e {-ke}, sendo que {-ai} é controlado pelo verbo intransitivo e {-ke} pelo verbo transitivo (Valenzuela, 2003, p. 418). Em Amahuaca,

estes mesmos tipos de eventos elegem os morfemas {-hain} “DS.SG<sup>62</sup>” e {haivaun} “DS.PL”, mas diferentemente do Shipibo-Konibo, eles não fazem distinção quanto à transitividade (Sparing-Chávez, 1998, p. 461).

As línguas Matsés e Matis possuem morfemas semelhantes, respectivamente, {-nuc} e {-nu}. Verificamos, assim, mais uma vez uma aproximação entre a morfologia dessas duas línguas.

### 11.5 Argumentos Distintos em eventos simultâneos

O morfema {-nu} “simult.sd. (A/S≠A/S)” marca que os argumentos da próxima oração são diferentes tanto para A quanto para S. Isso ocorre quando os dois eventos ocorrem exatamente no mesmo intervalo de tempo ou quando um se realiza num intervalo de tempo que intersecta o intervalo de tempo do outro evento. Esse morfema não distingue o tipo de verbo ao qual se sufixa, como também não é controlado com respeito ao tipo de argumento, diferentemente dos morfemas anteriormente apresentados. As sentenças que possuem a marcação do morfema {-nu} ocorrerão sempre precedendo aquela que não possui marcação de *SR*.

(238)

	A <sub>(i)</sub>	V		A <sub>(j)</sub>	V	
a)	inbi	dadawa-	<b>-nu</b>	minbi	kodoka-	-ta]
	1sg.erg.	escrever-	-simult.sd.	2sg.erg.	cozinhar-	-imp.afirm.

“Você, cozinhe! Enquanto eu escrevo.”

<sup>62</sup> DS.SG= Sujeitos Distintos Singulares; DS.PL= Sujeitos Distintos Plurais

	A <sub>(i)</sub>	V		A <sub>(i)</sub>	V		
b)	ibi	tʃonoad-	-nu	lba	-∅	uʃ-	-e -k
	1sg.abs	trabalhar	-simult.sd.	lba	-abs.	dormir-	-n.pass. -decl

“O lba dorme, enquanto eu trabalho.”

	A <sub>(i)</sub>	O		V	
c)	marubo	-n tʃawa	-∅	tonka-	-nu
	Marubo	-erg. queixada	-abs.	matar c/ arma-	-simult.sd.

	S <sub>(j)</sub>	V	
	Bina	-∅ kuan-	-bo -ʃ
	Bina	-abs. viajar-	-pass.rec. -3.exp.

“O Marubo queria matar o porco, enquanto o Bina viajava.”

## 11.6 Sujeitos Distintos em eventos seqüenciais

### 11.6.1 {-an}: marcador de sujeitos distintos

O morfema **{-an}** “sequencial sujeitos distintos” (A/S≠A/S) também indica sujeitos diferentes em sentenças seqüenciais. A sua função é semelhante a que ocorre na língua matsés. No entanto, não posso afirmar que este morfema indica inferencialidade, como afirma Fleck (2003a, p. 1099) para a língua matsés. Segundo o autor, há dois morfemas: {-an} “After: Different Referents: Inferencial” e {-bon} “after: Different Referents: Experencial.”.

Em Matis, o morfema {-bo} “sujeitos distintos” funciona semelhantemente a {-bon} do Matsés. Porém, não é possível afirmar que ele apresenta uma função experencial, além de assinalar a não-referência. Os dados que dispomos sobre este morfema foram retirados de um texto que relata a viagem de um rapaz à aldeia Yanomami. Assim, é possível que o morfema **{-bo}** esteja indicando

experiencialidade, ao ser usado no lugar de {-an}. (ver 239 (c)). Contudo, isto ainda é especulativo.

(239)

S <sub>(i)</sub>	V		A <sub>(i)</sub>		A <sub>(i)</sub>
a) ibi	uṣ-	<b>-an</b>	Vitória	-bitan	Gabrieu -n
1sg.abs.	dormir-	-seq.sd.	Vitória	-com.A	Gabriel -erg.

V		
pe-	-bo	-ṣ
comer-	-pass.rec.	-3.exp.

“Primeiro fui dormir, depois a Vitória e o Gabriel comeram.”

S <sub>(i)</sub>		V		S <sub>2</sub>		
b) mibi	punkin	-midek	kuan	<b>-an</b>	tʃitʃin	ibi
2sg.abs.	primeiro	-conc.S	ir	-seq.sd.	depois	1sg.abs.

V		
kuan	-e	-k
ir	-n.pass.	-decl.

“Você vai, depois eu vou.”

	A <sub>(i)</sub>	V		Loc.			
c) atṣuwiṣ	-in	nuki	is-	-bonda	-wa	gradientʃi	-no
todos	-Inclusivo	1+2	ver-	-pass.n.rec.	-part.disc.	gradiente	-loc.

(A <sub>(i)</sub> )	O	V		A <sub>(i)</sub>				
ah.... (eles)	gravado	ʃe-	-akno	<b>-bo</b>	nuki	is-	-bonda	-wa
Interj. (∅)	gravador	fazer-	-mesmo lugar	-sd.	1+2	ver-	-pass.n.rec.	-reit.

(A <sub>2</sub> )	O	V			
(∅)	moto	-∅	ʃe-	-akno	<b>-bo</b>
(∅)	motor	-abs.	fazer-	-mesmo lugar	-sd.

“Todos nós fomos ver (os brancos) montar gravador e motor, no mesmo lugar.”

Por meio dos exemplos abaixo, podemos verificar as diferenças de correlações temporais em que ocorrem os morfemas {-nu} e {-an}:

(240)

A <sub>(i)</sub>			V		S <sub>(i)</sub>	
a) inbi	punkin	-kin	pe-	<b>-an</b>	Vitoria	-Ø
1sg.erg.	primeiro	-conc.A	comer-	-seq.sd.	Vitória	-abs.

V		
kuan-	-e	-k
viajar-	-n.pass.	-decl.

“Primeiro eu vou comer, depois a Vitória viajará.”

A <sub>(i)</sub>	V		S <sub>(i)</sub>		V		
b) inbi	pe-	<b>-nu</b>	Vitória	-Ø	kuan-	-e	-k
1sg.erg.	comer	-simult.sd.	Vitória	-abs.	viajar-	-n.pass.	-decl.

“Enquanto eu como, a Vitória sai/viaja.”

### 11.6.2 {-şo} como marcador de sujeito co-referencial com o objeto em sentenças simultâneas

Em Matis, o morfema {-şo} indica sujeitos distintos, diferentemente dos morfemas apresentados anteriormente (ver 11.5, p. 223). A co-referencialidade do morfema {-şo} “**A/S > O**” é de objeto da oração matriz para com o sujeito da subordinada.

No exemplo, a seguir, o item wapa “cachorro” na oração matriz está em função de objeto, enquanto na subordinada está na posição de sujeito: “[inbi Ø isak wapan t{awa peşo]<sub>sub</sub>]<sub>matriz</sub>” “Eu vi Ø(i) o cachorro(i) comendo porco”. Uma questão que pode ser levantada é se o item wapa “cachorro” faz parte da matriz ou da subordinada. A marcação de caso ergativo pode ajudar a esclarecer esta questão.

Consideremos a construção [N-erg V [N-erg O V]<sub>sub</sub>]<sub>matriz</sub> (exemplo 236 (a)). Se **wapa** “cachorro” fizesse parte da matriz, ele precisaria estar marcado pelo absoluto (Ø), o que não acontece aqui. Ele vem marcado pelo caso ergativo {-n}, o que indica que é agente (A), diferente do que ocorre no exemplo 241 (b), no qual o item **papi** “rapaz” é marcado pelo absoluto (Ø), o que indica que ele está na função de sujeito (S).

Uma outra característica no uso do morfema {-**şo**} é que ele ocorre em eventos simultâneos. Para eventos sequenciais de mesma função emprega-se o morfema {-**ak**}, como veremos na próxima seção.

(241)

A	(O <sub>(j)</sub> )	V		A <sub>(j)</sub>	O	V
a) [inbi	(Ø)	is-	-a	-k] <sub>matriz</sub>	[wapa -n	nami -da -Ø pe- -şo] <sub>sub.</sub>
1sg.erg.	(Ø)	ver-	-pass.rec.	-decl.	cachorro -erg.	carne -enf. -abs comer- -A/S>O

“Eu vi o cachorro comendo carne.” [Eu vi (o cachorro<sub>(j)</sub>), o cachorro<sub>(j)</sub> comendo carne.]

A	(O <sub>(j)</sub> )	V		S <sub>(j)</sub>	V	
b) [inbi	(Ø)	is-	-a	-k] <sub>matriz</sub>	[papi -Ø nes -şo] <sub>sub.</sub>	
1sg.erg.	(ele)	ver-	-pass.rec.	-decl.	rapaz -abs.	banhar - A/S>O

“Eu vi o rapaz tomando banho.” [Eu vi (o rapaz<sub>(j)</sub>), o rapaz<sub>(j)</sub> tomando banho.]

A	(O <sub>(j)</sub> )	A <sub>(j)</sub>	V	V	
c) [inbi	(Ø)	[Bina -n	tanawame-	-şo] <sub>sub.</sub>	is- -a -k] <sub>matriz</sub>
1sg.erg.	(Bina)	Bina -erg.	ensinar-	- A/S>O	ver- -pass.rec. -decl.

“Eu vi o Bina ensinando.”

(A <sub>(j)</sub> )	O	V
d) [ [(Ø)	tʃitonkete	bed- -şo] <sub>sub.</sub>
1sg.erg.	calça	pegar- -A/S>O

O <sub>(j)</sub>	A	V
ibi	wadapa -n	tik- -a -ş] <sub>matriz</sub>
1sg.abs.	escorpião -erg.	ferrar -pass.rec. -3.exp.

“O escorpião<sub>(j)</sub> me<sub>(j)</sub> ferrou enquanto eu<sub>(j)</sub> pegava a calça<sub>(k)</sub>.”

Os exemplos abaixo apresentam duas co-referências que indicam quem é o agente e quem é o paciente, o que depende da sufixação dos morfemas **{-kin}** e **{-so}**. O morfema **{-kin}**, como já vimos anteriormente, indica sujeitos idênticos em eventos simultâneos, enquanto **{-so}** indica sujeitos diferentes e faz co-relação objeto da matriz com o sujeito da subordinada, também para eventos simultâneos. Com isso, dependendo do morfema que o verbo da oração subordinada receber, é possível saber quem é o Agente e quem é o Paciente. Exemplos:

(242)

A		O <sub>(j)</sub>		(A <sub>j</sub> )	(O <sub>(j)</sub> )	V	
a) [[buntak	-in	awad	-∅	[∅	∅	taibowan-	<b>-kin</b> ] <sub>sub.</sub>
rapaz	-erg.	anta	-abs.	(ele)	(ela)	rastrear-	-simult.A/S>A

V

tonka- -a -s]<sub>matriz</sub>  
 atirar c/arma- -pass.rec. -3.exp.

“O rapaz foi atrás da anta e ele a matou.”

A		O <sub>(j)</sub>		V	
b) [[buntak	-in	kamun	-∅	dukabowan-	<b>-so</b> ( <sub>(j)</sub> ) <sub>sub.</sub>
rapaz	-erg.	onça	-abs.	rastrear-	-O>A/S

(A<sub>(j)</sub>) (O) V  
 (∅) (∅) ak- -a -s]<sub>matriz</sub>  
 (ela) (ele) matar- -pass.rec. -3.exp.

“O rapaz foi atrás da onça e ela o matou.”

### 11.6.3 {-ak} marcador de sujeitos diferentes (O>A/S) em eventos seqüenciais

Os morfemas **{-ak}** em Matis indicam sujeitos distintos (SD) e marcam co-referência com o objeto (O) da subordinada. **{-ak}** ocorre nas orações que expressam eventos em seqüência.



(243)

(A <sub>(i)</sub> )	O <sub>(i)</sub>			V		(S <sub>(i)</sub> )
a) [(Ø)	Bina	-n	tsadi	-Ø	abeso-	-ak
(ele)	Bina	-poss.	milho	-abs.	espalhar-	-seq.O>A/S
						(Ø)
						(milho)

V

tʂodke- -a -ʂ  
 estragar- -pass.rec. -3.exp.

“(Ele) espalhou o milho do Bina<sub>(i)</sub> e Ø<sub>(i)</sub> estragou.”

A <sub>(i)</sub>	O <sub>(i)</sub>		V	
b) Bina	-n	tsadi	-Ø	abeso -ak
Bina	-erg.	milho	-abs.	espalhar -seq.O>A/S

S<sub>(i)</sub>

Ø<sub>(i)</sub> -Ø tʂodke- -a -ʂ  
 milho -abs. estragar- -pass.rec. -3.exp.

“Bina espalhou o milho<sub>(i)</sub> e (ele<sub>(i)</sub>) estragou.”

c) Biuʂ	-in	tʂawa	-Ø	nidinka-	-ak	abad-	-a	-ʂ
Biuʂ	-erg.	porco	-abs.	correr atrás-	-seq.O>A/S	correr-	-pass.rec.	-3.exp.

“Biuʂ correu atrás do porco<sub>(i)</sub> e ele<sub>(i)</sub> fugiu.”

#### 11.6.4 {-en} morfema adverbial de causa

O morfema {-en} ocorre em sentenças em que haja causalidade, sendo que X é uma causa e Y uma conseqüência. Ele ocorre junto à informação nova, o X. Quanto à co-referencialidade, a presença desse morfema é neutra.

Apesar de não considerar esse morfema como um marcador de *switch-reference* em Matis, decidi colocá-lo neste trabalho porque um morfema semelhante tem sido considerado na língua matsés como um dos sufixos que adverbializam e que codificam a relação temporal com “while” para A/S>S (Fleck,

2003a, p. 1086). Nos exemplos abaixo, verificamos que em Matis o seu uso específico é com sentenças que indicam uma causa.

(244) Matsés (Fleck, 2003a, p. 1080)

podqued- -ua            **-en**            shēctenamē            -n    pe    -quid  
 path            -Vzr:make    -while:A/S>A    white.lipped.peccary    -Erg    eat    -Hab  
 “White-lipped peccaries make paths as they feed.”/ “...feed making paths.”

(245) Matis

a) nukı    soben-            **-en**            Bına    -∅    uş-            -ama  
 1+2    conversar-    -adv.causa    Bına    -abs.    dormir-    -neg.pass.  
 “O Bına não dormiu, porque nós conversávamos.”

b) pusa            -wa<sup>63</sup>            -an            p-            **-en**            inbi  
 estômago    -vbzr.            -antipass.    coment.-    -adv.causa    1sg.erg.  
  
 pe-            -ama  
 comer-            -neg.pass.  
 “Eu não comi, porque meu estômago está ruim.”

c) maşo            tʃımo-    -wa            -an            p-            **-en**            ibi  
 cabeça    doer-    -reit.            -antipass.    coment-    -adv.causa    1sg.abs.  
  
 uş-            -bo            -k  
 dormir-    -pass.n.rec.    -decl.  
 “Eu dormi, porque minha cabeça estava doendo.”

---

<sup>63</sup> A derivação da palavra intestino pelo verbalizador -wa resulta em “meu intestino está tremendo”.

## CAPÍTULO XII:

### Sentenças Simples e Complexas: uma visão sintática

#### 12.1 Ordem dos Constituintes

Segundo Greenberg (1966), as línguas têm várias ordens sintáticas possíveis; no entanto, somente uma é dominante nas línguas naturais. Em nossos dados coletados, principalmente, a partir de licitações, pudemos encontrar, em Matis, as seguintes ordens: AOV, OAV e AVO em construções com verbos transitivos e SV e VS em construções com verbos intransitivos, sendo que apenas a ordem AOV, até o momento, pode ser considerada a ordem dominante, marcada para orações transitivas, ou seja, aquelas que pedem mais que um argumento na língua. A variação acima mencionada, com relação às orações intransitivas, segue motivações pragmáticas (tópico ou foco). A e O são desambiguizados pelo caso ergativo, sendo que, para a marca de ergatividade, apresenta-se os alomorfes {-in ~ -n } e -Ø como marca de absolutivo.

(246)

A ordem principal com os verbos transitivos é:



	A	O	-Ø	V	-a	-k
a)	minbi	tonkate	-Ø	bed-	-a	-k
	2sg.erg.	espingarda	-abs.	pegar-	-pass.rec.	-decl.

“ Você pegou a espingarda.”

ou

a<sup>64</sup>) A V O  
minbi bedak tonkate

Existem variações que estão condicionadas por razões pragmáticas.

Quando o objeto se move para o início da sentença, há uma topicalização.

(247)

O		A		V		
a) dadawate	-∅	Rogeru	-n	bi-	-e	-k
caderno	-abs.	Rogério	-erg.	levar-	-n.pass.	-decl.

“É o caderno que o Rogério vai levar.”

Quanto às construções intransitivas, encontramos as ordens SV e VS.

Provavelmente a ordem VS possui alguma motivação pragmática.

S		V		
c) dani	-∅	pakad-	-a	-ş
Dani	-abs.	cair-	-pass.rec.	-3.exp.

“A Dani caiu.”

V		S		
d) abad-	-e	-k	Tumi	-∅
correr-	-n.pass.	-decl.	Tumi	-abs.

“O Tumi corre.”

Nas orações com verbos que pedem dois objetos do tipo *mene* “dar”, não há uma ordem fixa, apesar de normalmente o beneficiário ocorrer próximo ao verbo. Nos verbos sufixados pelo morfema {-şun} “benefactivo”, que também pedem dois objetos, o beneficiário não ocorre próximo ao verbo (ver 248 (b)).

---

<sup>64</sup> Aparentemente, ainda não encontrei a motivação sintática ou pragmática para este tipo de ordem sintática.

(248)

A		O		O(beneficiário)	V			
a) Mena	-n	piskaden	-Ø	ibi	<b>mene-</b>	-bonda	-§	
Mená	-erg.	colar	-abs.	1 sg.abs.	dar-	-pass.dist.	-3.exp.	

“O Mená me deu um colar.”

A		O (beneficiário)	O		V			
b) Tupa	-n	mibi	witsun	-Ø	je-	<b>-§un</b>	-e	-k
Tupa	-erg.	2sg.abs.	pulseira	-abs.	fazer-	-benef.	-n.pass.	-decl.

“A Tupa faz pulseira para você.”

### 12.1.1 Sintagma nominal

O sintagma nominal é formado por um nome ou pronome que é o seu núcleo, podendo ser modificado por nomes, demonstrativos, adjetivos, numerais e quantificadores. Este sintagma pode ocupar uma posição argumental tanto de verbos transitivos quanto de verbos intransitivos. Na forma mais simplificada do sintagma, o núcleo é formado por apenas um nome ou pronome:

(249)

a) sinkin	“banana”						
[ <b>sinkuin</b>	<b>§u</b>	<b>-Ø]</b> <sub>SN</sub>	pakid-	-a		-§	
banana	madura	-abs.	cair-	-pass.rec.		-3.exp.	

“A banana caiu.”

b) *dadasibobo* “velhos”

<b>dadasibo</b>	<b>-bo</b>	<b>-Ø</b>	dadenpa	-e
velho	-col.	-abs.	intens.qtd.	-advzr.

kapu-	-dene		-bonda	-§
andar-	- hab.pass.n.rec.		-pass.dist.	-3

“Antigamente os velhos sempre andavam muito de um lugar ao outro.”

c) inbi “1sg.erg.”

**inbi** witsun -Ø ʃe- -bo -k  
1sg.erg. pulseira -abs. tecer- -pass.n.rec. -decl.

“Eu fiz a pulseira.”

Em um sintagma mais complexo, o nome e o pronome são acompanhados pelos modificadores.

(250)

a) **nikid tʃawa** “aquela queixada”  
aquela queixada

b) papi -n aben -tsik -ʃun  
menino -erg. 3sg.abs -restr. -conc.tr.

nami epapa -Ø pe- -a -ʃ  
carne só -abs. comer- -pass.rec. -3.exp.

“O menino comeu só carne, sozinho.”

c) ibi epapa -Ø uʃ- -bo -k  
1sg.abs sozinho -abs dormir- -pass.n.rec. -decl.

“Eu dormi sozinho.”

d) papi noa -dapa -n atʃuwɨʃ nami -abs.  
menino grande -enf. -erg. toda carne -Ø

wes- -kin pe- -a -k  
terminar- -simult.A/S>A comer- -pass.rec. -3:infer.

“O menino gordo comeu toda carne até terminar. (O menino gordo comeu a carne terminando-a)”

### 12.1.2.1 Sintagmas nominais possessivos

Segundo Payne (1997, p, 104), é importante diferenciar sintagma possessivo de sentenças possessivas, sendo assim, o autor afirma que “A possessive noun phrase contains two elements: a possessor and a possessed

item.” Enquanto que “occasionally possessive clause use a special verb like “to have (...) The more common situation, however, is for possessive clause to use a copular verb or particle.” Em Matis, os sintagmas nominais possessivos são formados pela sufixação do alomorfe possessivo {-n ~ -in} ao nome possuidor, sendo o possessivo caracterizado pela relação estabelecida entre nomes. Um nome é o núcleo da construção, enquanto que o outro é o modificador desse núcleo, obtendo-se, dessa forma, a relação determinante-determinado.

Existem três tipos de sintagmas possessivos:

(251) 1) propriedade “o carro do Rogério”;

a) Tumi -n tonkate “A espingarda do Tumi”  
Tumi -poss. filho

b) Rogeru -n computado “O computador do Rogério.”  
Rogério -poss. computador

(252) 2) relação interpessoal “o filho do Rogério”;

a) Bina -n papi “O filho do Bina.”  
Bina -poss. menino

b) lba -n awin “A esposa do lba.”  
lba -poss. esposa

(253) 3) relação da parte de um todo “a alça da panela”.

a) mariwin **-in** maṣo “A máscara do mariwin”  
mariwin -poss. cabeça

b) kamun **-in** tai “A pegada da onça”  
onça -poss. pata

Os sintagmas formados através do pronome possessivo são facilmente identificados, pois esse grupo de pronomes necessita sempre de um nome para

poder ocorrer. Tal nome ocorre sempre após o possuidor. Se houver uma mudança de ordem, como no exemplo 249 (a') e (a''), o resultado é considerado inaceitável pelos falantes.

(254)

a) [nukin      şubu ]<sub>LPSS</sub>    maned-    -bo            -ş  
       1+2poss. casa            mudar-    -pass.n.rec.    -3.exp.

“Eles mudaram nossa aldeia.”

a') \*şubu    nukin            maned-    -bo            -ş  
       casa    1+2poss.    mudar-    pass.n.rec.    -3.exp.

a'') \* nukin            maned-    -bo            -ş  
       1+2poss.    mudar-    pass.n.rec.    -3.exp.

b) Tumi -n    [min      mai]<sub>LPSS</sub>    -no    atsa -Ø  
       Tumi -erg.    2sg.poss. roça    -loc.    mandioca -abs.

tjik-            -tene    -k  
       tirar-        -sempre -decl.

“A Tuma sempre tirava mandioca na tua roça”

Os sintagmas possessivos podem ocorrer sem a presença do morfema possessivo {-n } , quando a relação possessiva indicar uma parte do todo. Nesse caso, existirá uma mudança de significado.

(255)

a) wapa      nami    “Carne de cachorro. (um tipo de carne)”  
       cachorro    carne

b) wapa      -n      nami    “A carne do cachorro. (ou seja, o que o cachorro pegou para  
       cachorro    -poss.    carne    comer)”



### 12.1.2.2 Sintagmas locativos

Um sintagma locativo, em Matis, pode ser formado por um nome seguido por um morfema posposicional locativo {-n} ou {-no}. No entanto, alguns advérbios locativos, como *anpiduk* “lá embaixo1”, *t̥sod̥in* “lá embaixo 2”, *abuk* “no alto, na parte de cima”, *d̥ibumi* “em direção à cabeceira” e *tami* “em direção à boca do rio”, não necessitam vir sufixados por {-n}, pois semanticamente já indicam locação.

(256)

- a) inbi      [p̥ão    ʂini      -n]<sub>LL</sub>    an-      tikidka-    -e      -k  
 1sg.erg.    pão    manteiga    -loc.    dentro-    passar-    -n.pass.    -decl.

“Eu passo manteiga no pão.”

- b) lba    -∅    [waka    ]-n    t̥ʃo-    -bo      -ʂ  
 lba    -abs.    rio    -loc.    vir-    -pass.n.rec.    -3

“O lba veio pelo rio.”

- c) ibi      mananuk      kuan-      -e      -k  
 1sg.abs.    em terra firme    ir-      -n.pass.    -decl.

“Eu vou para terra firme.”

#### 12.1.2.2.1 Sintagma locativo e a concordância do direcional com a transitividade

O uso dos direcionais nos advérbios implica uma mudança semântica. Quando o morfema {-ʂun} é usado, o falante não está só indicando um deslocamento “em direção de” para verbos transitivos. Ele está dizendo também que o referido objeto se deslocou para aquele lugar, foi levado para lá (252 (a),

(b)). No caso dos intransitivos, o advérbio locativo recebe a sufixação do morfema {-wiş} “em direção de”, que ocorre com verbos de movimento. Em verbos intransitivos não dinâmicos como 'dormir', o advérbio não é marcado pelo morfema de direção {-wiş} (257 (c) e (d)).

(257)

a) inbi **[anpiduk ]-şun** sinkuin -Ø bed- -tan -a -k  
 1sg.erg. embaixo -dir. banana -abs. pegar- -ir.vir -pass.rec. -decl.  
 “Eu fui pegar a banana lá embaixo. (Alguém levou ela para lá)” ou  
 “Eu fui pegar a banana que foi lá para baixo.”

b) inbi **anpiduk** sinkuin -Ø bed- -a -k  
 1sg.erg. embaixo banana -abs. pegar- -pass.rec. -decl.  
 “Eu fui pegar a banana lá embaixo. (A banana já estava lá embaixo)”  
 “Eu fui pegar a banana que já está lá embaixo.”

c) **anpiduk -wiş** ibi do- -e -k  
 embaixo -inic.intr 1sg.abs. subir -n.pass. -decl.  
 “Eu venho lá de baixo.”

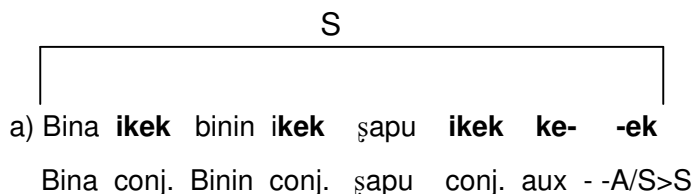
d) nuki manan uş- -e -k  
 1+2 lá encima dormir- -n.pass. -decl.  
 “Nós vamos dormir lá em cima.”

### 12.1.3 Coordenação de sintagmas nominais

Segundo Payne (1997: 337) “*freqüentemente (nas línguas), a estratégia utilizada para coordenar sentenças é a mesma utilizada para coordenar sintagmas nominais*”. Em português, **e** pode ser utilizado tanto para coordenar sentenças quanto sintagmas nominais, como em “João dormiu **e** Maria saiu”; “João **e** Maria dormiram.” Em Matis, a coordenação dos sintagmas nominais é feita por *ikek*. Após o último nome coordenado, soma-se o verbo reportativo *ke-* “dizer”, sufixado

pelos morfemas de *switch-reference* {-ek} (que se relaciona a S) e {-şun} (que se relaciona a A).

(258) SNs em função de S

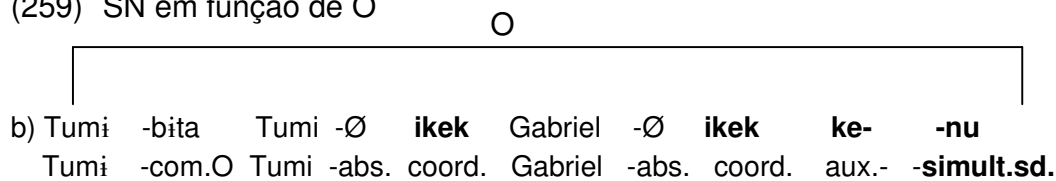


quarto -n duke- -e -k

quarto -loc. deitar- -n.pass. -decl.

“Bina, Binin e şapu, diz, dorme no quarto.”

(259) SN em função de O

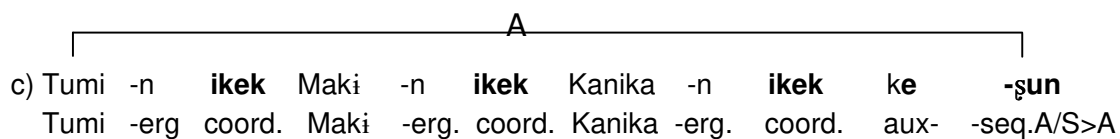


aviaon -Ø is- -me -kin boan- -tan -a -k  
 avião -abs ver- -caus. -simult.A/S>A levar- -longe -pass.rec. -decl.

“Eu levei o Tumi com a Tumi e o Gabriel para verem o avião.”

(260)

SNs em função de A



abi ted -bi -şun awad -Ø  
 part.afirm. tantos quantos -enf. -conc.tr. anta -abs.

tonka- -a -ş  
 matar c/ arma- -pass.rec. -3.exp.

“O Tumi, o Maki e o Kanika, todos, atiraram na anta.”

A

b) Gabrieu **ikek** binin **ikek** şapu **ikek** **ke-** **-şun**  
 Gabriel conj. Binin conj. şapu conj. dizer- -A/S>A

nami -Ø pe- -e -k  
 carne -abs. comer- -n.pass. -decl.  
 “Gabriel, Binin e şapu comem carne.”

## 12.2 Orações simples

As orações simples que envolvem um único processo verbal são constituídas de sintagmas. As informações são de natureza de estado/evento, como “o que é feito” ou do tipo de argumentos/participantes, como “quem”, “para quem”, “como”, “quando”, “onde”. (Givón, 1984, p. 85). Em Matis, as orações simples independentes estão divididas em dois tipos: com predicação verbal e sem predicação verbal.

### 12.2.1 Oração transitiva

A oração transitiva pode ser dividida em dois tipos: as simples e as estendidas. As simples são aquelas constituídas de um predicado, sendo o núcleo um verbo transitivo. Esse verbo requer dois argumentos: o sujeito (A) e o objeto (O). O sujeito (A) de verbos transitivos é marcado pelo caso ergativo {-n ~ -in}, enquanto o objeto (O) não é marcado (Ø), (§ 5.1.2.2, p. 67 e 10.1, p. 212).

(261)

a) şapu -n tʃawa -Ø tonka- -a -ş  
 şapu -erg. queixada -abs. matar c/ arma- -pass.rec. -3.exp.

“şapu matou a queixada.”

b) lba -bitan inbi awad -Ø se- -bonda -k  
 lba -com.A 1sg.erg. anta -abs. flechar- -pass.n.rec. -decl.

“Eu junto com lba fechamos uma anta.”

### 12.2.1.1 Orações transitivas estendidas

As orações transitivas estendidas são aquelas que apresentam, além dos argumetos A e O, um constituinte oblíquo, podendo ser um sintagma locativo e/ou instrumental.

Nas orações de dois argumentos, a ordem mais comum é **A O V**. A ocorrência do locativo ou instrumental normalmente ocorre entre A e O, podendo se deslocar para outras posições, quando isso ocorrer é possível que fatores pragmáticos (foco ou tópico) sejam a causa.

(262)

a) A **Instrumento** O V  
 inbi **şodko** -n iwi -Ø did- -e -k  
 1sg.erg machado -instr. árvore -abs. cortar- -n.pass. -decl.

“Eu corto a árvore com o machado.”

b) A **Locacional** O V  
 inbi **Tabatinga** -no- datonkete -Ø mene- -a -k  
 1sg.erg. Tabatinga -loc. camisa -abs. comprar- -pass.rec. -1/2:decl.

“Eu comprei a camisa em Tabatinga.”

- c) **Locacional em foco**
- |                  |             |          |           |       |          |            |            |
|------------------|-------------|----------|-----------|-------|----------|------------|------------|
|                  |             | A        | O         |       | V        |            |            |
| <b>Tabatinga</b> | <b>-no-</b> | inbi     | datonkete | -∅    | bed-     | -a         | -k         |
| Tabatinga        | -loc.       | 1sg.erg. | camisa    | -abs. | comprar- | -pass.rec. | -1/2:decl. |
- “Foi em Tabatinga que comprei a camisa.”

### 12.2.2 Orações (bi)transitivas

Existem verbos que semanticamente pedem dois objetos, formando uma subclasse de orações transitivas. Em muitas línguas, esses objetos podem ser marcados morfossintaticamente, distinguindo o objeto direto do indireto. Essas orações ocorrem com verbos do tipo “dar” e com verbos transitivos com valência 2 +1, como é o caso do verbo “pegar”, “comprar”, entre outros. Esses verbos especificam um agente que é marcado pelo caso ergativo (que semanticamente seriam marcado pelo traço animado) e dois argumentos absolutivos.

(263)

- |          |           |          |              |       |          |       |
|----------|-----------|----------|--------------|-------|----------|-------|
|          |           | agente   | beneficiário |       | paciente |       |
|          |           | A        | O            |       | O        |       |
| a) sedke | -şun      | inbi     | Antonio      | -∅    | dadawate | -∅    |
| amanhã   | -conc.tr. | 1sg.erg. | Antônio      | -abs. | caderno  | -abs. |

V			
bed-	-şun	-e	-k
comprar-	-benf.	-n.pass.	-decl.

“Amanhã eu vou comprar caderno para o Antônio.”

- |        |             |              |          |          |       |              |        |
|--------|-------------|--------------|----------|----------|-------|--------------|--------|
|        |             | beneficiário | agente   | paciente |       |              |        |
|        |             | O            | A        | O        |       | V            |        |
| b) tsu | -tsi        | minbi        | piskaden | -∅       | mene- | -bo          | -k     |
| Qu-    | -conc.pass. | 2sg.erg.     | colar    | -abs.    | dar-  | -pass.n.rec. | -decl. |

“Para quem você deu o colar?”

### 12.2.3 Orações Intransitivas

A oração intransitiva constitui-se de um predicado verbal que envolve apenas um argumento nuclear. Sendo o sistema do tipo ergativo/absolutivo, esse argumento é marcado pelo absolutivo.

(264)

Orações do tipo SV ou VS

- a) S                      V  
 wapa    -Ø    uʃ-                -a                      -k  
 cachorro -abs. dormir- -pass.rec.                -3:infer.  
 “O cachorro dormiu.”

- b) V    S  
 abad-        -e                      -k                      awad    -Ø  
 correr-        -n.pass.    -decl.                      anta        -abs.  
 “A anta corre.”

#### 12.2.3.1 Orações intransitivas estendidas

Nas orações intransitivas estendidas, o locativo ou instrumentativo ocorre sempre precedendo o verbo, também temos as orações de duplo absolutivo (265 (b), (c)). Quando ocorrer posteriormente ao verbo ou antecedendo o sujeito, implica questões pragmáticas.

(265)

- a) ibi            tʃoda    -n            uʃ-        -a                      -k  
 1sg.abs.    chão    -loc.        dormir- -pass.rec.                -decl.  
 “Eu dormi no chão”
- b) cafe    -Ø            açúcar    -Ø            tʃo-        -e                      -k  
 café    -abs.        açúcar    -abs.    tornar-    n.pass.                -3:infer.  
 “O café está doce. (Lit. O café tornou-se doce.)’

- c) ibi            dui        -Ø        biama    -a            -k  
 1sg.abs        faca       -abs.    esquecer -pass.rec.   -1/2:decl.  
 “Eu esqueci a faca.”

#### 12.2.4 Orações Existenciais e possessivas

Segundo Payne (1997, p. 126), “*as línguas em geral empregam a estrutura existencial ou possessiva para expressar a noção de posse*”. O autor afirma, ainda, que é comum o uso de cópula. Esse tipo de construção ocorre em Matis: uma oração existencial é aquela que possui uma partícula existencial como núcleo do predicado. A língua possui dois tipos de cópulas existenciais, **abi** “partícula afirmativa” e **bama** “partícula negativa” (§ 9.4.1, p. 205). As línguas, segundo Payne (1997, p. 123), reduzem as relações gramaticais em construções existenciais, tais como concordância verbal, marcação de caso. A marcação temporal em Matis vem sufixada a cópula **ik-** (ver 266 (c) e (d)).

(266)

- a) Matsés -Ø    **bama**        şubu    -wid    **abi**            Ø  
 gente    abs.    part.neg.    casa    -restr.    part.afirm.    exist.n.pass.  
 “Não tem gente, só tem casas.”
- b) papi    witsi    -Ø    **abi**            nano    -Ø    **ik-**    -bo        -ş  
 filho    outro    -abs.    part.afirm..    morto    -abs.    aux.    -pass.n.rec.    -3  
 “Está morto o outro filho que eu tinha.”
- c) inden    Rogeru    kuişakkete    wasa    -Ø    **bama**    **ik-**    -bonda    -ş  
 antes    Rogério    barba        branca    -abs.    part.neg.    aux.-    -pass.dist.    -3.exp.
- nibi    Rogeru    kuişakete    wasa        -dap    -Ø        Ø  
 hoje    Rogério    barba        branca        -enf.    -abs.    exist.n.pass.
- “Antes o Rogério não tinha barba branca, mas hoje ele tem.”



O verbo **ne-** “ser” é encontrada nas seguintes construções:

(267)

a) São Paulo -no ik- -kid mibi **ne** Ø  
 São Paulo -loc. aux.- -ag.nzr 2sg.abs. ser interr.

“Você é de São Paulo?”

b) awi -tsi **ne** Ø  
 Qu- -conc.pass. ser interr.

“O que é?”

c) ukid wapa -Ø awin -da **ne** Ø  
 3.dem. cachorro -abs. 3sg.poss. -conc.n.pass. . ser interr.

“Aquele cachorro, é dele?”

### 12.2.5 Orações equativas

As orações equativas são aquelas formadas por dois sintagmas nominais justapostos. A que está no predicado concorda com o sujeito. Segundo Payne (1997, p. 114), “*SN SN em justaposição é comum encontrar um elemento copular intervindo entre elas.*” No entanto, em Matis, no tempo não-passado não há a presença fonética da cópula. O mesmo tipo de ocorrência pode ser encontrado nas línguas Shanenawa (Cândido, 2004, p.101), Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003, p. 220) e Matsés<sup>65</sup> (Fleck, 2003a, p. 467). Semelhantemente a essas línguas, a cópula só ocorre foneticamente no tempo passado. Compare 268 (a) e (b) com o exemplo (c).

---

<sup>65</sup> Em Matsés (2003<sup>a</sup>), as cópulas quase sempre são requeridas. As únicas exceções são em dois tipos de orações (verificar Fleck 2003, p.467).

(268)

a) ukid -Ø Osca -n papi -Ø  
aquele -abs. Oscar -poss filho -cop.

“Aquele é o filho do Oscar.”

b) ukid -Ø iwi podo -Ø  
aquilo -abs. árvoré braço -cop.

“Aquilo é um galho.”

c) ukid -Ø Rogeru -n wapa -Ø  
aquele -abs. Rogério -poss. cachorro -abs.

**ik-** -bo -§ inden  
-aux. -pass.n.rec. -3.exp. antigamente

“Aquele era o cachorro do Rogério.”

A diferença entre as orações equativas (acima apresentadas) e as atributivas é com relação à ordem: nas atributivas não é possível qualquer tipo de inverção de ordem, diferentemente do que acontece com as orações equativas.

(269)

a) nikid bida \* bida nikid  
esse bom

“Esse é bom”

b) inden Matsés -Ø datonkete bama **ik-** -bonda -§  
antes Matis -abs. roupa part.neg. cop.- -pass.dist. -3

nibi datonkete -Ø abi  
hoje roupa -abs. part.affirm.

“Antes os Matis estavam nus, hoje eles têm roupa.”

Segue um exemplo de oração não aceita

\* **ik-** -bonda -§ inden matses datonkete bama  
cop.- -pass.dist. -3 antes mates roupa part.neg.

### 12.2.6 Orações com verbos envolvendo eventos da natureza

Em Matis, há orações que envolvem questões relacionadas a aspectos da natureza, como chover, mudança de ano, ensolarar, como também as que envolvem mudanças físicas, do tipo ebulição (ferver).

(270)

a) we -Ø tʃo -e -k  
chuva -abs. vir -n.pass. -decl.

“A chuva está chegando” ou “Vai chover.”

b) we -Ø tʃike- -a -ʃ  
chuva -abs. pingar- -pass.rec. -3.exp.

“Choveu”

c) waka -Ø ʃedke- -a -ʃ ~ waka -Ø i- -e -k  
rio -abs. descer- -n.pass. -decl. rio -abs. encher- -n.pass. -decl.

“O rio está baixando.”

### 12.2.7 Tipos de orações independentes

Segundo Sandock e Zwicky (1985, p. 160), “*as línguas do mundo apresentam três tipos de orações com funções similares: declarativas, interrogativas e imperativas.*” O Matis apresenta todas elas, somando as todas estas as negativas. Nas seções a seguir, apresentamos os quatro tipos de orações.

### 12.2.7.1 Orações declarativas

Segundo Palmer (1986, p. 26), “sentenças declarativas ocorrem quando o falante expressa sua opinião, visto que, dessa forma, julga o que diz como verdade.” A sentença declarativa, em Matis, é marcada pela sufixação de {-k} no verbo. Em outras línguas da família Pano, o declarativo é marcado de forma semelhante. Em Yawanawa, por exemplo, as orações declarativas são marcadas pelos morfemas {-ki e -ka} no radical verbal (de Paula, 2004, p. 128).

Uma oração declarativa em Matis segue as ordens AOV e SV. Quando ocorre uma mudança de ordem é por causa da topicalização.

(271)

A		O		V		
a) tʃidabo	-n	datonkete	-∅	ʃik-	-e	-k
mulher	-erg.	roupa	-abs.	lavar-	-n.pass.	-decl.

“A mulher está lavando a roupa.”

S				V		
b) Biuʃ di	-n	-∅	uʃ-	-a	-ʃ	
Biuʃ rede	-loc.	-abs.	dormir-	-pass.rec.	-3.exp.	

“O Biuʃ dormiu na rede.”

O(fóco)		A		V		
c) <b>unkin</b>	-∅	Tumi	-n	se-	-bo	-ʃ
porco	-abs.	Tumi	-erg.	matar-	-pass.n.rec.	-3.

“**Porco**, o Tumi matou.”

A língua faz uso do marcador morfológico {-dapa ~ tapa}, no verbo ou no nome, para focalizar/enfatizar. Porém, a ordem permanece a mesma, como verificamos abaixo:

(272)

a) nawa -bo -n kaşa -Ø pe- -kid **-tapa**  
 n.índio -col. -erg. lixo -enf. comer- -hab. -decl. -enf./foco

“O não-índio come lixo.”

b) Gabrieu -n pão **-dapa** -Ø pe- -e -k  
 Gabriel -erg. pão -enf./foco -abs. comer- -n.pass. -decl.

“O Gabriel come pão.”

c) inden Rogeru -Ø kasi **-dapa** ik- -bonda -ş  
 antes Rogério -abs. magro -enf./foco aux.- -pass.dist. -3

nibi Rogeru -Ø noa **-dapa**  
 hoje Rogério -abs. grande/gordo -enf./foco

“Antes o Rogério era magro, agora ele está gordo.”

### 12.2.8.1 Orações Interrogativas

As línguas em geral seguem caminhos diversos para formar uma oração interrogativa (Palmer, 1986, p. 30). As interrogativas, em Matis, estão divididas em dois tipos: (i) questões sim/não. Este tipo de oração é realizado sem um morfema interrogativo, utilizando-se apenas o padrão entonacional da língua. (ii) questões Qu-, utilizando-se palavras interrogativas do tipo “quem, qual, que”.

#### 12.2.8.1.1 Orações Polares

Orações do tipo (i), segundo Payne (1997, p. 295), são aquelas que pedem uma resposta do tipo SIM/NÃO. Ainda, segundo o autor, as línguas empregam algumas estratégias com relação a este tipo de oração. Pode ser por meio da entonação, que tende a ser algo universal, como no caso do português, em que se

faz a distinção das declarativas e interrogativas por meio da entonação (ex.: “João fala Matis.” / “João fala Matis?”). Outra estratégia comum nas línguas é o uso de partículas ou clíticos interrogativos, comum em línguas de ordem OV (Chisholm, 1984, p. 03; Payne, 1997 e Comrie, 1989).

Em Matis, nas orações polares ocorrem somente a mudança entonacional, diferentemente do que ocorre em outras línguas da família Pano, nas quais a sufixação do morfema {-pa} nos verbos e do morfema {-da ~ -ta} nos nomes torna a frase interrogativa. No entanto, tenho considerado estes morfemas como marcas de ênfase (ver 273 (c) e (d)).

(273)

a) nibi minbi pea

nibi minbi pe- -a Ø  
hoje 2sg.erg. comeu- -n.pass. interr.

“Hoje você não comeu?”

b) uʃtoe Bina tʃoaş

uʃto -ek Bina -Ø tʃo- -a -ş  
ontem -conc.S. Bina -abs. vir- -pass.rec. -3.exp.

“Ontem o Bina veio?”

c) Bina sedkeaşta lba kapoe

Bina sedke -aş -ta lba -Ø kapo -e  
Bina amanhã -conc.S. -incert. lba -abs. caçar -n.pass.

“Bina, o lba vai caçar AMANHÃ?”

d) nuki pepenu mikui pemenpa

nuki pe- -pe -e -nu mikui pe- -emen  
1+2 comer -coment. -des. 2pl. comer -neg.afirm.

“Nós queremos comer. Vocês não COMEM?”

### 12.2.8.1.2 Orações interrogativas do tipo Qu-

Este tipo de oração requer do indivíduo que está sendo questionado uma resposta mais elaborada e não uma simples afirmação ou negação (sim/não). As interrogativas do tipo Qu- correspondem a “quem, qual, o que, o qual, quando, por quê” em Português. Tais orações são consideradas interrogativas do tipo Qu- pois, em Inglês, as palavras interrogativas são iniciadas por Wh, denominadas, assim, *wh- questions*. A correspondência em português seria o Qu- ou foneticamente [k-]. A tabela abaixo mostra as palavras interrogativas em Matis:

Palavras interrogativas		Significado
tsu-	“Quem”	Sujeito, humano
awi-	“O que, como (maneira)”	Não-humano, maneira, genérico.
mi-	“Onde, qual”	Locação
mis-	“Como, Quanto”	Circunstancial, pronome indefinido
na-	“Por quê”	Razão, causa

Tabela 28: Interrogativos.

A posição mais recorrente das palavras interrogativas é no início da sentença (cf. 274). Quando ocorrem na posição pós-verbal, a sentença é considerada agramatical pelos falantes. Da mesma forma que as outras línguas da família Pano, a língua matis, diferencia as indicativas das interrogativas com marcas flexionais.

### 12.2.8.1.2.1 Morfemas {-tsi} e {-da} e sua relação com o tempo verbal

A presença dos morfemas **{-da}** (alomorfe **{-ta}**) “concordância não-passado” e **{-tsi}** “concordância passado” é necessária nos pronomes interrogativos ou nos advérbios interrogativos. No entanto, quando se tratar do tempo passado recente {-a}, nas orações interrogativas, os morfemas {-da} e {-tsi} poderão variar (ver 274 (a) e (b)). No tempo não-passado {-e}, isso já não ocorre, pois sempre Qu- é sufixado por {-da ~ -ta}, e no tempo passado, com exceção de {-a}, Qu- sempre é sufixado por {-tsi}.

(274)

a) mi **-tsi**                      mibi      uş-      **-a**  
 Qu- -conc.pass.    2sg.abs. dormir- -pass.rec.  
 “Onde você dormiu?”

b) mi **-da**                              mibi      uş-      **-a**  
 Qu- -conc.n.pass.    2sg.abs. dormir- -pass.rec.  
 “Onde você dormiu?”

c) awi- **-da**                      ak-      **-e**  
 Qu- -conc.n.pass. matar- -n.pass.  
 “O que você vai matar?”

↓

d) mis -pa **-tsi**                      mama    ik-      **-tenenda**      -ş  
 Qu- -enf. -conc.pass.    pai      cop.- -hab.pass.indet. -3  
 “Como era teu pai?”

↓

e) \* mis -pa **-da**                      mama -∅    ik-      **-tenenda**      -ş  
 Qu- -enf. -conc.n.pass.    pai      -abs.    cop.- -hab.pass.indet. -3  
 “Como era teu pai?”



### 12.2.8.1.3 Orações interrogativas formadas pelo pronome interrogativo{tsu-} “quem”

O pronome interrogativo {tsu-} “quem”, como nome geral, é marcado nas sentenças interrogativas pelos morfemas de caso ergativo/absolutivo, comitativo, locativo e pelo morfema possessivo (§ 9.1.4.1, p. 190), além de, obrigatoriamente, vir sufixado pelos morfemas interrogativos temporais (-tsi e/ou -da), como mostramos anteriormente.

(275)

a) tsu- **-n** -tsi Tupa isin -Ø bed- -a -§  
 Qu- -erg. -conc.pass. Tupa bolsa -abs. comprar- -pass.rec. -3.exp.

“Quem comprou a bolsa de Tupa?”

b) tsu- **-Ø** -da uş- -e  
 Qu- -abs -conc.n.pass. . dormir- -n.pass.

“Quem vai dormir?”

c) tsu- **-n -bitan** -tsi Rogero -n pe- -bo -§  
 Qu- -erg. -com.A -conc.pass. Rogério -erg. comer- -pass.n.rec. -3.exp.

“Com quem o Rogério comeu?”

d) tsu- **-n şubu -n** -da nuki kuan- -e  
 Qu- -poss. casa -loc. - conc.n.pass. 1+2 ir- -n.pass.

“Na casa de quem nós vamos?”

#### 12.2.8.1.4 Orações interrogativas formadas pelo pronome interrogativo {awi-}

##### “o que, com que, como”

A posição de objeto nas sentenças interrogativas é ocupada pelo interrogativo Qu- **awi-** “o que, com que, como”, que pode ser sufixado pelo morfema de instrumento {-n}:

(276)

a) awi- -tsi                      minbi      is-      -a  
 Qu- -conc.pass.      2sg.erg.    ver- -pass.rec.

“O que você viu?”

b) awi- -∅      -da                      inbi              kodoka-      -e  
 Qu- -abs.    -conc.n.pass. .    1sg.erg.    cozinhar- -n.pass.

“O que eu vou cozinhar?”

c) awi- -n      -da                      ibi              kuan-      -e  
 Qu- -instr.    -conc.n.pass. .    1sg.abs.    ir-              -n.pass.

“Como eu vou embora? (Lit. Em que vou embora?)”

d) awi- -n      -tsi                      minbi      mişte      -∅      piş-      -a  
 Qu- -instr.    -conc.pass.    2sg.erg.    lenha      -abs.    rachar-    -pass.rec.

“Com que você rachou a lenha?”

#### 12.2.8.1.5 Orações interrogativas formadas pelo adverbial interrogativo

##### {mi-} “onde”

As orações interrogativas formadas por **mi-** “onde” também recebem os marcadores de concordância temporal {-da} ou {-tsi} e os morfemas locativos {-n}

“locativo”, {-ṣun} “iniciação transitivo” e {-wiṣ} “iniciação intransitivo”, quando for referencial.

(277)

a) {-n}

Pergunta:

mi -n -tsi mikui kuan- -kuan -e Ø  
 Qu- -loc. -conc.pass. 2pl. ir- -redupl. -n.pass. interr.

“Onde vocês foram?”

Resposta:

ibi leticia -no kuan- -a -k  
 1sg.abs. Letícia -dir.ir ir- -pass.rec. -1/2;decl.

“Eu fui para Letícia.”

b) {-ṣun}

mi -ṣun -tsi minbi pe- -a -Ø  
 Qu- -conc.loc.tr. -conc.pass. 2sg.erg. comer- -pass.rec. interr.

“Onde você comeu?”

c) {-wiṣ}

mi- -wiṣ -ta wapa -Ø kud- -e -k  
 Qu- -inic.intr. -conc.n.pass. . cachorro -abs. ros nar- -n.pass. -1/2;decl.

“De onde o cachorro está rosnando?”

d) -Ø

mi- -Ø -tsi mibi uṣ- -bo -Ø  
 Qu- -conc.loc.intr. -conc.pass. 2sg.abs. dormi-r -pass.n.rec. interr.

“Onde você dormiu?”

### 12.2.8.1.6 Orações interrogativas formadas pelo dêitico {*mi-*} “qual” ou “onde”

O interrogativo *mi-* também pode exercer a função de pronome definido “qual” quando ocorre acompanhado de possessivo (278 (a) e (b)). Quando ocorre sem a presença do possessivo o significado é de lugar (278 (c) e (d))

(278)

a) **mi- -da**                      min-    -a                      tʃawa    -∅                      ∅  
 Qu-    -conc.n.pass. .    2p.poss.-3p.poss.    queixada    -abs.                      exit.  
 “Qual é tua queixada?”

b) **mi- -da**                      mitson    -a                      şubu    -∅                      ∅  
 Qu-    -conc.n.pass. .    2pl.poss.    -3p.poss.    casa    -abs.                      exit.  
 “Qual são as casas de vocês?”

b) **mi- -da**                      tʃawa    -∅  
 Qu-    -conc.n.pass. .    queixadai    -abs.  
 “Onde está a queixada?”

c) **mi -wiş -ta**                      papi    -bo    -∅                      ike-    -e  
 Qu-    -dir.intr.    -conc.n.pass. .    rapaz    -col    -abs.                      gritar    -n.pass.  
 “De onde os rapazes gritam?”

### 12.2.8.1.7 Orações interrogativas formadas pelo interrogativo {*mis-*}

O interrogativo *mis-* pode vir sufixado pelas morfema {-pa} “comparativo, igual a”, {-paden} “de que maneira”, {-te} “quantitativo” e {-ten} “tamanho”, todos seguidos do marcador de concordância temporal.

(279)

a) **mis-** **-pad** **-tsi** mama -Ø ik- -tenenda -§  
 Qu- -comp. -conc.pass. papai -abs. aux.- -hab.pass.indet. -3

“Como era o (teu) pai?”

b) **mis-** **-paden** **-tsi** tidinte jek- -bonda -§  
 Qu- -man. -conc.pass. zarabatana fazer- -pass.dist. -3

“Como foi feita a zarabatana?”

c) **mis-** **-ted** **-tsi** piskaden -Ø tʃanpi -Ø  
 Qu- -qtt. -conc.pass. colares -abs. mulher -abs.

bi- -a -§  
 trazer- -pass.rec. -3.exp.

“Quantos colares a mulher trouxe?”

d) **mis-** **-ten** **-da** min papi  
 Qu- -tamanho -conc.n.pass. . 2sg.poss. filho

“Qual o tamanho do teu filho?”

### 12.2.8.2 Oração interrogativa de causa e razão

As orações interrogativas de causa e razão são formadas pelo morfema **{na-}**, mais os morfemas de interrogativo temporal **{-tsi}** ou **{-da ~ -ta}**, mais o verbo reportivo **ka-** “dizer transitivo” ou **ke-** “dizer intransitivo”, que têm sua ocorrência restrita ao verbo da oração matriz (se o verbo for transitivo manifesta-se o **ka-**, se for intransitivo, o **ke-**). Isto faz com que as orações interrogativas de causa/razão sejam orações complexas, nas quais o reportativo recebe os morfemas de *switch-reference*.

(280)

a) **na- -da**                    **ka-**        **-kin**                    minbi  
 Qu- -conc.n.pass. . report.- **-razão.A/S>A**    2sg.erg.

tʃapa -∅    kodoka-    -e  
 peixe -abs.    cozinhar-    -n.pass.

“Por que você está cozinhando peixe? (Lit. Dizendo o que está cozinhando peixe?)”

b) **na- -tsi**                    **ke-**        **-ek**                    Gabrieu -∅    win-    -a                    -§  
 Qu- -conc.pass.    report. **-simult.A/S>S**    Gabriel -abs.    chorar- -pass.rec.    -3.exp.

“Por que o Gabriel chorou? (Lit. Dizendo o que Gabriel chorou?)”

c) **na- -da**                    **ka-**        **-nun**                    mikui        darawa-    -e  
 Qu- -interr.n.pas.    report. **-prop.A/S>A**    2pl.        escrever-    -n.pass.

“Por que vocês querem escrever? (Lit. Dizer o que vocês desejam escrever?)”

### 12.2.8.3 Uma breve discussão sobre as interrogativas nas línguas Pano

Em algumas línguas da família Pano, pesquisadores têm considerado que há um morfema funcionando como uma marca de interrogativo. Em Yawanawa, essa marca é feita por {-min} (Paula, 2004, p. 130), em Katukina, por {-ra} (Aguiar, 1994, p. 231); em Sharanahua, o morfema {-man} ocorre sufixado ao um SN ou a um pronome e eventualmente pode ser sufixado à raiz verbal (Cândido, 2004, p. 176) e {-mun} ocorre sempre no final de orações (Scott e Frantz, 1974); em Matsés, o clítico {-da ~ -ada} é uma marcação de incerteza que pode se usar em orações interrogativas para focalizar o constituinte que está sendo questionado (Fleck, 2003a, 984); em Shipibo-Konibo, a marca de interrogativa é realizada por {-ki}, porém, somente se o predicado estiver acompanhado de mais que um elemento (Valenzuela, 2003, p. 376-77); em Matis, a interrogativa é compreendida

pela entonação. O morfema **{-da}** ou os alomorfes **{-tapa ~ -dapa}**, quando ocorrem em orações intransitivas, funcionam como marcadores de foco. Outro morfema, **{-tabin}**, tem a função de focalizador, mas também expressa incerteza. Apresentamos, a seguir, uma breve comparação entre as línguas Shanenahua - Matis e Yawanawa - Matis, a fim de exemplificação.

(281)

a) Shanenahua (Aguiar, 1994: 228)

min	chasho	rutu	-a	-man	<b>-mun</b>
tu	veado	matar	-compl.	-negativo	-inter.

“No has matado un veado?”

(282) b) Matis

minbi	tʃaʃu	-∅	tonka-	-ama	<b>-dap</b>
2sg.erg.	veado	-abs.	matar.c/arma	-neg.pass.	<b>-foco</b>

“Você não MATOU o veado?”

- Yawanawa (Paula, 2004, p. 156). Segundo o autor, a marca de interrogativa **{-min}** pode ocorrer junto ao pronome ou ao verbo (ver exemplos 278 (a) e (b)). No entanto, em Matis, não há nenhuma marcação que indique interrogativo. Mesmo nas sentenças com palavras interrogativas (Qu-), o que se encontra são morfemas de concordância temporal **{-tsi}** e **{-da}**.

(283) Yawanawa (de Paula, 2004)

a) tsua nuku-a-**min**  
que chegar-Pas-Int

“Chegou alguém?”

b) tsua-**min** i-uan uiʃa-ti uian-∅  
quem-Int 1s-Pos escrever-Instr ver-N.Pas

“Quem está vendo minha caneta?”

(284) Matis

a) **tsu- -Ø -tsi** kuan- -a -ş  
 Qu- -abs. -conc.pass. ir- -pass.rec. -3.exp.

“Quem chegou?”

b) **tsu -n şubu -n -da** nuki kuan- -e -Ø  
 Qu- -poss. casa -loc. -conc.n.pass. . 1+2 ir- -n.pass. -interr.

“Na casa de quem nós iremos?”

### 12.2.9 Orações Negativas

A negação em Matis pode ser realizada de duas formas: (i) através de palavras de negação do tipo *padama*, *bama*, *tsaun*; (ii) negação sentencial realizada pela sufixação do morfema de negação à raiz verbal. Os exemplos abaixo demonstram a primeira forma:

(285)

a) Pergunta:  
 mibi tşidabo -Ø ke- -e Resposta: **padama** “Não!”  
 2sg.abs. mulher -abs. querer -n.pass.

“Você quer uma mulher?”

b) Pergunta:  
 Tumi Pretu tidinte abi Ø Resposta: **bama** “Não!”  
 Tumi Preto zarabatana part.afirm. exist.

“O Tumi Preto tem zarabatana?”

c) Pergunta:

dadasibo -Ø Tabatinga -no -wiş tjo- -e Resposta: **tsaun** “Não sei!”  
 velho -abs. Tabatinga -loc. -dir.intr. vir- -n.pass.

“O velho vem para Tabatinga?”



Quando ocorrer a segunda forma de negação, a negação sentencial, realizada pela sufixação do morfema de negação à raiz verbal, não é possível o acréscimo das marcas de tempo e aspecto na raiz verbal sem o uso do verbo auxiliar *ik-*. Nas orações predicativas e existenciais, a negação é feita pelas partículas negativas **bama** e **pimen**.

(286)

a) Tumi -n pusin tik- -ama ik- -bonda -ş  
 Tumi -erg. preguiça matar c/zarabatana -neg.pass. aux. -pass.dist. -3  
 “Naquele época, o Tumi não matou preguiça.”

b) Binin -in tsadi -Ø menan- -ak toaşke- -ama Ø  
 Bini -erg. milho -abs. plantar- - O>A/S germinar- neg.pass. aux.  
 “O Bini plantou milho, mas não germinou.”

c) tʃanpi -Ø bida pimen Ø  
 menina -abs. bonita ser/estar.neg. exit.  
 “A menina não é bonita.”

d) Rogeru -Ø tonkate -Ø bama Ø  
 Rogério -abs. espingarda -abs. part.neg. exit.  
 “O Rogério não tem espingarda.”

e) **bama** ibi tonkate -Ø abi ik- -bonda -ş  
 exist.neg. 1sg.abs. espingarda -abs. part.afirm. aux.- -pass.dist. -3.exp.  
 “Não tenho, eu tinha espingarda.”

### 12.3 uma breve abordagem sobre as orações complexas

Segundo Lyons (1979, p. 186), as orações complexas distinguem-se em dois tipos: as coordenadas e as subordinadas. Thompson and Longacre (1985, p. 172) classificam as orações subordinadas da seguinte forma: “*We can distinguish*

*three types of subordinate clauses: those which function as nouns phrases (called complements), those which function as modifiers of nouns (called relative clauses), and those which function as modifiers of verb phrases or entire propositions (called adverbial clauses).*” Com base nesta classificação, descrevemos as sentenças complexas na língua matis, apresentando uma visão geral do funcionamento destes tipos de orações.

A subordinação é formada por meio dos marcadores de *switch-reference* (SR). O termo SR designa o fenômeno lingüístico em que se verifica a continuidade ou não do sujeito de uma sentença a outra, sendo estes marcados por morfemas gramaticais (§ 11.1, p. 221). Como vimos anteriormente, os morfemas gramaticais que atuam como *switch-reference* são -aş “seq.A/S>S”, -şun “seq.A/S>A”, -ek “simult.A/S>S”, -kin “simult.A/S>A”, -nun “prop.A/S>A”, -nuş “prop.A/S>S”, -nuk “-simult.sd.”, -an “seq.sd.”, -şo “-O>A/S”, -ak “-seq.O>A/S” e -en “adverbializador de causa”. Abaixo, exemplificaremos algumas orações complexas formadas a partir do SR.

### **12.3.1 Tipos de orações subordinadas adverbiais**

As orações adverbiais dos exemplos 287 (a) e (b) são formadas pelos sufixos {-şun} e {-aş}. Tais morfemas indicam o mesmo sujeito nas orações, mas a especificidade desses morfemas também indica que a prioridade temporal está

para a oração matriz, podendo ser traduzida como “primeiro/antes”. Seu uso difere apenas pelo tipo de verbo da matriz. Por exemplo: [[O2]O1]].

(287)

- a) [inbi<sub>(i)</sub> nami -Ø<sub>(j)</sub> [Ø<sub>(i)</sub> Ø<sub>(j)</sub> bed- -şun ]<sub>sub.</sub>  
 1sg.erg. carne -abs. (1sg.erg.) carne comprar- -seq.A/S>A  
 bi- -şun -ak ]]<sub>sub.</sub> Vitoria -n Ø<sub>(j)</sub> kodoka- -e -k]]<sub>matriz</sub>  
 trazer- -benf. - seq.O>A/S Vitória -erg. carne cozinhar- -n.pass. -decl.  
 “Primeiro eu trouxe a carne que comprei para Vitória cozinhar.”

- b) [lba -Ø [ Ø<sub>(i)</sub> tşonoad- -aş ]<sub>sub.</sub> Ø<sub>(i)</sub> nes -ek ]]<sub>sub.</sub>  
 lba -abs. (lba) trabalhar- -seq.A/S>S (lba) banhar -prop.A/S>S  
 kuan -a -ş]]<sub>matriz</sub>  
 ir -pass.rec. -3.exp.  
 “O lba foi tomar banho depois que trabalhou.”

Os morfemas gramaticais de SR {-kin}, {-ek} e {-nuk} codificam, além do tipo de sujeito que ocorre nas orações, uma relação temporal do tipo “enquanto que”.

Exemplos:

(288)

- a) [tʃanpi -Ø (Ø) [ Ø<sub>(i)</sub> abad- -kin ]<sub>sub.</sub>  
 menina -abs. (algo) (menina) correr- -simutl.A/S>A  
 bowan- -e -k]]<sub>matriz</sub>  
 levar- -n.pass. -decl.  
 “A menina carrega (algo) enquanto corre.”
- b) [Tupa -Ø<sub>(i)</sub> [ Ø<sub>(i)</sub> tşonoad -ek ]<sub>sub.</sub> pekas- -e -k]]<sub>matriz</sub>  
 Tupa -abs. (Tupa) trabalhar -simult.A/S>S ter.fome- -n.pass. -decl.  
 “A Tupa está com fome enquanto trabalha.”

c) [ibi<sub>(i)</sub> (Ø<sub>(j)</sub>) [kamun -in<sub>(j)</sub> (Ø<sub>(i)</sub>) pe- **-nuk** ]<sub>sub.</sub>  
 1sg.abs (onça) onça -erg. (1sg.abs) comer -simult.sd.

abad- -bo -k]]<sub>matriz</sub>  
 correr- -pass.n.rec. -decl.

“Eu fugi da onça que queria me matar e comer.”

Há três morfemas de SR que formam as orações que expressam propósito ou intenção. Possuem um significado básico de “anterioridade”. Os morfemas dos exemplos 284 (a) e (b) só se diferenciam no tipo verbo da oração matriz (transitivo ou intransitivo). São sufixados sempre ao verbo da oração que precede a anterior.

(289)

a) ibi nes- -bo -nu **pe- -nuş**  
 1sg.abs. banhar- -incoa. -desid. comer- -prop.A/S>S

“Anteseu vou tomar banho, depois vou comer.”

b) nuki uş- -ek tjo- **-nun** dadawa- -e -k  
 1+2 dormir- -prop.A/S>S vir- -prop.A/S>A escrever- -n.pass. -dec.

“Antes nós dormiremos, depois vamos escrever.”

c) inbi **pe- -an** Vitoria -Ø kuan- -e -k  
 1sg.erg. comer- -seq.sd Vitória -abs. viajar- -n.pass. -decl.

“Depois que eu comer, acho que a Vitória viajará.”

As orações subordinadas são formadas a partir da sufixação de {-şo}, no verbo da subordinada. Esse morfema indica que os sujeitos são diferentes nas orações, isto é, o argumento da oração matriz é o argumento A/S da subordinada. Ele também tem o papel da subordinada adverbial “quando” no encadeamento das orações.

(290)

a) tʃidabo bida kimo ik- -ʃo inbi is- -a -k  
mulher bonita intens. aux.- -ração:O>A/S 1sg.erg. ver- -pass.rec. -decl.

“Eu vi a mulher quando era bonita.”

b) inbi is- -a -k papi -∅ nes- -ʃo  
1sg.erg. ver- -pass.rec. -1/2:decl. rapaz -abs. banhar- - A/S>O

“Eu vi o rapaz tomando banho.”

### 12.3.2 Orações relativas

As orações relativas são aquelas que funcionam como modificadores nominais. Em Matis, não há uma construção típica de oração relativa como podemos encontrar em muitas outras línguas, mas orações nominalizadas que funcionam como orações relativas. Tais orações são formadas da seguinte maneira: um constituinte da matriz é relativizado por meio da nominalização dos verbos, por {-akid}, {-bokid} e outros (§ 5.6, p. 83), além do nominalizador de agentivo {-kid}. As orações nominalizadas por {-akid} estão relativizando o argumento O da oração matriz:

(291)

a) inbi tʃamo -akid<sub>j</sub> namij -∅  
1sg.erg. assar- -nzs.pass.rec.pac. carne -abs.

mikui pe- -bo -k  
2pl. comer- -pass.n.rec. -decl.

“Vocês comeram a carne **que eu assei.**”

b) **ĩbi**      **kĩkun-**   **-akid<sub>j</sub>**                      **di<sub>j</sub>**   -n  
 1sg.erg.    tecer-   -nZR.pass.rec.pac.   rede   -loc.

**ĩbi**            **uṣ-**            **-e**            **-k**  
 1sg.abs.    dormir-   -n.pass.   -decl.  
 “Eu dormi na rede **que eu teci.**”

c) Tumi   -n    datonkete   -Ø    datonke-    -e            -k  
 Tumi   -erg.   camisa       -abs.    vestir-       -n.pass.   -decl.

**ĩbi**            **mene-**        **-bokid**  
 1sg.erg.    dar-            - nZR.pass.n.rec.pac.  
 “Tumi veste a camisa que eu dei.”

As orações nominalizadas por {-kid} referem a A/S da oração subordinada relativizando qualquer nominal A ou S. Diferentemente das sentenças nominalizadas pelos nominalizadores pacientivos, as orações formadas por {-kid}, em nossos dados, normalmente precede o nominal modificado:

(292)

a) Gabrieu   -Ø   [    **dadawa-**    **-kid** ]<sub>relat.</sub>            tanawa-    -ek  
 Gabriel   -abs.    escrever-   -ag.nZR.            saber-       -simult.A/S>S

**biṣkatsik**    **dadawa**        -e            -k  
 devagar    escrever-   -n.pass.   -decl.  
 “O Gabriel que sabe escrever, escreve devagar.”

b) **ĩbi**    [ **sandalia**   -Ø    **bida**    **kimo**    **ik-**    **-kid** ]<sub>relat.</sub>   -Ø  
 1sg.erg.   sandália   -abs.   bonita   intens. cop.-   -ag.nZR.   -abs.

**bed-**            **-bonda**        **-k** ]<sub>matriz</sub>  
 comprar-   -pass.dist.   -decl.

“Eu comprei a sandália **que é muito boa.**”

### 12.3.3 Construções Antipassivas

Em Matis, a construção de uma antipassiva é feita pela sufixação do morfema {-an} “antipassivo” ao verbo transitivo. Com isso, a valência verbal diminui, ocorrendo a “detransitivização” (Palmer, 1994, p. 178), afetando a marcação do caso ergativo do argumento **A**, o qual passa a **S**. Outra característica desta construção é a remoção do objeto.

Segundo Payne (1997, p. 219), as características prototípicas das antipassivas são: (i) omitir o Objeto (O), semelhante ao caso oblíquo e, freqüentemente ao caso instrumental; (ii) o verbo ou frase verbal passa a conter marcas dos verbos intransitivos; (iii) o “**A**” assemelha-se ao caso absolutivo. Nos exemplos abaixo, verificamos que em 293 (a) o verbo **is-** “ver” pede um argumento **A** e **O**; no exemplo (b), a construção é a mesma. Porém, houve a sufixação do morfema antipassivo {-an} ao verbo **is-**, ocasionando uma mudança no tipo de argumento, passando o **A (inbi)** para **S (ibi)**, além da remoção do objeto (O) **Iba**.

Funcional e semanticamente, segundo o informante, ao utilizar a construção na forma antipassiva, o falante quer informar que o ato de “olhar/ver” é algo estático. A tradução que ele me forneceu foi “olhar para a pessoa sem mover a cabeça”. Nota-se que há um aumento na carga semântica do verbo. Por exemplo, quando há a sufixação do antipassivo ao verbo **kunen** “ficar bravo com alguém”, seu significado passa a ser “ficar profundamente bravo”. Em geral, é muito difícil compreender a mudança semântica existente em tais construções.

(293)

	A	O	V (transitivo)		
a) <b>inbi</b>	lba	-Ø	is-	-a	-k
1sg.erg.	lba	-abs.	ver-	-pass.rec.	-decl.

“Eu olhei para o lba.”

	S	V (intransitivo)			
b) <b>ibi</b>	is-	<b>-an</b>	-e	-k	
1sg.abs.	ver-	-antipass.	-n.pass.	-decl.	

“Eu estou olhando” (Lit.(Por que) está olhando fixamente.)

	A	O	V (transitivo)		
c) <b>minbi</b>	ibi	kues-	-bo	-k	
2sg.erg.	1sg.abs.	bater-	-pass.n.rec.	-1/2:decl.	

“Você me bateu.”

	S	V(intransitivo)			
d) <b>mibi</b>	kues-	<b>-an</b>	-e	-k	
2sg.abs	bater-	-antpass.	-n.pass.	-decl.	

“Você bate (em mim, muitas vezes).”

### 12.3.3.1 Formas verbais supletivas antipassivas

Alguns verbos possuem uma forma supletiva, na língua matis, semelhantemente ao que acontece com a língua matsés. Segundo Fleck (2003a, p.05), estes verbos são considerados supletivos antipassivos. De acordo com o autor, tais verbos substituem o antipassivador {-an} por [ke] e [ka], respectivamente, intransitivos e transitivos, cristalizados historicamente. Não posso afirmar se isto também ocorreu em Matis. Mas, existem alguns verbos que se diferenciam quanto à sua transitividade e terminação. Esta mudança de transitividade ocorre com os verbos terminados em [ke] ou em [ka], por exemplo, *šuidke*- “assobiar (verbo intransitivo)” e *šuidka*- “assobiar para alguém (verbo



transitivo). É possível que estes verbos estejam sincronicamente gramaticalizados e que haja duas formas. Esta gramaticalização deu-se a partir da fusão do verbo *ke-* “dizer (intransitivo)” e *ka-* “(dizer transitivo)”. A tabela abaixo mostra os verbos supletivos antipassivos:

Transitivo	Intransitivo
t̥ʂuʂka “ficar bravo com alguém”	t̥ʂuʂke “ficar bravo”
tuska “furar alguém”	tuske “furar”
tonka “matar com arma atirando em algo”	tonke “somente o ato de atirar com arma”
todka “pisar em algo”	todke “somente o ato de pisar”
tsudka “o ato de chamar alguém com os lábios”	tsudke “estalar os lábios”
taʂka “apontar algo”	taʂke “apontar”
winkinka “balançar para bater em algo”	winkinke “balançar”
takaʂka “fazer algo tremer”	takaʂke “tremer”
tidinka “derrubar algo”	tidinke “cair do alto”
tunka “fazer cair (não é do alto)”	tunke “cair (não é do alto)”
ʂuidka “assobiar para alguém”	ʂuidke “assobiar”
t̥ʂodka “cozinhar demasiadamente algo”	t̥ʂodke “cozinhar demasiadamente”
onka “falar para alguém”	onke “falar”

Tabela 29: Verbos supletivos antipassivos.

Verificamos que as contruções feitas por alguns destes verbos antipassivos são semelhantes às realizadas pelos verbos antipassivizados por {-an}. Quando a oração é feita por um verbo transitivo terminado em [ka], são necessários os

argumentos A e O. Já nas orações formadas por verbos terminados em [ke], há a remoção de O. Não posso afirmar, até o momento, se a comutação entre [ka] e [ke] é uma forma de detransitivização, ou se, sincronicamente, estas formas foram lexicalizadas. Confira Fleck (2003a, p. 05) que para um fenômeno semelhante Matsés, em alguns verbos, supõem-se que houve um processo de substituição do morfema {-an}, por [ka] e [ke], sendo [ka] um tipo de causativo e aplicativo.

Verifiquei que, em Matis, outros verbos são afetados em sua valência pela inserção do morfema [ke] (ver 294 (b)), o que pode ser uma pista que indica um provável processo de lexicalização.

(294)

a) kodoka “cozinhar (transitivo)” → kodoka-ke “cozinhar (intransitivo)”

A		O		V		
lba	-n	atsa	-∅	kodoka-	-a	-§
lba	-erg	mandioca	-abs.	cozinhar-	-pass.rec.	-3.exp.

“lba cozinhou mandioca.”

S		V			
lba	-∅	kodoka-	<b>-ke</b>	-e	-k
lba	-abs.	cozinhar-	-detrzr	-n.pass.	-decl.

“lba cozinha.”

b) bidika “virar (transitivo)” → bidika-ke “virar (intransitivo)”

(295) Verbos supletivos antipassivos

a) Transitiva

A		O		V		
inbi		lancha	-∅	<b>toka-</b>		-k
1sg.erg.		lancha	-abs.	atolar algo-	-pass.rec.	-decl.

“Eu atolei a lancha.”

## b) Intransitiva

S	V			
ibi	<b>toke-</b>	-a		-k
1sg.abs.	atolar-	-pass.rec.		-decl.

“Eu atolei.”

(296)

## a) Transitiva

Rogeru	-n	awin	awin	<b>onka-</b>	-bo	-§
Rogério	-erg.	3p. poss.	esposa	falar-	-pass.n.rec.	-3.exp.

“Rogério falou com a esposa dele.”

## b) Intransitiva

Dani	-Ø	<b>onke</b>	-a	-§
Dani	-abs.	falar	-pass.rec.	-3.exp.

“Dani falou.”

Ainda há muito que se explorar sobre as construções antipassivas. Se a língua matis se assemelhar de fato a língua matsés no que se refere à antipassiva, é necessário, então, investigar se os verbos também se dividem em três categorias: aqueles que não podem ser sufixados pelo marcador {-an}; aqueles que podem, mas que só admitem o paciente em 1ª pessoa; aqueles que podem ser sufixados por {-an}, mas o paciente não pode ser a 1ª pessoa. Ao que tudo indica, alguns verbos parecem funcionar da mesma forma que os verbos em Matsés. Porém, a análise ainda não é conclusiva.

Algumas construções antipassivas em Matis possuem uma função aspectual, semelhante ao que Palmer (1994, p. 183) apresenta para as línguas Chamorro (loc cit. Austronesian, Cooreman 1988: 583) e para a língua Warrungu (loc.cit. Australia, Tsunoda 1988: 606). Por exemplo, o verbo **is-** “ver”

antipassivizado torna-se **is-an** “ver constantemente, olhar intensamente” (aspectual do tipo interativo) e **kues** “bater” antipassivizado torna-se **kues-an** “bater muitas vezes, repetidas vezes” (aspectual de reiteração)

## Conclusão

Esta tese teve como objetivo descrever aspectos gramaticais da língua matis. Com isso, apresentamos questões sociolingüísticas como também descrevemos a morfologia e os aspectos sintáticos da língua. Fizemos uma breve descrição da fonologia da língua matis, introduzindo algumas inovações na análise, bem como também novos dados, referentes às fricativas [ʃ] e [ʂ] e às africadas [tʃ] e [tʂ].

A marcação de caso e o sistema de *switch-reference* foram a parte principal do trabalho. Apresentamos mais detalhadamente a questão da morfologia por ser esta fundamental para a compreensão das funções sintáticas e pela necessidade de uma descrição mais pormenorizada dessa língua. Deste modo, acreditamos que o trabalho contribuirá para uma melhor compreensão da língua matis e da família lingüística Pano.

Como vimos no capítulo V, a língua matis possui, nas classes abertas, as categorias lexicais Nome, Verbo, Advérbio e Adjetivo, e nas classes fechadas, os Pronomes (subclasse dos nomes), os Quantificadores, as posposições e as interjeições. Os processos morfológicos que ocorrem nestas categorias são prefixação, sufixação, nominalização, verbalização, adverbialização, dentre outros.

O sistema ergativo-absolutivo é do tipo morfológico, sendo o caso ergativo realizado pela sufixação dos alomorfes {-n ~ -in}, enquanto que o caso absoluto não é realizado foneticamente, representado por Ø.

A cisão do sistema ergativo/absolutivo ocorre no sistema pronominal. Os pronomes singulares estão divididos em ergativos e absolutivos. A primeira pessoa do plural não se diferencia, quer esteja em A, S ou O, diferentemente da segunda pessoa do plural, que tem a mesma forma para A e S e se diferencia de O, assemelhando-se ao sistema nominativo/acusativo.

O sistema *switch-reference* (SR) é composto de, pelo menos, 11 morfemas. Há aqueles que funcionam em eventos simultâneos e aqueles que funcionam em eventos seqüenciais. Tais morfemas são condicionados ao tipo de argumento da oração matriz.

A ordem AOV e SV ocorre com maior freqüência em nossos dados elicitados.

A língua matis pode ser caracterizada predominantemente como aglutinante, tendo em vista que cada morfema está associado a significados específicos, na maioria das vezes, facilmente identificáveis. Em algumas situações, especialmente relacionadas à morfologia nominal e verbal, ocorrem morfemas *portmanteau*. A morfossintaxe da língua apresenta recursos complexos, que demandam maiores estudos na sua definição, especificamente os processos relacionados ao sistema de marcação de caso e à transitividade verbal, conseqüência,.

Analisar uma língua pressupõe estudá-la em sua complexidade. Foi que fizemos neste trabalho. No entanto, há sempre questões a serem resolvidas em estudos futuros.

### Referências Bibliográficas

- ABBI, Anvita. *A Manual of Linguistic Field Work and Structures of Indian Languages*. München: Lincom-Europa. 2001
- AGUIAR, Maria Sueli de *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. Campinas, 1988. 78 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Campinas, 1994. 308 f. Tese (Doutorado em lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Evidentiality in typological perspective. In AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R.M.W. (Orgs.) *Studies in Evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 1-31
- ANDERSON, S. R. & KEENAN, E. L. (1985) Deixis. In *Language typology and syntactic description*. Ed. Timothy Shopen. Cambridge. USA. pp. 259-307.
- ANDERSON, Stephen R. Where's Morphology? *Linguistic Inquiry*, 13 (4). 1982. p. 571-613.
- AUSTIN, Peter. Switch-reference in Australia. *Language* 57. 1981. p. 309-34.
- BACKHOUSE, A. E. Have all the adjectives gone? *Lingua* 62. 1984. p. 169-187.
- BAKER, M. *Incorporation*. Chicago: University of Chicago Press. 1988.
- BAUER, L. *Introducing linguistic morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1988.
- BHAT, D.N.S. *The adjectival category*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1994.

- . *The prominence of Tense, Aspect and Mood*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1999.
- BIRD, Steven; SIMONS, Gary Seven Dimensions of Portability for Language Documentation and Description. *Language* 79 (3). 2003.
- BLAKE, Barry J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- BOUQUIAUX, L.; THOMAS, J.M.C. *Studying and Describing Unwritten Languages*. Dallas: SIL. 1992.
- BYBEE, Joan L. *Morphology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publish Company. 1985.
- CAMARGO, Eliane. Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano). 1991. 448 f. Tese de Doutorado. Paris: Universidade Paris IV.
- . *Esquisse linguistique sur le kashinawa, langue de le famille Pano*. Paris, 1987. 88 f. Diplome D'Etude Approfondies em Linguistique. Paris. L'Université de Paris - Paris IV.
- . Cashinahua personal pronouns in grammatical relations. *Current Studies on South American Languages*. Leiden: Research School of Asian, and Amerindian Studies. 2002. p. 149-168
- . Sintaxe cindida em Caxinauá (pano). *Encontro da área de línguas indígenas do Instituto de Estudos da Linguagem*. 2004. Apresentação pessoal.
- CÂNDIDO, Gláucia V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)*. Campinas, 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.



- . Descrição Morfossintática da língua Shanenawa (Pano). Campinas, 2004, 270 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CARVALHO, Carmen T.D. *A decodificação da estrutura frasal em Matsés (Pano)*. Rio de Janeiro, 1992. 185 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdades de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- CEDI. *Povos Indígenas no Brasi - Javari*. São Paulo: C.E.D.I. v. 5. 1981.
- . Matis: gripe reduz população quase a metade, *Povos Indígenas no Brasil*. nº 2, São Paulo. 1982.
- CHANDLESS, W. Ascent of River Purus. *The Journal of the Royal Geographical Society*. London: John Murray. 1866, p.86-118.
- CHISHOLM Jr., Williams et alii Interrogativity: A colloquium on the grammar typology and pragmatics of questions in seven diverse languages. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1984.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press. 1976a.
- . The syntax of causative constructions: Cross-language similarities and divergences. In Masayoshi Shibatani. (Org.). *Syntax and Semantics v. 6: The Grammar of Causative Constructions*, 1976b. p. 261-312.
- . Ergativity. In Lemann P. Winfred (Org.) *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Austin e Londres: University of Texas Press. 1978. p. 329 - 394.
- . *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Backwell. York: Academic Press. 1989.
- COMRIE, Bernard; Sandra A. Thompson. Lexical nominalization. In Timothy Shopen (Org.), *Language Typology and Syntactic Description*. v.III:

*Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 349-398.

COMRIE, Gerard; SMITH Norval. *Lingua Descriptive Studies: questionnaire*. *Lingua* 42: 1977. p.1-72

COSTA, Raquel G. R. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Rio de Janeiro. 1992. 156 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

-----. *Manifestaciones de la ergatividad en Marubo (Pano)*. *II Jornadas de Lingüística Aborigin*. Argentina: Universidad de Buenos Aires.1994. 205-223.

-----. *Aspects of ergativity in Marubo (Panoan)*. *Journal of Amazonian Linguistics* 2(1). 1997. p. 50-103.

-----. *Aspectos da fonologia Marubo (Pano): Uma Visão Não-Linear*. Rio de Janeiro. 2000. 261 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Raquel G. R.; DORIGO, Carmen T. *A expressão da posse em Marubo e Matsés*. In: RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely A. C. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. 2005. p. 69-83.

CROFT, William. *Syntactic categories and grammatical relations*. Chicago: Chicago University Press. 1991a.

-----. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991b.

CROWLEY, Terry. *An Introduction to Historical Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. 1997.

d'ANS, André-Marcel. *Materiales para el estudio del grupo lingüístico Pano*. Lima: CILA-UNMSM. 1970a.

- . *Materiales para el Estudio del Grupo Lingüístico Pano*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 1970b.
- . Reclasificación de las lenguas pano y dados glotocronológicos para la etnohistoria de la amazonía peruana. *Revista del Museo Nacional*. Tomo 39. Lima. 1973.
- DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey. Introduction. In: DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM. (Org.) *Handbook of Amazonian Languages*, v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter. 1986. p. 1-28.
- DIXON, R.M.W. Where have all the adjectives gone? *Studies in Language* 1(1). 1977. p. 19-80.
- . Ergativity. *Language* 55 (1). 1979. p. 59-138.
- . *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- . Demonstratives: A cross-linguistic typology. *Studies in Language* 61. 2003. p. 61-112.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.
- DORIGO, Carmen T. *A Decodificação da Estrutura Frasal em Matsés (Pano)*. Rio de Janeiro. 1992. 185 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- . *Fonologia Matsés: Uma Análise baseada em Restrições*. Rio de Janeiro. 2001. 247 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- . Ergatividade cindida em Matsés (Pano). In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues (Orgs.), *Línguas Indígenas Brasileiras:*

*Fonologia, Gramática e História, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, v.II. Belém: Editora Universitária UFPA. 2002. p.102-111.

DORIGO, Carmen T.; COSTA, Raquel G. R.. Aspectos de la Negación en Matsés y Marubo (Pano). *II Jornadas de Etnolingüística*. Rosario (Argentina). 1996. p. 213-221.

ERIKSON, Philippe. Apprivoisement et habitat chez les amerindiens Matis (Langue Pano, Amazonas, Bresil). *Anthropozoologica*, 9. 1988. p. 25-35.

----- How Crude is Mayoruna Pottery? *Journal of Latin American Lore* 16(1). 1990. p. 47-68.

----- Ritual dos Matis. *Revista Horizonte Geográfico*, ano 4(16). 1991. p. 12-22.

----- Uma singular pluralidad: A etno-história Pano In M. Carneiro da Cunha (Org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 239-252.

----- Los Mayoruna. In SANTOS, Fernando.; BARCLAY, Frederica (Orgs.), *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía*.. Quito, Ecuador: Flasco-Sede. 1994a. v.2. p. 1-127.

----- Reflexos de si, ecos de outrem. Efeitos do contato sobre a auto-representação Matis. In Bruce Albert; Alcida Rita Ramos (orgs.) *Pacificando o Branco*. São Paulo: Imprensa Oficial SP, IRD (Institut de recherche pour le développement e Editora UNESP. 1994b. p.179-204.

-----A Onomástica Matis é Amazônica? In E. Viveiros de Castro; CUNHA, M. Carneiro da (Orgs.), *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: USP/FAPESP. 1994c. p. 245-52.

----- *La Griffes des Aïeux*. Paris: Éditions Peeters. 1998.

- ERIKSON, Philippe; CAMARGO, Éliane. Caxinaua, mais guère amazoniennes: qui sont-elles? Les devinettes transcrites par Capistrano de Abreu. *Journal de la Société des Américanistes*. Paris: Au siège de la Société, Musée de L'Homme. 1996. p. 193-208.
- EVERETT, Daniel (2001) Monolingual field research. In Paul Newman and Martha Ratliff (eds.) *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 166-88.
- Coherent Fieldwork In STERKENBERG, Piet van (Org.) *Linguistics Today – Facing a Greater Challenge*. Amsterdam: John Benjamins Publishing. 2004. p. 141-162.
- FERREIRA, Rogério V. Línguas Indígenas da Amazônia Brasileira (Mapa) In Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (Org.) *As línguas amazônicas hoje*. Instituto Socioambiental: São Paulo. 1999. Suplemento.
- *Língua matis (Pano): uma análise da morfossintaxe*. Campinas. 2001a. 167 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Um ensaio sobre a ergatividade na língua matis (Pano). In: Luis Miranda, 2000. Actas I Congreso de lenguas indígenas de sudamérica, Tomo 1. Lima: Peru. Universidad Ricardo Palma - Departamento Académico de Humanidades. 2001b. p. 259-264.
- 2001b. *Língua Matis (Pano): Aspectos Descritivos da Morfossintaxe*. Lincom Studies in Native American Linguistics 38. Munchen: Lincom Europa.
- Aspectos da Morfossintaxe Nominal. 5º Encontro Círculo Lingüístico do Sul. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2003a. CD-ROM.
- Formação do Genitivo na Língua matis (Pano). *XXXIII Grupo de Estudos do Estado de São Paulo*. Campinas: UNICAMP. 2003b. CD-ROM

- Modificadores verbais na língua matis (Pano). *Anais XVI Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Londrina/PR: Fundação Araucária-Universidade Estadual de Londrina. 2003c. CD-ROM
- FIELDS, Harriet. Una identificación preliminar de los sufijos indicadores de referencia en Mayoruna. *Estudios Pano III*. Lima: I.L.V. 1973. p. 285-311.
- FLECK, David W. Culture-specific notions of causation in Matsés grammar. *Journal de la Société des Américanistes*, 87. 2001. p. 177-196.
- *Ergatividade na Língua Matsés (Família Pano)*. In: QUEIXALÓS, F. *Ergatividade na Amazônia II*. Brasília: Hitherto unpublished collection of papers presented at the Primeira Reunião de Ergatividade na Amazônia, Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília. 2002. p. 65-84
- *A Grammar of Matses*. Houston, 2003. 1217 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, Rice University.
- Antipassives in Matses. In *Ergatividade na Amazônia, segunda reunião*. 29 de outubro - 01 de novembro/2003. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas. Apresentação pessoal.
- Body-part prefixes in Matses: Derivation or noun incorporation? *International Journal of American Linguistics*, 72. no preloa.
- Ergatividade em Matsés (Pano). In *Liames 5*. no prelob.
- FLECK, David W.; FERREIRA, Rogério V. Language in the Mayoruna subgroup of the Panoan family. 2005 (manuscrito).
- GIVÓN, Talmy *Syntax: a functional-typological introduction*.v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1984.
- *Syntax: a functional-typological introduction*, v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins . 1990

- .. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1995.
- .. *Syntax: an introduction, v. I*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins . 2001.
- GRASSERIE, M. Raoul de la. De la famille linguistique pano. *Congrès International des Américanistes*. Berlin: Librairie W.H.Kühl. 1890. p. 438-450.
- GREENBERG, Joseph. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J.H. (Org.) *Universals of Language*, New York: The MIT Press. 1966. p. 73-113.
- .. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press. 1987.
- HAIMAN, John; MUNRO, Pamela (Org.). *Switch-Reference and Universal Grammar*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia. 1983.
- HARRIS, Alice C. Review Article, Ergativity. By R.M.W. Dixon. *Language* 73 (2). 1997. p. 359-74.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Documentary and descriptive linguistics. *Linguistics* 36 (1). 1998.
- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, 56 (2). 1980. p. 251-299.
- JACOBSON, William H. Switch-reference in Hokan Coahuitecan. In: HYMES, Dell (Org.) *Studies in South-western ethnolinguistics*. The Hague: Mouton. 1967. p. 238-263.
- JACOBSEN, William H. Typological and genetic notes on switch-reference systems in North American Indian Languages. In HAIMAN, John; MUNRO, Pamela (Orgs.). *Switch-Reference and Universal Grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1983. p.151-183.

- KEIFENHEIM, Barbara. Nawa: un concept clé de l'altérité chez les Pano. *Journal de la Société des Américanistes*. Paris: Au siège de la Société, Musée de L'Homme. 1990. p. 79-94.
- . Fututs Beux-Frères ou Esclaves? Les Kashinawa découvrent des indies non contactés. *Journal de la Société des Américanistes*. Paris: Au siège de la Société, Musée de L'Homme. 1997. p. 141-58.
- . Suicide à Kashinawa. Le désir de l'au-delà ou la séduction olfactive et auditive par les esprits des morts. *Journal de la Société des Américanistes*. Paris: Au siège de la Société, Musée de L'Homme. 2002. p. 90-110.
- KENEELAND, Harriet. El aumentativo -pa: su efecto sobre el narrador y el tema en matsés. In: *Estudios Lingüísticos de Textos de la Amazonia Peruana*. Lima-Peru: Ministerio de Educacion, Instituto Lingüístico de Verano. 1996. p. 129-155.
- KIBRIK, A. E. *The Methodology of field investigations in Linguistics*. The Hague: Mouton. 1977.
- KNEELAND, Harriet. *Lecciones Para el Aprendizaje del Idioma Mayoruna*. Documento de Trabajo, 14. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano. 1979.
- . El "ser como" y el "no ser como" de la comparación en matsés. In: WISE, Mary Ruth; BOONSTRA, Harry (Orgs.), *Conjunciones y Otros Nexos en Tres Idiomas Amazónicos*. Serie Lingüística Peruana Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 19. 1982. p. 77-128.
- .. Cultural crisis and ideal values in cultural change among the Matsés of eastern Peru. *Notes on Anthropology*, 16. 1994. p. 23-48.
- . "El aumentativo -pa: Su efecto sobre el narrador y el tema en matsés." In Ågot Bergli (Org.). *Estudios Lingüísticos de Textos de la Amazonía*



*Peruana*. Serie Lingüística Peruana, 37. Peru: Instituto Lingüístico de Verano. 1996. p. 129-155.

LANGACKER, Ronald W. Possessives in Classical Nahuatl. *International Journal of American Linguistics*. 38 (3). 1972. p.173-187.

LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon*. New York: Praeger Publishers. 1970.

LEHMANN, W. Syntactic Typology - studies in the phenomenology of language. Austin: University of Texas Press. 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento Selvagem*. 3ª ed. Campinas: Papirus Editora. 2003.

LOOS, Eugene E. Rasgos Sintáticos-Fonémicos en la Historia Lingüística de los Idiomas de la Familia Pano. *Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP. 1975. p. 181-184.

----- In DIXON, R. M. W.; AIKEHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999. p. 226-250.

LYONS, John. A note on possessive, existential and locative sentences, in *Foundations of Language* 3. 1967. p. 390-397.

-----.. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1979.

MARTIUS, Carl F. P. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen, v. II*. Leipzig: Friedrich Fleischer. 1867. Reprint 1969.

MASON, J. Alden. The languages of South American Indians. In STEWARD, Julian H. (Org.) *Handbook of South American Indians*. v.6. Washington: Government Printing Office. 1950. p. 157-317.

- MELATTI, Júlio C. Matis. *Povos Indígenas no Brasi - Javari*. São Paulo: C.E.D.I. v. 5. 1981. p. 83-94.
- MITHUN, Marianne. The Evolution of Noun Incorporation. *Language* 60. 1984. p. 874-94.
- MITHUN, Marianne; CHAFE, Wallace. What are S, A, and O? *Studies in Language* 23 (3). 1999. 569-96.
- MONTAG, Susan. *Diccionario Cashinahua*. Peru: Ministerio de Educacion/ILV. 1981.
- OLSON, M.L. Switch-Reference in Barai. *Berkeley Linguistics Society* 4. 1978. p.140-57.
- ORTEGA, S.V. *Fundamentos de morfología*. Madrid: ed. Síntesis. 1990.
- PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.
- . *Grammatical roles and relations*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- PAULA, Aldir Santos de *Poyanáwa. A língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos*. Recife, 1992. 112 f. Dissertação (Mestrado de Lingüística) - Centro de Artes e comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.
- . *A Língua dos índios Yawanawa do Acre*. Campinas, 2004. 191f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Intituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- PAULA, Ruth Wallace de Garcia. *Relatório de viagem: PIA Ituí*. Brasília: Memo 186/79/DGPC 1979. Relatório técnico.

- PAYNE, Doris L. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press. 1990.
- PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- PIKE, Kenneth. *Phonemics*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1961.
- QUEIXALÓS, Francesc A ergatividade Katukina frente às mudanças de valência. *Ergatividade na Amazônia II*. Brasília: CNRS, UnB. 2003. p. 227-237.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola. 1986.
- Ge-Pano-Carib X Jê-Tupí-Karib: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en sudamérica. In Luis Miranda (Org.) *Actas del I congreso de lenguas indígenas de sudamérica*. Lima-Perú: Universidad Ricardo Palma. 2000. p. 95-104.
- RUHLEN, Merritt. *A Guide to the World's Languages*. Stanford: Stanford University Press. 1987.
- SADOCK, Jerrold M. Noun incorporation in Greenlandic: a case of syntatic word formation. *Language* 56. 1980. p. 300-19.
- SADOCK, Jerrold M.; ZWICKY, Arnold M. Speech act distinctions in syntax. In: SHOPEN, Timothy (Org.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p.155-94.
- SAMARIN, Willian J. *Field Linguistics: A guide to linguistic Field work*. New york, London, San Francisco: Holt, Rinehart and Winston. 1967.
- SCHACHTER, Paul. Parts-of-speech systems. In SHOPEN, Timothy (Org.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p.3-61.

- SCOTT, E.; FRANTZ, D. G. Sharanahua Questions and Proposed Constraints on Question Movement. *Linguistics*, 132. 1974. p. 75-86.
- SEILER, Hansjakob. Possession as an Operational Dimension of Language. Tübingen: Narr. 1983.
- Possessivity: Subject and Object. *Studies in Language* 7. 1982. p. 89-117
- SEKI, Lucy *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Imprensa Oficial SP, Editora UNICAMP. 2000.
- SHELL, Olive A. Cashibo modals and the performative analysis. *Foundations of Language*, 13. 1975a. p.177-99.
- *Estudios Panos III: Las lenguas Pano y su Reconstrucción*. Serie Lingüística Peruana 12. Yarinacocha, Peru: Instituto Lingüístico de Verano. 1975b.
- SHELL, Olive A.; WISE, Mary R. *Grupo Idiomáticos del Peru*. Lima-Peru: Universidad nacional Mayor de San Marcos, Instituto Lingüístico de Verano. 1971.
- SHOPEN, T. Mosestén and Pano-Tacanan. *Anthropological Linguistics* 11. 1969. p. 255-266.
- (Org.) *Language Typology and Syntactic Description*, v. I, II e III. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.
- SPANGHERO, Vitória R. *Línguas Matis (Pano): Uma Análise Fonológica*. Campinas, 2000. 157 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- *Estudo Lexical da Língua matis: Subsídios para um dicionário Bilingüe*. Campinas, 2005. 230 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.

- SPARING-CHAVÉZ, Margarethe W. Interclausal Reference in Amahuaca. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. *Handbook of Amazonian Languages* (4). New York/Berlin: Mouton de Gruyter. 1998. p. 443-483.
- . I want to But I Can't: the Frustrative in Amahuaca. SIL Electronic Working Papers. Dallas: SIL International. Online. URL: [www.sil.org/silewp/2003/silewp2003-002.pdf](http://www.sil.org/silewp/2003/silewp2003-002.pdf).
- SUÁREZ, Jorge A. Macro-Pano-Tacanan. *International Journal of American Linguistics*, 39. 1973. p. 137-154.
- SWADESH, Mauricio. Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics* 21. 1955. p. 121-137.
- . Afinidades de las lenguas amerindias. *Akten des 34 Internationalen Amerikanisten Kongress*. 1960. p. 729-38.
- TASTEVIN, P. Rivet. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, 22. 1927. p. 811-827.
- THOMPSON, Sandra A.; LONGACRE, Robert E. Adverbial clauses. In SHOPEN, Timothy (Org.). *Language Typology and Syntactic Description, v. 2: Complex Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 171-234.
- VALENZUELA, Pilar M. *Basic verb types and argument structures in Shipibo-Conibo*. Oregon, 1997. 133 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, University of Oregon.
- . El morfema de ergatividad en el shipibo-conibo. In MIRANDA, Luis; ORELLANA, Amanda. (Orgs.) *Actas del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüísticas Filológicas, tomo II*, Lima: Universidad Ricardo Palma. 1998. p. 217-245.

- Adverbials, transitivity, and switch-reference in Shipibo-Konibo (Panoan). CLS 35 In BILLINGS, Sabrina J.; BOYLE, John P.; GRIFFITH, Aaron M. *The Panels, Theory & Linguistic Diversity*. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1999. p. 355-71.
- Evidentiality in Shipibo-Konibo, with a Comparative Overview of the Category in Pananoan. Oregon: University of Oregon. 2002. Manuscrito.
- *Transitivity in Shipibo- Konibo Grammar*. Eugene. 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, University of Oregon.
- Participant-oriented adjuncts in Panoan. In HIMMELMANN, Nikolaus P.; SCHULTZE-BERNDT, Eva. (Orgs.). *Secondary predication and adverbial modification: The typology of descriptives - Oxford Typology Series*. Oxford: Oxford University Press. 2004. p. 260-297.
- VAUX, Bert; COOPER, Justin. *Introduction to Linguistic Field Methods*. München: Lincom-Europa. 1999.
- ZWICKY, Arnold M. Clitics and Particles. *Language*, 61 (2). 1985. p. 283-305.

## ANEXO I

### VOCABULÁRIO RETIRADO DA TESE

#### A

---

abad-	“Correr forma supletiva singular”
abeso-	“Espalhar”
abi	“Terceira pessoa do singular co-referente absoluto”
abi	“Partícula afirmativa”
abiu	“Com a direita”
abu	“Céu, Nuvem, Espaço”
abuk	“Sobre”
akid	“Terceira pessoa do singular demonstrativo”
ak-	“Beber”
ak-	“Matar”
akuibi	“Terceira pessoa do plural co-referente absoluto”
amawa-	“Perder”
am̩	“Grande”
amiuka	“Genro, primo”
ai	“Resposta afirmativa: correto!, é isso mesmo!”
ana	“Língua”
anbi	“Terceira pessoa do singular co-referente ergativo”
andadawid	“Vazio”
ani	“Mãe”
an̩	“Nome”
ankad-	“Abrir a boca ou bocejar”
ankuibi	“Terceira pessoa do plural co-referente ergativo”
ano	“No lugar”
anpiduk	“Embaixo”

antʃiʃte	“Cana-de-açúcar”
anudan-	“Pescar
askad-	“Engasgar”
aş-	“Ato de passar o veneno no instrumento de caça”
aton	“Terceira pessoa plural possessivo”
atsa	“Mandioca”
atşuwiş	“Todos, tudo”
atsaban	“Garça”
awad	“Anta”
awadbo	“Tipo de banana”
awin	“Esposa”
awi	“O quê?”
awin	“Terceira pessoa singular possessivo”

## B

---

baba	“Neto, nora da esposa”
badi miduk	“No verão (tempo de mais sol que chuva)”
badi	“Parte do dia em que há sol”
bakui	“Criançinha”
bama	“Partícula negativa”
bamaştap	“Particula negativa de sintagmas nominais”
bamawak	“Igarapé Quari”
bata	“Sabor”
bawa	“Tipo de papagaio”
bed-	“Pegar”
bidibidi	“Colorido”
binsin	“Vespa”
biu tşoak	“Rio Branco”
bi	“Tipo de peixe”



bi-	“Trazer”
biama-	“Esquecer”
bida pimen	“Não é bom, mal”
bida	“Generoso, bondoso”
biden	“Bem”
bidike	“Sentar forma supletiva de plural”
bidikimo	“Piau (tipo de peixe)”
bidtapa	“Altura da voz”
bidu	“Olhos”
biku	“Secreção dos olhos”
bimadin	“Face”
bini	“Esposo”
bisin	“Jibóia”
biʃu	“Cego, míope”
biʃkatsik	“Lento”
biʃu	“Rosto pintado de verde”
bitin	“Sopa, caldo”
bowan-	“Levar”
bu	“Pêlo”
buʃekte	“Cordinha utilizada para amarrar o pote de veneno.”
bui	“Tipo de formiga”
buid	“Altura da voz (alto)”
buku	“Embaúba”
buntak	“Jovens”
buʃono	“Jibóia”
bud-	“Descer”

buntak	“Jovem masculino”
butʃi	“Irmão mais velho”

## D

---

dabitsik	“pouco (contável)”
dada	“Homem, corpo”
dada buntak akid	“Gato-maracajá”
dadamikaş	“Arco-iris”
dadasibo	“Velho (-+ humano)”
dadawakid	“Professor”
dadawa-	“Escrever”
dadawamekid	“Professor”
dadenpa	“Muito, em grande quantidade (pode ser usado para contável ou não)”
dayun-	“Abraçar”
daka	“Interjeição”
dakud-	“Ter medo”
danbıdu	“Joelho”
danokoşka-	“Ato de passar breu na zarabatana”
datonkete	“Camisa, roupa em geral”
dawan-	“Forma de caminhar”
dawıs	“Cunhado mais velho”
de-	“Ato de carregar algo”
den-	“Rir”
di	“Rede”
dia	“Sanguessuga”
did-	“Cortar com um golpe”
dindu	“Puraquê”

diun	“Sujeira nas narinas”
do-	“Subir”
du	“Guariba’
dui	“Faca”
dukabowan-	“Rastrear”
duke-	“Deitar forma supletiva de singular”
dunu	“Serpente”

## E

---

edkin	“Entrar”
epa	“Palha de palmeira”
epapa	“Número um, sozinho, somente”

## I

---

i	“Arraia”
iʃbun	“Palha”
işa	”Gostoso”
ikek	“Conjunção”
ik-	“Verbo auxiliar”
iksamadap	“Ruim, não presta”
iksap	“Rejeição.”
imi	“Sangue”
imid	“À noite”
ina	“Calda, rabo”
indokin	“Subir puxando algo”
inku	“Gonorréia”
intʃiʃmantsik	“de manhã”
isin	“Cesto para pegar peixe”
is-	“Olhar”

istan	“Conhecer”
isukun-	“Acordar”
itis	“Quente, calor
iwi poto	“Tipo de semente”
iwi	“Árvore”
iwi	“Pesado”

---

**i**


---

ibi	“Primeira pessoa absoluto”
idibi	“Antes de”
iki	“Do outro lado”
ikibi	“Para cá
ikşak	“Lábios”
iktişun-	“Espirrar”
imu	“Verde”
inde	“Antes”
inden	“Antigamente”
inawad	“Capivara”
inbi	“Primeira pessoa do singular absoluto”,
işi	“Semente”

---

**K**


---

kamun	“Onça”
kamun pid	“Tipo de onça de cor parda”
kaniwa	“Prima, cunhada”
kanpu	“Tipo de sapo”

kantşu	“Carangueijo”
kapa	“Esquilo (Quati puru)”
kapo-	“Andar”
kapo-	“Caçar”
kasi	“Magro”
kaşa	“Lixo”
koşpi	“Tipo de sapo”
kaşuku	“Costas”
katon-	“Antes”
katsu	“Seta”
kimo	“Muito (nunca ocorre como contável)”
kini	“Buraco, orifício”
kidenkin	“Cutucar”
kiku	“Sova”
kini	“Parede”
koden	“Bacuri (Tipo de peixe)”
kodo	“Torto”
kodoka-	“Cozinhar”
kodokate	“Cozinha”
kodokodokekid	“Salamandra”
kodubo	“Denominação de um povo indígena da família Pano”
ku	“Pús”
kuak-	“Ouvir”
kuan-	“Ir, sair, viajar”
kubud-	“Encher”
kud-	“Tremar”
kudu	“Marrom, pardo, seco”
kudud-	“Correr forma supletiva de plural”
kuenad	“Arara”
kuen-	“Passar”

kueste	“Bodurna”
kuke-	“Queimar”
kuku	“Tio (irmão da parte da mãe)”
kuişakete	“Barba”
kuiñ-	“Convidar”

## M

---

maşku	“Irmão mais novo”
maşo	“Cabeça”
mabuşæk	“Cabelo embranquecendo”
madiwin	“Mariwin nome de um ritual.”
madumadupa	“Sem nenhum adorno”
mai	“Roça”
mama	“Papai”
manad	“Açaí”
manak-	“Sonhar”
manan	“Lá encima”
mananuk	“Terra firme”
maned-	“Mudar”
mapi	“Cérebro”
masi	“Areia”
maşaş	“Pedra”
maşakete	“Cabelo”
maşopa	“Polegar”
matşo	“Velha”
matses	“Gente indígena”
matsu	“Panela”
matşo	“Velha (-+ humano)”
maud	“Lagarta”

mawes	“Tipo de formiga”
meko	“Pedra”
mena	“Orfão”
mene- mente	“Dar, vender” “Lenha”
mibi	“Segunda pessoa do singular absolutivo”
mikui	“Segunda Pessoa do Plural”
minbi	“Segunda pessoa do singular ergativo”
mis	“Morfema interrogativo ‘quantos’ ”
miʃ-	“Mexer”
min	“Segunda pessoa singular possessivo”
mitson	“Segunda pessoa plural possessivo”
miduk	“Lá” (mais distante do enunciador e do experienciador)
mikan	“Mão”
mikan atʃuwiʃ ted	“Número 5”
mikan dadenpa	“Número acima de 5”
mikan ted	“Número 4”
mikanan tan ted	“Número 3”
misikite	“Esmalte de unha da mão”
miʃte	“Queimar”
mitis	“Unha da mão”
miwi	“Tipo de capim”
moʃo	“Mata”
moana	“Tipo de lagarto”
munudaʃ	“Dance!”
munud- muʃa	“Dançar” “Tatuagem”
muʃawa-	“Tatuar”

## N

---

namaka-	“Sonhar”
nano	“Morto”
nakaş	“Cupim”
nami	“Carne”
napi	“Resto de comida (líquido)”
natʃi	“Sogra”
nawa tʃuikid	“Libélula”
nawa	“Não-índio (branco)”
ne-	“Jogar (singular)”
nepak-	“Derrubar”
neskin	“Tomar banho”
ni	“Conjunto de árvores”
nidika-	“Correr atrás de.”
niiʃ	“Animal de caça”
nid-	“Estar em pé”
nik-	“(niktʃun) Umbigo”
ni-	“Segurar”
nimɨduk	“Na floresta”
nitʃun	“Cordão Umbilical”
ni	“Aqui”
ni	“Aqui” (perto do enunciador e do experienciador)
nia	“Tipo de pássaro”
nibi	“Hoje”
nibi kimo	“Agora”
nikid	“Aquele”
ninantan	“Do meio da”, ameno “com a esquerda”



noa	“Grandelargo”
nokoşka	“Ralar”
noman-	“Cantar”
nowa	“Grande”
nuki	“Primeira pessoa do plural”
nukin	“Primeira pessoa plural possessivo”
nukun	“Primeira pessoa singular possessivo”
nunte podó	“Remo”
nunte	“Canoa”
nunti	“Tipo de caracol”

## O

---

ok-	“Aspirar”
onka	“falar para alguém”
onke-	“Falar”
onkete	“Linguagem”
opo	“Bolsinha de algodão”

## P

---

pad	“Ser igual
padama	“Está errado!”, “Não é certo!”
padi	“Forma ordenativa de parar”
padkɨd-	“Cair”
pais	“Chifre”
paka	“Lança”
pakad-	“Cair”
papa	“Papa
papi	“Homem, menino, filho homem
papitsik	“pouco (não contável), pequeno”
paşa	“Novo”

pawa	“Concha grande”
pekas-	“Ter fome
pete	“Comida”
pimen	“verbo existencial negativo”
pinu	“Beija-flôr”
pişo kodowak	“Rio Ituí”
piak	“Sobrinho”
pisi	“Podre”
piskaden	“Colar”
piskidi	“Besouro”
piskidi	“Ingá”
pii	“Pena”
pite	“Urucum”
piwin”	“Morcego”
podkimid-	“Quebrar”
podo	“Braço”
poukef	“Tipo de pássaro”
pui	“Fezes”
puikun	“Urubu”
puk-	“(puku) barriga”
pukin-	“Primeiro (transitivo)”
pukinmid-	“Primeiro (intransitivo)”
pusin	“Preguiça”

## S

---

sakake-	“Tremar”
sando-	“Ajuntar um sobre o outro”
sapa	“Cesto”

sote	“Pulseira”
sedke-	“Amanhã”
seka-	“Chutar”
sikad-	“Atravessar”
sinan-	“Pensar”
sinkuin	“Banana
se-	“Flechar”
sik-	“Pintar”
sinu	“Tipo de pássaro”
so-	“Ato de colocar pulseira”
sukuad-	“Deitar”

## ∫

---

ʃana	“Cigana (ave)”
ʃe	“Fazer”
ʃekedeke-	“Muchar (para flor)”
ʃebad-	“Limpo”
ʃema-	“Ter sede”
ʃik-	“(ʃiktodo) Peitoral”
ʃik-	“Lavar, esfregar”
ʃin	“Amarelo, laranja”
ʃudun	“Tucandeira (formiga)”
ʃui	“Jacú (ave), nome doméstico”

## §

---

ʂakad	“Leve”
ʂakak-	“Cansar”
ʂana	“Tipo de corvo”

şanu	“Cunhada mais velha”
şaka	“Leve”
şapeş	“Envira”
şawî	“Tartaruga”
şimin	“Tipo de raiz”
şini	“Velho(a) (para inanimados)”
şinio	“Gordo”
şita tşikkid	“Dentista”
şita	“Dente”
şodko	“Machado”
şo	“Espírito”
şoke	“Tipo de aranha”
şoko	“Curiango”
şoşke	“Altura da voz (baixo)”.
şu	“Maduro”
şubu	“Casa”
şudun-	“Coar”
şui	“Pênis”
şuidka-	“Assobiar para alguém”
şuidke-	“Assobiar”
şuke	“Corredeira”
şuku	“Músculo”
şunu	“Alto”
şuma	“Seios”
şutan	“Tipo de aranha”
şuyan	“Rato (marcado pelo caso ergativo -n )”

## T

---

tai	“Pé”
takada	“Galinha”
takaşka-	“Fazer algo tremer”
takaşke-	“Tremer”
taşka	“Apontar algo”
tanawademenpa	“Complexo”
tanawa-	“Saber, conhecer”
tanun iste	“Relógio”
tatʃi	“Bebida feita de cipó”
tawa	“Flecha”
te-	“Cortar em um único golpe”
tenkede	“Correia do instr. de caça”
tidinka-	“Derrubar algo”
tidinke-	“Cair do alto”
tita	“Mãe e/ou tia por parte de pai e mãe”
tid-	“Cortar em vários golpes”
tidin-	“Segurar”
tidinte	“Zarabatana”
tiktʃimid-	“Passar”
tik-	“Matar c/ seta”
tişki	“Parte interna da maloca”
tios	“Pomo-de-adão”
tiun-	“Ato de colocar o colar”
titun	“Pescoço”
todka-	“Pisar em algo”
todke-	“Somente o ato de pisar”
todon	“Tipo de pica-pau”

todoşoko	“Tipo sapo”
toej	“Tipo de pássaro”
toka-	“Entornar”
tonka-	“Matar com arma de fogo”
tonke-	“Somente o ato de atirar com arma”
tonkate	“Espingarda, revólver”
tonkate işi	“Cartucho”
tospidiñ	“Tipo de cobra”
tospidon	“Tipo de peixe”
tu	“Ovo”
tudemem	“Rapidamente (para os outros verbos)”
tui-	“Remar, Mexer”
tuka-	“Entonar dentro de”
tuku	“Pequeno”
tunka-	“Fazer cair (não é do alto)”
tunke-	“Cair (não é do alto)”
tuska-	“Furar, espetar”
tuske-	“Furar-se”

## TS

---

tsadbud-	“Agachar”
tsadi	“Milho”
tsad-	“Sentar forma supletiva de singular”
tsadun-	“Colocar sentado”
tsaenaş	“Delirou”
tsanu	“Colher, concha”
tsãw	“Não sei!”, “Talvez!”
tsawes	“Tatu’
tse-	“Amarrar algo”
tsinid	“Resto de coisa líquida”

tsitonkete	“Calça”
tsudka-	“o ato de chamar alguém com os lábios”
tsudke-	“Estalar os lábios”
tsunsi	“Espírito”
tsuntsi	“Quem? (ergativo)”
tsutsibo	“Velha -humano (macho)”

## Tʃ

---

tʃa	“Piolho”
tʃakad-	“Deitar forma supletiva de plural”
tʃanpi	“Mulher, menina, filha, filha”
tʃanpi tsadek	“Mestruada”
tʃaʃu	“Veado”
tʃawa	“Queixada”
tʃe-	“Engolir”
tʃete	“Remédio”
tʃike-	“Pingar”
tʃikeʃ	“Ter preguiça”
tʃiʃ-	“Chupar, sugar”
tʃiʃo	“Quadril”
tʃia-	“Termo para menina pequena”
tʃibi	“Irmã mais nova”
tʃidabo	“Mulher”
tʃik-	“Tirar, arrancar”
tʃima	“Macaco prego
tʃimo	“Adoecer”
tʃimu	“Amargo”

tʃin	“Torcer”
tʃinukun-	“Alcançar”
tʃitʃin	“Depois”
tʃitʃo	“Tipo de fruta”
tʃuku	“Elevação pontuda”

## Tʃ

---

tʃa	“Voz”
tʃadbud-	“Entardecer”
tʃadto-	“Sustentar sobre os ombros”
tʃaka	“Vômito”
tʃakawa-	“Mastigar”
tʃaman-	“Queimar”
tʃamo-	“Assar”
tʃanpi	“Gafanhoto”
tʃapa	“Peixe”
tʃapa tʃaʃkid	“Pássaro pescador”
tʃuʃka-	“Falar bravo”
tʃaʃ-	“Capinar”
tʃatʃa	“Buriti”
tʃi	“Grande”
tʃika	“Lugar de conversa”
tʃiʃi	“Rio”
tʃoaʃe	“Macaco prego”
tʃod	“Terra, terra mole”
tʃod nowa	“Nome da terra Matis”



tşodka-	“Cozinhar demasiadamente algo”
tşodke-	“Cozinhar demasiadamente, estragar”
tşo-	“Vir
tşokodoka-	“Ralar”
tşokodokate	“Ralador”
tşonoad-	“Trabalhar”
tşui-	“Conversar”
tşuku	“Liso”
tşuna	“Macaco barigudo”
tşunaya	“Rio Aurélio”
tşunu	“Liso”
tşuşka-	“ficar bravo com alguém”
tşuşke-	“ficar bravo”
tşutşu	“Irmã mais velha”
tşuta	“Faça sexo!”
tşutşu	“Irmã mais velha”

## U

---

u	“Ali” (um pouco afastado do enunciador e do experienciador )
uditsik	“pouco para lá de X”
ubu	“Testículos”
udkak-	“Ato de tocar flauta”
uk-	“Vomitar”
uki	“Para lá”
uki sedke-	“Depois amanhã”
uki uşto-	“Ante-ontem”
ukikuimano	“Pátio de fora da casa”

ukumuduk	“Lá dentro, no fundo”
uma	“Mingau”
unkin	“Caitetu”
usban	“Tipo de vespa”
usunta	“Coloque!”
uʃ	“Dormir”
uʃkid	“Cochilo”
uʃto-	“Ontem”

## W

---

wa	“Escorpião”
waduʃ	“Frio, gelado”
waka	“Água”
wanin	“Pupunha”
wanin diʃanin	“No final do tempo da pupunha”
wanin	“Pupunha”
wapa	“Cachorro
wasa	“Branco”
wata	“Mamão”
we	“Chuva”
wen miduk	“No inverno (tempo de mais chuva que sol)”
weskin	“Acabar”
wesnid	“Mutum”
wid	“Exclusivo”
widan	“Nervoso”
widen	“Rapidamente (para verbos de movimento)”
widu	“Armadilha”
win	“Chorar”
winkinka-	“Balançar para bater em algo”
winkinke-	“Balançar”

wisu	“Preto”
wiʃpo	“Osso
witsu	“Pulseira”
witsi	“Outro”

! (clique) “ O clique alveolar é utilizado quando se quer concordar com o interlocutor durante o relato de um acontecimento.”

⊙ (click) “O clique bilabial é utilizado para chamar alguém, ou para buscar atenção de alguém.”

**ANEXO II**  
**História do Iba quando quase foi morto por uma onça**

<p>“Eu e o falecido (sobrinho) estávamos indo caçar. Uma onça vinha caçando de longe. Um mutum apareceu no meio do caminho, eu atirei nele e ele caiu. Indo para pegá-lo, a onça veio e quis me pegar. Eu mirei no rosto dela e atirei. Ela caiu e foi embora. O cachorro latiu (para ela) e correu atrás dela. Ela voltou e quis me pegar novamente. Eu pensei: “atirei nela e ela não morreu, ficou em pé e saiu. Por que ela não morreu?”</p>	<p>ibi midin -bid kapo- -nu kek kuan- -ak  1sg.abs. falecido -com.S caçar- -des. report.intr.n.pass. ir- -seq.O&gt;A/S</p> <p>ik- -šo kamun -dapa (-n) kapo- -nu kek  aux. -O&gt;A/S onça -enf. (-erg.) caçar- -des. report.intr.n.pass.</p> <p>kuan- -akid udi  ir- -nzs.pac. de lá longe para cá</p> <p>kapo- -kene -aş tjo -pe -šo tjo -kin  andar- -sem parar.intr. -seq.A/S&gt;S vir- -coment. -O&gt;A/S vir- -simult.A/S&gt;A</p> <p>bai -poktse wesnid -Ø nodo -pa  caminho -no meio mutum -abs. voar- -enf.</p> <p>ik -šo inbi tonka- -pa -ak pakid- -ak  aux.- -O&gt;A/S 1sg/erg. atirar c/ arma -coment. -seq.O&gt;A/S cair- -seq.O&gt;A/S</p> <p>ik- -šo bed- -nu kek kuan- -pe -nu  aux.- -O&gt;A/S pegar- -des. report.intr.n.pass. ir- -coment. -des.</p> <p>kamun -dapa -Ø tjo- -kin ibi bed- -nu kak  onça- -enf. -abs. vir- -simult.A/S&gt;A 1sg.abs. pegar- -des. report.tr.</p> <p>pe- -šo inbi tonkate -Ø bi- sanan- -pa -ak  comer- -O&gt;A/S 1sg.erg. espingarda -abs. face- apontar- -coment. -seq.O&gt;A/S</p> <p>tonkate -Ø se- -tan -pe -ek  espingarda -abs. acertar- -coment. -simult.A/S&gt;S</p> <p>pakid- -tan -pe -ek kuan- -pe -šo wapa -dapa -n  cair- -coment. -simult.A/S&gt;S ir- -coment. -O&gt;A/S cachorro -enf. -erg.</p> <p>ioka- -pa -ak wapa -dapa nidinka- -pe -ek  latir- -coment. -seq.O&gt;A/S cachorro -enf. correr atrás -coment. -simult.A/S&gt;S</p> <p>kuan- -pe -nu kuan- -tan -pe -ek tjo- -pe -kin  ir- -coment. -des. ir- -coment. -simult.A/S&gt;S vir- -coment. -simult.A/S&gt;A</p> <p>ibi bed- -nu ka- -wa -šo inbi tonka- -pa -ak  1sg.abs. pegar- -des. report.tr.- -reit. -O&gt;A/S 1sg.erg. atirar c/arma -coment. -seq.O&gt;A/S</p> <p>nan- -emen -pa kuan- -akid sinan- -ek nan- -ak  morrer- -neg.n.pass. -enf. ir- -nzs.pac. pensar- -simult.A/S&gt;S morrer- -seq.O&gt;A/S</p> <p>daban- -ek kuan- -kin duke- -pe -šo  supor- -seq.A/S&gt;S ir- -simult.A/S&gt;A ficar em pé- -coment. -O&gt;A/S</p> <p>istede- -wa -şun tonka- -pa -ak  procurar - -reit. -seq.A/S&gt;A atirar c/arma -coment. -seq.O&gt;A/S</p> <p>tunke- -emen -pa kuan- -wa -šo  tombar- -neg.n.pass. -enf. ir- -reit. -O&gt;A/S</p> <p>na- -tsi ke- -pe ne ke- -an -ek  Qu- -interr.pass. report.intr -coment. ser report.intr. -antipass. -prop.A/S&gt;S</p>
--	--

<p>Eu não tinha cartucho (caso ela voltasse). Disse para o falecido correr, mas ele não consegue correr muito rápido. Mesmo assim, disse para ele correr rápido. Corremos até cansar. Enquanto isso, pensava que a onça tinha matado o cachorro, mas ele veio atrás e nos alcançou. Foi isso que aconteceu.</p>	<p>tʃo- -ta tonkate işi bamaştap ik- -emen kuan- -nu -ma vir- -imp. cartucho não ter aux.- -neg.n.pass. ir- -des. -??</p> <p>ke- -an -ek abad- -ek midin -Ø report.intr.- -antipass. -prop.A/S&gt;S correr- -prop.A/S&gt;S falecido -abs.</p> <p>ka- -an -ek midin -bid abad- -ek report.tr.- -antipass. -prop.A/S&gt;S falecido -com.S correr- -prop.A/S&gt;S</p> <p>tʃo- -kin midin -Ø buid abad- -emen -pa widen ir- -simult.A/S&gt;A falecido -abs. forte correr- -neg.n.pass. -enf. rápido</p> <p>abad- -ta ka- -pe -ek widan abad- -emen -pa correr- -imp. dizer- -coment. -prop.A/S&gt;S rápido correr- -neg.n.pass. -enf.</p> <p>ik- -nu tʃo- -ek abad tʃo- -ek şakak- -ek aux.- -des. vir- -prop.A/S&gt;S correr - -simult.A/S&gt;S cançar- -simult.A/S&gt;S</p> <p>tʃo- -kin wapa wapa -dapa -Ø kamun -in - -simult.A/S&gt;A cachorro cachorro -enf. -abs. onça -erg.</p> <p>ak- -a -ş ke- -tʃo -ek tʃo- -pe -nu matar- -pass.rec. -3.exp. report.intr.- - -simult.A/S&gt;S vir- -coment. -des.</p> <p>wapa -dapa -n ibi tʃinukun- -e tʃo- -wa -an cachorro -enf. -erg. 1sg.abs. alcançar- -prop.A/S&gt;S vir- -trzr. -antipass.</p> <p>tʃo -pe -nu nake- -bonda -k -edin vir - -coment. -prop. acontecer- -pass.dist. -decl. -pd.</p>
---	--